



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO- UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
TESE DE DOUTORADO

VANUZA SOUZA SILVA

O ENTRE DA LIBERDADE, AS PRISÕES: Os feminismos que emancipam, prendem?
Uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande
(1970-2000)

Recife
2014

VANUZA SOUZA SILVA

O ENTRE DA LIBERDADE, AS PRISÕES: Os feminismos que emancipam, prendem?
Uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande
(1970-2000)

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de Doutora em História.

Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior
Orientador

Recife
2014

Catálogo na fonte

S586e Silva, Vanuza Souza.

O entre da liberdade, as prisões : os feminismos que emancipam, prendem? : uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000) / Vanuza Souza Silva. – Recife: O autor, 2014.

300 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em Sociologia, 2014.

Inclui referências.

1. História. 2. Mulheres. 3. Feminismo. 4. Prisões. 5. Identidade de gênero. I. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (Orientador). II. Título.

981CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2014-28)



ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA VANUZA SOUZA SILVA

Às 14h. do dia 19 (dezenove) de fevereiro de 2014 (dois mil e quatorze), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pela aluna **Vanuza Souza Silva** intitulada “**O ENTRE DA LIBERDADE, AS PRISÕES: Os feminismos que emancipam, prendem? Uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000)**”, em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “**APROVADA**”, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador), Flávio Weinstein Teixeira, Vanderlan Francisco da Silva, Iranilson Buriti de Oliveira e Cristina Scheibe Wolff. A validade deste grau de Doutor está condicionada à entrega da versão final da tese no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 19 de fevereiro de 2014.

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Profª. Drª. Cristina Scheibe Wolff

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro

Sandra Regina Albuquerque

A minha amada mãe Maria que nunca me abandonou;

A minha (ir)mãe (Cida) que no seu colo me embala(ou);

Aos irmãos Zezé e Izaías, ao cunhado Manoel, minhas arengas, minhas alegrias;

Ao meu tio José, meu herói...

Ao meu pai João que retornou...

Durval Muniz, uma página colorida e exclusiva na minha vida, me inspirou a compreender que a história serve à vida. A pessoa que mais ensinou sobre a LIBERDADE....

AGRADECIMENTOS

Esta tese me junta, me une e me dá um rosto; mas este rosto está disperso e pontilhado por traços familiares, de amizades, de amores, de companhias, institucionais, espalhados em mim e juntam-se a mim neste momento em que a tese me dá o desenho de uma autoria. Neste momento, eu também crio rostos para os encontros, desencontros e acontecimentos que marcam minha trajetória nesta escrita, porque sem a presença afetiva dos que amo, dos que me ajudaram – ou me negaram –, não seria possível narrar. Durante esta pesquisa, muitos foram os encontros e desencontros: encontrei meu pai no Rio de Janeiro, me apaixonei e me desapaixonei pelo homem que encontrou meu pai; perdi o tio que mais amei nesta vida (tio José). E, quando menos espero, a premiação nacional no 6º Prêmio Nacional de Igualdade de Gênero. Essas emoções que atravessam minha memória fixam-se na linguagem deste texto, lembrar a tese é lembrar todos esses acontecimentos que, me alegrando ou me entristecendo, inspiraram-me a escrever. Minha narrativa está marcada por esses tempos que fundaram minha própria solidão no interior da família e no distanciamento da vida social, dos(as) amigos(as). Fui ausente para fazer da tese o meu maior presente, porque cuidei dela como se cuida de uma vida-criança. Outro novo amor chegou, fardado e apaixonado, apaixonando-me, de minhas ausências cansou, bateu asas, voou, porque neste tempo-tese desejei-me plena de leitura, de escrita, de solidão. E, quase no fim de tudo, a conquista de um trabalho efetivo na Universidade Federal de Alagoas. Minha escrita carrega essas marcas que transitam entre perdas e conquistas, como toda composição que é a vida. Foram muitos que atravessaram esta jornada comigo, distante ou perto, seguraram minha mão, abraçaram-me, amaram-me, brigaram ou disseram palavras que eu precisava ouvir, que me fizeram sorrir/chorar quando não pude ser toda-amor, toda-alegria, toda- companhia. Escrevo agradecendo e reconhecendo a triste ausência que fui nas conversas familiares, nas brincadeiras dos(as) amigo(as), nos beijos de amor. Este texto é o meu agradecimento à vida e o que nela pude conquistar, perder, amar....

Agradecer...

Meus anjos, meus guias e entidades, meu Santo, meu Arco, meu Íris, todos os santos e todas as proteções enviadas por uma Força-Deus conduzem-me, conduziram-me até aqui, eu estou aqui agradecendo por terem me escolhido nesta caminhada...porque no meu esforço há muita FÉ..axé!

A minha mãe-Maria, meu anjo de olhar verde-azul, de cabelinhos enrolados e dourados (de tua força nasce a minha), anjo bom que tantas palavras bonitas me declamou durante esta tese quando, em muitos momentos, eu só sabia chorar, rezou dia e noite para aqui eu chegar...eu cheguei, minha mãe, como rezou dia e noite para eu nascer...e como reza toda noite para um anjo me proteger...

Minha irmã e amiga Cida, é sempre aquela que me abraça e afaga quando a dor que vem não quer passar, a primeira que beija a minh'alma quando estou a lutar, a conquistar. Lembro, como se fosse hoje, o primeiro dia em que me conduzistes a minha primeira aula, a minha primeira escola...

Meus irmãos queridos (Zezé e Izaíaz), meu cunhado querido (Manoel), a vida é tão leve quando brinco, brigo, sorrio e caminho com vocês...

Meu pai João, retornastes, reencontrar-te significou reencontrar o vazio, a ausência que tomaram conta de minha vida, fostes o meu giro na vida, o que me conduz ao exercício diário do desculpar, perdoar, aceitar e amar...

Durval Muniz, Cora Coralina tem razão, *sois o sol da minha vida e a luz do meu mundo*. Desde aquele primeiro dia de aula, há alguns anos, quando ologiastes o meu primeiro fichamento nas aulas de Introdução aos Estudos da História, eu olhei para mim; desde aquele momento que participei de tuas pesquisas sobre o Nordeste eu acreditei em mim. E, neste último momento, sob tua orientação, não quero de ti partir, carrego o teu nome colado ao meu como uma criação tua que fui e sou desde 1997. Nesta trajetória acadêmica só existo assim porque és parte de mim. És para mim a imanência, um signo de liberdade que carrego por toda a vida...(e com quem mais arenguei estes anos de pesquisa, porque se arenga muito com quem se ama muito...), hoje compreendo o valor de cada página rarefeita, de cada palavra reescrita, deslocada, de capítulos e capítulos modificados, de cada ponto acrescentado, de títulos reformulados porque não estavam “nenhuma Brastemp”, de cada fora substituído pelo foi e de cada recorte de textos em que a sensibilidade deste amado mestre se instaur(a)ou; agora compreendo que nos risos do Durval amigo, companheiro e nas palavras rígidas do Durval rigoroso, orientador, que briga e exige, narrei seguindo-o e sob suas/seus palavras(ões) guias, da terceira margem como um entre, um fora...estou com este texto indo...concluindo...sorrindo...

Regina Beatriz. Como foi bom encontrá-la nas aulas de teoria, marcou o meu tempo-tese quando apaixonada nos conduzia até o universo-Deleuze, ao universo-Foucault ao mundo da teoria que era somente dela naquelas aulas. *A maleta do meu pai* nunca mais será a mesma depois de suas aulas. Estivemos unidas ali como se unem a liberdade e os passarinhos.

Ao Programa de Pós-Graduação que tornou possível esta tese, este sonho;

Ao CNPq, que é um incentivo à pesquisa e que financiou este trabalho;

À Sandra, secretária do Programa de Pós-graduação em História que durante esses anos foi conosco cuidadosa;

Ao Juiz da 6ª. Vara Criminal do Fórum Afonso Campos que me confiou a pesquisa na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande, e como se não bastasse me conduziu várias vezes àquela instituição para a realização das pesquisas, um homem de uma força espiritual admirável, de uma humildade exuberante e defensor de um sistema penitenciário humanizado. Nunca esquecerei que o meu primeiro dia no interior da prisão feminina foi conduzido por esse homem que chamava as presas de cristais e que só precisavam ser lapidados...

Aos dirigentes da Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande, onde realizei esta pesquisa, especialmente, à ex-diretora desta instituição, Raqueline Barreto, que, com sua sensibilidade, abriu os portões e as celas daquela Penitenciária para que eu realizasse entrevistas e aulas com as presas. Sua sensibilidade amenizou, naqueles momentos, o fardo da prisão para aquelas mulheres durante aulas de história, de dança e sessões de filmes. Que possas significar, em outras instituições e em qualquer outro lugar, essa leveza...

Às mulheres presas que me aceitaram como pesquisadora, professora, e que são o motivo principal da existência desta pesquisa, agradecer as falas, as cartas, os desabafos e vidas que confiaram a mim. Durante os anos de pesquisa aprendi com a dor e com a solidão delas, aprendi sobre os fios tênues que separam a liberdade da prisão.

Aos/às agentes da penitenciária Regional Feminina de Campina Grande, que me conduziam até as presas e que conduziam as presas até mim diariamente, contribuindo com minhas pesquisas.

Ao Tenente Coronel do 2º. Batalhão de Polícia Militar de Campina Grande, Souza Neto, que me concedeu entrevistas sobre as práticas das violências em Campina Grande entre 2010 e 2011.

Ao Coronel do Comando Regional de Policiamento (CRP1), João da Mata, pela disponibilidade de conceder entrevista sobre as práticas de violência no Nordeste, na Paraíba e em Campina Grande.

Aos policiais militares do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), que me concederam entrevistas sobre as histórias do crime em Campina Grande, em especial aos militares Daniel Oliveira Nery e Tarcyano Araújo;

À Universidade Federal de Alagoas, especificamente à direção do Campus do Sertão representada pelos professores Ivam Barbalho e Agnaldo dos Santos que possibilitou o final desta tese em casa, na companhia da família.

Iranillson Buriti, mais uma vez estás sendo parte deste outro momento da minha vida, fostes parte de minha defesa na dissertação, agora estás comigo na defesa desta tese. Ensinastes muito, a mim, sobre as sensibilidades....na vida, na história....

Meu amigo João Cruz, que me viu nascer, crescer, ser....um amigo-pai nesta vida

Minha amiga Sileide Cavalcanti, juntas compartilhamos a dor da tese, a alegria da tese, você chorou da Paraíba e eu chorei lá da Bahia....

Meu amigo Eltern Vale, obrigada por ser este signo de familiaridade e de amizade, agora que vivo só entre Alagoas e Bahia, desejando alguma memória da minha paraibanidade...nossas risadas nos corredores da UFAL nos esvoaçam...

Meu amigo Giscard Agra, que foi uma constante presença nas minhas idas a Recife, nas disciplinas cursadas no doutorado e minha principal, atenciosa e inesquecível plateia na defesa de minha vida-tese, obrigada.

Ao professor Vanderlan Silva, que, através de suas pesquisas na Penitenciária do Serrotão em Campina Grande, me inspirou a pensar as prisões;

A professora Cristina Scheibe Wolff, por aceitar ser parte deste momento de minha vida e da minha defesa de tese;

Ao professor Flávio Weinstein por ser mais uma vez uma presença nesta defesa, como foi uma presença na defesa do meu projeto para iniciar o doutorado.

A Marcelo Coutinho, que se dedicou a corrigir os excessos deste texto dando-lhe outra estética.

A todos(as) os(as) meus(minhas) queridos(as) profesoress(as) da Graduação e Pós-graduação, cada um de vocês deixou, em mim, o amor pelo conhecimento;

Durante a composição da minha dissertação, eu vivia entre o sertão de Caicó e o sertão da Paraíba, cortando a estrada de dois sertões. Hoje vivo outros dois sertões, morando no sertão da Bahia e ministrando aulas no sertão alagoano, e, nesse momento de finalização da tese, quero agradecer a esses territórios que me acolhem como se fosse de suas raízes filhas, principalmente, ao território onde nasci, Recife, o qual abandonei desde a infância e para o qual retornei para o doutorado, minhas raízes!

E, nessas idas e vindas, atravessando os sertões, agradecer aos meus(minhas) queridos(as) alunos(as) pelo meu estar lá, cá... Alagoas, Bahia...Paraíba.

Ao amor...que virá (vem, veio)...eu sei...

RESUMO

Esta pesquisa, embora situada no tempo presente, discute os processos históricos de mudanças sociais ocorridas desde os anos 60, 70 e 80 do século XX no lugar da mulher a partir dos movimentos feministas nas ruas, nas academias que reivindicavam a entrada da mulher no mercado de trabalho e questionavam a mulher enquanto símbolo apenas da maternidade e casamento. Mostra-se, com esta pesquisa, que os impactos dos feminismos foram vividos de modo diferente pelas mulheres pobres e das periferias. Este trabalho é uma discussão sobre o envolvimento de mulheres em diferentes crimes, Com esta pesquisa, percebeu-se que predominam mulheres analfabetas ou semi-analfabetas, mulheres que estão fora do mercado de trabalho e sem nenhuma especialização profissional; além disso integram, em sua maioria, famílias cujas mães eram geralmente solteiras, de modo que foram para as ruas trabalhar, outras, envolveram-se com drogas. Os pais são a grande ausência nas vidas dessas mulheres, as quais, quando presas, também reproduzem as lógicas das famílias onde nasceram, também predominam, entre as presidiárias, mães solteiras, mulheres que tiveram mais de um relacionamento e filhos de pais diferentes. O envolvimento com drogas para umas está relacionado à busca para suprir necessidades básicas, como alimentação, para outras, significa ter acesso às roupas da moda, outras ainda, pelas influências dos companheiros, como ocorre com a maioria das mulheres envolvidas com o tráfico de drogas. Essas mulheres questionam, de um lado, a mulher dócil, passiva, quando escolhem a força e a violência para se afirmarem, mas ao mesmo tempo elas reforçam o masculino. Nas prisões essas mulheres produzem subjetividades múltiplas, dóceis, submissas, agressivas, constroem diferentes corpos, os corpos que se revoltam na morte, na loucura, corpos que recriam suas próprias estéticas com piercings, corpos que também se alijam. No interior das prisões, essas mulheres retornam, em suas cartas, para valores que questionaram, escrevem-se maternas, dóceis, performatizam as filhas que não foram, as mães que não puderam ser, fazem do amor romântico uma possibilidade de afirmação de si, um sim à vida na prisão. As mulheres presas performatizam, de diferentes maneiras, o lugar da mulher, na ruas, nas prisões, se de um lado questionam os valores tradicionais das mulheres, na prisão retornam para o lugar da mãe, do amor romântico; se questionam o lugar do masculino ao usarem da força e da violência, nas ruas, reforçam com a violência todo aprendizado da cultura machista, masculina. Esta é uma história das vidas infames, uma narrativa que escolheu a prisão para discutir as trajetórias do gênero feminino, inspirada nos pós-estruturalistas Michel Foucault, Gilles Deleuze, Judith Butles e Gilles Lipovetsky os quais constroem discussões sobre os processos de subjetivação em uma sociedade disciplinar, do controle e que, legitimando o sistema capitalista, capturam as mulheres para o mercado de trabalho, para a indústria da moda e da beleza. Este trabalho está inspirado, também, em Maurice Blanchot e Roland Barthes, que discutem a escrita enquanto performance. As presas estão inseridas nesse contexto de mudanças nas quais a emancipação da mulher significa, para outras, prisão.

Palavras-chave: História. Mulheres. Feminismo. Prisão. Gênero

ABSTRACT

This research although done in the present day, discusses the historical processes of social changes since the 60s, 70s and 80s and of the twentieth century about the place of women from the feminist movement in the streets, in academics which claim the entry of women into the job market and questioning the idea of the woman only as a symbol of motherhood and marriage. This research shows that the impacts of feminism were experienced differently by women in poor neighbourhoods. - This paper is a discussion of the involvement of women in different crimes. With this research we realized that they are predominantly illiterate or semi-illiterate women who are outside the job market and women with no professional expertise, moreover, in most cases, are part of families where they were raised by single mothers, who took to the streets to work, and others were involved with drugs. Their fathers are a great absence in the lives of these women. These female prisoners also reproduce the type of the families in which they were born, single mothers, women who had more than one relationship and children with different fathers, are also predominant among these imprisoned women. Involvement with drugs is related to a search for basic needs such as food for some, for others it means having access to fashionable clothes, and others by peer pressure, as with the majority of women involved in drug trafficking. These women question on one side, the docile, passive woman, when choosing to use force and violence to assert themselves, but at the same time they reinforce their masculinity. These women produce multiple personalities, docile, submissive, aggressive subjectivities, construct different bodies, bodies that rebel in death, in madness, bodies that recreate their own aesthetic with piercings, bodies that also get deformed. Within prisons these women in their letters return to the values questioned, write themselves as maternal, docile, the act as the daughters they were not, the mothers they are not and make romantic love a chance for self-assertion, a yes to life in prison. Captured women dramatize different ways the for the place of women in the streets, in prisons, on one side they questioned the traditional values of women in prison, the return to their mother's place, romantic love, they question the place of the masculinity to use force and violence in the streets, reinforced with violence and all learning of the macho, masculine culture. This is a story of the infamous lives, a narrative that chose the prison to discuss the trajectories of females, inspired by poststructuralist Michel Foucault, Gilles Deleuze, Gilles Lipovetsky and Judith Butles which build discussions on the processes of subjectivity in a societies discipline, control and legitimizing the capitalist system to capture women's work market, for the fashion and beauty industry .. This work is also inspired by Roland Barthes and Blanchot Marucie discussing writing as performance. The inmates are featured in the context of changes in which women's emancipation means to other prisons .

Keywords : history , women , feminism , prison , gender

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 APENAS UM ROUBO, DE UMA MEMÓRIA: EU NÃO SOU QUASE MAIS EU MESMA... ..	14
1.2 DE TANTO NARRAR É... ..	22
1.3 O PRESENTE NÃO PARA DE PASSAR.....	29
2AS DIFERENTES MORTES DOS ANJOS DO LAR	37
2.1 VIDAS IMANENTES: INFÂMIAS... ..	37
2.2 DESDOBRÁVEL, EU SOU.....	45
2.3 NAS RUAS, NA ACADEMIA.....	52
2.4 (DES) FAMILIARIZANDO.....	57
3 ESPAÇOS CRIADOS, ESPAÇOS ROUBADOS.....	69
3.1 NO TERCEIRO ESPAÇO, AS MARGENS... ..	69
3.2 A ARTE DE ANDAR NAS RUAS	80
3.3 A FEMINIZAÇÃO DO CRIME É PRECISO?.....	92
4 A MORTE DE SI, AS MORTES NA PRISÃO	113
4.1 O OLHAR A PRISÃO	113
4.2 OS DESEJOS DA MORTE: DE SI	115
4.3 TRAGÉDIAS: QUEM AMA NÃO MATA?	125

5 DAS OUTRAS PRISÕES?? CAMPOS HETEROTÓPICOS, DISCIPLINAS E RESISTÊNCIAS.....	157
5.1 OS GIROS DA LOUCURA NA PRISÃO	157
5.2 ONDE ESTÁS, S(Ó)L?	160
5.3 NAQUELA MANHÃ DE SOL.....	172
5.4 DO ESTILO, A AMIZADE: HETEROTOPIAS NA PRISÃO...FEMININA	180
5.5 DO CORPO VIOLADO AO CORPO UTÓPICO	189
6 ESCRITAS DE SI: O FORA DA PRISÃO.....	203
6.1 BIOGRAFEMAS: PORQUE O SI É MESMO O OUTRO	203
6.2 A ESCRITA QUE DUPLICA, RETORNA: MULHER? AS FILHAS, DA MÃE ..	224
6.3 EM NOME DE QUÊ, PAI?	235
6.4 UM SIM À VIDA, AMOR	249
7 CONCLUSÕES	269
REFERÊNCIAS.....	273

1 INTRODUÇÃO

Não quero que ninguém ignore meus gritos de dor e quero que eles sejam ouvidos (Antonin Artaud)¹

1.1 APENAS UM ROUBO, DE UMA MEMÓRIA: EU NÃO SOU QUASE MAIS EU MESMA...²

Escreve a história dessa dor e eu te livro dela. É uma troca³

Para Deleuze⁴ não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras. Esta pesquisa não deixa de ser uma saída em duplo sentido: tornar possível um saber sobre o interior da prisão feminina e fazer circular as discursividades dessas mulheres que, a partir do enclausuramento, (re)significam suas trajetórias e constroem outros sentidos para as prisões. Ângela Davis questiona:

De que modo poderíamos produzir saberes sobre as mulheres nas prisões? Como isso perturbaria o que sabemos sobre as condições ocultas de aprisionamento (a que só o Estado permite acesso) e o zelo missionário, que pode ser o sinal mais óbvio de desejo de saber sobre a prisão e as prisioneiras? Como poderíamos utilizar o conhecimento produzido sob essas condições?⁵

O encontro com a prisão nasceu de uma experiência no passado, quando, na condição de professora no Campus do CERES/UFRN, um convite formulado por um professor – que sabia do meu interesse em trabalhar com as prisões – para ministrar aulas de literatura para os(as) prisioneiros(as) na Penitenciária Estadual do Seridó Desembargador Francisco Pereira da Nóbrega – Pereirão, localizada em Caicó, no Rio Grande do Norte. Naquele contexto, entre 2004 e 2005, os homens e mulheres estavam em uma mesma penitenciária, separados apenas por corredores. Ali, teria início a pesquisa: no cerne das prisões. As aulas eram realizadas para

¹ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1987, p. 78.

²BLANCHOT, Maurice. *Celui qui ne m'accompagnait pas*. Paris: Gallimard, 1953 apud CASAL, Amanda Mendes e Filho, Eclair Antonio Almeida. *Cartas de Maurice Blanchot a Vadim Kozovoi: espaço da escritura e da leitura do desastre*. Disponível em: <<<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/552/343>>. Acesso em: 13 out 2013.

³Bojunga, Lygia. *Conto: A troca e a tarefa*. Ed. AGIR, p. 56.

⁴DELEUZE, G. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

⁵DAVIS, Ângela. A prisão como fronteira; uma conversa sobre gênero, globalização e punição. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 11 Nº 2. Florianópolis. Julh/dez. 2003. Disponível em: <<<http://dx.doi.org/10.1590.S0104-026X003000200011>>. Acesso em: 23 de maio .

presos e presas. Foram ministradas aulas sobre Victor Hugo, *Os Miseráveis*, celebrou-se o Natal de 2006 por meio de uma apresentação teatral que performatizava histórias de vidas dos próprios presos e presas. O retorno para Campina Grande não significou o fim da relação com a prisão, de modo que novos desafios se apresentaram (talvez maiores) nas Penitenciárias de Campina Grande. O denominado Serrotão é um complexo de presídios intercalados: O presídio masculino (para presos julgados); a máxima (presos a espera de julgamento) e a Penitenciária Regional Feminina, por ironia da história, um anexo, separada, distanciada dos dois polos masculinos que eram, na época, uma estrutura que, de tão caótica e abandonada, mostrou-se convidativa para engendrar a presente pesquisa. Anos antes, interessei-me por realizar pesquisas na Penitenciária masculina, mas, em 2010, ainda durante o magistério na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB construí novos interesses pelas penitenciárias de Campina Grande. Devido à miséria existente na Penitenciária Regional Feminina, decidi que a pesquisa seria realizada naquela instituição. Após várias tentativas obtive êxito no desiderato a que me propus, mediante autorização deferida pelo magistrado lotado na 6ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça da Paraíba.

As portas estavam entreabertas: os desafios só haviam começado naquele ano de 2010 quando, pela primeira vez, houve o confronto com aquelas mulheres, sob as malhas de um sistema que as faziam se sentir mais miseráveis. No primeiro dia, o juiz acompanhou-me a visita; mas apenas ele promoveu apresentações, de modo que não houve oportunidade para manifestações pessoais, o que redundou numa geração de medo inesperado, o qual pode ter tido origem nas massivas publicações da mídia televisiva e das ruas, de modo que a imagem da violência desse complexo penitenciário quase desviou os meus propósitos de pesquisa para outros campos, mas decidi perseverar na temática inicialmente gestada. No dia seguinte, iniciei os trabalhos de pesquisa, desta feita, com o justificável receio de não ser aceita enquanto pesquisadora. Os olhares inquietos e curiosos, paralisavam o raciocínio, de modo que, quase afônica, apresentei-me, e, de uma cela – a maior delas – ouvi-se um grito: “– É a professora do juiz!” E foi essa a linguagem que se apresentou como recepção e encorajadora naquela instituição.

Os dias seguintes foram de apresentação, de caminhadas rápidas pelos corredores, para, em seguida, iniciar o processo de conversas, entrevistas, as propostas de aulas de dança, de história, as discussões sobre filmes. Paulatinamente fomentei um processo de conquista de confiança naqueles momentos iniciais da pesquisa, os quais foram reforçados por certas contextualizações: primeiro, houve a associação de que eu tinha aproximação como juiz, já que naquele contexto havia um conflito armado entre as presas e a direção do presídio. Caso,

noutro contexto, a apresentação tivesse ocorrido por intermédio da direção do presídio, quiçá esta pesquisa não se teria iniciado. Propus que houvesse o ministério de aulas de dança, de história, de discussão de filmes, o que não foi simples, porque era praxe a oferta de roupas por parte de quem empreendesse visitas, fato este que não constituiu o propósito de minha pesquisa; não fomentei esse tipo de relação, principalmente porque, considerando-se o contexto marcado pelo receio, não conduzi nenhum material naquele sistema, a não ser o que apresentava aos agentes penitenciários, os quais não se furtavam de sempre investigar o teor que traziam as folhas de papel.

A pesquisa foi iniciada num contexto no qual se travava um conflito aberto entre a direção e as apenadas. Aquele não fora um momento tranquilo para empreender pesquisas acadêmicas. O sistema desconfiava dos procedimentos adotados para a pesquisa, os(as) agentes não entendiam as motivações que ensejaram o início da minha pesquisa em um momento de muitas fissuras, de denúncias, de violência, de visitas de militantes dos direitos humanos. As presas pensaram, num primeiro momento, que a pesquisa serviria para canalizar suas denúncias. O medo marcou a continuidade dos trabalhos até o final do ano de 2010. Durante as visitas, não vestia roupas com bolso, de modo que a chegada ao presídio ocorria de carona ou de táxi, porque alguns medos viraram traumas naquele contexto, mas sabia que, naquele espaço, uma estranha, autorizada pelo juiz a entrar com um gravador, e se quisesse, com uma máquina fotográfica, não constituía uma prática comum. O uso do gravador foi o momento de maior tensão que se estabeleceu com a direção do presídio daquele momento.

Com a mudança de direção na qual uma das adjuntas tornou-se a nova diretora, abriam-se os caminhos da pesquisa, das sessões de dança e das aulas. Até então, só haviam sido realizadas algumas entrevistas. Defensora do projeto de reintegração social, atuante nos conselhos tutelares, a nova diretora facilitou a aproximação das presas a tal ponto que produzimos um documentário sobre elas. Somente como decorrência dessa abertura foi possível ensinar-lhes a dança do ventre e a escreverem-se do interior da prisão, entre pedras! É indelével o fato de que, no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do meu caminho⁶; ante a fadiga, era iminente a desistência da pesquisa...

Foucault ensina que contestar é ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser (FOUCAULT, 2001. p. 34)⁷. Esta pesquisa é resultado dessa contestação, dessa busca em que, sutilmente, fui até o limite do não que dizia o poder, do

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. No meio do caminho In: **Alguma Poesia**. Ed. Pindorama, 1930, p.34

⁷ FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão, in: **Ditos e escritos III**. Rio de Janeiro: Forense, p.56. Universitária, 2001, p. 34.

limite que estava criado para o fora que esta pesquisarepresentava, que a criava como o fora e que por tempos de resistência foi se construindo como um entre, uma possibilidade de comunicação sobre os saberes e dizeres que as presas produzem sobre si na prisão, sobre os saberes que produz a prisão sobre seus corpos, multiplicando juntamente com as presas os espaços da prisão, inventando lugares para dançar, estudar, escrever, tornando possível esta criação.

Que isto quer dizer para mim que forjo esta história? Retomando a própria vida.⁸ Sim, esta é a grande questão desta pesquisa e que atravessa todo o movimento de ida aos presídios, de busca incessante pelo ser da prisão. Por que essa busca angustiada e insistente? Por que o desejo de adentrar as malhas obscuras do perigo em penitenciárias? O que isto quer dizer para mim?

Deparei-me diante da preparação de uma escritura que já existia em pensamento, como um fantasma, mobilizada mais pelo fantasma do que pelo sonho, porque o sonho insípido desagrada pelo fato de ele absorver inteiramente; o sonho é monológico; e o fantasma agrada porque ele permanece concomitante à consciência da realidade (a do lugar onde se está); cria-se, assim, um espaço duplo, desencaixado [...] como no andamento de uma fuga, se coloca em posição de indireto: algo se trança, e é, sem caneta nem papel, um começo de escritura (BARTHES, 2003, p. 2012)⁹. Esta narrativa materializa, depois de anos, um fantasma, não o sonho, já era escritura e já estava trançado, atravessando camadas de tempo e descansando agora neste texto.

Em “Diário de um Ladrão”, Genet inicia a trama falando da cor rosa que habitava as roupas dos prisioneiros na década de 40 nas prisões francesas. Cor que o mobilizou a criar a obra Nossa senhora das flores, porque a vida no crime e na prisão, colocou o autor diante de outras subjetividades que compunha os prisioneiros. Filho de uma prostituta, abandonado, foi criado por pais adotivos, foi para o mundo, roubou, e da prisão escreveu, poetizando o mundo cruel da prisão:

Existe pois uma relação estreita entre as flores e os forçados. A fragilidade, a delicadeza das primeiras são da mesma natureza que a brutal insensibilidade dos outros. Se eu tiver de representar um forçado ou um criminoso – irei enfeitá-lo com tantas flores que ele, mesmo desaparecendo debaixo delas, há-de parecer uma outra gigante, nova [...] (GENET, 1986, p. 19)¹⁰.

⁸ GENET, Jean. Nossa Senhora das flores. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1983, p.56.

⁹ BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003..

¹⁰ GENET, 1986, p. 48.

Este não é um relato de quem roubou algum bem material ou praticou algum crime, mas de uma pesquisadora que retornou até a infância e roubou, daquele momento, sempre instaurado no presente, uma memória, uma dada memória: 1991, uma adolescente de 13 anos, estudante, sonhadora, alguém que fazia dos estudos uma arma contra a miséria financeira. Filha de pais separados, sustentada pelas irmãs e mãe, fazia do estudo a fuga para sair da pobreza, mas, naquele contexto, conheceu o seu primeiro namorado. Um belo jovem, alto, loiro, uma das mais belas imagens de sua infância, rapaz tímido que passava todo o dia na sua rua com os amigos. Ela caminhava, ele a olhava, ela estudava, ele vagava pelas ruas, ela sonhava, ele roubava. A pedido dele, ela foi apresentada ao jovem misterioso e se apaixonou, já o via na rua, seguia-o com os abraços da paixão, ele a contemplava sorrindo. Após o início do romance, ela que era do lar, fugia de casa todas as noites, dizendo que ia estudar na casa das amigas, mas ia com ele descobrir a arte do amor. Suas amigas também estavam envolvidas com os amigos dele, formando-se, assim, muitos casais, muitas tramas. Quando a mãe de Lua Clara descobriu seu namoro, o amor já havia se consolidado. Clara já sabia que seu amor era envolvido com o crime, mas não quis abandoná-lo. Ela estudava, continuava estudando, amando ainda mais sua escola, localizada no seu bairro, uma periferia da cidade de Campina Grande, porque naquela escola, o amor todas as tardes lhe visitava. Tantos rapazes ela abandonou, para viver esse amor. Sua mãe não acreditou que sua filha, dedicada aos estudos, estava namorando, não acreditou que o primeiro amor da filha era um ladrão. Em menos de um ano de relacionamento, Clara só saía de casa acompanhada da mãe, e quando fugia, tinha a pele marcada de surras e pancadas, de violências maternas que se armavam, para salvar a filha. Pele manchada de pancadas e olhos inchados, era essa a aparição de Clara na escola. Apanhara de corrente várias vezes para compreender que a dor carregava certo cuidado de amor. Clara acreditava que o que sentia era amor. Desesperada, a mãe de Clara cortou os cabelos da filha, retirou-lhes um dos signos de sua feminilidade, o corpo franzino de Clara já não suportava tantas pisas, a mãe reelaborou sua punição, sua salvação. Os cabelos curtos e masculinizados inibiram a aparição de Clara, saía escondida para a escola com a mãe vigiando cada passo seu. Mas a saudade, maior do que a vergonha, a conduziu aos braços de seu enamorado. Voltou a reencontrá-lo, escondida, saía de madrugada pelas ruas, sem medo, sem lenço, para encontrar o que lhe parecia amor.

O amor de Clara, porém, tinha condições, contestou a mãe até o limite, mas não suportou saber que seu amado guardava para si outros amores, desesperou-se, correu atrás do amado como quem suplica o último suspiro da vida, mas ele, homem do mundo e das mulheres, tinha muitos amores escondidos; desejava, para ele, muitas mulheres, muitos

amores. Clara o abandonou em alguns meses, retornou para dentro do coração da mãe, do lar, seguiu a vida, os estudos. Um ano depois, Clara soube da prisão do ex-namorado: havia matado, de modo perverso, juntamente com seu irmão e amigo um jovem por causa de uma rixa na divisão do dinheiro de um roubo, um crime bárbaro que decepou partes do corpo da vítima. Ângelo estava preso e Clara liberta de um signo do amor/dor. Ela não acreditava que aquele homem, objeto de seu amor e tão amoroso, era o mesmo que arrancou de alguém uma vida, até então, ele era apenas um ladrão, agora, um homicida.

Clara foi uma das memórias da adolescência, assim como várias outras imagens-irmãs, amigas que se envolveram com o crime e com homens envolvidos com crimes. Ângelo, o namorado de Clara, desde os dez anos de idade havia se identificado com o crime, juntamente com o irmão, dizia que o crime foi uma forma de se revoltar contra o mundo, contra a vida. Sua irmã, com cinco anos de idade, havia sido morta e estuprada, a mãe enlouquecera, e eles, os dois irmãos, sem pai – o pai havia abandonado a família – sem mãe, sem rumo e sem vida, começaram a praticar diversos crimes. O irmão, mais velho, era conhecido em todo o bairro onde Clara morava pela perversidade dos seus crimes. Ele e o irmão ainda permanecem presos. Um dos amigos presos na mesma operação fugiu para outro Estado.

Na aurora da juventude, mantive amizades com pessoas que se envolveram com o crime. Em um desses dias da pesquisa, entrevistando uma presa, a agente traz outra presa para ser entrevistada. Indiferente à presença, pedi que esperasse ao revirar a folha de papel. Solicitei à presa, que se sentasse e que esperasse um momento: naquele instante um redemoinho de dor, de recordação, faz desmoronar a frieza e objetividade de meu lugar de pesquisadora. Uma jovem envelhecida pelo craque, engolida pelo crime e transtornada pela abstinência, não reconheceu a “doutora” – a qual se referiu como se tratasse de uma pessoa estranha. A droga havia roubado sua existência. Apenas indagou: “posso assistir suas aulas?”. Paralisada diante de Patrícia, amiga de infância, parei a pesquisa para retornar outro dia. Presa por roubo, roubava para se drogar, foi a única presidiária da qual não pude colher o depoimento e a história de vida.

Em uma parte da adolescência tive muitos amigos e amigas que foram devorados pela criminalidade, pela droga, pelo roubo, por crimes diversos. De um lado, jovens marcados pelo sonho do estudo, do outro, jovens marcados pelo consumo da droga e do álcool. .

Eu e as mulheres desta pesquisa, embora separadas socialmente, embora desconhecidas uma das outras, estávamos em um mesmo contexto, somos filhas de uma sociedade modificada, de mães solteiras ou separadas, de práticas que nos convidavam para os estudos, para o trabalho, mas também para o crime. Éramos jovens criadas sob um ideal de

liberdade que atravessava nosso cotidiano, queríamos uma vida independente, queríamos ascender socialmente, porque na nossa cultura exigia-se que fôssemos vencedoras, e buscamos de diferentes maneiras viver, vencer. De um lado, jovens que hoje estão nas universidades, nas engenharias, na advocacia, do outro, jovens que se perderam no álcool, na droga, no crime.

O encontro com a prisão e suas prisioneiras não é resultado apenas de uma prática racional, acadêmica, sistematizada, é também o relato de uma memória individual que, durante anos, foi forçada a pensar esse passado onde eu poderia ter me desencontrado. É resultado da violência de um pensamento que no encontro com as presas se reelaborou, se rachou e se propôs escritura como um esvaziar-se e respirar certo alívio. É, ainda, o relato de quem escreve comemorando, quebrando-se e juntando pedaços de recordações, de dores, de perdas, mas ao mesmo tempo, um gesto que comemora, porque fazendo parte de um contexto onde muitos se envolveram com o crime, eu, Clara e tantas outras, simbolizamos as linhas de fugas, a liberdade realizada de outro ponto de vista.

Eu escrevo do lado de cá, do lado de fora da prisão, mas eu e as mulheres desta pesquisa temos fios de histórias que nos encontram. Em vários momentos, há reencontros: também sou filha dessa sociedade onde as mães, solitárias, tiveram que trabalhar, sair de casa, deixar os filhos, dessa maternidade que precisou assumir o lugar do pai para manter a ordem do lar; tais quais as presas, estou marcada por essa grande ausência, a ausência do pai, vivenciei a infância e adolescência vestindo de masculinidade a mãe, e coloquei no lugar da mãe, a irmã mais velha, para criar simbolicamente uma família composta dos signos hierárquicos que exigiam o social; tais quais as presas, sou de uma família despedaçada, quebrada, mas reconstituída pela força de uma mãe que precisou largar o lugar de anjo do lar e trabalhar. Também sou filha de uma mãe que matou o anjo do lar, que não se estraçalhou por que se separou do seu primeiro marido, que amou mais de um homem, que teve relacionamentos descompromissados com o casamento e com a reprodução quando se separou do pai de seus filhos. Sou ainda irmã de uma mulher que também questiona o casamento enquanto signo de felicidade, porque somos filhas dos discursos e das práticas de mulheres que transformaram a sociedade e se permitiram livres. Crescemos ouvindo uma palavra que definitivamente definiu nossa adolescência: liberdade, independência através do trabalho, dos estudos. Diferentemente, porém, das presas, eu, Clara e outras, fomos capturadas pelo discurso do trabalho, dos estudos, elas, do crime. Os fios que separam nossas memórias individuais são tênues.

Esta pesquisa veio oferecer, à minha consciência, fragmentos de passado que nunca morreram e que conduziram a fazer das vidas prisioneiras um objeto de pesquisa. Porque esta que escreve poderia ter sido uma delas, esse fantasma foi o que me assustou a vida toda. Porque Clara poderia estar exatamente ali entre elas. Mas a memória embora violentada por todos os pedaços de dores nela presentes permitiu-me organizar essas vivências, esse tempo que coexiste no presente. Alguns choques foram sofridos na pesquisa, quando me deparei com imagens do passado: Patrícia, presa, envelhecida e envilecida pela droga, em surto pela abstinência da droga. Como o gole de chá, como as migalhas da Madeleine proustiana, quando sem esperar se defronta com o inesperado signo do passado¹¹, essa experiência me arrebatou para o que é profundo e guardado, arrebatou-me, violentou meu pensamento, mas logo explico-me naquele contexto, como quem se guarda, preserva-se e se explica: Peço a meu espírito um esforço mais, que me traga de volta a sensação fugitiva¹², permitiu-se tal qual o narrador proustiano repousar-se e refazer-se antes de empreender “uma tentativa suprema”. Patrícia veio como aquele signo com o qual fui na lembrança, buscar nela a explicação daquele rosto familiar, daquela aparência que era tão conhecida, voluntariamente.

Ao longo desses anos, estive a procura desse tempo perdido, que se perdeu, organizando-me em explicações e atingindo o que estava no fundo de mim mesma, subterrânea de mim mesma. Organizo este texto como quem organiza uma vida, mas embora seja tudo tão racionalizado e inteligivelmente explicado, não me ausento de um tipo de memória involuntária que me forçou a reencontrar as presas para dizer a mim mesma que sou o outro delas, ou ao menos, salvar infâncias e adolescências que conheci e que se perderam, talvez seja tudo isso, uma compensação de um vazio que durante anos me assombrou. A busca pelos prisioneiros se faz como tempos de aprendizado com o qual me refaço, colocando-me do outro lado da prisão e da prisioneira, porque fiz da liberdade um caminho menos trágico e perigoso. Esta pesquisa é também fundadora de uma libertação, porque a liberdade é conquistar a existência através da espessura sempre faltosa do ser (BEAUVOIR)¹³. Instauro-me no tempo da pesquisa, no tempo duração, que move passado e presente, tempos que coexistindo manifestam-se nesta escritura para discutir o tempo presente das prisioneiras, que é passado e presente, presente desobrigado de ser estar aqui e agora. Esta narrativa que jorra das entranhas das recordações acaba de abandonar o lugar de apenas lembranças, ocupa agora

¹¹ PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Trad. Mário Quintana. Porto Alegre e Rio de Janeiro: Globo, 1948, pp.45-47.

¹³ BEAUVOIR, Simone de. “Pyrrhus et Cinéas”. In : Pour une morale de l’ambiguïté, p. 42- apud . VIANA, Márcia Regina. Revista Estudos Filosóficos nº 5 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ – São João del-Rei MG Pág. 118 – 129.

o lugar de um texto, texto de história, sistematizado, organizado e marcado pelas regras da história. É um trabalho artesanal, tecido em parte pela emoção, em parte pela razão, mas um trabalho artesanal, e como sugere Durval Muniz¹⁴, o trabalho do historiador leva-o a sujar as mãos, implica em uma relação corpo a corpo, subjetividade a subjetividade [...] o historiador se mistura e sai com as roupas, o corpo e a alma marcados. Esta pesquisadora sai marcada pela liberdade de fazer da recordação um texto racionalizado, narrado, agora, entre pedras, na história, mas abrindo caminhos...

1.2 DE TANTO NARRAR É...

Os historiadores, afirma Paul Veyne, narram tramas, que são tantas, quantas forem os itinerários traçados por eles [...] separa, recorta, tem uma visão parcial por um ponto de vista sobre uma totalidade (VEYNE, 1998, p. 47)¹⁵. Esta é a trama que se deseja apresentar ao leitor: as trajetórias das mulheres infames, mulheres que desde a adolescência encaram o mundo vivendo nas ruas, e que acabaram se envolvendo com diferentes práticas ilícitas, tendo como resultado de suas escolhas, o confinamento em prisões. Como foi possível o envolvimento dessas mulheres com o crime? De que maneira as mudanças sociais e culturais instauradas desde os anos sessenta do século XX impactaram as vidas dessas mulheres? Como as conquistas logradas pelas mulheres a partir dos movimentos feministas chegaram até a vida dessas mulheres que hoje estão presas? Quais os códigos sociais que introjetaram sobre o lugar da família, da mulher, da maternidade e do amor em suas trajetórias e aprendizados? Essas foram as principais questões que nortearam este texto, que tornaram possível discutir a história dos feminismos e das mulheres de outro lugar, criando, para esse campo de pesquisa, uma multiplicidade de sentido sobre o lugar da mulher na nossa sociedade. Se no mestrado contei a história de uma mulher da elite, teatróloga – Lourdes Ramalho – autora que desde os anos 60 mobilizou a cultura da cidade de Campina Grande (com suas mulheres viris, sedutoras, matriarcas, mas ao mesmo tempo, reprodutoras da cultura masculinizante quando cria mulheres solitárias, desejantes de um falo). Nesta tese, discorro sobre as histórias de mulheres que, rompendo a norma social, criam para si vida infames, marcadas pelo poder

¹⁴ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **O Tecelão dos Tempos**: o historiador como artesão das temporalidades. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº19, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384], acesso <http://tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4973%3Ao-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=222&lang=pt Acesso em: 2 ago 2013..

¹⁵ VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4. ed. rev. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed.UNB, 1998, p.58.

jurídico, mulheres que se envolveram com diferentes formas de criminalidade, umas para sobreviverem, outras por amor, outras ainda para se incluírem na indústria do consumo.

Recorro às análises dos intelectuais que, na metade do século XX, especialmente a partir dos anos 60, inspiram a pensar esta pesquisa enquanto uma operação historiográfica, uma narrativa, criadora e produtora do objeto, do tempo, do espaço, movimento que rompe com as explicações metafísicas do século XIX, quando apontavam para um objeto, um tempo, uma espacialidade que preexistia ao sujeito pesquisador. Fundado, ao mesmo que tempo que funda, o sujeito é o artista do seu texto histórico, a história é uma narrativa que cria o passado, e que agora, também, institui o presente como possibilidade de recorte temporal.

Esta pesquisa é a construção de um lugar para as presas, uma narrativa que, a partir de outras narrativas, constrói outro/novo sentido para o feminino na prisão. As falas delas são o material a partir do qual se recorta, do qual se silencia, do qual se (re)significa para dar vida a esta autoria, que se esvazia, que se constrói exatamente quando se anuncia, que se ausenta também quando se inscreve. O historiador, ao escrever o passado e sobre o passado, enfrenta um longo combate, contra e com a memória, ao mesmo tempo em que produz o esquecimento. Se, durante muito tempo, principalmente no século XIX, o sentido de fazer história estava ligado ao ato de lembrar, “ressuscitar” memórias, aprendemos mais recentemente, principalmente a partir da segunda metade do século XX, que o fazer história é também um exercício do esquecimento.

A história é um procedimento, uma operação, um gesto, o qual se afirma a partir de escolhas teóricas, de um lugar institucional e de um lugar social, como propõe Michel de Certeau (2007; pp 65-106)¹⁶. Falamos de algum lugar institucional e de um lugar social. Escrevemos, também, para dados grupos e instituições. E essa é uma das grandes revoluções que a história pôde viver na segunda metade do século XX. Os pensadores pós-estruturalistas chamaram atenção para a centralidade da linguagem na construção do mundo, da vida humanos, para o fato de que somos sujeitos da linguagem, esta não é tida como uma estrutura, mas uma prática dinâmica, mutável e significada de modo diferente pelas subjetividades (CONNOR, 2000, pp 15-21)¹⁷. A linguagem ao contrário da teoria tradicional clássica positivista e marxista não é definida pelo real, mas construtora do mesmo.

Esta pesquisa é narrativa, fragmentada, descontínua porque organiza vidas e as celebram nessas palavras. Mas as presas também se (re)significaram quando se narraram para

¹⁶ CERTEAU, Michel de. **Prefácio** In_A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.p.34.

¹⁷ CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 2000., p.78.

mim. Suas falas, suas escritas são a produção da diferença, a cesura¹⁸ entre o passado do crime e a vida na prisão. Essa cesura, como afirma Deleuze, é a produção da diferença. O ato de narrar é visto, aqui, exatamente como essa possibilidade de os sujeitos (re)significarem-se em suas tramas, de problematizarem a si como sujeitos, porque este texto se inspira em uma tradição de pensadores que questionam a linguagem concebida como representação do real, definidora de uma vida, as narrativas –na qualidade de linguagem – fundam vidas, criam realidades. E este texto também as reinventa.

A filosofia heideggeriana primeiro compreende que há uma ausência do ser, em seguida cria uma explicação na busca temporal desse ser. Heidegger é assim “pai” de um conceito que referenciará as inquietações de Michel Foucault e Derrida ao longo de suas obras, o conceito de desconstrução que nas textualidades daqueles assumirá outros sentidos (GADAMER, 2007, p. 35)¹⁹. Na compreensão de Heidegger era preciso destruir a linguagem que educa a essencialização do ser e o põe para fora da história. O ser, diz Heidegger, mora na linguagem; morar é estar, é desestabilizar, é pensar, inclusive, que as linguagens, por serem moradas, jamais poderão ser fixas e universais. (HEIDEGGER, 2008, p. 40)²⁰.

Heidegger e Paul Ricouer compartilham o ato de compreender a pré-concepção das coisas, da narrativa, do ser que aí existem. Para Heidegger, por exemplo, quando analisa o ser aí, afirma que a constituição desse ser traz uma concepção de vida e de mundo anterior a tal constituição. Tal qual o ser histórico de Heidegger, a narrativa ricoueriana é pensada também num plano de pré-configuração, que não significa origem, começo, porque o começo, acredita Heidegger, só ocorre no plano da rememoração, quando a memória elege o lembrado, o vivido.

O uso do prefixo “pré” em Heidegger e em Ricouer ajuda assim a percorrer o processo de compreensão que ambos figuram para explicar. Se Heidegger põe em questão o encobrimento do ser no campo da fenomenologia, Ricouer põe em questão o tema da representação, concebida como criação de uma verdade objetiva, cientificista da história. Há, em ambos, uma dobra do conceito de compreensão.

A vida e a história assim, apresentam-se como “nevoentas”, como pensa Heidegger, “nebulosa”, conforme Ricouer. Eles compartilham ainda da ideia de que o discurso é um acontecimento, quando afirmam que o historiador/intérprete, não deve estar fora da vida, do

¹⁸ DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.p.56.

¹⁹ GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva** – volume I: Heidegger em retrospectiva. Petrópolis: Vozes. Trad. Marco Antônio Casa Nova. 2007, p.67..

²⁰ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. (Parte II)**. Trad.: Márcia Sá C. Schuback, 8.ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, p.87..

texto, da história para descobrir, significar, representar “o mundo que munda”, “o ser que passa”. Pensando com o Heidegger apud Gadamer não devemos dizer: “vejo que lá está a porta”, mas sim, “Eu estou lá e vejo que lá está a porta” (GADAMER, 2007. p.53). Assim se inscreve, em Ricouer, a voz da narrativa que pretende dar conta do tempo vivido, ele percebe o passado porque o adentra como uma presença ausente, seguindo os signos, os rastros e as marcas e, através da imaginação, está lá para ver a porta, o passado.

As narrativas das presas são nevoentas, elas narram da prisão, vigiadas, mas ao mesmo tempo apontando para o discurso da ordem e da norma subjetivado. Elas o fazem assim porque viram, nesta autora, um canal de comunicação com o Juiz e com a sociedade. Elas manifestam um outro de si em um contexto que tentam escapar da definição de bandidas. Suas memórias e esquecimentos não foram apresentados de uma casa, de um jardim, de um campo rodeado de flores; suas falas foram criadas do interior de uma cela, em cima de cadeiras quebradas, de frente para a pesquisadora e, vez por outra, vigiada por algum agente penitenciário. Suas cartas, escritas de uma cela, onde o joelho era a escrivaninha, foram escritas em momento de uma solidão interiorizada, mas suas cartas, sabiam elas, seriam lidas pelas diretoras, por mim e por diferentes mãos que achassem algum motivo de intervenção. Entre tantas falas e textos, os cortes, as costuras, os silêncios e memórias selecionados por esta voz que neste texto fala.

Michel Foucault inspirado em Nietzsche e Heidegger vem afirmar não só a realidade enquanto construção de uma linguagem, mas uma realidade que se define pela vontade de verdade, a qual cria, modifica e empreende sentido para o mundo. Se “o mundo munda” (GADAMER, 2007, p. 28)²¹, munda, sobretudo, pela vontade de verdade que o faz girar e se deslocar pelo enunciado e pelo sentido do que se enuncia. A linguagem é, por isso, o acontecimento da história. Paul Ricouer (2007)²² é também um defensor da linguagem e narrativa como definidora do mundo, mas não assumindo a postura radical de Hayden White que defende o mundo apenas como linguagem e que cada definição é constituída por um estilo. A discussão de Ricouer aproxima-se em grande medida e complementa o pensamento de Certeau, que defende a história como um procedimento, uma operação.

Pensar a história enquanto narrativa, significa também aproximar paixões: Deleuze, Ricouer, Foucault, Veyne, Certeau, pluralizantes paixões em narrativas. Estou aqui como uma adolescente leitora e aqui o desejo de entender está sempre renascendo no escrever que se

²¹ GADAMER, Hans-Georg, 2007, p. 45.

²² RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.78..

apresenta como uma esperança (BARTHES, 1984, p. 09)²³, vai se acrescentando, eu me acrescento também, nessas obras desejadas, através do movimento da leitura e da escrita, porque trata-se da força da criação. Aqui no sentido bartheneano imito aqueles autores, porque imitar o livro é aplicar o livro. Leio amorosamente os autores como quem lê um livro, deformando-os, mas por amor. Foucault vai além, para ele a narrativa não é apenas uma representação literária sobre a representação-objeto, ela mesmo já é o acontecimento e Foucault se interessa exatamente por esse momento, pelas condições históricas que tornaram possível a emergência de um objeto e de um enunciador, que não é um autor. E por pensar a história a partir de rupturas e descontinuidades, o objeto e o enunciador também se rompem, mudam, variam. Daí a grande questão foucaultiana: “segundo que regras um enunciado foi constituído?” (FOUCAULT, 2004, p. 151)²⁴.

Que narrativas tornaram possível este narrar? As narrativas orais das presas produzidas, na prisão, a partir de um gravador e de um questionário com questões abertas; as narrativas dos processos crimes de poucas presas, por uma questão de decisão do próprio sistema, os demais eram inquiridos pelo fato de predominar no presídio uma maioria significativa de presas provisórias; as narrativas das cartas nas quais as presas tematizaram a família e os amores. O diálogo se faz com diferentes autores que desconstruem o texto e a linguagem enquanto representação do real, que legitimam a narrativa enquanto performance, simulação de realidades, como por exemplo, Michel Foucault, Gilles Deleuze e outros autores considerados filósofos da diferença, dialogando também com autores que problematizam o lugar da ficção na nossa sociedade como o faz Maurice Blanchot, Roland Barthes. Problematizei o lugar da narrativa que fala, que instaura uma verdade sobre as presas, uma verdade de si nas cartas. Cada documento, uma possibilidade de operar com essas narrativas. O trabalho com as histórias orais segue a linha que discute Regina Beatriz Guimarães, pensar os relatos orais não como definição de quem narra, mas como um discurso-acontecimento que multiplica o lugar da presa, da mulher envolvida com o crime: Essas narrativas orais[...] não devem ser pensadas na perspectiva de restituição à sua totalidade [...] são fragmentos que devem ser avaliados em sua potência multiplicadora de criar novos significados²⁵.

Entre o dito e o vivido, há uma rachadura de sentidos, de significados que em lugar de negar o lugar de quem diz, multiplica sua performance diante da própria existência, porque

²³ BARTHES, Roland. A morte do autor in: o rumor da língua, Portugal: Edições 70, 1984, p.67.

²⁴ FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 2004. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária., p.77.

²⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. .Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas”. In: LAVERDI, R. et. al. **História, diversidade, desigualdade**. Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE, 2011, p.2.

essas narrativas estão se afirmando também a partir do lugar da memória, as narrativas serão pensadas aqui como falas que se inseridas entre passado e presente ordenam uma vida que tem começo, meio e fim. Essa memória individual é afetiva, é sentimental e valorativa, constrói-se sob fios de temporalidades em que presente e passado coexistem, não são realidades em que uma antecede a outra, são coextensivas. Deleuze inspira quando afirma

[...] ao invés de uma linha do tempo, um emaranhado do tempo; em vez de um fluxo do tempo, veremos surgir uma massa de tempo; em lugar de um rio do tempo, um labirinto do tempo. Ou ainda, não mais um círculo do tempo, porém um turbilhão, já não uma ordem do tempo, mas uma variação infinita, nem mesmo uma forma do tempo, mas um tempo informal, plástico. Com isto, estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo da alucinação do que de uma consciência do tempo. (PELBART, 2004, XXI)²⁶.

O tempo é pensado a partir do conceito de duração, como explicita Deleuze quando se inspira em Bergson, essa duração é a existência múltipla de temporalidades que não se excluem e não se sucedem. Na duração, que é o “tempo real”, não se delimita com objetividade o começo, o fim, o passado, o presente.

A memória afirma Deleuze²⁷ é composta por blocos de sensações (perceptos, afectos) que narram a partir do que se extraiu da percepção e da afeição, a memória nesse sentido será pensada como fabulação, não porque é pura ficção, mas por que (re)cria nessa duração e a partir desse (afeto e percepção) o que se denomina na narrativa passado, presente. O passado prolonga-se no presente, a fabulação se constrói a partir do vivido, da lembrança do vivido, aí se produz o devir, essa constante recriação que tenta dizer o passado no presente. Deleuze foi importante para pensar também os aspectos voluntários e involuntários das memórias das presas quando se narram e se escrevem, quando se organizam racionalmente na linha do tempo e no espaço, ligando passado e presente e quando pelo choque com os signos das lembranças, involuntariamente narram-se, marcadas mais pela violência do reencontro com a lembrança, do que com o desejo racional e consciente de se dizer.

E Barthes provoca! “Toda obra que funciona, funciona como uma obra desejada, mas incompleta e como que perdida, porque eu não a fiz eu mesmo e é preciso reencontrá-la, refazendo-a (BARTHES 1984, p 5). Escrever aqui é um reescrever-se, juntar-se ao que é belo, ao que significa falta enquanto escritura, máquina escriturária. Narrar histórias de mulheres envolvidas com crimes, na atualidade, enquanto historiadora, desloca-me para uma zona

²⁶ PELBART, P. **O Tempo Não-Reconciliado**. Imagens do Tempo em Deleuze. São Paulo, Perspectiva, 2004, p.12..

²⁷ GILLES, DELEUZE E GUATTARI, Felix. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.76.

obscura, marginal, porque de alguma maneira este é um trabalho que reluta contra um dado aprendido sobre história enquanto conhecimento do passado, da memória apenas.

Este texto é sobretudo uma maneira irônica de retirar o passado enquanto tempo privilegiado do saber histórico, ao mesmo tempo, esta pesquisa passeia por uma zona obscura de silenciamentos, visto que, conforme mostro nas páginas seguintes, sobre a mulher, a mulher intelectual, trabalhadora, as teorias feministas trouxeram contribuições inquestionáveis para o campo da história das mulheres, hoje contamos outras histórias de mulheres, mulheres das fábricas, dos garimpos, das aventuras noturnas, dos bares, das páginas lesbianas, mas por que ainda o silêncio sobre a mulher do crime, do tráfico, do homicídio? O que torna possível na história tantas camadas de silenciamentos? Por que ainda o medo de contar a história da bandida, da perversa, da traficante na história? Sinto-me só nessa empreitada, nessa zona de tensão e margem para onde este trabalho me conduz visto que empreendo o árduo exercício de reconhecer o tempo que me presentifica, tempo que faz emergir das profundidades destas análises aquilo que foi subjetivado e transformado em texto, fundando um presente tempo, porque isso também é história, isso é também um trabalho árduo com os efeitos da verdade, que se testemunha, (re)criando-se sentidos.

Esta pesquisa se localiza em outro campo de problematização: é parte de uma história das mulheres e de uma reflexão feminista inspirada nos filósofos da diferença. Inspira-se em uma história das mulheres que rompe com a explicação de classes, que pensando as mulheres pobres, da periferia constrói outras possibilidades de pensar essas mulheres, o que não exclui a análise das mulheres presas na ordem de um sistema capitalista que promove a exclusão e separação. Dessa maneira discute-se com Lipovetski, em diferentes momentos, para pensar essas mulheres inseridas nessa sociedade promotora de uma indústria do luxo, da beleza. Inspira-se ainda nos debates feministas que discutem as diferenças do conceito de mulher, que consideram os diferentes processos de subjetivação e as mudanças no espaço familiar, enquanto resultado dessa mudança das subjetividades femininas desde os anos 60 do século XX. Essas discussões atravessam toda a tessitura deste texto que convoca essas autorias que escrevem as mulheres e suas diferentes estéticas de existências, diferentes cuidados de si, como propõe Michel Foucault e como discute Deleuze ao pensar as multiplicidades dos sujeitos a partir do conceito de imanência, uma vida. Gênero aparece aqui, não como um conceito que dá conta das diferenças sexuais, mas a partir da ideia de Butler quando inspirada em Foucault pensa as identidades de gênero muito mais como performances, devir, conceito que nega a fixidez das relações amorosas e sexuais, porque escapam a uma única verdade e definição. Com base no conceito de amizade de Bouffault e Ortega discute-se as diferentes

performances de amor, de amizade e de afeto no interior da prisão. Não se trata de pensar a utopia das não identidades, mas pensar a multiplicidade que atravessa o desejo de existir entre as mulheres presas, mulheres-devir.

1.3 O PRESENTE NÃO PARA DE PASSAR...

Assim fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é um lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas. Ela é habitada pela estranheza que procura, e impõe sua lei às regiões que conquista, acreditando dar-lhe a vida. (CERTEAU, 2002,46-47)²⁸

Esta pesquisa, que faz das mulheres presas na atualidade um tema de pesquisa é também um diálogo muito mais com Aion – um tempo subjetivo que intercala temporalidades – do que com Cronos, um tempo linear e objetivo. Para Deleuze, em Aion, apenas o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem, uns em relação aos outros, o futuro e o passado. (DELEUZE, 1969/2003, p. 169)²⁹.

Deleuze estilhaça o conceito de tempo quando problematiza o tempo cronológico e propõe a interpretação de um tempo plástico, elástico, múltiplo, quando ensina que para além de um tempo objetivo, somos marcados por tempos subjetivos, e esse tempo guarda-se em saltos, acelerações, diminuição de velocidades, tempo, sobretudo, informal, variado. Nesse tempo louco, passado e presente convivem porque se tratado tempo duração. É essa temporalidade fragmentada que possibilita pensar esta pesquisa, onde passados e presentes coexistem muito mais do que se sucedem. As presas que estão situadas nessa presentidade, são filhas de um processo histórico instaurado no passado em um recorte de tempo onde as movimentações feministas transformaram o lugar da mulher, da família entre 1960 e 1980. É pensando esse tempo organizado entre passado e presente que se compreende o envolvimento das mulheres com crimes na atualidade, porque elas não se envolveram com crimes em um presente-agora, nasceram em uma sociedade modificada, são filhas de mulheres impactadas

²⁸ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

²⁹ DELEUZE, Gilles. (1969/2003). **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, p.48.

por essas mudanças em que o feminismo criou espaços de mudanças, dessa maneira suas falas e gestos em grande medida estão impactados por esse processo de mudanças sociais, o diálogo com a história do presente, envolve esses blocos de passados que não deixa de ser em suas falas, esse presente que não deixa de passar. Michel Foucault alerta para a ideia de que a história deve ter uma preocupação com o presente, funcionar enquanto saber que corta, que modifica. A finalidade do passado estaria na possibilidade de tornar viável uma nova realidade no tempo presente, tornar este diferente, mutável. O estudo das mulheres na prisão em Campina Grande exige outra operação com o tempo, com a relação passado e presente, porque elas embora representem o agora, o passado está atravessado em suas narrativas, em seus aprendizados, em suas falas sobre o vivido, porque o tempo histórico é múltiplo, como afirma Koselleck apud REIS, [...]. não se pode falar de um tempo histórico homogêneo [...] não se pode falar de um tempo histórico linear (REIS, 1994, pp.83-84).

Esta pesquisa também está inspirada nos questionamentos que fazem os historiadores do tempo presente, que desde a segunda metade do século XX questionaram a história enquanto conhecimento do passado, os quais abriram fissuras na definição da história e de tempo. Após a segunda guerra mundial, tornou-se possível a constituição de um novo saber: a história do tempo presente. A crise de identidade europeia, após a segunda guerra mundial estimulou os pesquisadores europeus, principalmente franceses, a compreenderem, à luz da história, as mudanças por que passava o mundo europeu. Os europeus, após os conflitos da segunda guerra, incomodaram-se com o presente. Em meados dos anos 70, com a ampliação da nova História, tem-se a criação do IHTP (Institute d'histoire du temps présent) tendo como fundador e diretor até 1990, François Bedarida. Os conflitos das guerras, as crises do nacionalismo europeu impulsionaram um corte no pensamento ainda herdeiro da Escola dos Annales, a qual discutia o tempo em sua longa duração e que pensou novos temas e objetos, mas que relegou para as Ciências Sociais o tempo que urge no presente, o tempo-instante. A Europa, para se explicar para o mundo, necessitava explicar aquele tempo de ruídos, tempo de quebras de hegemonias, de divisão de territórios. Os historiadores, e principalmente os franceses, moveram o tempo, tempo histórico. Se, no século XVIII, os historiadores, com a Revolução Francesa, criaram a ideia de um tempo veloz, tempo acelerado pelo homem, tempo-signo da derrubada dos ícones divinizados, organizando assim outra lógica de explicação da história para a França e para o mundo, a história do tempo presente, conhecida

por HTP³⁰, representa também essa atitude do homem perante um dos mais bonitos dos deuses, o tempo. A história do tempo presente, na segunda metade do século XX, materializa a necessidade de organizar a sociedade após o estilhaço das guerras e dos corpos. Era necessário agora organizar o tempo, a vida, as memórias dos que morreram, perderam, viveram ou estavam de saída, partida. A história do tempo presente:

Trata-se, ao mesmo tempo, e daí algumas de suas mais profundas dificuldades [...] de uma proposta que sendo plenamente historiográfica só pode, no entanto, trabalhar no limite da disciplina, com uma necessária inclinação à interdisciplinariedade, com métodos que devem ser necessariamente novos [...]. A HTP não é nem um momento cronológico, nem um setor historiográfico, mas uma proposta de fazer história que não é passado, mas presente (CHAUVEAU, 1999, p.37)³¹.

Nos anos 70 do século XX com o aprofundamento dos estudos sobre memória e história oral, a história do tempo presente, que já se fazia uma necessidade na Europa, alarga-se, explorando a relação entre memória e história, discutindo-se o lugar do testemunho na história em que a subjetividade passa a ser um ponto fundamental das discussões, enquanto parte das narrativas orais e do próprio lugar do historiador. Para Rioux a história do tempo presente tem o objetivo de trabalhar o passado próximo e sobre a história contemporânea no sentido etimológico do termo, uma história na qual o historiador investiga um tempo que é o seu tempo, com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser sua. (RIOUX, 2009, p.202)³².

A discussão sobre as mulheres presas na atualidade e o diálogo com essa história do tempo presente torna possível a realização desta pesquisa acerca da história das mulheres, história de quem escolheu, como destino, a infâmia, a vida “vil” e “reles”. Como diz Álvaro de Campos: “Quem há neste largo mundo que me confesse que um dia foi vil?[...]”³³. Essa é a narrativa sobre mulheres infames, do crime, ainda silenciada no campo da história. Michele

³⁰ A proposta da HDP ou HTP é lançada para pensar a segunda guerra. Os primeiros boletins tratavam exatamente de estudos sobre a ocupação e superação da França e de estudos sobre os aspectos da Segunda Guerra. Não apenas a França, mas diferentes países europeus, como a Itália, Inglaterra, Alemanha buscavam escrever sobre a sua história na guerra, pesquisando no IHTP. A história do presente é contemporânea da história imediata, a qual é escrita por jornalistas e que teve início na Espanha nos anos 60 do século XX, porém, a história do presente é uma proposta pensada de modo mais aprofundado pelos historiadores, com o rigor do método, das fontes, da teoria, diferentemente da história imediata que propõe muito mais a história informativa, do que a história crítica.

³¹ CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. São Paulo: Bauru EDUSC, 1999.

³² Ver entrevista do autor Sobre a história do tempo presente: **Entrevista com o historiador Henry Rouso. Tempo e argumento**, Revista do programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v.1, p.201, jan/jun, 2009.

³³ Os versos acima, escritos com o heterônimo de Álvaro de Campos, foram extraídos do livro "**Fernando Pessoa – Obra Poética**", Cia. José Aguilar Editora – Rio de Janeiro, 1972, pág. 418.

Perrot³⁴.permite que se conte essa história, quando escreve: “A primeira história que queria contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história sem as mulheres parece impossível” (PERROT, 2008, p.13). Parafrazeando a autora, complementa-se: uma história do crime sem as mulheres, parece impossível, uma história das mulheres infames é uma necessidade.

Foucault apud Duarte (2010, p. 01)³⁵, em suas inquietações sobre o presente, questiona: “Não me interessa pelo eterno, não me interessa pelo que não se move, não me interessa pelo que permanece estável sob a cintilação das aparências, eu me interessa pelo acontecimento”.A mulher criminosa no século XX é um acontecimento, por isso a necessidade de compreender as mudanças que tornaram possíveis o envolvimento das mulheres com crimes os mais diversos, perceber esse movimento de mulheres infames que mobilizam outros aprendizados, outras subjetividades em contextos de mudanças sociais. Em *Ditos e Escritos*³⁶ Michel Foucault diz que o pensamento de Kant foi para ele um ícone de liberdade ao fazer uma crítica ontológica ao presente: O que são as luzes? O que é a razão? Mais do que uma pergunta, trata-se para Foucault de um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível.

Conforme discurso de Levi Strauss apud Paul Veyne³⁷: “a história é um conjunto descontínuo, formado por domínios, cada um deles definido por uma frequência própria” (VEYNE, 1998, p.26). Dessa forma, pensar as vidas das mulheres criminosas é desalinhar ainda mais o “tecido de incoerências” da história, provocar qualquer lógica de explicação e fomentar no mundo dos objetos acadêmicos, o sensível, outro sensível.

Pretendoorganizar, aqui, as histórias de vidas que complementem o que a história das mulheres, do gênero e dos feminismos estão escrevendo. Se as origens pertencem aos deuses, como acredita Foucault, os começos estão entre nós, há um começo, uma temporalidade-presente que aponta o aumento acelerado de mulheres envolvidas com álcool, drogas, crimes diversos, há uma temporalidade-passado (1960-1980) que explica as condições históricas de mudanças em uma sociedade onde a mulher exigia para si trabalho, saúde, educação,

³⁴ .PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

³⁵ DUARTE, André. **Vidas em Risco- Crítica do Presente em Heidegger, Arendt e Foucault**.Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

³⁶ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 200, p.333.

³⁷ VEYNE, Paul. **Tudo é histórico, logo a história não existe** in_; Como se escreve a história Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

independência, ao mesmo tempo em que dizia não aos valores que lhes confinavam mãe, do lar. São esses signos de começo que contextualizam a mulher-presas atual desta pesquisa, somente a partir dessa teia de temporalidades que coexistem, esses começos se explicam.

Foucault, em sua ontologia do presente, questiona: “O que é nossa atualidade?” Qual é o campo das experiências possíveis? Não se trata, aí, de uma analítica da verdade, mas daquilo que se poderia chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos (FOUCAULT apud DUARTE, 2010, p.71). E esta é a grande questão da história das mulheres hoje, nesta tese retratada: Pensar a atualidade a partir do regime de violência e crime entre as mulheres, pensar as relações de poder que envolvem as mulheres criminosas do nosso presente. Que jogos discursivos envolvem as práticas e crimes das mulheres presas? Que outras histórias podem contar a mulher do crime, a mulher confinada, apontada como um mal social?

Este é um trabalho de gênero, uma história das mulheres, que pretende instaurar outra sensibilidade para se pensar o feminino que foge à disciplina e regras, o feminino que comete crimes. Se nos anos 60 do século XX o feminismo fez uma contra-história, a história da mulher pobre, operária, se nos anos 80 daquele século foi possível fazer a história das diferentes possibilidades de ser mulher; se nos anos 90 há uma ruptura com a ideia de um ser mulher pela compreensão de que a subjetividade é fluida, é necessário continuar o movimento de mudança, discutir outras histórias: as infâmias das mulheres que matam, roubam e violentam, porque esse é também o direito das sujeitas que burlam a ordem: serem iluminadas pelos discursos que as salvam ou as acusam, serem ouvidas, de alguma maneira pela história, pelo presente da história. A partir de discussão de um tempo plástico, elástico, virtual, como afirma Deleuze, faz-se, aqui, uma análise histórica das mudanças sociais desde os anos 60 do século XX para discutir o envolvimento das mulheres com os crimes na atualidade, porque a relação das mulheres com o crime não é uma questão do presente pelo presente, mas resultado de processos históricos, de mudanças sociais que tornaram possível, a emancipação (prisão) das mulheres.

A parte introdutória da pesquisa é uma discussão sobre os interesses iniciais que me inspiraram, contextualizando em seguida os principais aportes teóricos que moveram esta pesquisa. No item 1.1- “Apenas um roubo, de uma memória: eu não sou mais quase eu mesma” discute-se com base nas memórias do passado a inspiração que possibilitou a escolha do tema sobre mulheres prisioneiras. Em 1.2: “De tanto narrar é:”, a discussão é sobre a história enquanto narrativa e sobre as narrativas das presas e do sistema penitenciário que

definem as presas. Em 1.3 “O presente não para de passar” debate-se a perspectiva do tempo presente e das várias temporalidades que são partes das análises desta pesquisa.

A segunda seção, intitulada: “As diferentes mortes dos anjos do lar” é uma discussão sobre as principais mudanças sociais no Brasil a partir dos movimentos feministas desde os anos 60, 70 e 80 do século XX. Na primeira subseção 2.1: “Vidas imanentes: infâmias...” é apresentada uma discussão sobre as multiplicidades do conceito de mulher e o amplo debate que trazem os pós-estruturalistas e filósofos da diferença para multiplicar os significados das subjetividades do feminino. Na subseção 2.2: “Desdobrável, eu sou”³⁸, discuto as principais mudanças que trazem as propostas feministas no Brasil desde os anos 60 do século XX, quando as mulheres na literatura, na militância política, na imprensa alternativa desdobram-se e inventam outros lugares para as mulheres. Na subseção 2.3.. “Nas ruas, na academia”, serão analisados os embates feministas no campo historiográfico e a relação do debate feminista com a história das mulheres como um acontecimento discursivo que amplia a mudança para pensar as mulheres na sociedade, na academia. Em “2.4 (Des) familiarizando....” discuto o impacto dessas mudanças nas famílias e como elas passam a ser (re)significadas a partir das vidas das mulheres para as ruas, para o mercado de trabalho, para os crimes.

A terceira seção (Espaços criados, espaços roubados) é uma discussão sobre as mudanças sociais nos espaços de Campina Grande, mudanças históricas que desde a primeira metade do século XX hierarquizaram as espacialidades da cidade, e que vão sendo modificadas pelos sujeitos ordinários, sujeitos das margens. Em “3.1 No terceiro espaço”³⁹, as margens...”, são apresentadas as mudanças que, desde os anos 70 do século XX, vinham sendo realizadas por sujeitos marginalizados, das periferias, enfatizando, principalmente, as mudanças ocorridas quando as presas reinventam espaços para roubarem, matarem. Em “3.2 A arte de andar nas ruas”⁴⁰ será problematizada a ideia de que se as mulheres da classe média, vão trabalhar, fazer protestos, as infames, vão roubar, traficar. Em “3.3 A feminização do crime, é preciso?” discorro acerca das mudanças que as infames atravessam, inclusive as

³⁸ Título inspirado na poesia Com licença poética de PRADO, Adélia. A. Bagagem. São Paulo: Siciliano. 1993. p. 11. Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos – dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.

³⁹ RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em p. Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 (2011). <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur. Acesso em: 12 ago 2013 às 13:h:08min.

⁴⁰ Título inspirado no conto a arte de andar nas ruas de FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In: Contos reunidos. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

práticas do crime; o tráfico de drogas por mulheres, por exemplo, faz parte dessas mudanças. As mudanças existem também na maneira de atuar, porque as mulheres também estão praticando crimes considerados, durante muito tempo, como masculinos.

O interior da prisão é objeto de investigação do capítulo 4 intitulado: “A morte de si, as mortes na prisão”. Analiso o cotidiano da prisão a partir das diferentes mortes, físicas e simbólicas percebidas no interior daquela prisão feminina. Em 4.1, “O olhar a prisão” inicio a discussão contextualizando com mais precisão o início dos trabalhos de pesquisa na prisão, o meu lugar de pesquisadora. Em 4.2 “Os desejos da morte: de si” discuto as mortes de duas presas que causaram incêndio na penitenciária, a morte como lugar de fuga, de contestação. No item “4.3 Tragédias: Quem ama não mata?” São apresentadas as histórias das mulheres que matam os “amores”, contextualizando, inclusive, as mudanças nas formas de amar, resultado dos impactos feministas.

Em o capítulo 5 intitulado “Das outras prisões? Campos heterotópicos, disciplinas e resistências”, apresento uma discussão sobre os diferentes processos de subjetivação na prisão, subjetividades que performatizam a loucura, a docilidade, as fugas, entre as vigilâncias e as resistências, as presas constroem-se no cotidiano da prisão. No item 5.1 “Os giros da loucura”, discorro a partir da experiência de uma presa, a loucura enquanto conceito criado pelo poder, pelas outras presas para excluir, classificar, mas também enquanto performance de quem desde as ruas foi subversão, enlouquecimento. Em 5.2, “Onde estás, s(ó)l?”, há o debate sobre a disciplina que pune as presas inclusive pela retirada do banho de sol e por outras práticas disciplinares. 5.3 “Naquela manhã de sol”, a discussão enfatiza o controle dos corpos das presas, que pune essas mulheres de diferentes maneiras, inclusive, cerceando a visita da mãe, o abraço de uma dada mãe. Em 5.4 “Do estilo, a amizade: heterotopias na prisão feminina”, a prisão é questionada pelos abraços, pelos amores, pelos cuidados de si, do outro que também são partes da prisão. Em 5.5 “Do corpo violado ao corpo utópico”, questiono os vários significados do corpo criado pelas presas na prisão, corpo enquanto investimento da disciplina, mas também do prazer, do desejo.

O capítulo 6 intitulado “Escritas de si: O *fora* da prisão” discuto, a partir das análises das cartas das presas escritas na prisão, as respectivas histórias de vida. Sob a inspiração do conceito de biografemas de Barthes, discuto as escritas, mas não como reveladoras das vidas que escrevem, mas performances, simulações que fragmentam e dispersam suas vidas. Ao longo desse capítulo elaboro temas a partir das cartas, as quais são problematizadas como em 6.1 “Biografemas: porque o si é mesmo o outro”, onde discuto os discursos normatizados e

disciplinados que as presas reconstróem na pris3o para se afirmarem diferentes, das presas, do conceito de bandida que o sistema institui. Em 6.2 “A escrita que duplica, retorna: mulher? As filhas, da m3e, discuto como essas mulheres v3o se reconstruindo nas cartas, retomando valores por elas questionados, como por exemplos, maternidade, casamento para se instituírem outra, outra de si. Em 6.3 “Em nome de que pai?” a discuss3o refere-se às consequências da falta da figura do pai nas vidas dessas mulheres e de como elas reproduzem o aprendizado social de que essa ausênci3a, de que o conflito familiar s3o acontecimentos que explicam seus envolvimento com o crime, nesse mesmo item discuto o lugar dos irm3os, das amizades, dos filhos dessas mulheres, pensando essa retomada de valores sociais por elas questionados em outros momentos. Em 6.4 “Apenas alguém que diz sim à vida: o amor como possibilidade de afirmação da vida” discuto o amor como uma prática a partir da qual as presas n3o se abandonam e n3o se perdem na pris3o, amor como forma de se afirmar na vida, de retornar para si, mesmo que os amados sejam ausentes, distantes, amam. Finalizando no item 7 “Conclusões”, analiso, a partir das cartas, as relações de afetos, paixões e amores construídos na pris3o, penso, especificamente, os conceitos de amor que inscrevem, destacando o lugar de submiss3a e de romantismo de muitas mulheres, mas também a fluidez de quem faz das paixões fluidas uma arte de existir na pris3o.

Por que escrever?⁴¹ Esta é uma quest3o deleuzeana. Escrever é um fluxo⁴² entre tantos, sem nenhum privilégio aos demais, escrever é um fugir, fazer fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. Este é um texto que faz circular os saberes das presas, tornando-os públicos, transpassando o sistema com outras criatividade3s sobre essas mulheres confinadas, é também um fugir, um furo na vis3o homogênea que lê o feminismo como um movimento que afetou da mesma forma todas as mulheres; um furo nas perspectivas sociais e jurídic3s que olham as presas apenas como bandidas, sujeitas do mal. Esvaziar, esvaziar desta autoria o próprio texto jorrado das entranhas, porque estás aí leitor(a), como outro furo, neste texto.

⁴¹ DELEUZE, Gilles. Conversaç3es. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

⁴² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. Mil plat3s: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1

2 AS DIFERENTES MORTES DOS ANJOS DO LAR⁴³

[...] é que por trás de todos os consentimentos e coerções, para além das ameaças, das violências e das persuasões, há a possibilidade desse momento em que a vida não mais se troca, em que os poderes não podem mais nada e em que, diante dos gibets e as metralhadoras, os homens se revoltam⁴⁴.

2.1 VIDAS IMANENTES: INFÂMIAS...

Este é o primeiro momento da pesquisa, a abertura de um diálogo com as vidas das mulheres infames, vidas que se envolveram com diferentes crimes, instauradas no regime da jurisdição como criminosas, que dobraram um conjunto de discursos e práticas que cristalizaram o feminino como o avesso da força, da violência. O caminho desta pesquisa é (des)sujeitá-las, dispersá-las nos acontecimentos múltiplos que vêm transformando, através dos embates feministas, os lugares tradicionais da mulher, do homem, da família, do corpo, do desejo. É preciso desencontrar essas vidas emolduradas nas celas e processos crimes, devolvê-las à história das relações humanas em que as vidas que desorganizam a ordem, fluidas, dialogam de outra maneira com a história, da disciplina, da norma, do gênero, das prisões. Para além de uma história das mulheres envolvidas com crimes, essa é uma dada história de práticas de liberdade, de libertação, situadas no contexto de dadas lutas feministas e de gênero que desde a segunda metade do século XX vêm revolucionando a história. De que forma e até que ponto os feminismos impactaram as vidas das mulheres infames? Vidas imanentes, vidas paralelas às feministas intelectualizadas, porque o desejo de liberdade, de independência, de ascensão social não são subjetivados da mesma maneira por todas as mulheres. As mulheres envolvidas com crimes, objeto desta pesquisa, geralmente filhas de mães solteiras, analfabetas, desempregadas e nascidas em uma sociedade marcada pelas transformações do feminismo, constituem outros relatos, outros embates sobre a liberdade, a equidade e a independência femininas/feministas. As mulheres foram para as ruas de diferentes maneiras, as intelectualizadas, alfabetizadas, formadas e de classe média alta assumiram cargos públicos, conquistaram um emprego, profissionalizaram-se, passam pelas

⁴³ Título inspirado em uma passagem da obra: WOOFF, Virginia. Profissões para Mulheres. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

⁴⁴FOUCAULT, Michel. Le monde. 1994, p. 791 apud SAMPAIO, Simone Sobral, A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault, *Rekatálysis* vol.14 no.2 Florianópolis July/Dec. 2011.

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802011000200009&script=sci_arttext>, Acesso em: 21 jan 2013.

ruas, as mulheres presas foram para as ruas também, mas roubar, matar, traficar, ou então, fugindo do lar, das surras dos companheiros, da maternidade, nas ruas morar. As funções públicas das mulheres modificaram-se também, as mulheres intelectualizadas não se formam apenas para serem educadoras, alargaram o mercado de trabalho, desterritorializaram a cultura masculinizante que impedia mulheres de se trabalharem nas engenharias, na administração de empresas, nas funções que de alguma forma exigiam força física, racionalidade. As mulheres sempre trabalharam, mas na segunda metade do século XX, contexto onde se situa esta pesquisa, aponto singularidades nesta relação de algumas mulheres com o trabalho, ao mesmo tempo em que discuto a relação de outras mulheres com crimes diversos. No crime as mudanças também ocorreram, elas assumem funções diversas, complexas, o tráfico é a singularidade dessa transformação, um crime da nossa contemporaneidade, no qual as mulheres desempenham papéis importantes para traficar a droga e, por vezes, assumem a liderança de tal atividade. Mudaram também as maneiras de praticar o crime, se durante muito tempo as mulheres foram criadas como o avesso da força e violência, as mulheres praticantes de latrocínios, de assaltos à mão armada estão pondo em questão os estereótipos jurídicos que julgavam esses crimes como sendo típicos dos homens. Entre tantas mutações que o discurso e as práticas feministas construíram, a substituição de um modelo de família na qual a mulher era do lar por famílias diversas, múltiplas, se afigura como uma das mais importantes. As mulheres, desde os anos 60, vêm mostrando que a maternidade é uma escolha, da mesma forma que ser dona do lar. Muitas optaram pelo trabalho fora de casa, outras por serem o chefe de família, o símbolo financeiro da relação familiar. Nas famílias das mulheres que se envolveram com o tráfico, com roubo, homicídios e outros crimes diversos, essas mudanças também se fazem visíveis, muitas mulheres já nasceram em famílias transformadas, predominam filhas de mães solteiras, senão, de mães envolvidas com algum tipo de vício ou mesmo com o crime.

As mulheres envolvidas com crimes, geralmente, são mães solteiras, mulheres que tiveram vários relacionamentos, que negaram o papel da mulher do lar, submissa, por isso, muitas delas moravam nas ruas antes de irem presas, abandonaram filhos, maridos, casamentos e maternidades para romperem com laços familiares, para viverem no crime outra experiência como mulher. As trajetórias dessas mulheres compõem outras narrativas dos impactos feministas na sociedade, tecem outros combates no tempo presente, alinham fios de subjetividades complexas, estranhas, fora de qualquer explicação moralista e normativa para se pensar a história das mulheres e do feminismo hoje, por que falam muito mais de perdas, mortes, angústias, tristezas, ausências, caos, são por isso, as dobras do discurso feminista, um

acontecimento singular no interior de uma discursividade que fala muito mais dos avanços e conquistas feministas do ponto de vista de um dado grupo de mulheres. As mulheres desta pesquisa dobram infinitamente o que aprendemos sobre liberdade, feminismo e independência. Ao analisar o conceito de dobra em Leibniz, Deleuze⁴⁵ fala das flexibilidades e divisão de partes das dobras, divisão infinita, dobras que alargam, decompõem a matéria, multiplicando-a. As vidas das mulheres presas, enquanto experiência anônima, dispersa toda definição de mulher, de diferença, porque são as dobras das dobras, escolheram o lado obscuro e caótico do processo de subjetivação do modelo de mulher, burlaram as éticas pré-estabelecidas para se reinventarem na prática do crime e com esta criaram um mundo de onde impactam toda definição de independência instituída, fizeram elástica a liberdade. Elas também são narrativas dos impactos feministas em nossa sociedade.

Michel Foucault provoca: “As Luzes que descobriram as liberdades também inventaram as disciplinas”⁴⁶. Esta é a questão que norteia as histórias das mulheres presas no contexto das mudanças feministas. Foucault está pensando nas forças contraditórias que mobilizaram os pensadores iluministas, ao mesmo tempo os desafios que esses intelectuais criaram para seu tempo, sua contemporaneidade, propondo novas questões para o conhecimento.

Com Foucault esta pesquisa se inspira a pensar os movimentos contraditórios que rondam os movimentos feministas, as liberdades que essas militâncias criaram, mas também, as infâmias, as prisões, as sujeições que também são parte dessa história feminista que questionou o mundo dos homens, o mundo contemporâneo desde os anos 60 do século XX. A ascensão das mulheres no mercado de trabalho, na educação; as mudanças nas estruturas patriarcais da sociedade, a ida mulheres para a vida pública, são mudanças questionadas pelo aumento das construções de prisões femininas, o aumento do consumo de drogas entre as mulheres mais jovens, excluídas da educação e do mercado de trabalho. Sobre os feminismos não se pode contar apenas histórias de conquistas e liberdade. As presas desta pesquisa inserem-se exatamente no lado oposto e contraditório das conquistas conseguidas nas lutas que as mulheres feministas arduamente empreenderam. Esta pesquisa constrói-se inspirada nas ambiguidades, o feminismo produz a liberdade, mas também a infâmia das mulheres. De um lado, as mulheres que não têm acesso aos bens de consumo, à educação, ao trabalho,

⁴⁵ DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o Barroco. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento e FOUCAULT, M. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade; Uma estética da existência** (1984). Em Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

produzindo sua liberdade e libertação no crime, mas ao mesmo tempo capturadas pelo sistema, pelo capitalismo, desejando a roupa, o corpo, a estética globalizada. Poucas foram as que roubaram para comer, quando não, roubam, matam para alimentar o vício, outra questão dessa pós-modernidade ou modernidade líquida na qual mulheres alijadas, excluídas, marginalizadas encontram no vício do álcool ou craque a fuga de suas carências.

É do ponto de vista da ambiguidade, do paradoxo, do indefinível, do contraditório, do imprevisível que se torna possível pensar os impactos do feminismo na vida das mulheres presas, as quais são nomeadas, aqui, de mulheres infames, inspirada no conceito de Michel Foucault⁴⁷ quando relata sobre homens que foram marcados pelo poder absolutista no século XVIII. A tese não é uma definição das vidas dessas mulheres, porque elas não cabem em conceitos, em respostas, são muito mais o espectro da dúvida, do que faz duvidar. Esta pesquisa é o avesso dos inquéritos que condenam, o avesso das grades que marcam os corpos dessas mulheres, porque suas vidas, narradas, inventadas ou performatizadas são muito mais complexas do que o conceito de criminosa pode definir. Criminosa fecha, encerra, unifica, elas estão vivas e esse é o ponto fundamental para se constituírem como seres imanentes, afirmarem-se positivamente no caos, fazerem de suas próprias vidas, a velocidade do caos, porque a imanência afirma Deleuze⁴⁸ é a intensidade da própria vida (p.34), vidas que singularizaram a experiência da mulher, do crime, da família, do amor e do corpo em seus contextos, por isso, vida imanente trazendo os acontecimentos [...]Essa vida indefinida não tem, ela mesma, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entretempos, entremomento (DELEUZE, 1997, p. 48)⁴⁹. Quando saíram de casa, quando mataram seus amores, quando preferiram morrer a viver presas, cada vida dessa estudada dobra o próprio conceito de vida, são acontecimentos na história das mulheres atuais, estão em Campina Grande, mas vidas assim, estão em todos os lugares. Como as dobras, são diversas, múltiplas. Às vezes o crime as aproxima, unem suas linhas, mas sempre são infinitamente diferentes. Este texto fez escolhas para seguir os movimentos dessas vidas-dobras, seguir seus movimentos, passar de um lado para o outro, mas para torná-las ainda mais dispersas e sem território, muito mais rizomáticas do que enraizadas, como uma árvore em um campo de definição. Esta narrativa segue o caminho percorrido pela pesquisa de Michel Foucault:

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. in_ O que é o autor? São Paulo: Passagens, 1992.

⁴⁸ DELEUZE, Gilles. **A imanência: uma vida** in: DELEUZE, Gilles, imagens de um filósofo da imanência. Trad e org. Jorge Vasconcellos. Londrina: editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997a.

⁴⁹ DELEUZE, Gilles. **A imanência: uma vida...** In: VASCONCELLOS, Jorge; FRAGOSO, M. A. R. (Orgs.). Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência. Londrina: UEL, 1997b. p.15-19.

[...] pretendi também que estas personagens fossem elas mesmas obscuras[...] que nas suas infelicidades, nas suas paixões, naqueles amores e naquele ódios, houvesse algo de cinzento e ordinário aos olhos daquilo que habitualmente temos por digno de ser relatado [...] (FOUCAULT, 1992, pp.96-97)⁵⁰.

As mulheres desta pesquisa compõem a presentidade das mulheres da periferia, um presente que inscreve os processos de acontecimentos passados. Um dos maiores desafios para o historiador do tempo presente, afirma Rioux (1999)⁵¹ é a inquestionável quantidade de fontes existentes no tempo presente. Sem dúvida, sobre violência, mulher e criminalidade há uma rede de informações em jornais e processo crimes que nos falam sobre as mulheres envolvidas com o crime. Textos que informam números e que parecem punir e sugerir que a liberdade feminina caotiza a ordem. As trajetórias de vidas das mulheres desta pesquisa têm fios que as unem, os crimes, as violências, são práticas que as aproximam, mas suas existências são singulares, suas diferenças são lutas silenciosas e constantes contra o discurso jurídico que as homogeneízam em artigos e números, como se todas essas mulheres produzissem e fossem resultados de um único efeito no mundo do crime. As trajetórias singulares são como signos, exigem sensibilidades que contemplem outros campos discursivos, que ultrapassem as grades das suas celas. Essas mulheres preenchem-se com outras referências e subjetividades que também explicam suas “existências-clarão”, seus “poemas-vidas”. As vidas das mulheres presas foram atravessadas pelo discurso da justiça, as singularidades de suas vidas foram riscadas no momento em que se tornaram objeto do saber jurídico, suas diferenças e multiplicidades perderam-se entre números de processos que as condenam e que as instituem criminosas, suas falas enunciam outras possibilidades de existir, mesmo na obscuridade do crime.

As mulheres desse texto não se inscrevem em páginas de notoriedade, não se destacam por alguma grandeza, não possuem grandes feitos, tampouco pertencem a famílias de sobrenomes famosos, não são bem-sucedidas, nada fizeram que as identificassem com heroínas ou mulheres ilustres, elas estão na contra-mão da história, mas na linha da vida. Suas paixões, desejos e astúcias revelam outros laços da existência humana, demasiada humana, luzes de alguns porões, conforme sugere Michel Foucault ao falar dos homens infames. São ditas e escritas como minorias abomináveis, recordações de uma lenda negra da qual a justiça, o direito, o moralismo religioso necessitam para construir suas glórias e seus efeitos

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. in_ O que é o autor? São Paulo: Passagens, 1992.

⁵¹ RIOUX, Jean Pierr. **Pode-se fazer uma história do presente?**In. CHAUVEAU. A; TÉTARD, Ph (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

discursivos de conversão, disciplina e punição, vidas que só foram percebidas por que foram de encontro com o poder. Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com o poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las. (FOUCAULT, 1992, p. 102)⁵²

Suas vidas aparecem como vozes sem rosto, vozes-sussurros no silêncio dos discursos jurídicos, vozes contrariadas com a eternização da infâmia. Inauguram-se aqui como autoras de narrativas que relativizam o saber jurídico e as possibilitam outras, outras de si mesmas. Há realidades sociais que aproximam os rostos que aqui serão apresentados, há fios que as unem, mas é preciso ressaltar, as vidas que serão descritas se singularizam quando representam a ruptura com dados códigos sociais, éticas e padrões de mulher, de feminino, mesmo quando formam um campo de práticas transgressoras, seus contextos são fios que se encontram apenas no crime, porque a experiência com o crime é também subjetivada de modo diferenciado.

Conforme sugere Durval Muniz⁵³,

[...] com Foucault aprendi a me fascinar por esses personagens das margens,[...] por esses seres que se definem pela exclusão, pela excomunhão, essas vozes sem rosto que gritam, vituperam, amaldiçoam e escarnecem todas as figuras que representam o poder. (ALBUQUERQUE JR, 1998, pp 67-68).

Quando Michel Foucault se apropria das vidas infames o faz para iluminar as margens das vidas classificadas pela exclusão, silenciadas pela força disciplinar do poder. O interesse de Foucault pelas margens nos oferece uma maneira de pôr em questão aqueles que o poder silencia e excomunga. Ao movimentar os discursos em torno do parricida de olhos vermelhos, Rivière, o autor pensa o entrecruzamento discursivo que vai definindo-o, em meados do século XVIII, após o assassinato do pai, da mãe e da irmã. A psiquiatria, a justiça, o próprio discurso de Rivière vai desenhando um rosto para o parricida. Mas qual o rosto do crime e do criminoso? “[...] ele é apenas um ponto de cruzamento de diferentes redes discursivas, mortes que falam de experiências as mais diferenciadas, ele é diferentes objetos, é recortado de forma diferenciada [...]”. (ALBUQUERQUE, 1998, p.106)⁵⁴.

As personagens deste texto também traçaram vidas singulares, e tal qual o personagem de Foucault, são escritas e proscritas pelos outros, suas vidas são silenciadas e alarmadas por

⁵² FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: O que é o autor? São Paulo: Passagens, 1992.

⁵³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Os Maus Costumes de Foucault**. Assis, Pós-História, v.6, 1998, pp. 67-86.

⁵⁴ ALBUQUERQUE, 1998, pp. 67-86.

discursos alheios, disciplinares. Ouvir seus rumores significará contemplar como se individualizam e o corte que as separam, as dispersam mesmo sendo o crime o cenário onde se encontram, a paisagem onde se instituem infâmias. Vidas paralelas, uma coleção onde Foucault mais uma vez singulariza seu pensamento. Nesses textos o autor faz um contraponto às vidas ilustres representadas pelos gregos no mundo antigo. As paralelas de Foucault diferente de Plutarco tratam das vidas infames:

As paralelas, bem sei, são feitas para se reunirem no infinito. Imaginemos outros, que, indefinidamente, divergem. Sem ponto de encontro, nem lugar para as recolher. Frequentemente elas não tiveram outro eco senão o de sua condenação. Seria necessário apanhá-las na força do movimento que as separa; seria necessário redescobrir o rastro instantâneo e fulgurante que elas deixaram quando se precipitaram para uma obscuridade ‘onde isso já não conta’, e onde todo o “renome” é perdido. Seria como o inverso de Plutarco. Vidas a tal ponto paralelas que já ninguém as pode reunir (FOUCAULT apud ANDRADE, 1994, p.499)⁵⁵

As vidas das mulheres presas são paralelas de outras vidas, das feministas que empreenderam uma luta contra a ditadura masculina, elas se desencontram do feminismo, mesmo sendo por ele atingido, afetado, vidas de outras famas. Tais quais as vidas escolhidas e lidas por Michel Foucault, tratam-se de vidas condenadas, separadas, classificadas, pensadas, sobretudo, como o outro do feminino, vidas que no obscurantismo da prisão são negadas e silenciadas. Ouvir as trajetórias dessas mulheres significa pensar como as mesmas analisam o ponto de irrupção que as levaram para a condenação e o silenciamento de suas experiências, ver as contingências do limite entre o que eram e no que se tornaram. Se para Plutarco era necessário ver o que reunia as vidas ilustres, com Foucault aprendi a pensar vidas que num instante de fuga e de resistência se singularizam, se distribuem inversas e de maneira dispersa daquilo que o poder planejou.

Discutir as vidas das presas enquanto práticas sociais singulares, não significa entendê-las como autônomas. A prisão não é o ponto último das trajetórias das presas, é necessário pensar como se constituem as subjetividades das mulheres das margens e como se explicam, antes da prisão e na prisão, pensar inclusive suas formas de assujeitamento.

Sob que condições as presas se definem e são definidas? As presas ao se dizerem não estão falando uma verdade sobre si, elas se constituem no discurso, organizando suas vidas, preenchendo silêncios, explicando racionalmente suas escolhas. As presas não são um sujeito

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin. O diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. ANDRADE, Daniel Pereira. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin, pp. 233-252. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 2, novembro 2007.

a priori, são também efeitos de poder, configurações históricas que se constroem quando se definem à luz da memória e do esquecimento. Essas mulheres são constituídas por um conjunto discursivo, de leis, saberes científicos, religiosos, morais. Essas vidas são pontos de cruzamento de lutas e de batalhas contra uma série de modelos de subjetividade, representam também práticas de assujeitamento e resistência a outras normas e códigos sociais, são vidas que escolheram a vida e sua infâmia, maquiando um rosto, ficcionando um ser para se dizer e da culpa livrar-se.

Essas mulheres agora mais anônimas e desconhecidas do que antes da pesquisa, questão não muito esperada pelo(a) leitor(a), são como o devir, não se encerram nem no crime, nem na prisão, tampouco nesse texto que de alguma maneira as prendem novamente, porque objeto de minha linguagem, de minha operação com suas falas e memórias, mas como todo texto, este pode ser reescrito e reformulado em um gesto que novamente as retiram dessas linhas que também são fugas e dobras. Em *A vontade de poder Nietzsche*⁵⁶ (2008, p. 358) fala sobre o que define como devir: “devir entendido como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade... Devir como um estado de variação”, ou seja, de fluidez constante, não havendo espaço para o fixo, o cristalizado, o estático. Neste texto, essas mulheres são como devir, fluidas porque de maneiras diversas, abandonaram territórios, territórios familiares, amorosos, maternais, ensinamentos que lhes disseram sobre o que é ser mulher, abandonaram os territórios que lhes ensinaram que neles estavam a vida, o amor, a mulher, a maternidade, a moral, a vida. Território enquanto processo de subjetivação, e de tal forma, elas abandonaram-se a outros processos de subjetivação, porque o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.224)⁵⁷. Há lugares cristalizados para as mulheres na sociedade, mas elas se instalam diferentes, no entanto, nesses lugares onde existem muitas práticas das identidades das mulheres, há outras subjetividades que se criam, que se articulam de modo diferente, que se sobrepõem, se cruzam, se desencontram no crime. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação através do qual pode-se perceber a fabricação de um rosto, a prisão constrói uma rostidade para essas mulheres, mas da mesma forma essas desterritorializaram os rostos da docilidade, da passividade, questionam o rosto unificado que deseja lhe petrificar, porque estão em constante processo de recriação nas celas de suas prisões, porque não existe sujeito, universalidade, existem subjetividades, processos de

⁵⁶ NIETZSCHE, Friederich. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.

⁵⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34.

interiorização, que se movimentam, que fazem perder o próprio rosto imposto socialmente, as subjetividades dobram toda identidade, todo moralismo imposto...as presas são esses rostos que se perdem e dobram-se. Este primeiro momento é um debate sobre as mulheres que em outro contexto, em outra sociedade lutaram pela sua emancipação feminina, é uma discussão sobre as mudanças de valores tradicionais, como por exemplo, a família, porque houve transformações principalmente no lugar da família na sociedade, as quais afetaram também as vidas das mulheres infames.

2.2 DESDOBRÁVEL, EU SOU⁵⁸

Virginia Woolf⁵⁹ em 1931 ao escrever “Profissões para mulheres”, tematiza o fantasma que se constituía como um empecilho à sua vida de escritora, de liberdade com o mundo da linguagem, destaca os conflitos de uma mulher entre a escrita e as obrigações domésticas, nesse contexto, referindo-se a esse fantasma que definia o feminino, domesticado, passivo e de uma encantadora delicadeza, escreve: [...] tive que matá-la senão ela teria me matado. Teria arrancado o coração do meu texto. Muitas foram as mortes dos anjos do lar ao longo do século XX no contexto das lutas das mulheres que desejavam se emancipar, dizer não ao padrão de passividade, domesticidade, criado para definir a mulher. Essa imagem é simbólica para pensar as diferentes mortes dos diferentes anjos do lar no período que vai de 1970 a 1980, período no qual se constrói o que as pesquisadoras chamam da segunda onda feminista, período que marca o nascimento de muitas das mulheres presas, objeto desta pesquisa, muitas das mães das mulheres presas, criaram sozinhas seus filhos e filhas. As presas, filhas de uma sociedade onde o feminino construiu uma trajetória de emancipação, de participação no mercado de trabalho, na educação, são relatos avessos dessas mudanças, não entraram no mercado de trabalho, não foram para a escola, escolheram a criminalidade, fugiram e abandonaram o lar, outras não apenas mataram o anjo do lar, mataram também o signo da masculinidade que lhes roubavam a liberdade: os companheiros.

⁵⁸ Título inspirado na poesia Com licença poética de PRADO, Adélia. A. Bagagem. São Paulo: Siciliano. 1993. p. 11. Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos – dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.

⁵⁹ WOOLF, Virginia. Profissões para Mulheres. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

Quem somos nós? Questiona Tânia Swain⁶⁰: Quem sou eu marcada por um feminino, representada por uma mulher cujas práticas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários na própria dinâmica do ser? Somos muitas, diversas, fragmentadas, masculinizadas, femininas, lesbianas, ninfomaníacas, estéreis, santas, anjos, demônios, trabalhadoras, bandidas, eróticas, sedutoras, assexuadas, angustiadas ou felizes, livres, prisioneiras. Hoje muitas entre nós têm a livre possibilidade de nos afirmarmos e escolhermos a arte que melhor nos poetize, essa abertura, essa situação que nos coloca diante de uma existência que pode ser livre, poetizada, dançarina, é resultado de muitas lutas, passeatas de cem mil, de caminhadas de muitas mulheres que desde os anos 60, na França, nos Estados Unidos, na América Latina, no Brasil vêm ao longo do século XX construindo saberes e dizeres que tornaram possível essa liberdade refletida, essa ética de si que inspira o constante questionamento de como chegamos a ser o que somos, de nos perguntarmos: quem somos nós? Esse nós atravessado por múltiplos processos de subjetivação, que abandonou o lar, que precisou matar o anjo do lar e muitos outros fantasmas:

Isto, segundo BRAIDOTTI⁶¹:

[...] porque o lar é frequentemente local do sexismo e racismo – um local que nós precisamos retrabalhar política, construtiva e coletivamente. Ao que eu acrescentaria, com Deleuze e outros, identidades fixas devem ser abandonadas, como o local sedentário, que produz paixões reativas tais como ganância, paranoia, ciúme edipiano e outras formas de constipação simbólica.

Frequentando o ensino nas universidades públicas, assumindo cargos de executivas, engenheiras, motoristas, presidentas, arquitetas e várias outras profissões criadas pelas mulheres, elas são resultado de muito combates no cotidiano de uma sociedade marcada pela ditadura militar, pelos conflitos de uma extrema esquerda comunista e entre questionamentos feministas. Nesse processo muitos corpos foram torturados, violentados, mortos, muitas memórias na atualidade ainda derramam as lágrimas que recordam a luta promovida em nome da liberdade e essa é a contradição das sociedades modernas e contemporâneas, sangrar-se,

⁶⁰ SWAIN, Tânia Navarro. As teorias da carne: corpos sexuados e identidades nômades. **Revista feminista digital Labrys, estudos feministas**, ns.1-2, jul.-dez.2002. <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/> apud RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf>, acesso em 12dez 2012 às 21h:18min.

⁶¹ BRAIDOTTI, Rose. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Revista feminista digital Labrys, estudos feministas**, n.1-2, julho-dez. 2002; Nomadic Subjects. New York: Columbia University Press, 1994 <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf, acesso em 12-12—2012 às 21h:18min.

sangrar, morrer, matar em nome da possibilidade da liberdade, da emancipação de si, do outro, violentar a própria saga do desejo de ser livre.

Nesse contexto, muitos anjos do lar, morreram e mataram, a luta desse movimento feminista instaurado sob a ditadura militar é inicialmente uma luta contra a repressão, contra as injustiças sociais, luta pelo bem-estar social das mulheres, dos homens. As mulheres nesse movimento feminista que se afirma sob a ditadura aliam-se às mulheres das camadas populares, mulheres de bairro, do trabalho doméstico, rural, frequentadoras da Igreja Católica para engrandecer uma luta que se singularizava em um contexto onde o modelo de guerra, de guerrilha para os militantes de esquerda era Che Guevara, eram os homens, contexto em que nem mesmo a extrema esquerda comunista tolerava a emancipação do corpo, da voz, da liberdade das mulheres. E muitas foram para as ruas, armadas, vestidas de sonho e de guerra combater, torturar o olhar masculino que desejava alianças, mas não a irreverência da luta feminina. Cristina Wolff⁶² ao fazer uma análise de gênero sobre as mulheres guerrilheiras que enfrentaram as ditaduras dos países do cone Sul da América, mostra os grandes conflitos que permeavam as lutas das mulheres nesse contexto em que o conceito de gênero é deslocado constantemente pelos militantes das guerrilhas, pelos representantes dos direitos humanos. A principal contradição discutida pela autora é o jogo discursivo que aponta a militância enquanto lugar da virilidade, ao mesmo tempo, apontando para a tortura e violência do poder da ditadura, o discurso da militância se inverte e se vitimiza, fragiliza-se, passa-se a usar os conceitos de maternidade, de fragilidade e docilidade para denunciar o poder.

Como alerta a autora havia arestas entre as mulheres guerrilheiras e as feministas, estas eram vistas como burguesas pelas militantes das guerrilhas, mas esse movimento de mulheres que se armam para combater o poder é signo de uma época em que as mulheres sob um poder repressor combatem de diversas formas, época em que o feminismo também se arma contra o poder do macho, da ditadura. Desde o final dos anos 60 do século XX os feminismos vão para as ruas, na França, combatendo a cultura política, acadêmica, do trabalho, nos Estados Unidos se posicionando contra a guerra do Vietnã, e no Brasil o grande desafio é o combate à ditadura militar, luta que tem seu auge nos anos 70 do século XX.

No Brasil, as mulheres nos anos 70 do século passado estavam nas ruas por diferentes motivos, porque o feminismo não é uma prática, um discurso homogêneo, os interesses eram

⁶² WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero e maternidade nos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH, Natal- RN, 22 a 26 de julho 2013. <[http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364648266_ARQUIVO_Genero ematernidadeanpuh2013.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364648266_ARQUIVO_Genero%20ematernidadeanpuh2013.pdf), acesso 21 jan 2014 às 15h09min.

em torno da liberdade, mas a forma de se materializar essa liberdade, o caminho para se chegar à liberdade tinham direções muitas vezes bastante opostas. Os conflitos, porém, não estavam instituídos apenas no cerne do feminismo, mas também nos embates entre mulheres que defendiam o aborto, o prazer, a liberdade do corpo e mulheres que vinculadas à Igreja Católica apenas mencionavam a liberdade do ponto de vista do mercado de trabalho; no feminismo as mulheres vinculadas à extrema esquerda, marxistas, leninistas, também se conflituavam com as mulheres que inspiradas no movimento feminista da Europa, desejavam libertar mais do que a mulher da classe, enfatizando mudanças nos comportamentos em relação ao corpo, ao gozo, ao prazer, a subjetividade. Os conflitos demarcam também a visibilidade construída para as feministas, de um lado uma imprensa alternativa divulgando as lutas feministas, como por exemplos, ONos mulheres, O Brasil mulher, do outro, uma imprensa que mesmo se afirmando de esquerda, como por exemplo O pasquim, e contra a ditadura militar, reproduzia, nos anos 70 do século XX, a ideia de que as feministas eram mulheres mal resolvidas, feias, quando tece várias críticas à estética de Betty Friedam que veio ao Brasil através da iniciativa de Rose Marie Muraro, uma feminista que estava do lado das que discutiam temas como sexo, prazer e corpos femininos. Betty Friedam em 1971 veio falar de seus ideais feministas, mas foi criticada esteticamente, foi Leila Diniz e seus palavrões que agradou esse modelo de imprensa, as entrevistas de Leila culminaram na censura desse jornal pelo regime militar. A imprensa no contexto das lutas feministas nos anos 70 do século XX se apropria dos discursos da época e inverte o ideal de mulher emancipada. A imprensa da direita divulga uma mulher emancipada, embelezada, com carro, eletrodoméstico e outros bens materiais, associando a emancipação à posse material, o que revela os conflitos das pisadas feministas em pleno regime militar, e ao mesmo tempo, desenvolvimento acelerado da esquizofrenia capitalista.

Desde os anos 60 do século XX, os anjos do lar morreram ou foram mortos, em lugar de amélias, carmens, a boca vermelha, a sedução, o excesso, o desejo e erotismo de Carmem na novela da rede manchete em 1988, acontecimentos que refletem um processo de mudanças na sociedade brasileira, no lugar social da mulher e, claro, do homem, porque quando os anjos do lar morrem, todas as relações sociais se reconfiguram. Os homens também precisaram reinventar-se, criar papéis que dessem conta do vazio que as mulheres deixaram em seus lares. Torna-se comum, na nossa atualidade, práticas de masculinidades que assumem o papel da “mãe” em muitas famílias, homens que criam seus filhos sozinhos, ficam em casa enquanto suas companheiras vão para o trabalho e outros que também abandonam os filhos, as mulheres como se assim desejassem puni-las. É evidente que não se pode negar a

contribuição efetiva das práticas do movimento homossexual que, juntamente com as mulheres, vêm redesenhando novos modelos de amor, de liberdade, de relacionamentos, de famílias. O fato de casais homossexuais legitimarem a possibilidade de criarem filhos sem a presença dos modelos tradicionais de mãe e pai é mais uma implosão do modelo de família nuclear. Antes, porém, da exuberância da Carmem da TV, outra Carmem, Carmem Silva representou a mudança do feminino. Na coluna Arte da mulher na Revista Cláudia que existiu por três décadas (1960-1980), a autora escrevia sobre os ideais feministas da época, e ao mesmo tempo, tecia diferentes críticas sobre o discurso da imprensa capitalista que manipulava o lugar da mulher emancipada.

A mulher passou a ser tema cotidiano de debate; mas é isso, e nada mais que isso, o que se lhe dão: palavras; palavras; palavras. Com a clara intenção de explorar a “moda” do feminismo e transformá-lo em apenas mais um artigo de consumo, absorvê-lo e “industrializá-lo” para melhor chegar a sua neutralização: “é o método mais moderno para acabar com contestações e protestos”. (SILVA, 1994, p. 68)⁶³

Diferentes anjos, diferentes mortes, diferentes lares abandonados. O feminismo nesse contexto explicitado foi um movimento construído por mulheres que tinham uma trajetória com a militância na política, geralmente filiadas ao PCdoB, como é o caso de Hildete Pereira de Melo que desde a juventude participava de movimentos estudantis e sindicais na Paraíba até chegar ao PC do B e outros partidos, quando viaja para o Rio de Janeiro. Foi uma dessas mulheres que matou o anjo do lar, que não deixou esse anjo sedutor e delicado lhe arrancar a luta que corria em seu sangue. Hildete Pereira⁶⁴ foi uma dessas mulheres que foi para as ruas, combater a violência contra a mulher, e lutou no contexto de uma sociedade conservadora, pela descriminalização do aborto. Nesse mesmo contexto, Comba Marques Porto⁶⁵ simboliza a luta feminista enquanto representante Nacional da Campanha da Mulher, criando mudanças legais que permitissem as mulheres ocuparem um novo lugar na sociedade brasileira. Através da sua participação no Conselho Nacional da Mulher, auxilia a reelaborar o código de planejamento familiar que atribuía a responsabilidade do planejamento familiar apenas à mulher, a partir da intervenção feminista, a responsabilidade do planejamento familiar ficou sendo responsabilidade do casal; modificou-se as diferenças entre filhos adotivos e biológicos, ambos deveriam ser tratados no Direito e na lei como iguais; criação da licença

⁶³SILVA, Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁶⁴SOIHET, Raquel. **Mulheres moldando esteticamente suas existências**: Feminismo como alavanca Para uma sociedade Mais justa, Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 29-60, Dez. 2012, Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15006/11200>. Acesso em: 25 dez 2013.

⁶⁵Idem.

maternidade de 120 dias; reconhecimento das trabalhadoras domésticas e rurais, mudanças que através da lei, da militância modificou os lugares das mulheres nessa sociedade.

Segundo Raquel Soihet, Hildete Pinheiro quando fez parte do CMB(Centro da Mulher Brasileira) no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, silencia sua luta em favor da descriminalização do aborto, sobre sexo e violência sexual por que dividia os debates com feministas conservadoras, vinculadas à Igreja Católica e de extrema esquerda, os temas discutidos nesse centro estavam relacionados à saúde, trabalho e educação. Para a autora foi ela, Hildete Pereira a idealizadora de um encontro sobre mulher e trabalho juntamente com os sindicatos dos metalúrgicos do Rio de Janeiro em 1978, ao mesmo tempo idealizadora do Encontro Nacional de Mulheres, acontecimentos marcantes nas lutas feministas em 1979. É do final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, que os movimentos feministas vão sendo reconfigurados a partir de temas e debates que foram motivos de conflitos.

Que as mulheres decidam. Nosso corpo nos pertence. Essa é a imagem-linguagem que melhor define as lutas das mulheres entre os anos 70 e 80 do século XX no Brasil. Essa era a bandeira da luta, da vida dessas mulheres, mesmo que muitas não se dissessem feministas, as guerrilheiras, por exemplo, que se armaram contra a ditadura estavam reinventando outro corpo, saíram do lar, foram para a ruas, usando da força, da violência, combateram.

Na literatura as mulheres e sua literatura também se conectaram a essa rede de mudanças, de transformação e de transição em uma sociedade marcada por repressão e luta pela liberdade. Muitos anjos de lar também foram signos de mudança, de morte na literatura brasileira. Adélia Prado em Com Licença poética do livro a Bagagem (1976) reinventa a trama do poema (Poema de Sete Faces) de Drummond e inscreve-se como a mulher-dobra, mulher reinventada, flexível, exatamente em um contexto onde o debate sobre a mudança do lugar da mulher está sendo discutido: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou”. (PRADO, 1993, p.11)⁶⁶.

A autora é apontada como aquela que equilibra os papéis tradicionais do feminino e as mulheres libertárias, o que revela mais uma vez os conflitos de uma escritora que introjetava os conflitos, as transições de valores de uma época, porque com os movimentos feministas as mulheres não decidiram de modo rápido e objetivo que queriam ser livres, liberdade, emancipação foram práticas apreendidas ao longo dos anos 70 e 80 do século XX, a literatura de algumas mulheres registra essa mudança, essa transição, esse conflito. Adélia Prado constrói seus saberes literários como um entre, entre um deus vingador e a subversão; entre o

⁶⁶PRADO, A. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano. 1993. p. 11.

amor romântico e o amor erótico, entre o amor que cura e o amor que mata, entre a mulher erótica e a mulher submissa.

Muitas paisagens femininas instauram-se nesse contexto, como por exemplo, Cora Coralina, Ana Cristina Cesar, Maria Ângela Alvim, Miriam Fraga, que fazem da literatura uma arte de questionamento ao feminino. Mas existem escritoras que vão recorrer em suas obras ao tema do desejo, do erotismo, da linguagem enquanto subversão da norma, como por exemplo, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Hilda Hilst e tantas outras. Hilda Hilst, essas mulheres estão inserindo em seus textos a linguagem da liberdade e emancipação que as feministas afirmavam nas ruas. Para essas autoras aliberdade e emancipação passam pelo corpo, pelo desejo.

Essas são as imagens de uma sociedade cheia de contrastes, de uma literatura marcada pelas ambiguidades, uma sociedade que ao mesmo tempo em que promovia a censura, promovia o desenvolvimento do capitalismo, divulgando a emancipação da mulher com base na posse das mercadorias, dos eletrodomésticos, produtos de beleza, essa mesma sociedade tornou possível também a liberdade das mulheres em diferentes áreas sociais, neste recorte temporal de 1960 a 1980 que demarca essas mudanças. As mulheres da classe média, intelectualizadas em grande medida, foram as primeiras a idealizarem essas mudanças, mas as mudanças afetaram todas as mulheres, para Margareth Rago⁶⁷ nesse contexto a prostituta se afirma como trabalhadora, reflexo das mudanças em outros grupos de mulheres, as mulheres presas, também foram marcadas por essas mudanças, como discuto nos capítulos a seguir.

Esta pesquisa com mulheres presas discute que essas mulheres que nasceram nessa sociedade de transição, de mudanças, também foram afetadas, já nasceram filhas dos anjos que abandonaram o lar e foram para as ruas, trabalhar, traficar, roubar ou matar, as presas também romperam com as normas que instituem a mulher como anjo do lar, evadiram-se da santa mãe que do lar cuidava dos filhos, do companheiro. As mulheres desta pesquisa, muitas filhas de mãe solteiras, foram impactadas de modo diferente pelos discursos e práticas feministas, suas vidas também foram embaladas pela arte de existir depois das lutas que tantos anjos que abandonaram o lar, travaram com a ditadura, com o comunismo, com o feminismo conservador. Usufruindo dos códigos de suas culturas, as mulheres desta pesquisa, que têm entre 20 e 40 anos, com exceção de uma senhora de 65 anos, e de duas mulheres de 54 e 57 anos respectivamente, também anunciam que seus corpos lhes pertencem, quando foram para

⁶⁷RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf>, acesso em 12 dez. 2012 às 21h:18min.

as ruas e abandonaram a vida doméstica, a passividade e submissão, elas também se constituem como um desses signos de liberdade, de força, de violência.

São muitas as imagens contrastantes que fazem a história das mudanças dos lugares das mulheres entre os anos 60, 70 e 80 no século XX no Brasil: a sensualidade, os palavrões, a sedução da libertária Leila Diniz, que disse sim ao corpo quando o conservadorismo, inclusive de algumas feministas a condenavam à infâmia; a vida libertária de Ângela Diniz que pagou com a própria vida (assassinada pelo companheiro Doca Street), o desejo de amar livremente, de usar bebida, droga, de fazer do corpo uma arte de se libertar; as manifestações das mulheres que se armaram contra a ditadura, das feministas que organizaram eventos, grupos, centros de estudos e desenvolvimentos para as mulheres. Nessa mesma sociedade onde se registram conquistas e sonhos pela liberdade, tem-se a construção de outras prisões, como por exemplo, o aumento do envolvimento de mulheres com o crime e a violência, porque nessa mesma sociedade onde o feminismo dizia emancipe-se mulheres, o corpo é seu, o capitalismo também propagava a emancipação da mulher a partir do consumo, do discurso mercadológico. Esses discursos contemporâneos, múltiplos, marcaram o processo de emancipação das mulheres infames, as quais não tiveram acesso à escola, ao trabalho, ao mundo da cultura das feministas. Mulheres infames que não tiveram acesso também ao mundo das mercadorias que, desde os anos 70 do século XX, vem seduzindo a existência feminina como a indústria da beleza. Falar das lutas feministas, requer sensibilidade para compreender um contexto de muitos ganhos, mas também de muitas perdas, de muito sangue, de muitas lágrimas, de muitos sonhos e desesperanças, porque onde o feminismo atuou e mudou, o capitalismo também ousou entrar. As mulheres que se envolveram com tráfico de drogas, roubos, latrocínios, homicídios, são resultados dessas ambiguidades, desses agenciamentos de mudanças que tornaram possível as mulheres criarem um corpo vestido de outras rosas-choque, liberdades, de outras prisões.

2.3 NAS RUAS, NA ACADEMIA....

No final dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX as lutas feministas se instituem em políticas públicas e nas academias, nessas últimas o debate sobre o silenciamento das mulheres, a relação das lutas feministas com as histórias das mulheres consolidam um debate, uma prática já fortalecida nas ruas.

Em meados dos anos 60 do século XX não apenas as mulheres, como também, um conjunto de mobilizações exigiam transformações sociais, como por exemplo, os movimentos

étnicos, principalmente, as lutas das mulheres negras, movimentos de homossexuais, hippies, os quais começaram a pensar outros estilos de vida, vidas livres do padrão branco, eurocêntrico e cristão, livres da ditadura militar, da ditadura machista e masculinizante, livre da virilidade, do corpo perfeito. Inicia-se nesse contexto também a possibilidade de se reinventar o próprio corpo, perfurá-lo, torná-lo andrógino, erotizá-lo ou fazer dele a ferramenta possível da liberdade desejada. A grande questão do feminismo era discutir o silenciamento ou desaparecimento das mulheres no campo da história. Lutaram também pela construção da história das mulheres escrita e feita pelas mulheres. Arlete Farge, em 1970, mostra esse debate feminista e a busca das figuras femininas, as heroínas esquecidas, silenciadas. No momento em que o feminismo luta contra o silenciamento das mulheres, cresce o campo da história das mulheres, delimitando fontes, constituindo um campo de estudos específicos. Nos anos 80 a própria luta feminista de um lado repensa os conceitos de gênero e de mulher, a história das mulheres, nesse mesmo contexto, começa a pensar as mulheres muito mais como sujeitos do que meras mártires esquecidas. Scott questiona: por que e até quando as mulheres serão invisíveis enquanto sujeitos históricos agora que nós sabemos que elas participaram dos grandes e pequenos acontecimentos da história humana[...] (PERROT, p. 13, 1984)⁶⁸. Para Del Priore: “O feminismo evidenciou ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feitas por historiadores”. (DEL PRIORE, 1994, p.217)⁶⁹.

No Brasil, a ruptura com os códigos da cultura masculinizante, segundo Margareth Rago⁷⁰, ocorre em dois principais momentos. O primeiro momento é marcado pela luta dos movimentos sociais que, em meados dos anos 60 do século XX, questionaram não apenas o regime político da ditadura, mas também, as estruturas masculinizantes daquela sociedade, que limitavam à vida privada o feminino, que decidiam pelo feminino o seu lugar na maternidade, no casamento e no lar. Contemporâneo aos movimentos de combate ao racismo, movimentos hippies e tantos outros, o feminismo, no final dos anos sessenta e início dos anos setenta do século XX, teceram outras linhas de conversação sobre a mulher naquele contexto,

⁶⁸SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila acesso <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> às 10h23min. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

⁶⁹DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio In: FREITAS, M. C. (org.) Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001. E DEL PRIORE, Mary. **A História da mulher no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

⁷⁰RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. **LABRYS, estudos feministas**, n.3/4, 2003. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 30 de junho de 2011 às 15:30h.

inspirados principalmente, nos ideais marxistas, questionaram a opressão da sociedade capitalista sobre as mulheres, principalmente, as mulheres trabalhadoras. A partir dos anos oitenta do mesmo século, os olhares inspirados nas filosofias da diferença chamaram atenção para o fato de a mulher estar sendo pensada de modo genérico, homogeneizante, além disso, outros temas, temas que explicassem o universo íntimo feminino foram criados e pensados. Dessa maneira, a busca pela diferença na trajetória das práticas femininas e feministas foi uma maneira de inovar o conceito de mulher das lutas feministas dos anos oitenta e noventa do século XX, rompendo com uma dada visão que pensava a mulher enquanto classe ou grupo apenas. Após os anos noventa do século supracitado, a busca era pela pluralidade da constituição histórica da mulher, sobretudo, pela linguagem que constitui e cria essas diferenças. O outro do feminino, agora, necessariamente, não se trata apenas do macho e do masculino.

A luta feminista sabe-se, é anterior ao século XX, no século XIX as mulheres lutavam pelo sufrágio universal, mas somente na segunda metade do século XX tem-se a organização das lutas feministas pela libertação das mulheres e a inclusão destas nas diferentes atividades sociais, além da organização e elaboração de um saber acadêmico que fez das mulheres um objeto de pesquisa. Se nos anos 70 as lutas feministas estavam marcadas e influenciadas pelo marxismo, portanto, pela ideia de que as mulheres eram oprimidas, nos anos 80 e a partir deste contexto as mulheres lutaram inspiradas nas chamadas filosofias da diferença que defendem a ideia de que não há um só poder e que o poder é criado. Neste contexto a categoria de gênero problematizava os papéis do masculino e feminino, e no mesmo sentido, a história das mulheres, ampliava as pesquisas com temas desconhecidos, renovando os usos das fontes, expandindo as possibilidades das narrativas da história: “[...] foi preciso ir ao fundo das casas, às cozinhas e oficinas, àqueles lugares onde se movem os lugares menores e furtivos” (BOSI, p. 45, 1995)⁷¹

Se desde os anos 60 as discussões de gênero vêm modificando seus temas e metodologias, a história das mulheres desde os anos 80 também vem ampliando suas temáticas. Sob a influência do marxismo e tematizando as mulheres no Brasil colônia, as mulheres geralmente eram escritas como sendo vítimas, oprimidas, mas as mudanças sociais nos anos 90, o crescimento das fontes criminais, tornaram possível outras narrativas, aquelas que privilegiam as mulheres e suas resistências, burlas, mulheres autoras da violência, do

⁷¹ BOSI, Ecléia. **Outras testemunhas** In: DIAS, M. O. L. (org.) *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Braziliense, 1995.

crime, do assassinato, do roubo, mulheres muito mais da desordem e do caos do que aquelas que viviam sob as regras de sua sociedade(DIAS, 1995, p.78,)⁷². Em diferentes contextos, falou-se e escreveu-se sobre as mulheres, mas obedecendo a uma lógica que colocava as mulheres no lugar da submissão, da sujeição e representação da força da natureza, no século XVIII, alguns pensadores que escreveram sobre as mulheres associaram-na à natureza, natureza enquanto oposição da cultura, do mundo público. O século XIX marcado pelo pensamento positivista demarcou um silêncio histórico sobre as mulheres, interessava a essa corrente de pensamento a história dos grandes homens. Situar a problematização da história, significa pensar os usos das fontes, a metodologia para a realização da história das mulheres, segundo Soihet, somente no início do século XX, com a ampliação do conceito de fontes pelos Annales, tornou-se possível uma história problematizante sobre a história das mulheres. O marxismo também nesse momento deu sua contribuição quando discutiu uma história das mulheres do povo, oprimida, submissa. Complementando essa discussão, a interdisciplinaridade com a antropologia, com a psicanálise, trouxe novas questões para as histórias das mulheres. No século XIX, outras histórias das mulheres e sobre as mulheres foram escritas: Michelet e Honoré de Balzac, escreveram sobre os dramas do ser mulher nesse século, suas obras constituem-se como parte dessa textualidade sobre o feminino que o século XX problematizou. Outras questões então se colocaram: pensar as mulheres como sujeito de suas próprias vidas, ao mesmo tempo, discutiu as resistências das mulheres ao longo da história, suas dobras, suas atitudes anti disciplinares. Na segunda metade do século XX, em oposição à mulher passiva, emerge a mulher rebelde.

Qual a grande mudança instituída nos anos 70 do século XX? Segundo Soihet (1997)⁷³ instaura-se uma diversidade de temas, predomina a exaltação à história das grandes mulheres, mas também, histórias de mulheres pobres, infames, rebeldes, revoltosas. As obras de Michelle Perrot, Natalie Zaimon Davies, para a autora, instituem-se como um marco nesse momento, tratam de temas que enfatizam as mulheres trabalhadoras, mulheres avessas ao papel submisso e dócil que sempre foi atribuído às mulheres. Diferentes mulheres entram em cena, mulheres trabalhadoras e idealizadoras de violentos motins, de rebeliões na perspectiva de Michelle Perrot; mulheres pobres, negras, visionárias constituem novas páginas sobre as

⁷² DIAS, M. O. L. (org.). **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Braziliense, 1995.

⁷³ Idem.

mulheres. Maria Izilda Mattos, Raquel Soihet (1997)⁷⁴, Luiz Mott, Mary Del Priore, Margareth Rago, Maria Odila, Eni de Mesquita Samara, Leila Mesan Algranti, Lana Lage Heleith Saffioti são autoras e autor que instituem outros problemas para a história das mulheres, na segunda metade do século XX, compartilhando das lutas e embates do feminismo, que desde os anos 70, vinha reivindicando outras histórias sobre as mulheres, outros temas.

O feminismo no Brasil rompeu as muralhas de uma cultura machista e masculinizante, tornou possível um universo de liberdades e conquistas onde as mulheres podem governar suas vidas, com base em suas escolhas. A maior luta das mulheres, sem dúvida, foi contra a própria ditadura militar, luta na qual se reelaborou outros aprendizados sobre o feminino.

Mas dentro dos arranjos das narrativas do feminismo, dentro dessa máquina escriturária que elege conquistas, é preciso pensar as brechas. Em entrevista recente sobre os feminismos contemporâneos, Heloísa Buarque de Holanda elege as principais críticas retóricas ao feminismo: “As mulheres voltam ao lar por perceber as perdas que o feminismo trouxe”, “As mulheres não sabem o que fazer com a liberdade que conquistaram”, e responde:

O novo milênio teria que oferecer às mulheres caminhos menos ideológicos e mais realistas do que aqueles que as mulheres se impuseram no século passado. Seria ingênuo atribuir esses comentários apenas ao enraizamento de um patriarcalismo residual e reincidente. O mais sensato é re-examinar o próprio processo que fez do feminismo a grande revolução do século passado e confrontá-lo com os contra-discursos emergentes que hoje se veem refletidos e não raro ampliados pela mídia⁷⁵.

O feminismo transformou as vidas das mulheres, mas de modo singular essas mudanças são vivenciadas. As mulheres negras, indígenas, ciganas constituem ainda uma maioria de grupos de mulheres excluídas da educação, do trabalho, aponta Suely Carneiro; as camponesas ainda lutam por terra, como afirma Vanderleia Daron; no mercado de trabalho a discriminação com as mulheres, a desigualdade salarial para Marie Porrier são questões reveladoras da manutenção de dadas práticas machistas e masculinizantes. No campo das políticas públicas ainda se questiona por que a cada ano aumenta o índice de adolescentes grávidas. Houve conquistas no campo das políticas públicas? A lei Maria da Penha é um signo dessas conquistas, a qual vem defendendo as mulheres contra o seu agressor na vida

⁷⁴SOIHET, Rachel; CARDOSO; FLAMARION; Ciro ; VAINFAS; Ronaldo (Org). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p.56.

⁷⁵HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Artes plásticas, feminismos contemporâneos** – introdução Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/tag/artes-plasticas/page/2/>> Acesso em: 24ago 2013.

doméstica, as denúncias contra a autoria da violência masculina aumentaram, resultando em punições recorrentes aos agressores. O crescimento da participação das mulheres na criminalidade, objeto desta pesquisa, é um acontecimento para se pensar, também, nas brechas das mudanças feministas, compreender que a retórica da conquista, da mudança hegemônica precisa ser problematizada, desfamiliarizada. As mulheres que matam, roubam, traficam são acontecimentos. As mulheres sempre cometeram crimes, mas não na proporção que vem assumindo em nossos dias. Segundo dados do Departamento Nacional Penitenciário o aumento do envolvimento das mulheres com crimes diversos data de 2011 quando apontam que 7% da população carcerária é feminina⁷⁶. Diante do contexto de mudanças sociais proporcionadas pelo feminismo, é preciso compreender o lado paradoxal dessa luta: as vidas das mulheres infames, que foram para as ruas, mas para cometer crimes, que abandonaram os filhos para traficar, que já nasceram órfãs muitas vezes de mãe ou/e de pai. Se o feminismo rompeu os laços das famílias tradicionais e patriarcais, as presas contam outras histórias de famílias, desfamiliarizam discursos e práticas.

2.4 (DES) FAMILIARIZANDO...

O primeiro território de abandono: a família. A ida das mulheres para as ruas, não foi apenas para estudar e trabalhar, mas também para roubar, traficar, matar. Como se discutirá em seguida. Para Segalen⁷⁷, as mudanças no âmbito das famílias influenciam as mudanças sociais, ao mesmo tempo, a autora defende a ideia de que são as mudanças sociais que influenciam novas possibilidades de organização familiar. As mudanças no interior das famílias vêm sendo construídas – segundo Ariés⁷⁸ desde o século XVI –, as quais paulatinamente foram sendo pensadas desde o contexto enunciado como uma relação baseada em laços afetivos íntimos, reservada à intimidade do lar e separada dos serviços, parentes e amigos. Para Ariés, vem sendo construído, desde o século XVI, “o sentimento familiar”, vinculado ao espaço privado. O afeto passa a ser o principal laço de união dos sujeitos. Para Ariés e Sennett com a constante separação entre a vida pública e privada, a família burguesa construirá representações no plano público para a afirmação da instituição família, através de

⁷⁶ Ver Mulheres presas – Dados gerais – Projeto mulheres DEPEN.
file:///C:/Users/User/Downloads/DadosGeraiMulheres%20(3).p

df

⁷⁷ SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terrama, 1999.

⁷⁸ ARIÉS, Philip. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

eventos, fotografias. O século XVIII, afirma Sennett⁷⁹ constrói o individualismo, mas essa prática não anula a importância da família e dos laços coletivos que possibilitam as famílias tradicionais no mundo privado, na verdade o indivíduo que não se representasse como parte de uma dada família seria bastante mal visto e renegado.

A partir do século XVIII tem-se uma significativa mudança na constituição das famílias com a redução paulatina dos seus membros e emancipação dos mesmos, sendo a individualização responsável por essa mudança, acontecimento que será questionado por outros autores, porque se acredita que as famílias extensas foram contemporâneas de famílias nucleares entre os séculos XVIII e XIX na Europa. No Brasil segundo Da Matta⁸⁰ a família foi durante muito tempo signo de prestígio social, no Brasil colonial, a família era um valor indispensável, relação que será bastante defendida pelos escritos de Gilberto Freyre quando escreve na primeira metade do século XX sobre a família patriarcal, na qual o pai era o poder central das relações familiares, o filho mais velho era o herdeiro principal e cabia à mãe o cuidado dos filhos e do lar e aos demais filhos, eram reservados os estudos de medicina e advocacia. Os parentes, amigos, escravos eram secundários na constituição dessa família patriarcal.

Entre os fins do século XIX e início do XX instauram-se mudanças importantes para pensar o processo de mudança no interior das famílias brasileiras. O fim da escravidão, relação que sustentava as famílias patriarcais, a passagem para a República, a vinda de imigrantes, o processo de urbanização das cidades e verticalização das relações entre homens e mulheres são mudanças importantes para pensar que desde esse contexto as famílias brasileiras vêm mudando. A entrada das mulheres no mercado, o desenvolvimento de atividades remuneradas, além do controle da natalidade modificaram realidades no interior das famílias na primeira metade do século XX.

A participação da mulher na distribuição da renda familiar foi um marco para modificar os papéis sociais entre homens e mulheres, mas na segunda metade do século XX, essas mudanças ficaram ainda mais visíveis com os embates feministas questionando a cultura machista e masculinizante. As mulheres, a partir dos anos 60 do século XX, modificaram o conceito de família nuclear, juntamente com as reivindicações dos movimentos homossexuais e étnicos que lutavam por novos modelos de relacionamentos, de sexualidade, de corpo. Não é

⁷⁹ SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁸⁰ DA MATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. et al. (Orgs.) **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987

à toa que nesse contexto aumentaram os números de divórcios e o enfraquecimento da religião enquanto parte legitimadora das relações matrimônias. A segunda metade do século XX institui a independência feminina e novos modelos de relacionamento, casamentos sucessivos sem legitimidade religiosa, casais homossexuais com filhos adotados, mães ou pais morando separados de seus filhos, mulheres criando seus filhos sozinhas e de modo independente, mulheres no trabalho e homens em casa cuidando de seus filhos. Têm-se as famílias plurais, múltiplas.

As famílias vêm sofrendo mudanças desde o início do século XX, a família pobre, porém, vivencia essas mudanças de diferentes maneiras, afetada por questões materiais e financeiras, a mudança não se dá apenas no âmbito da formação de seus membros, geralmente as famílias de pessoas mais humildes, são marcadas por grandes ausências, maternas ou paternas, os(as) filhos(as) criados(as) ou com a mãe solteira, avós ou com pais sozinhos, vivem dilemas diferenciados. Essas famílias geralmente marginalizadas da vida econômica e social estão marcadas por doenças, pelo desemprego, pelo envolvimento com as drogas, com o álcool ou se tornam moradoras de rua, essas são as famílias onde nasceram muitas mulheres que estão presas hoje, por isso a relação com a independência e liberdade feministas têm singularidades

As mulheres entrevistadas para esta pesquisa são parte de famílias que obedecem a diferentes modelos, menos o da família onde o homem é o pai, protetor e produtor de rendas. Elas já nasceram em um modelo de família onde o pai era uma grande ausência e a mãe a dona do lar, aquela que foi para a rua trabalhar, praticar pequenos ilícitos e/ou traficar, em alguns casos, para manter o sustento da casa. As mulheres desta pesquisa são todas mães, mulheres que tiveram relacionamentos consecutivos e informais e com eles filhos de diferentes pais. Outras são mães solteiras, ou ainda, mulheres que criam sozinhas seus filhos como que ganham dos roubos, tráfico e furtos. Há mulheres que também abandonaram seus companheiros e filhos para vivenciar o crime, mulheres que deixaram a família e no crime construíram outras novas famílias. As mulheres aqui pesquisadas são os signos das transformações por que vêm passando as famílias pobres, sendo tais mudanças resultados de um processo histórico de deslocamentos de papéis sociais entre os homens e as mulheres. O papel da mãe enquanto mulher do lar e reprodutora mudou, por isso tanta mudança no campo da família. A mãe sacrificada e dedicada é substituída pela mãe que sai de casa para as ruas, e muitas mães das periferias, vão para o tráfico, o roubo, para as práticas dos crimes diversos.

Para Badinter⁸¹, a maternidade deixa de ser a primeira e única preocupação da mulher. Muitas mulheres desta pesquisa escolheram as ruas em vez dos filhos, do amor romântico, em lugar dos filhos, a liberdade, e muitos dos seus filhos também foram para as ruas, para o crime.

Shirley Soares, tinha uma vida financeira estável, filha de pais separados, foi criada com a avó. Só conheceu a mãe aos 12 anos: Minha infância até os 12 anos foi um sonho, depois de 12 anos, conheci o verdadeiro mundo do crime, da traição, da falsidade mas também da ilusão, do inferno, a primeira porta dele é a gandaia, a segunda parte é a cadeia⁸². Foi presa juntamente com um rapaz com 4kg de craque, a polícia os aguardavam na rodoviária. Ela tem 31 anos, ensino fundamental completo, mãe de 3 filhos. A sua mãe era viciada em drogas, a referência que tem da mãe é essa: minha mãe era viciada em droga, era banda voou, era da gandaia, usava droga, se envolveu com outro cara e deixou meu pai. Sobre o pai, diz: ele não gosta de mim, gosta da minha irmã, de mim não, é muito triste você se sentir abandonada, só tenho minha avó mesmo⁸³.

Em São Paulo havia decidido vir para Campina Grande por que apanhava muito do companheiro. Na prisão, em Campina Grande, se envolveu com dois companheiros, pediu transferência para a Penitenciária de Patos, argumentando que lá estava seu grande amor, mais um outro/novo amor! A ausência da mãe, ao mesmo tempo, a relação da mãe com o crime, a indiferença do pai, constituem para ela uma memória e explicação para seu envolvimento com o crime. É no vazio da relação familiar que busca a explicação de si.

Durante a conversa com Shirley Soares era o nome da mãe que várias vezes aparecia, era o ressentimento de ter sido abandonada pela mãe e pai, é dessa memória que ela se apropria para se justificar, é nesse momento de sua história que se fixa sua redescoberta, apontando o desmoronamento de sua família, apontando-se como causa desse demoronamento.

A mãe de Shirley Soares certamente construiu um aprendizado diferente sobre a mulher, é o signo da fuga da maternidade, do matrimônio, do lar, do amor incondicional,. Sua luta pela liberdade vai de encontro à luta pela liberdade da filha, demarcando assim um campo de conflitos possível dentro de um contexto onde o debate feminista certamente fixou mudanças, mudanças de papéis que atingem e afetam diferentes lugares femininos, de gênero. Não estou escrevendo sobre mulheres que de uma vez por outra decidiu roubar, traficar, matar, essas são histórias de mulheres que inseridas em um contexto social, constituem-se em vidas marcadas

⁸¹ BADINTER, E. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

⁸² Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14h08min no dia 18jun 2011.

⁸³ Idem.

por mudanças que mobilizaram o papel das mulheres e todo aprendizado que a sociedade construiu sobre elas. Shirley, porém, cobra da mãe, um papel de mulher que também não consegui seguir quando abandona os filhos e se envolve com diferentes homens em nome da liberdade marcada pelo tráfico de drogas.

Kelma Lins, 30 anos, doméstica, moradora do bairro de José Pinheiro, na cidade de Campina Grande, reincidente por quatro vezes no mesmo artigo, acusada de furto (artigo 155)⁸⁴. Envolveu-se com o crime desde 2003. Sua primeira prisão ocorreu por causa de um roubo com uma colega em uma farmácia, subtraindo daquele local 11 tintas Koleston e 3 tintas Wellaton. Suas outras prisões ocorreram em 2004 (duas vezes), 2008 e em 2010. Mãe de 4 filhos do companheiro com quem vive atualmente e de quem recebia visitas na prisão, envolveu-se com o crime aos 17 anos e tem um irmão preso por roubo também. Para ela, a explicação para seu envolvimento com o crime está relacionada com a separação dos pais:

Minha vida antes da prisão quando minha mãe morava com meu pai tudo era bem, não to culpando minha mãe devido a se separar do meu pai, se apaixonou por outro homem, deixou a gente e foi viver com outro homem, devido ter nos abandonado, ele também se envolveu com o crime, meu pai. Foi ganhando dinheiro fácil e num teve mais como a gente se manter por que ele foi preso, ai pra gente se manter entrei nessa, comecei a roubar. Tenho oito irmãos, sete vivos, uma é casada, tem dois presos, uma cata reciclagem, outro cata lixo⁸⁵.

Além da separação dos pais, Kelma Lins justifica o envolvimento com o crime devido a certas amizades. No último roubo estava com uma amiga e segundo afirma a amiga foi a real autora do roubo, a polícia levou todas que, após o roubo, foram para um bar, em uma cidade vizinha. O esposo de Kelma cata lixo, segundo afirma, quando sair da prisão vai catar lixo também, sair do crime: minha vida fora daqui vai ter que mudar de todo jeito, vou me virar, catar lixo igual meu marido faz, comprar um negócio pra vender churrasco porque essa vida num dá mais não, essa vida só dá cadeia⁸⁶. As presas, conforme qualquer sujeito que assume o lugar de quem narra, organiza em texto a própria vida. Para Bachelard⁸⁷ quando queremos narrar o nosso passado [...], a nossa história pessoal é aquela que conscientemente queremos dar-lhe duração, uma continuidade através da razão, não através da duração [...]. Ao se narrarem as presas se reconstroem, não existem fora dessa relação de serem ditas e se

⁸⁴ Governo do Estado da Paraíba- Secretaria da cidadania e justiça o coordenadoria do sistema penitenciário – COSIPE. Prontuário 200/03.

⁸⁵ Entrevista realizada no dia 30- ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Ver essa discussão em TEDESCO, João Carl

os. **Tempo, espaço e experiência da memória** pp. 91-105 in_ Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

dizerem, quando (re)significam-se, selecionando acontecimentos, reinterpretem o passado e o crime que neles se localizam, inaugurando-se.

Baudelaire⁸⁸ em “As Flores do mal” fala da beleza que constitui o passado e o presente, para ele o prazer que obtemos com a representação de presente deve-se não apenas à beleza do que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade de presente. As presas revestem também seu passado de beleza, o abraço da mãe, o beijo do pai, o afeto do irmão. Na busca de si interpretam o passado que um dia tiveram com a beleza da memória que resiste ao trágico, ao ressentimento e à culpa. Quando lembram da relação familiar o belo eterno e invariável na recordação manifesta-se com uma lágrima, um sorriso, um movimento de esperança, como ocorreu durante a entrevista com Kelma Lins, que sorria apenas quando lembrava da infância.

Kelma recorre ao signo da maternidade, esquece o crime, lembra-se dos filhos, porque essa é outra maneira de afirmar a existência na prisão, de sobreviver nela e à ela. Na sua memória ficou marcada a separação dos pais, ponto de partida para se compreender, acontecimento importante inclusive para se pensar e de argumentar mais uma vez essa busca da independência feminina e de como essa busca afeta as relações sociais, familiares. A mãe de Kelma é um signo dessa mudança e dessa intervenção no lugar da filha, a sua mãe foge do matrimônio, abandona as filhas. Kelma tem essa referência para constituir-se como sujeito de sua história, foge do modelo de mulher da mãe, reproduz o papel da mulher materna, no entanto, para sustentar o papel tradicional da mulher-mãe e dona de casa, necessita de estruturas educacionais e profissionais, sem tê-las, encontra no roubo uma maneira de não seguir a liberdade da mãe, de prender-se a um papel de mulher que não encontrou na relação com sua mãe. Contraditoriamente, Kelma é a fuga da liberdade que sua mãe instituiu em seu lar, tenta no seu lar reproduzir a mulher que cuida dos filhos e do marido, mas vai para as ruas, quer ser a mãe que doa amor aos filhos e os presenteia, para isso, vai para a rua roubar. Culpa-se por que está longe dos filhos e com os filhos culpa-se por não presenteá-los, essas são algumas das contradições das subjetividades dessas mulheres presas, as quais já foram criadas em um mundo onde a mulher já havia quebrado padrões de maternidade e passividade, ao mesmo tempo, essas mulheres ainda subjetivaram valores que são parte dessa sociedade que liberta a mulher ao mesmo tempo em que as pune, com desemprego, com prisões, com leis, com o abandono e falta de trabalho e educação. As presas são também signos de uma

⁸⁸ BAUDELAIRE, Charles. **As flores das flores do mal**. Tradução e notas de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

sociedade contraditória que se permite ser criada pelas mulheres, livres, independentes e presas por outros grilhões, como exemplos, aos valores tradicionais e machistas que as cobram o retorno para o lar, para a maternidade.

Aline Freire, mãe de quatro filhos, 32 anos, ensino fundamental incompleto, reincidente por cinco vezes. Aline Freire foi presa por furto (artigo 155) e roubo (artigo 157), trabalhou em casa de família na infância e em mercadinhos, mas quando ficou desempregada aos 14 anos, através de amizades, conta, se envolveu com o furto e o roubo. A mãe era viciada em craque e em bebidas alcoólicas, separada do pai, sua irmã viciada em craque, vendia tudo em casa para alimentar o vício, seu irmão está preso no Presídio masculino por roubo, o mesmo que na infância tentou estuprá-la. O marido de Aline Freire hoje é albergado e através do convênio que a Universidade Estadual da Paraíba tem com os presídios do Serrotão, trabalha de serviços gerais na Universidade.

Aline Freire encontrava-se grávida na prisão, já apanhou de colegas presas, já foi para o isolamento várias vezes e tem conflitos diários com algumas presas e com a direção anterior. Seu sonho? A liberdade, a oportunidade para trabalhar. No início de 2012 encontrei Aline Freire passeando no centro da cidade com um bebê nos braços, uma sacola de plástico na mão esquerda, caminhava, seguia, ajeitando com uma mão os cabelos que o vento desalinhava, sorria para a vida, seguia. O modelo de família de Aline Freire certamente influenciou a escolha dela pelo crime, a mãe e os irmãos se tornaram para ela na infância referências do crime, do roubo, da droga, mas ela busca outros caminhos, o trabalho, a fuga desse modelo de família, mas o vício em grande medida, as amizades que eram viciadas em drogas a conduziram ao roubo e ao furto porque desempregada não tinha mais como sustentar o próprio vício, argumenta. Pelo fato de ter abandonado os estudos a entrada no mercado de trabalho ficou mais difícil.

Conforme outras presas, Aline Freire, tinha dentro de sua própria casa, a referência do crime. A sua adolescência e juventude, bem como do seu irmão, foram dedicadas ao crime, foi presa várias vezes pelo mesmo motivo: roubo e furto. A miséria econômica, por si só, não explica seu envolvimento com o crime. O vício sim, acontecimento que perpassa a vida de muitas presas. Dessa maneira, as drogas são parte do novo contexto social em que vivem essas mulheres marginalizadas. Roubando e traficando para o sustento do vício, que termina por instaurar o caos nas relações, havendo rupturas de valores, de códigos sociais e éticos, inversão de lugares. Se desde os anos noventa do século passado tem aumentado o número de mulheres adentrando o mercado de trabalho, por outro, aumenta o índice de mulheres fora desse mercado, dessa vida de mulheres bem-sucedidas, estudadas, surgindo a mulher drogada,

marginalizada, ladra, também resultado desse processo de exclusão em que apenas uma minoria tem acesso aos estudos, trabalho, casa, saúde e outros bens. Aline Freire como as muitas presas entrevistadas são o signo do desemprego, da miséria material, mas também cultural, são partes isoladas de um contexto de conquistas femininas/feministas de um lado, marginalização de mulheres outras, mulheres marcadas pela pobreza, analfabetismo e miséria social.

Essas mulheres embora sejam filhas de famílias que desobedecem a um modelo de família socialmente instituído, são filhas de famílias que dentro de seu cotidiano instituem ou tentam seguir as normas tradicionais da sociedade. A escolha pelo crime é exatamente a escolha de quem não consegue alcançar um dado modelo e padrão de família, de status financeiro, mas ao mesmo tempo, quando se envolvem com o crime o fazem para se enquadrar nos modelos sociais instituídos, essa é a grande contradição que preside a vida dessas mulheres marginalizadas, não se incluem em um dado padrão de economia, não possuem educação ou trabalho, mas se envolvem com o crime exatamente para alcançar tais padrões, através do roubo, do furto, dos crimes os mais diversos, introjetam, pois, de modo diferenciado a ética da família, do trabalho, do feminino que circulam na sociedade burguesa e capitalista em que vivem, o fetiche da mercadoria e do consumo estão presentes em suas vidas.

As presas têm trajetórias de vidas parecidas, geralmente têm uma vida familiar que segue outros padrões e normas, desde cedo começam a trabalhar, a ausência de emprego as conduzem, em muitos casos, ao crime, o fato de não terem sido conduzidas aos estudos logo cedo, influenciam nas escolhas de práticas ilegais e ilícitas. Essas mulheres subjetivam a disciplina do trabalho, ao mesmo tempo, são alijadas dessa disciplina por não terem estrutura para se especializarem em cursos e estudos, suas vidas não se explicam facilmente por um roubo, um furto, suas vidas resultam de processos históricos em que a entrada da mulher no mercado de trabalho de um lado, a exclusão de outras mulheres desse mercado, além da luta pela independência feminina, luta que em grande medida modifica o papel da família tradicional, são pontos explicativos para essa situação de mulheres excluídas socialmente, envolvidas com o crime. Elas constroem as narrativas de si, das famílias, constroem memórias, esquecimentos. Essas memórias que referenciam um diálogo entre o passado e o presente, também referenciam maneiras de subjetivar sociabilidades, códigos, éticas. As memórias das mulheres presas são também narrativas marcadas pelos signos do sensível, do

emotivo, do afetivo. A lembrança do crime e da vida vem em forma de memória involuntária, do choque, da violência e como explica Deleuze⁸⁹ inspirado em Proust, trata-se de uma memória individual que provoca as sensações mais fortes, que traz a fissura, a sensação de ruptura, diferente da memória voluntária que reconstrói o tempo, o espaço, de modo a organizar o passado, como ocorreu com muitas presas entrevistadas.

As presas narram-se. E conforme qualquer sujeito que assume o lugar de quem narra, organiza em texto a própria vida. Conforme sugere Gadamer só através do esquecimento o espírito conserva a possibilidade da renovação total, a capacidade de ver tudo de novo com olhos novos, de maneira a fundar uma articulada unidade com o que é familiar, com o que novamente lhe parece⁹⁰. Os paradoxos dessas memórias estão nos gestos que lembram para esquecer, gestos que se fazem para silenciar e que ao se sentirem livres, criam a própria prisão nas falas narradas. Os relatos em aberto segundo Le Goff funcionam como um gesto renovador, um refazer, um inventar:

Recordação não significa que o que havia sido estava retornando e sim: o que havia sido, mostrava ao retornar, o seu lugar. Quando eu recordava, eu descobria que foi assim que se passou, exatamente assim. É só com isso, então, que a experiência passa a tornar-se consciente, definível, verbalizável, traduzível em palavras. Por isso, a recordação para mim, não é um mero relembrar, mas estar com as mãos na obra e a obra da recordação atribui à vivência o lugar que lhe compete[...] a narração sempre poderá passar para o relato aberto, para a vida maior, a invenção⁹¹.

Nesse diálogo entre lembrar e esquecer, as presas performatizam suas vidas em memórias, como se o esquecer procurasse compensar o lembrar, como se suas memórias compensassem a própria vida. O esquecer é indispensável para as presas, seus esquecimentos também as definem. Não se pode falar de memória, mas dos vários lugares das memórias que vão se acoplando e formando encruzilhadas, retas, transversais, formando mundos à parte e que se comunicam no ato que recorda. A memória movimenta esses mundos que se intercalam por segundos, descontínuos e lacunares, memórias que se constroem também com esquecimentos. Os processos, as grades são lembranças tortuosas, o esquecimento por isso muitas vezes as salvam, sabem que se pode sorrir ou morrer de uma recordação (MOUSTAKI apud TEDESCO, 2004, p.181)⁹².

⁸⁹ Ver DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

⁹⁰ Ver TEDESCO, José Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUSC, 2004.

⁹¹ TEDESCO, José Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUSC, 2004.

⁹² Idem.

As memórias, alerta Proust⁹³, são sempre plurais; se a memória voluntária repete o hábito, preenchendo vazios, a memória involuntária descontínua, rompe, desordena o próprio passado, insurge contra qualquer desejo de racionalização do que foi e se perdeu na poeira ínfima do tempo. As presas mobilizam, com sua voz, suas vidas, flexibilizam o que o processo crime petrificou, como diz Larrosa⁹⁴, a memória da escrita é cadavérica, sem alma, tem uma solidez marmórea, pétreo, as falas que são mais móveis, têm vida e alma no hábito e no hálito de suas vozes, as quais, na presente tese, voltam a ser memórias petrificadas, e essa é a contradição de toda fala, de todo discurso e de qualquer oralidade, tornar-se cristal na escrita.

Cátia Souza (33 anos), Sânsia Souza (50 anos) e Mariana Mota (26 anos), três mulheres, três histórias que as unem em laços de família. Sânsia, 50 anos, paulista, ensino médio completo, acusada de tráfico de drogas, mãe de dois filhos, casada pela segunda vez, foi com o segundo marido que se envolveu com o tráfico, seus dois filhos também estão presos: o filho está preso no estado da Bahia. Cátia Souza, 33 anos, filha de Sânsia, vive com ela na mesma cela e com a filha de seis meses. Cátia, também paulista, ensino médio completo, autônoma, união estável, seu companheiro também está preso na Bahia. Mariana é casada com o irmão de Cátia, ensino médio completo, paulista, auxiliar de costureira. Essas mulheres eram lideradas pelo segundo esposo de Sandra, um senhor que na prisão forjou seu alvará de soltura e que por esse motivo foi transferido para o presídio de João Pessoa na Paraíba. Essa família é considerada perigosa para o sistema penitenciário pelo fato de haver a oportunidade de serem resgatados por traficantes de outro Estado. Todos foram presos em uma só madrugada pela Polícia Federal.

Sânsia não quis ser entrevistada. Cátia, sua filha, narra-se ausentando-se do crime, do tráfico, das drogas, ressalta a avó e não a mãe como referência de sua educação e aprendizado. A filha, que com ela estava na cadeia, foi entregue a essa avó para criar, ela combate o signo da maternidade que aprendeu com sua mãe no tráfico, não acusa a mãe diretamente, mas reclama do seu envolvimento com o tráfico, como se estivesse reclamando da mãe, desloca o afeto materno para a avó, segundo fala, é uma mulher “digna e honesta”:

[...]eu me arrependo de estar aqui, não sou culpada, mas é chato viver aqui né, tinha carro, viajava, liberdade e olha onde estou agora. Foi uma operação que foram presas 22 pessoas em 4 estados (Minas, Bahia, Paraíba e Pernambuco), foi tudo ao mesmo tempo, tudo por escuta, teve umas pessoas por flagrantes, outras não, eu, minha mãe e meu padrasto fomos acusados de sermos chefes de organização do

⁹³DELEUZE, Gilles. Op. Cit.

⁹⁴LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**: Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

tráfico, mas não tem nada comprovado, só uma pessoa ou outra que leva um tapa e fala o que quer e não deve [...] ⁹⁵.

Faz um relato sobre a boa educação recebida, da vida tranquila quetinha com a avó. Durante toda a entrevista, posiciona-se de modo diferente das outras presas, fala baixo, responde educadamente e sempre pausadamente, reclamando do ruído lá fora, dos barulhos das presas, das roupas delas, demonstrando claramente o conflito entre sua condição de classe, a formação que lhe foi possível lograr, a condição social e o comportamento das outras mulheres presas, as quais usavam roupas mais curtas, falavam mais alto. Seu discurso constrói o seu lugar de superioridade em relação às outras presas. Somente um ano depois soube em conversas informais com as advogadas da Penitenciária que Cátia, Mariana e Sânsia eram as líderes do presídio feminino. Após a saída delas da Penitenciária, as presas estavam em conflito, sem líderes e tentando instituir outras presas para liderança. Os três incêndios ocorridos no ano de 2012, no presídio feminino do Serrotão, são reveladores desses conflitos em torno da liderança no cárcere.

Diferentemente de Cátia, Mariana narra-se assumindo parte da culpa, admite sua participação no crime, lamentando-se. Mãe de dois filhos, da mesma forma que Cátia e Sânsia, lamenta principalmente a separação do companheiro. Descendente de italianos, diz que recebeu dos pais uma boa educação, embora seus pais tivessem se separado quando ainda era criança. Sobre seu envolvimento com o tráfico. Diz:

O motivo é tráfico, eu passei o numero do telefone para o padrasto dela, de Cátia, aí não sabia, sou casada com o irmão de Cátia, foi 33 e 35, eu não era envolvida, mas quando você participa e passa o número, se faço depósito estou ajudando, eu sabia do meu marido, dava conselhos pra ele. Quando casei ele não fazia isso, com pouco tempo aqui foi preso, conheci ele lá em São Paulo, somos dois jogados diferentes, deles que têm advogados ⁹⁶.

Mariana estudava na prisão, participava de todos os cursos e se tornou uma representante das reivindicações das presas junto à direção do presídio. Seu sonho? Trabalhar e sustentar os filhos. Seu discurso enfatiza também a sua situação marginal no grupo do qual fazia parte, não apenas a sua situação, como também a do seu companheiro. Se a prisão como já vínhamos falando é a margem da sociedade, o crime também constrói suas margens, Mariana e seu companheiro são um dessas margens no crime e na família do tráfico.

⁹⁵ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 30 maio 2011.

⁹⁶ Idem.

Essa é uma família que sob a liderança da mãe e esta, liderada por um homem envolvido com o tráfico, transforma os filhos em traficantes, prisioneiros dos novos valores adquiridos com o crime. Essas mulheres lideravam o tráfico entre Paraíba, Pernambuco e Bahia, mas também, as relações cotidianas na prisão. Mulheres jovens e bonitas que encontram no tráfico riqueza e os bens materiais tão divulgados e exigidos no capitalismo. Trata-se de mais uma família capturada pela lógica do capitalismo, pelo consumismo. O envolvimento com o tráfico torna-se uma escolha para quem deseja facilmente ter dados bens, dada quantidade de dinheiro. A mãe, a chefe do tráfico não quis ser entrevistada, ela é na verdade o centro controlador. Seus dois filhos entraram no tráfico por sua influência, e como se não bastasse, sua nora também. Essas mulheres investidas por novas subjetividades também constroem outras maneiras de ser mulher através do tráfico. Na prisão eram seguidas por outras mulheres, eram as que possuíam melhores roupas, melhores lanches, cabelos mais bem tratados e sobre elas o sistema investia maior vigilância pela possibilidade de serem resgatadas por outros traficantes, essa postura era motivo de admiração pelas demais presas, aquelas que roubaram dois reais, um brinquedo, um quilo de feijão, essas últimas queriam ser iguais às damas do tráfico, dessa família que acumulou riqueza vendendo drogas entre três grandes estados, vendendo vícios e comportando-se como damas, damas da nobreza do tráfico. A independência e liberdade que o feminismo apregoou para as mulheres podem ter na periferia do social ou da ordem outros sentidos. Essas mulheres desfamiliarizam os laços tradicionais de mãe, de pai, de filhos, são filhas de outro processo de desfamiliarização, os embates feministas ao longo do século XX mobilizam outras possibilidades de familiarizar-se com o amor, com o sexo, com a maternidade, mas essas mudanças são vivenciadas de modo diferente pelas mulheres que se envolvem com o crime...

3 ESPAÇOS CRIADOS, ESPAÇOS ROUBADOS

Fome, sede, gritos, dança, dança, dança (Rimbaud)⁹⁷

3.1 NO TERCEIRO ESPAÇO⁹⁸, AS MARGENS

O cartógrafo afirma Sueli Rolnik⁹⁹ é um antropófago, vive de expropriar, se apropriar, devorar. Inspirada nesse conceito pretendo, nesse momento, fazer uma cartografia dos principais crimes na cidade de Campina Grande, compreender como as mulheres envolvidas com o crime vivem o roubo e o furto nas ruas, na cidade onde atuam. Assim como as mulheres do tráfico, as mulheres que furtam, roubam e assaltam atuam não apenas na cidade de Campina Grande, como também nas cidades circunvizinhas. A própria localização geográfica de Campina Grande, cidade polo de uma vasta região, favorece o trânsito dessas mulheres para além da cidade. Nela, elas circulam pelas zonas fronteiriças e sombrias onde a perambulação pelas ruas tornam possível suas táticas de roubo e assaltos. É nas ruas periféricas e centrais da cidade onde as presas que roubam e furtam atuam com bastante frequência, algumas delas escolhem inclusive as ruas como moradia.

As mulheres transformaram-se, transformaram espaços, essa discussão é fundamental para pensar também o que pode ser pensado como mudança e permanência nas práticas das mulheres que estão presas em Campina Grande, mas é sobre as mudanças que falam as “moradias instantâneas” das mulheres presas nas ruas, nas calçadas, nos asfaltos da cidade. Que mudanças históricas tornaram possível essas habitações instantâneas, moradias improvisadas, lares fugidios?

As mulheres presas desta pesquisa não estão separadas da cidade e lugares onde atuam/atuaram, elas vivenciaram as ruas da cidade campinense de dada forma, e esta é a primeira discussão sobre as mudanças que as mulheres presas subjetivaram, instituíram dentro de um contexto de mudanças instauradas pelas revoluções feministas. As mulheres presas desta pesquisa não foram as primeiras a escolherem as ruas para morar improvisadamente ou

⁹⁷RIMBAUD, Arthur. Uma estadia no inferno. São Paulo: Martin claret, 2002.

⁹⁸RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em p. Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur>. Acesso em: 12ago 2013.

⁹⁹ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

nelas atuar com roubos e tráfico, suas iniciativas estão inseridas no contexto de mudanças históricas que reorganizaram a cidade de Campina Grande de dada forma, que pensaram os pobres e as periferias de um lado, a elite e a parte central da cidade do outro lado. Desde a primeira metade do século XX quando as práticas políticas e elitistas pensaram os espaços diferenciados para pobres e elites, essas espacialidades foram burladas, provocadas e resignificadas pelos pobres e por todos que não faziam parte das elites. As idas das presas para o centro da cidade na nossa contemporaneidade resultam de conflitos, combates do passado ainda instaurados na atualidade. As presas cresceram aprendendo sobre as separações espaciais, aprenderam também que embora sendo margens, no centro da cidade suas práticas de roubos e tráfico são lucrativas e possíveis. Desde o início do século XX os discursos higienistas e modernizadores vêm organizando a espacialidade campinense, como forma de segregar sujeitos e grupos em nome da ordem e das normas. Discursos literários, políticos, higienistas desde o início do século XX investem na cartografia da cidade de Campina Grande, delimitando espaços de lazer, de diversão, de trabalho, ao mesmo tempo segregando espaços entre os sujeitos e grupos. O processo de urbanização na cidade de Campina Grande ocorre paralelamente ao processo de regramento dos costumes e práticas tidas vagabundas, desordeiras e periféricas.

Para pensar esse processo de organização da cidade e disciplinarização dos costumes e práticas, como forma de compreender as práticas das mulheres presas nas ruas centrais da cidade enquanto efeito das mudanças na subjetividade das mulheres desde os anos 60 e 70 do século XX, é necessário pensar a cidade muito mais como um conjunto de práticas diversas, de sujeitos múltiplos que resignificam os espaços organizados, pensar os relatos que organizam o cotidiano, as pisadas que burlam e alteram essa dinâmica do cotidiano. É possível pensar esse processo de organização da cidade desde 1935, período no qual Campina Grande foi investida por discursos higienistas para enquadrá-la no discurso da modernidade. Para o historiador Fábio Gutemberg¹⁰⁰ de 1920 a 1945 a cidade passa por transformações a partir das iniciativas políticas do Prefeito Verniaud Wanderley e dos letrados que pensavam a modernização da cidade. O historiador Antônio Clarindo de Souza¹⁰¹ situa as mudanças na

¹⁰⁰ SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos de. **Cristino Pimentel: cidade e civilização em crônicas** em A Paraíba no Império e na República: estudos da história social e cultural – João Pessoa: ideia, 2003.

¹⁰¹ SOUSA, Antônio Clarindo de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos – Sociedade, cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Recife, 2002. E SOUZA, Antônio Clarindo de. A luta dos populares de Campina Grande por uma vida menos infame (1970-1980) in: ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Acesso: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891798_ARQUIVO_TextoparaaANPUH2011ST98COORD2.pdf> . Acesso: em: 22 abr 2012.

cidade a partir de 1945 até meados dos anos 70 do século XX, quando os discursos elitistas vão pensar no controle da diversão e do lazer da cidade.

As mulheres presas desta pesquisa e que hoje estão na prisão têm uma relação com a cidade, com a lógica urbana de Campina Grande, elas atuam em dadas áreas da cidade, em dados espaços, os quais foram construídos historicamente, fixando lugares, apropriações, mas esses lugares também foram sendo reinventados pelos sujeitos ordinários. Campina Grande desde o início do século XX se constituiu como o município mais importante do interior do Estado da Paraíba. A construção da estrada de ferro que ligou a cidade ao Sertão, cariri, Curimataú, João Pessoa, Recife e outros estados, possibilitou ainda mais o desenvolvimento da cidade. A economia do algodão fez de Campina, já na primeira metade do século XX, a maior exportadora do mundo desse gênero. É também no início do século XX que Campina Grande inicia o processo de organização urbana¹⁰². As mansões e favelas nos anos 30 do século XX começam a ser separadas, o centro passa a ser reduto das elites, do comércio, as periferias colocadas nas margens sociais. Data também da década de 30 as destruições dos casarões antigos para serem substituídos por casas modernas. Nesse mesmo contexto o prefeito Verniaud Wanderley constrói o principal mercado da cidade e seu primeiro matadouro, além de construir as duas principais ruas da cidade (Maciel Pinheiro e Floriano Peixoto). Atualmente essas ruas principais da cidade constituem espaços onde as presas atuam com bastante frequência para práticas de roubos e furtos. Além dessas mudanças, o prefeito destruiu outras casas no centro para construção de praças centrais, locais onde as presas atuam também na atualidade. Os anos 50 do século XX marcam as mudanças urbanas ainda mais profundas na cidade de Campina Grande, processo que institui ao mesmo tempo as diferenças espaciais, as separações entre as elites e os pobres e a tentativa de retirar do centro da cidade tudo o que representava o contrário do que a elite letrada e política da época denominava “civilização”, “progresso”. É nesse contexto que se tem também a queda da economia algodoeira e o desenvolvimento de uma economia mais voltada para as indústrias, a antiga elite algodoeira passa a ser substituída paulatinamente pela elite industrial.

A partir da década de 60 do mesmo século, outras mudanças históricas vão acontecer: as manifestações culturais redefinirão os espaços da cidade, além disso, com a construção em 1963 do Teatro Severino Cabral, as elites da cidade instalarão os espaços culturais mais importantes da cidade, eles foram geralmente organizados por mulheres. Esses movimentos

¹⁰² Ver GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. João Pessoa: A União editora, Prefeitura Municipal de Campina Grande/Secretaria da Educação, 2000.

culturais criaram festivais de teatro, cinema, música, promoveram concursos de literatura, poesia, música, e criaram companhias de teatro e fundações culturais. Lourdes Ramalho, conhecida internacionalmente como a dama do teatro nordestino, foi uma das mulheres que na vida e no texto rompe com o modelo da mulher passiva, submissa. Filiada a um movimento feminista na cidade, o MIMDE (Movimento para integração da mulher e desenvolvimento), criou, em seus textos, mulheres questionadoras da cultura masculinizante, os homens em suas peças sempre aparecem mortos castrados, doentes. Eneida Agra é outra mulher da elite que irá organizar a cena cultural da cidade, que sai da vida privada para a vida pública, imprimindo outra subjetividade feminina no social, Elisabeth Marinheiro funda a FACMA (Fundação Artística e Cultural Manuel Bandeira) que promovia a cultura na cidade, divulgando e realizando diferentes eventos culturais, como festivais de poesia, de teatro, organização de grupos teatrais, festivais de música. Essas e outras mulheres estão situadas em um contexto de mudanças sociais no Brasil, elas idealizam outras identidades das mulheres utilizando o espaço da arte e da cultura, propagam o ativismo feminista e fazem da arte, da literatura, do teatro, um campo de luta e de combate à cultura masculina, machista.

Entre os anos 60 e 70, o Açude Velho, no Centro da cidade, foi reformado para a criação de espaços de diversão e lazer, hoje, vizinho a esse mesmo local está o Parque da Criança, situado no Bairro do Catolé, em uma extensa área de lazer frequentada pela elite da cidade e por sujeitos considerados “marginais”, muitas das presas pesquisadas, inclusive, atuaram nessa área para roubos e furtos. Essa área é apontada nas pesquisas atuais como sendo uma das mais violentas da cidade. No período supracitado, tem-se muitas criações culturais, por exemplo, o primeiro jornal impresso (Diário da Borborema) data dos fins dos anos 50 e início dos anos 60, além da criação da TV Borborema nos anos 60. Nos anos 70 a cidade terá outro jornal impresso, o Jornal da Paraíba, além da construção das duas maiores universidades, a URNE, hoje Universidade Estadual da Paraíba e UFCG hoje, Universidade Federal de Campina Grande. Esses acontecimentos são importantes para perceber as mudanças históricas na cidade. Evidente que esse processo histórico de mudanças também implicava segregações, separatismos e um processo urbano que vai jogando as populações pobres para os recantos da cidade, isolando-as. Mas desde esse período, os pobres, ladrões, vagabundos, mulheres que roubam e furtam, escolhem exatamente os centros, os espaços da elite para realizarem seus delitos.

Quando as mulheres que hoje se encontram presas saem de suas casas e vão para as ruas, estão continuando um processo de dobras iniciado desde o momento que se pensou o centro da cidade apenas para as elites, quando se construiu parques, shoppings e centros de

diversões para as elites. As presas na atualidade, dobram esses espaços, reinventam-nos de modo a dividir com os mais ricos, as texturas espaciais, com outros desejos e objetivos. Obedecendo ao Plano Nacional de Desenvolvimento Urbano, Campina Grande em 1970 consolida o processo de substituição das favelas por ruas centrais ou ruas que conduzem ao centro da cidade. Desde 1980 até 2000, Campina Grande amplia os espaços urbanos com construções de diversas áreas de lazer, como exemplos, centros esportivos, shoppings, terminais rodoviários e outros espaços. É nesse período que se tem também a construção do complexo Penitenciário do Serrotão, onde se situa o Presídio Feminino de Campina Grande

Essas trajetórias de mudanças especificamente a partir dos anos 60 do século XX em Campina Grande torna possível perceber de um lado as elites locais mobilizando a cultura da cidade, escrevendo teatro, nos jornais, ditando as normas do lazer, da arte, da cultura e da cidade; do outro lado, temos o que a produção historiográfica de Antônio Clarindo¹⁰³ (2011) chama de “populares”, burlando a lógica urbana da cidade, saindo de suas periferias, indo penetrar o centro da cidade para praticar suas festividades, mas também seus delitos e violências diversas. O autor discute as espacialidades (re)significadas pelos sujeitos pobres, trabalhadores, prostitutas, mendigos, embora as elites tentassem ordenar esses espaços, eles eram reconstruídos pelas vidas ordinárias.

A pesquisa de Antônio Clarindo situada entre os anos 40 e 60 do século XX, mas alargando uma significativa produção de artigos sobre os anos 70 em Campina Grande, mapeia o lugar ordinário de quem representava a antidisciplina nas ruas, nas calçadas, no centro da cidade. O autor discute os conflitos entre o que chama de populares e elites a partir dos jornais da cidade dos anos 60 e 70 do século XX (Diário da Borborema), ao mesmo tempo discute as práticas de sujeitos excluídos no cotidiano das ruas centrais da cidade, como exemplos, os vagabundos, as prostitutas, as mulheres dos roubos e furtos. É a partir das práticas e dos sujeitos marginalizados que Clarindo de Souza discute o processo de mudanças urbanas, elencando sujeitos anônimos, mas iluminados pelo poder quando autores de práticas que se contrapõem à ordem e disciplinas instituídas. Em seu texto, discute as dobras de duas mulheres que roubam:

As duas moças que pareciam sérias aparentemente prendadas, dispostas a trabalhar em casas de família do pequeno, mas abastardo centro urbano, logo se instalaram. A

¹⁰³ Antônio Clarindo de. A luta dos populares de Campina Grande por uma vida menos infame (1970-1980) in: ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891798_ARQUIVO_TextoparaaANPUH2011ST98COORD2.pdf> Acesso em: em 22 abr 2012 às 13:00h.

primeira passou a trabalhar como empregada doméstica na rua Tavares Cavalcante, centro no. 227. Todavia, diante da facilidade em que seu patrão guardava ou deixava seus pertences à mostra, decide resolver furtá-lo; e naquela empreitada teria contado com a segunda (SOUZA,2011, p. 8).¹⁰⁴

O autor se dedica à pesquisa nos jornais que envolvem prostitutas, larápios, traídos, loucos, vadios, insanos que perambulam pela cidade para pensar as outras histórias do processo de modernização de 1960 a 1980 em Campina Grande. É a história das resistências que conta a narrativa desse historiador, histórias de corpos que combatem a homogeneidade da ordem, textos que inscrevem sensibilidades outras, escritoras de trajetórias outras nos espaços da cidade campinense, trajetórias singulares em seus desejos e sonhos.

Corpos fugidios, resistências múltiplas, essas são as histórias escolhidas por Antônio Clarindo Barbosa quando analisa as práticas dos sujeitos que questionam a ordem da elite política e letrada da cidade. O autor retira das páginas dos jornais, as histórias, as vidas infames que lutaram contra o poder naquele contexto dos anos 70 em Campina Grande. A meretriz cearense Maria José, Creusa Araújo que roubava e provocava desordens, a maconheira Maxixe, nomes rotulados e explicados de uma só maneira: “mulheres trabalhosas”, conforme explica o autor.

Keila Queiroz¹⁰⁵ em sua dissertação de mestrado discute as diferentes possibilidades de desejos entre homens e mulheres no contexto do anos 50, 60 e 70 em Campina Grande. Com base nos processos-crimes não discute a disciplina sobre os corpos masculinos e femininos, mas as fugas, as buscas pelos relacionamentos que fugiam aos modelos moralistas da justiça e da sociedade naquele momento. Para ela, homens e mulheres desejanter e normativos constroem para nós, nos seus encontros e desencontros amorosos, um amálgama de normas e desejos, estimulados pela sua vontade de manutenção da ordem e da verdade. A autora nesse contexto analisa nos processos crimes as mulheres e homens que burlam a norma do amor, do corpo, do sexo, do desejo em uma sociedade marcada por valores patriarcais. Entre os anos 50 e 70 do século XX, a cidade se modernizava, acontecimento que trazia novidades nos campos das relações sociais, pessoais e amorosas. Parafrazeando Cassandra Veras, Keila Queiroz, afirma:

¹⁰⁴ Antônio Clarindo de. A luta dos populares de Campina Grande por uma vida menos infame (1970-1980) in: ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Acesso: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891798_ARQUIVO_TextoparaaANPUH2011ST98COORD2.pdf> em 22abr 2012 às 13:00h.

¹⁰⁵ SILVA, Keila Queiroz e. Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários. Tese (Doutorado em Sociologia da cultura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008b.

[...] entre 1935/45 realizaram-se em Campina Grande reformas arquitetônicas que objetivavam assegurar a consolidação de uma nova ordem, ou seja, a solidificação da classe dos grandes comerciantes, compatível com o capitalismo em face de expansão no país de um modo geral. Flashes de uma imagem de cidade progressista vinham substituir flashes de uma imagem de cidade provinciana¹⁰⁶.

Mulheres divorciadas, mulheres casando desvirginadas, mulheres induzidas a ter amantes pelo próprio marido, essas são as cartografias dos desejos criadas no texto da pesquisadora Keila Queiroz nos anos 50 do século XX. A autora vai percebendo diferentes processos de subjetivação que perpassam a constituição do feminino. Nos anos 60 com a revolução feminista, a autora também mostra o impacto desses discursos nas mulheres militantes na Paraíba, nas noivas que viviam a contradição entre o casamento e a luta das mulheres, lutar pelo feminismo, para a autora, levou muitas mulheres a enfrentarem a cultura masculinizante, a renunciarem papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Em meados dos anos 70 do século XX ela discute o aumento dos divórcios, as denúncias de alguns homens contra as mulheres que desejam o divórcio e de mulheres contra os esposos por desejarem a liberdade e independência. A pesquisa da autora vem mostrando que mudanças importantes vêm ocorrendo, desde a segunda metade do século XX, no Brasil, nas maneiras de ser mulher e homem. Em Campina Grande, mudanças relacionadas a um processo de mudanças urbanas, estão aliadas a mudanças de relacionamentos, principalmente na década de 70 do século XX quando o feminismo se torna um discurso mais influente entre as mulheres no Brasil.

A cidade de Campina Grande hoje desenvolve atividades mais complexas na indústria, no comércio, inclusive no crime, o aumento da violência é uma das questões bastante discutidas nos jornais e mídia de forma geral, violência que faz parte de um contexto nacional. A cidade multiplicou seus espaços de consumo, de lazer, os sujeitos da periferia multiplicaram suas táticas para roubar, traficar.

É bastante comum assistirmos diariamente nos jornais as notícias sobre o envolvimento das mulheres com crimes os mais diversos. Em uma dessas reportagens de uma revista conhecida nacionalmente, lê-se: Um espanto: em cinco anos, aumentou mais de 400% o número de crimes cometidos por mulheres¹⁰⁷. A reportagem bastante extensa noticia ainda, que os principais crimes são roubos, furtos e tráfico de drogas. A reportagem diz também que os crimes contra o patrimônio, aumentaram 402% entre 2005 e 2011. Neste contexto há,

¹⁰⁶ Idem, ibidem, p. 48.

¹⁰⁷ SETTI, Ricardo. **Um Espanto: Em Cinco Anos, Aumentou Mais De 400% O Número De Crimes Cometidos Por Mulheres**. VEJA, 15/04/2012 às 18:00 \ **Política & Cia**. Acesso em 25/06/2012 às 18:12h <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/um-espanto-em-cinco-anos-aumentou-mais-de-400-o-numero-de-crimes-praticados-por-mulheres/>>

segundo informações da reportagem, um aumento significativo de mulheres condenadas por roubo, sequestro e outros. Nos últimos anos é bastante recorrente na mídia televisiva e impressa noticiários sobre “ganguê das mulheres”, “ganguê das loiras”, gangue da vovó, o que em grande medida torna possível a compreensão de uma mudança no papel da mulher marginal, ela deixa de ser apenas a cúmplice, a que acompanha o crime e se torna a autora. A reportagem ainda alerta para o fato de que se os especialistas apontam o amor bandido como a maior causa do envolvimento de mulheres com o crime, informação que torna possível ver que a própria ideia de libertação das mulheres atravessa o mundo do crime, ou nas margens.

O envolvimento das mulheres com o mundo do crime fala sobre mudanças sociais, culturais e de identidades. As mulheres que passaram de cúmplices para autoras de crimes e violências as mais diversas, práticas que eram tidas, em um dado contexto, como pertencentes aos homens, valentes, constituem um acontecimento importante para analisarmos as novas categorias de mulher, homem, violência, identidade que são parte de nossa contemporaneidade.

As mulheres desta pesquisa nasceram em uma sociedade em que os lugares da cidade campinense foram criados a partir da oposição entre ricos e pobres, as favelas nas margens, as ruas centrais da cidade movidas pelo comércio. As mulheres que hoje estão presas, conforme as mulheres pobres, os larápios, os trabalhadores na primeira metade do século XX, escolheram as ruas centrais da cidade para suas atitudes “trabalhosas”, seus delitos, suas arrumações com os roubos, tráfico e crimes diversos. Diferentes das mulheres que roubavam nos anos 70, as mulheres desta pesquisa não usam mais o trabalho doméstico para realizar seus furtos e roubos, mudaram por que mudou também a lógica de empregar domésticas, faz-se uso da burocracia, da pesquisa, as mulheres desconhecidas dessa maneira hoje têm maiores dificuldades para esse tipo de trabalho. As mulheres envolvidas com roubos e furtos escolhem na atualidade as ruas centrais, as lojas comerciais, armazéns, padarias, shoppings e outros estabelecimentos comerciais, as ruas se alargaram, o comércio e suas lojas expandiram-se, as indústrias multiplicaram-se, na cidade atualmente as áreas de lazeres e de diversão incluindo clubes esportivos, casas de shows, parques são incontáveis, mas se torna frequente ainda a atuação das presas que roubam e furtam nas ruas centrais da cidade, ocupando as calçadas e as entradas das lojas, mesmo havendo um maior número de policiais nas ruas, mesmo havendo uma constante vigilância nas ruas da cidade e câmeras nos comércios que anunciam: “sorria você está sendo filmado”. As presas na década de 70 do século passado tinham outras táticas para realização de seus roubos e furtos, escolhiam os esconderijos das casas de família, inventavam faxinas, trabalhos domésticos e roubavam seus patrões, nos anos 90 com a

mudança no comércio, na própria estrutura da cidade campinense, as mulheres inventaram a tática de roubar espaços e asfaltos.

As mudanças ocorridas ao longo do século XX, criam outras práticas femininas, práticas que defensoras de uma liberdade e libertação desse feminino, produz ao mesmo tempo, a exclusão de outras mulheres, mulheres que por algum motivo não se especializam em alguma profissão ou são alijadas da formação educacional, ainda, pode-se falar de mulheres que não conseguindo ou não podendo estabelecer relações familiares aceitas socialmente, produzem outros modelos de família, de mulher, de liberdade, de desejo, de sexo, rompem padrões, ao mesmo tempo em que tentam segui-los. As presas acusadas de roubo e furto, por exemplo, principalmente as que furtam roupas e acessórios femininos são signos dessa busca de um padrão estético de mulher que a sociedade instituiu: elas roubam calças, tintas de cabelo porque inclusive introjetam os modelos de cabelo, de moda instituídos socialmente, sem trabalho, sem dinheiro, em sua maioria, encontram no roubo a maneira mais fácil de seguir essa estética socialmente desejada e capturada. Durante as entrevistas a maioria das presas responde facilmente que o roubo está envolvido com a carência econômica, justificam sua trajetória no crime a partir das ausências materiais, discurso comum entre as presas, discurso em grande medida aprendido na prisão para se produzirem vítimas dos seus próprios crimes, para elas a pobreza e miséria jogaram-nas na vida marginal. Essas mulheres, porém, estão dentro da história, são partes de um processo que não se inicia no ano 2000, são resultados de mudanças sociais ao longo do século XX, ao mesmo tempo, práticas singulares, mesmo que os crimes as unam, porque vivenciam o crime e apreensão do papel feminino de modo diferenciado.

Campina Grande desde os anos 90 do século XX vivencia grandes mudanças urbanas, um significativo expansionismo comercial, industrial, além de ter uma economia movimentada no setor de serviços de educação e saúde, ao mesmo tempo, Campina Grande é a cidade vizinha de cidades que hoje são tidas como os polos do tráfico, como por exemplo, Patos, Queimadas, fazendo ainda fronteira com cidades pernambucanas como Sertânia, onde o tráfico de drogas é uma prática comum e bastante desenvolvida. As presas demarcam lugares, desmontam mundos e valores, afetam espacialidades, inscrevem nos tecidos das ruas da cidade, as linguagens do tráfico, do roubo, da morte, devoram mundos e por mundos marginais são devoradas, mas esses mundos extrapolam os limites da geografia campinense. As mulheres do tráfico e do roubo, por exemplo, atuam também nas cidades vizinhas de Campina Grande, elas trazem a droga de outros estados e movimentam no interior de Campina Grande e nas cidades circunvizinhas. Essas mulheres deslocam as geografias,

montam “bocas de fumo”, coordenam práticas de furtos, elaboram ruas de violências, reproduzem as geografias marginais que já existiam, reinventam outras marginalidades.

Nos finais do século XIX e início do século XX era possível definir crimes por regiões, explicar os crimes a partir das geografias espaciais, conforme discute Boris Fausto (2010)¹⁰⁸. Para este autor no Brasil do século XIX, especificamente na zona rural, por exemplo, predominavam roubos de animais, homicídios para “lavagem da honra”, rapto de mulheres virgens, enquanto nas cidades os crimes estavam ligados aos costumes urbanos, como assalto às lojas comerciais. Dificilmente, porém, conseguiríamos definir tão claramente os crimes na nossa atualidade por regiões. O tráfico de drogas, por exemplo, ao contrário do que pensa o senso comum está bastante avançado no interior do Estado da Paraíba, especialmente nas cidades de Sumé, Juazeirinho e Monteiro, municípios de onde vêm muitas presas para a Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande¹⁰⁹.

As geografias são múltiplas, como são múltiplos os espaços onde as mesmas atuam, geralmente fora dos seus bairros e cidades, principalmente quando se tratam de roubos, assaltos e tráfico de drogas. Campina Grande é uma das cidades onde mais se desenvolve o tráfico de drogas pela vizinhança com o Estado de Pernambuco e municípios paraibanos onde o tráfico de droga está implantado¹¹⁰. Em Campina Grande¹¹¹ os sujeitos dos crimes atuam no crime e na violência de diferentes maneiras, o que tornou possível que esta cidade, de acordo com os registros do mapa da violência urbana dos municípios tivesse um acréscimo no

¹⁰⁸FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano – a criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

¹⁰⁹ Entre as presas entrevistadas para esta pesquisa predominam as que moram em cidades circunvizinhas: 3 presas de Sumé; 3 presas do interior de Pernambuco; 4 presas de São Paulo; 2 presas de Juazeirinho; 1 presa de Esperança; 2 presas de Soledade; 1 presa de Puxinanã; 1 presa de Solânea; 1 presa de Monteiro; 1 presa de Areia. As demais presas vêm dos bairros periféricos de Campina Grande e nessa cidade constituem seus territórios do crime, senão, neles atuam: 1 presa de Nova Brasília; 2 presas de Bairro das Cidades; 2 presas do Jardim Paulistano; 1 presa de Santa Rosa; 1 presa do Jeremias; 5 presas do José Pinheiro (um dos bairros considerados entre os mais violentos da cidade); 1 presa das Três Irmãs; 1 presa de Bodocongó; 1 presa do Catolé; 1 presa das Malvinas; 1 presa do Centenário.

¹¹⁰ Para a pesquisa supracitada, em 2011, os bairros onde foi considerado elevado o índice de roubos e homicídios foram: Bodocongó; Catolé; Mutirão; Quarenta; São José; Centro; Alto Branco; Monte Santo e Liberdade. Em 2011, a pesquisa com base nos dados da polícia civil de Campina Grande aponta 137 homicídios: 13 homicídios em Bodocongó, 12 homicídios no Centro, 12 homicídios no Catolé, 10 homicídios no Mutirão, 11 homicídios em José Pinheiro, 08 homicídios no Pedregal, 08 homicídios na Catingueira, 08 homicídios no Dinamérica, 06 homicídios no Monte Santo, 06 homicídios no Jeremias, 05 homicídios no Bela Vista, 05 homicídios nas Malvinas, 04 homicídios na Ramadinha II, 04 homicídios em Galante, 04 homicídios no Tambor, 03 homicídios no Ligeiro, 03 homicídios em Santa Rosa, 03 homicídios na Liberdade, 03 homicídios no Cinza, 03 homicídios na Ramadinha I, 03 homicídios no Bairro da Glória.

¹¹¹ Em pesquisas recentes relacionadas ao ano de 2012, o bairro do Catolé está sendo apontado como o bairro onde ocorre maior índice de violência em Campina Grande. Considerado um bairro nobre, onde moram as pessoas de classe média alta, a violência nos últimos três anos nesse bairro é explicada por dois fatores: pouca movimentação de pessoas nas ruas e devido ao fato de, no ano de 2010, o albergue dos apenados do Presídio masculino do Serrotão ter sido transferido para o referido bairro. Muitos albergados foram mortos ou sofreram tentativas de homicídio, esse fato “novo” mudou o cotidiano dos moradores do bairro, diante da reação da população, ainda no ano passado o albergue retornou para o presídio do Monte Santo.

ranking dos municípios mais violentos ao sair do 340º lugar (WASELFIS, 2008)¹¹² para o 226º. (WASELFISZ, 2010)¹¹³.

Campina Grande é uma das cidades que tem o crescimento urbano, desde a segunda metade do século XX, acompanhado do alto índice de violência, como ocorre em diferentes cidades do país¹¹⁴. Em contraponto ao desenvolvimento da economia campinense, tem-se um agravante, a crescente desigualdade social e exclusão, as quais aparecem em parte na mendicância das ruas e nos crimes cotidianos que preenchem as geografias da cidade. Para Adorno¹¹⁵ desde 1970:

Vem-se exacerbando no Brasil o sentimento de medo e insegurança. As estatísticas oficiais de criminalidade indicam a partir dessa década, a aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Crescem mais rápidos os crimes que envolvem a prática da violência como os homicídios, os roubos, os sequestros, os estupros. Esse crescimento veio acompanhado de mudanças substantivas nos padrões de criminalidade individual e o perfil das pessoas envolvidas (ADORNO, 2002, p. 06)

Essas mudanças na sociedade brasileira e nos padrões de delinquência e violência, incluem o envolvimento das mulheres com os diferentes crimes, uma dessas mudanças é o crescimento do tráfico de drogas nas cidades do interior dos Estados, como ocorre na Paraíba, especificamente em Campina Grande. Sobre a chegada do consumo de craque em Campina Grande, segundo o militar Daniel Nery¹¹⁶, os policiais em 2004 se assustaram quando se depararam com a pedra do craque pela primeira vez em Campina Grande, droga ainda desconhecida nesta cidade, já para o comandante do 2º. Batalhão de

¹¹² Ver WASELFIS, Júlio Jacob. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

¹¹³ Ver WASELFIS, Júlio Jacob. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010. Segundo mapeamento da pesquisa (SANTOS E SOUZA JÚNIOR, 2011), realizada em Campina Grande, percebeu-se uma incidência maior de casos relacionados a assaltos, realizados tanto por grupos de assaltantes, quanto por duplas ou indivíduos. O perfil das vítimas em sua maioria são mulheres, taxistas e empresários. Os crimes contra o patrimônio também são bastante recorrentes na cidade, os que têm maior incidência são: assaltos a postos de gasolina, assaltos a clientes de bancos no entorno das instituições, as chamadas “saidinhas de bancos”, assaltos a casas residenciais e lotéricas. Outro fato importante nesse índice de violências é o assalto com uso de armas de fogo, vitimizando muitas pessoas nessas ocorrências violentas.

¹¹⁴ Segundo estatísticas de homicídio da Polícia Civil de Campina Grande, no ano de 2010, no mês de Junho, período de realização das festas juninas na cidade, totalizaram-se 126 homicídios. Em junho de 2011 ocorreram 112 homicídios, totalizando um percentual 11,11% dos homicídios cometidos entre 2010 e 2011. Campina Grande possui hoje uma população de 385.276 habitantes (IBGE) e tem uma localização privilegiada entre cidades como Boa Vista, Fagundes, Lagoa Seca, Massaranduba, Puxinanã, Queimadas e Serra Redonda. O crescimento industrial aumentou consideravelmente o fluxo de migrantes provenientes das cidades circunvizinhas e entre Campina Grande e outras cidades de outros estados. Campina Grande possui hoje 50 bairros. O crescimento industrial da cidade é acompanhado pelo avanço de investimentos empresariais em diferentes ramos (comércio, turismo, informática, educação) e investimentos na construção de faculdades e universidades públicas. Hoje, a cidade possui duas Universidades Públicas (1 Estadual e 1 Federal), com seus campi estendidos em diferentes cidades do Estado e 5 Faculdades particulares (CESREI, Maurício de Nassau, UNESC, FACISA, UVA).

¹¹⁵ ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. Jornal de Psicologia-PSI, n. Abril/Junh, 2002.

¹¹⁶ Entrevista concedida no dia 20 mar 2012 às 14: 09min na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB em Campina Grande.

Polícia Militar da Paraíba (BPM) Tenente Coronel Souza Neto¹¹⁷ data dos anos 90 a circulação do craque na Paraíba, mas tem-se o avanço do tráfico de drogas em meados do ano 2000. Para ele, nesse período, também aumenta o envolvimento das mulheres com o tráfico de drogas e crimes relacionados com violência (roubos, latrocínios, homicídios), crimes muitas vezes relacionados a um dado grupo de mulheres, geralmente pobres, analfabetas, mas a contemporaneidade registra outros acontecimentos no universo do tráfico: mulheres da classe média dividindo o tráfico com as pobres, mulheres universitárias ou que têm vínculo empregatício, dividindo o tráfico e droga com as que nunca estudaram e trabalharam. Segundo Adorno (2002)¹¹⁸ a discussão que relaciona violência e a pobreza está bastante questionada, mas para o autor não há como negar o processo histórico de concentração de riqueza de um lado, e do outro a construção de periferias, a marginalização de dados sujeitos da sociedade que não conseguem, não querem ou não podem se enquadrar nos novos padrões de vida e de trabalho. Ainda para o autor é justamente nas periferias onde se tem o maior número de homicídios.

Em Campina Grande há uma singularidade, os maiores índices de violência não estão exatamente nas periferias, os produtores dos crimes saem delas, mas vão para os bairros ditos nobres praticar seus atos, como ocorre em Bodocongó, Catolé, Centro, fato que torna possível identificar outra mudança na criminalidade campinense: a migração do crime, os autores e autoras da violência e do crime saem de seus bairros e praticam seus atos nos bairros nobres da cidade. As mulheres que concederam entrevistas para essa pesquisa em sua maioria moram em outras cidades, Estados e nas periferias, nenhum delas é parte dos bairros tidos como nobres na cidade, neles atuam e retornam para casa, onde ficam as margens.

3.2 A ARTE DE ANDAR NAS RUAS....¹¹⁹

A rua sexual se anima, ao longo dela, faces com e sem desejo. Há corpos desgarrados de si mesmos, sons alucinantes (...) os cafés convidam aos crimes [...] (ARTAUD)¹²⁰

¹¹⁷ Entrevista concedida pelo tenente coronel Souza Neto no dia 23 de março de 2012 no Segundo batalhão de Polícia Militar em Campina Grande às 12h09minh.

¹¹⁸ ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. Jornal de Psicologia-PSI, n. Abril/Junh, 2002.

¹¹⁹ Título inspirado no conto a arte de andar nas ruas de Rubem Fonseca.

¹²⁰ ARTAUD, Antonin. Surrealismo e revolução. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes & Malditos – v. 5. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 93.

Se o personagem de Rubem Fonseca Epifânio/Augusto caminha nas ruas para se inspirar para escrever, se as ruas e todas as misérias, encantos que nelas há inspira o escritor, as ruas para as presas convidam ao crime. Augusto resolvia seus problemas caminhando, “[...]assim, quando não está escrevendo – ou ensinando as putas a ler –, ele caminha pelas ruas. Dia e noite, anda nas ruas do Rio de Janeiro[...]” (FONSECA, 1994, p. 58)¹²¹.

As ruas são a paixão dos poetas que tematizaram a infâmia, a marginalidade, a vida maldita. Por que as margens fundem-se nas ruas, nos desertos das ruas? Por que nas ruas encontramos os sujeitos que foram para as margens, expulsos para as margens? Por que os poetas que denunciaram o sistema em diferentes contextos poetizaram as ruas, o sexo nas ruas, as amadas que passavam pelas ruas? Por que a rua, por mais caótica que possa parecer, é onde mora uma dada liberdade? Por que a liberdade das ruas, das ruas periféricas são sempre marginais? Baudelaire¹²², despe a divindade da poesia, foi para as ruas, delas, da escuridão delas, denunciar uma modernidade que trazia luz, mas também sangue, multidão, mas também solidão. O poeta era só mais um a cantar os lírios de um processo de mudanças em sua sociedade, na qual as luzes convivem com os galopes das mortes e onde ele se faz praticante de ações vis. Baudelaire curioso pela multidão, falando do lugar da poesia, vai para as ruas. Um solitário nas ruas, desposando as multidões, apaixonado pelo movimento, pelo fugidio, pelo infinito. As ruas de Baudelaire, no século XIX, eram signos contraditórios de amor e maldição, nelas conduzia-se à paixões, a contemplar as passantes nas ruas de ruídos e vaias. E elas passavam. O que seria dele se as tivessem amado? O que seriam aquelas ruas sem a poesia flâneur do poeta a calejar-se de solidão nas ruas de Paris? Baudelaire narra de ruas para as quais trabalhadores foram empurrados, desempregados, vagabundos, prostitutas, e do outro lado, os bulevares, os salões e cafés literários. A luta da poesia andarilha de Baudelaire é contra o homem enfeitado pelas luzes, o homem mercadoria. Baudelaire, em lugar de contemplar as luzes, interessou-se pelo submundo dos drogados, das prostitutas, dos mendigos que habitavam as ruas de Paris. As ruas, o submundo das ruas também foi objeto de contemplação de Antonin Artaud, um século depois, em Paris escreveu contra o sistema, o capitalismo e o homem-mercadoria, propôs um corpo reinventado, desorganizado, por isso, interessou-se também pelas ruas, onde a desordem habita e grita, das ruas não desejou a passante, amou os corpos perversos, marginais e entregues ao crime e sexo libertários, vidas

¹²¹ FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In: **Contos reunidos**. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹²² BAUDELAIRE, Charles. A uma passante. In: **As flores do mal**. op. cit., p. 344–345

desassujeitadas porque desejava não apenas a invenção de outra arte, de um novo corpo, mas de uma nova morada : inventai para nós novas moradas!

A poesia também pensou a rua como o não-lugar, senão, lugar de sujeitos múltiplos caóticos e postos em suspeição pela ordem. Os poetas franceses supracitados, signos de vontades libertárias em seus contextos, inscrevem também, que as ruas, as moradas nas ruas só são lugares, quando atribuídos ao outro, ao mendigo, à prostituta, à criminosa, ao ladrão, somente nesse sentido, as ruas das cidades encarnam um lugar social, definido com base em preceitos moralistas como o espaço da perversão, para a ordem, mas da libertação para os que poetizam as escuridões e ventanias das ruas. As ruas contempladas pelos poetas franceses se constituem o leque de inspiração para contar a história das mulheres presas na cidade de Campina Grande na contemporaneidade. Entre as várias pontas do leque, as ruas tematizam o início do debate, a contextualização dessas mulheres, as quais antes de serem presas, muitas delas, estavam a morar no frio e no calor das ruas campinenses. Não usaram as ruas para a poesia, são elas os poemas embaraçados e obscuros de uma dada história das mulheres, são essas infâmias que eu quis juntar aqui (FOUCAULT, 1992, p. 102)¹²³. Vidas passantes que fizeram das ruas um espaço de roubo, de furto, de tráfico, de abandono de identidades aprendidas, de subjetivação de outros códigos sobre a subjetividade feminina.

O impacto do feminismo na vida das mulheres que se envolvem com a criminalidade foi percebido a partir de outra questão: a ida das mulheres para as ruas, se as mulheres da classe média, formadas, foram trabalhar, assumir cargos públicos, as ruas para as mulheres infames têm outros sentidos. As ruas para algumas mulheres se fizeram cama, para outras, o lugar onde o furto lhe trazia a sobrevivência.

Cada ida para as ruas, cada morada em uma calçada, dobra as mulheres que as famílias idealizaram, suas fugas são muito mais do que uma escolha por um lugar, é uma escolha por um modo de vida. A ida das mulheres para as ruas, morar provisoriamente nas ruas, eis uma das principais mudanças na história das mulheres, das mulheres que hoje estão presas. Mariinha (35 anos), Fabiana Tito (34 anos) são signos dessa história de mudanças. Ambas são dois personagens ricos na reinvenção dos espaços, do terceiro espaço¹²⁴, espaço reinventado pelo desejo, pela improvisação da vida, espaço outro, imprevisível e descontinuado como sugere Paul Ricoeur, ambas se constituem como duas flâneurs, transitam e perambulam pelas

¹²³ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. in: **O que é o autor?** São Paulo: Passagens, 1992.

¹²⁴ RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em p. Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur>, acesso em 12 ago 2013 às 13:h:08min.

ruas, nelas dormem e agem, duas personagens que vagabundeiam na paisagem urbana, perdem-se entre os labirintos dos becos, rasgam os tecidos lógicos da cidade. Mariinha faz das ruas, especificamente, dos pontos de ônibus, a geografia do seu roubo, Fabiana Tito faz das ruas, sua moradia, a primeira antes de encerrar a pesquisa foi posta em liberdade, sem casa e sem os filhos, visto que o Conselho Tutelar levou suas cinco crianças, esta passou a habitar as ruas. Fabiana Tito, sempre escolheu a rua, as calçadas das ruas de Campina Grande, onde dormia, roubava e usava drogas, nelas, nas ruas, se sentia em casa, na casa do mundo.

No século XIX Victor Hugo¹²⁵ criou uma trama onde se destacavam personagens miseráveis, o principal deles, Jean Valjean, um homem que fora preso pelo roubo de um pão, que fora perseguido a vida toda pelo poder, perseguição que o levou a cometer outros crimes, como por exemplo, falseou o seu nome e a sua identidade para fugir da polícia. Outros personagens miseráveis aparecem, como a prostituta Fantine que vendeu seus dentes e seus cabelos para sobreviver, que entregou a sua filha a uma família que em lugar de cuidar da sua filha, explorava seus ganhos na prostituição.

Quando no início das entrevistas me deparei com Mariinha (35 anos) e com sua história de vida, pus-me a refletir e a pensar nos personagens miseráveis de Victor Hugo, embora separados pelo tempo, pelo significado das histórias, em tempos e espaço tão diferentes, Mariinha me aparecia como uma desses personagens miseráveis, uma vida marcada e aturdida pela fome. Jean Valjean naquele contexto cometera o crime de roubar um pão, Mariinha carrega outros crimes em suas páginas de história, embora todas registradas no mesmo artigo (155), furto. No último delito, Mariinha roubou dois reais de uma senhora par tomar sopa, mas não pôde matar a fome, os policiais chegaram em tempo e a prenderam. Mariinha ficou sem a sopa, sem o dinheiro, sem a liberdade, mas já estava acostumada a perder para o poder a liberdade, a dignidade.

Mariinha, ex catadora de lixo, uma das vidas mais miseráveis que se encontra na prisão. O processo crime objetivamente a define¹²⁶: solteira, doméstica, moradora do José Pinheiro, negra, cabelos crespos e negros, olhos em formato orientais e pequenos, 1,49m. No final das informações uma observação: possui uma tatuagem em formato de estrelas. Estrela? Será o sonho de Mariinha? Ser uma estrela! Queria ser um estrela ou estar entre elas? Mas que interesse tem o discurso jurídico pelos sonhos de Mariinha? Trata-se apenas de uma marca

¹²⁵ HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007 (Série Ouro).

¹²⁶ Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 268/05.

para se instituir a mulher que furta, sinal no corpo que se torna o signo da mulher que furta, da ladra, estigma.

Reincidente por cinco vezes, envolve-se com o crime quando tinha 26 anos, em 2005, período de sua primeira prisão. Foi presa duas vezes em 2005, uma vez em 2006, uma vez em 2007 e uma vez em 2010. No último crime, o processo explica que Mariinha agrediu a dentadas a senhora de quem roubou dois reais, mas Mariinha narra-se diferente, explica-se para a vida e para a história de modo distinto:

Estou aqui faz 5 meses, mas vou me orientar, fui sentenciada da outra vez, foi roubo, assalto foi agora, mas não assaltei, ela mora perto da minha casa, ela não gosta muito de mim não, eu estava assim no ponto do ônibus, ela disse ‘isso é uma ladrona fecha a porta pra ela não te roubar’. Eu disse não sou ladrona não, eu estava bêbada, se eu quisesse roubar eu tinha lhe roubado, você está aí e eu estou aqui, ela me agoniou demais dizendo que eu era ladrona, aí eu avancei em cima dela e tomei dois reais dela, aí quando eu tava lá em cima tomando a sopa, os homens me pegou e me abordou, por causa de dois reais, só se eu tivesse matado ela, eu estou vendo gente que mata e sai, mata o marido e sai, e eu por causa de dois reais estou aqui. Eu cato garrafa, deixei de fumar pedra porque a pedra quase que me matava, não quis mais saber não, quando eu sair daqui minha vida vai ser outra¹²⁷.

Em 2011 Mariinha estava fora da prisão, encontrei-a na rua, cheirando cola de sapato, ao lado de um rapaz, perguntei brevemente como ela estava, respondeu que estava morando nas ruas, havia perdido a casa e a guarda dos filhos. Olhou para o companheiro e disse: “Não mexa com ela não viu, é minha professora!”. Os sonhos de Mariinha se perderam de alguma maneira. Seus roubos? Creme dental, feijão, arroz, dois reais. Gostava de ir roubar no centro da cidade campinense, nos mercados das cidades vizinhas como: Boqueirão e Queimadas, as mais próximas de Campina Grande. Quando interrogada na prisão sobre seu envolvimento com o crime, Mariinha situa o lar e a família como referências da memória para explicar-se:

[...] antes da prisão eu vivia na minha casa, trabalhava quando era de menor, minha mãe levava eu pra trabalhar e ajudar ela, eu vivia bem, aconteceu essa droga no mundo aí pronto minha vida virou, eu fumava, mais num traficava não, meu maior medo é pegar muitos anos de cadeia, mas fui absolvida, antigamente eu roubava pra dá de cume a meus fios, meus fios era pequeno, vivia com outro marido que bebia cachaça, ele bebia e dava em mim, de manhã os guri tudo pedindo pão pra comer aí eu ia roubar e fui pega muitas vezes com pacote de feijão, de arroz, leite dentro das pernas pra dá de comer a meus filhos¹²⁸.

¹²⁷ Entrevista concedida por Mariinha Souza no dia 07 jul 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

¹²⁸ Entrevista concedida por Mariinha Souza no dia 07 jul 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

Mariinha roubava inicialmente para alimentar os filhos, depois para alimentar o vício. Quando saiu da prisão não tinha mais nem casa, nem filhos. Isso justifica o retorno de Mariinha para as ruas, para o vício? Mariinha seleciona na lógica da sua explicação apenas o fator da carência econômica, não consegue compreender que dentro do cenário de sua constituição histórica, assumiu o lugar do pai, de quem deveria trabalhar para sustentar os filhos, visto que se relacionando de modo instável, era ela a mãe e pai de seus filhos. As drogas contribuíram para que Mariinha ao invés da busca pelo trabalho, buscasse maneiras mais fáceis de resolver sua carência financeira, mas Mariinha é uma dessas mulheres que encontra no roubo a realização de um papel paradoxal: realizar-se enquanto mãe, ser aquela que move a economia do lar, mesmo que essa economia resulte do crime, afinal, são estes papéis que são cobrados pelas próprias mulheres ao longo do século XX. Na prisão, como ocorre com frequência, foi abandonada e ao sair dela, abandona-se nas ruas, (re)significa sua vida, (re)significando o tecido da cidade: os banheiros das lojas se tornam seus banheiros, as calçadas forradas com papel sua cama, as sombras das paredes alheias sua varanda de onde assiste a vida passar, de onde lembra onde os filhos possam estar. Mariinha preferiu as ruas do que um casamento que agredia sua feminilidade, correu para as ruas onde o roubo e o furto complementavam o vazio de uma vida caótica no campo material e afetivo, esvaziada ainda mais agora com a perda dos cinco filhos.

Fabiana Tito (34 anos) outra vida que se chocando com o poder, fez-se infame. O processo escreve, “do lar”, mas que lar? Fabiana viveu o mundo e no mundo, desde que se separou do segundo marido. Fabiana é reincidente por quatro vezes, uma vez a menos do que Mariinha, e tal qual Mariinha envolveu-se com furto e roubo (artigo 155 e 157). Mas diferente de Mariinha não roubava comidas, mas roupas. No último roubo arrombou uma loja e subtraiu com a parceira 24 calças, bolsas, objetos outros, foram presas em flagrante. Nos comentários informais ouvidos na prisão Fabiana roubava para voltar para o presídio, visto que não tinha onde morar. Seus filhos estão com os pais e com sua tia.

Fabiana situa seu envolvimento com o crime na fase do segundo casamento, tem cinco filhos, um do primeiro relacionamento e quatro do último casamento, as brigas com o marido e as surras que sofria, segundo diz, foi o motivo que a levou para as ruas e para o crime:

Eu briguei com meu marido, fui viver na rua, fiz uma amizade com pessoal da droga, da prostituição, aí conheci essa menina, andava com ela, de vez em quando bebia, tomava uma [...] minha vida antes da prisão eu vivia sofrendo nas mão do meu marido, faz 9 anos que me separei dele, quando ia olhar meus filhos ele queria

judiar comigo, ficar comigo à força, ele vive com a mulher dele, meus quatro meninos ficaram com ele, o outro que num é dele ficou com minha tia¹²⁹.

Da mesma maneira que Marinha, sem casa, sem filhos, Fabiana é mais uma andarilha das ruas, a liberdade para ela significa prisão, sabe que entre grades livra-se das drogas e dos roubos, prefere as asas da prisão.

As presas em suas narrativas explicam-se por outra lógica, com outro sentido. Quando falam, marcam a entrada de suas vidas na história por outro caminho: o de cometer o crime da palavra, a qual questiona, contradiz, omite, desfaz e choca-se com a epistemologia jurídica. Suas palavras reagem como se quisessem tomar a vida com suas próprias mãos: entrar na história por outra brecha e construir para suas vidas outros significados. Os relatos falam de uma vida, de uma singularidade em um contexto onde suas práticas são parte de uma relação de espelhamento, de trocas e autonomias. O relato de vida, afirma Pineau, insiste sobre o enunciado de uma intriga. (PINEAU apud SOUZA, 2006, p.139)¹³⁰. As presas quando a si produzem, produzem um saber que realça sua singularidade existencial, inscrevem o sentido de suas vidas, de modo a enfatizar uma vida coerente, reta. Combinam acontecimentos, ocorrências, associam elementos que entrelaçam o fio condutor de suas vidas e experiências, de modo que apareçam sempre como injustiçadas, vítimas.

Cada memória narrada traz um conjunto complexo de emoções, instáveis emoções, opondo-se exatamente à memória aqui descrita e instituída, escrita de modo racional. Suas memórias fluidas assombram as memórias que aqui se petrificam. A doença de Fabiana é uma maneira emotiva de questionar a ladra que o processo institui, seu sangue ou a simbologia do seu sangue é a metáfora que inscreve uma existência que toma pra si a doença para salvar-se do crime. Adoecer para ela, manter viva essa doença, é uma maneira também de viver a liberdade na prisão, usufruir de alguns privilégios que as outras presas não podem, como por exemplo, ter acesso a remédios, vários pacotes de absorventes, direito às consultas médicas, passeios nos corredores, mesmo criando discussões com as outras presas.

Fabiana, conforme explicita Ricoeur¹³¹, é uma flâneur a vagabundear pela urbanidade. Fabiana é uma dessas mulheres que percebendo a desarmonia do casamento, opta pelas ruas, rompe com a importância do matrimônio e da maternidade ao mesmo tempo, foge de casa e

¹²⁹ Entrevista realizada no dia 20 ago 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹³⁰ Ver SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas** in: ABRAHÃO, Maria Helena et. all. *Tempos, narrativas e ficções: invenções de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

¹³¹ RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em p. Ricoeur**. *Revista Filosófica de Coimbra* — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur, acesso em 12 ago 2013 às 13:h:08min.

abandona seus filhos, ao invés da lógica do trabalho, a da vagabundagem, rouba para ter comida e roupa, adoece para ter privilégios na prisão, uma mulher que dentro da lógica do trabalho cultivada na nossa sociedade representa o antitrabalho, antimaternidade, antimatrimônio, suas pisadas são relatos flâneurs de quem decide ser transeunte na cidade e na vida...

Farmácias, armarinhos, mercadinhos, malharias, esses eram os estabelecimentos onde Evellyn Ramalho roubava e furtava. Solteira, 29 anos, envolvida com o crime desde 2005, reincidente por três vezes, Evellyn além do crime por furto e roubo, foi presa usando identidade falsa. Assim como muitas mulheres envolvidas com o crime, tem o ensino fundamental incompleto. No processo aparece como moradora de dois bairros: Jeremias ou Palmeira? Depois da primeira prisão seguiu o destino de Mariinha e Fabiana Tito, foi habitar as ruas, não os pontos de ônibus ou calçadas do centro, conforme as presas citadas, mas as calçadas dos supermercados.

Mãe de três filhos, cada filho de um pai diferente, afirma, que tem apenas um companheiro, seus roubos e furtos ocorriam em cidades vizinhas ou em bairros longe da sua residência. Viciada também em craque, encontrei-a em uma dessas tardes, perto de um supermercado. Estava acompanhada de uma amiga, pedindo-me dinheiro e roupas, dizendo ainda que estava morando na rua e que o companheiro tinha sido assassinado, estava sem casa, sem o companheiro e sem filhos. Alguns dias depois, assistindo o noticiário da TV, vi o rosto de Evellyn mais uma vez ao lado de um rapaz, a reportagem falava de um casal que havia assaltado uma creche perto do segundo Batalhão de Polícia Militar, dois dias depois a polícia havia prendido os acusados. Estava Evellyn no noticiário policial local e novamente na prisão.

Antes de encontrar Evellyn nas ruas, um ano antes ela havia dito:

O maior medo é voltar para as drogas, nunca tive tratamento não, mas um tratamento desse eu creio que to recuperada, eu não quero mais não, se eu não me envolver com pessoas que digam vamos ali, vamos viajar, que eu era assim, me chamava pra fazer alguma coisa eu ia, me chamavam pra viajar eu ia¹³².

Mas Evellyn foi viajar outra vez pelo visto, para ela, seu envolvimento com as drogas, o crime se deu pelas amizades:

¹³² Entrevista realizada no dia 30 ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Eu comecei a fumar craque assim, um disse: vamos fumar pedra. Eu disse não vou fumar isso não que isso mata com seis meses, ele disse: mata não isso é mentira, aí eu fui e dei o primeiro pega e não senti nada ai ele disse isso é lomba de doido isso não tem nada não, ai ele foi e deu um pedaço maior ai foi que eu senti, aí pronto, desde já viciou e já começou a doer minha barriga, já começou o sistema nervoso, comecei a fumar e pronto. O craque é uma sensação de gente doido, sei lá aquela pancada na mente que a pessoa fica, acho que é coisa de doido mesmo, escuta vozes, quando usa bastante que passa muitos dias, a pessoa fica acordado vendo coisa, gente atrás da pessoa que num tem, escuta outra pessoa falando e não tem ninguém falando nada¹³³.

Evellyn é uma das mulheres representantes do feminino que na atualidade faz-se viciada em drogas, especificamente o craque, não trafica, mas rouba para o uso, as amigas certamente influenciam, mas nesse caso, Evellyn é uma das mulheres que representa uma identidade marcada pelo caos, por ausências que buscam complementos no uso de drogas. Evellyn em muitos momentos revelou a vontade de ter estudado, de ter trabalhado, o uso da droga parece ser uma revolta consigo, um suicídio lento que ela causa em si. Na prisão estava recuperada do vício, afirmava, mas com a morte do marido, espedaçou-se novamente e voltou a matar-se lentamente com o uso das drogas, sem dinheiro, retornou para o roubo. O vício parece ser a fuga da vida, a fuga de si, dentro de um contexto social que exige dela um papel, uma profissão, uma prática aceita socialmente, sem conseguir, apropria-se da droga, como quem se vinga de sua própria vida, das exigências sociais. Evellyn é parte de um processo histórico de mudanças no qual muitas mulheres alijadas dessas mudanças sociais, envolvem-se com álcool e drogas, afirmando-se de outra forma, ocupando-se das margens para constituir-se mulher. O vício das drogas acaba sendo uma fuga para essas mulheres que vivenciam diferentes mudanças na identidade feminina e que de diferentes maneiras reagem à violência do mundo onde vivem.

Diferente das outras presas que vão para as ruas viver o crime do roubo, Wilma Queiroz já vem das ruas, habitava as ruas. Assim como todas as presas desta pesquisa, tem uma vida trágica, desde a infância. Conta hoje com 26 anos, ensino fundamental incompleto, solteira, mãe de duas filhas, dados comuns às presas no que se refere ao nível educacional e identidade materna, visto que a maioria das presas são mães solteiras. Wilma Queiroz foi presa nas ruas por furto, já na prisão foi presa também por crime contra o patrimônio por ter queimado colchões em outra penitenciária do Estado da Paraíba, na cidade de Patos. É ré primária. Doze anos, esse é o tempo que Wilma recorta para situar-se no crime, período em que seus pais se separaram:

¹³³ Entrevista realizada no dia 30-ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Não gosto de lembrar quando eu vivia na rua, fui estuprada com 14 anos quando eu ainda era virgem, engravidei desse estupro, o pai da criança sumiu, já pedi e passei muita fome, ter que pedir um prato de comida, lavar um banheiro pra ter que comer, vizinho dizendo: ‘você tá na minha casa de favor, ah! Você não tem que comer desse feijão que tá bem preparado, você tem que comer desse arroz’¹³⁴.

Wilma trabalhava de doméstica e em padarias, quando ficou grávida da segunda filha foi se prostituir para sustentar as filhas, depois se envolveu com o crime:

Conheci um pessoa aí me envolvi com esse negócio de roubo, antes eu fazia programa pra sustentar minhas filhas e me sustentar, conheci um pessoal e comecei a me envolver, fui buscar um dinheiro, a polícia disse que era roubado [...] me envolvi com esses caras, são de Salvador, só me davam o dinheiro pra guardar e, também não perguntava de onde saía, aí fui gostando que o dinheiro era muito, tava dando pra viver melhor do que o programa que eu fazia aí vim parar na cadeia¹³⁵.

Wilma disse que na sua infância não houve brincadeiras, apenas sofrimentos, vivia trabalhando de doméstica, em casa dos tios e dos avós, em casas de passagem e abrigos para menores. E esta é uma informação importante para pensar a trajetória de uma mulher que desde a infância foi criada sem referências familiares tradicionais, abandona os lares que lhes foram emprestados, o trabalho/honesto/doméstico para morar nas ruas, roubar, furtar. Reelabora-se a partir dos códigos do crime, da vida que perambula nas jornadas dos crimes, códigos que a conduziram para a prisão. Desde sua infância vem construindo sua subjetividade nas ruas, fora dos padrões tradicionais de família, de mulher e de trabalho. Em um dado momento de sua vida opta pelo trabalho, mas recusa este papel, prefere as ruas, o dinheiro oriundo das drogas, dos roubos.

Evellyn Ramalho, Wilma Queiroz, Mariinha e Fabiana Tito, criam os espaços de seu crime no comércio da cidade de Campina Grande. Essas mulheres criam táticas, reinventam o terceiro espaço, este terceiro espaço afirma Ricoeur é o espaço humano, espaço onde vidas têm lugar. Merleau Ponty¹³⁶ complementa:

A fenomenalidade do espaço vivido tem a ver com o modo de habitar do corpo que somos – desse corpo que é “unidade aberta”, expressividade recíproca das partes que deve reconhecer-se exatamente correlativa da unidade aberta e não tematizável, unidade de estilo mais do que significado, que caracteriza o mundo. (PONTY,2011, p.144).

¹³⁴ Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹³⁵ Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹³⁶ RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur. Acesso em: 12 ago 2013..

Essas “vozes presas” abrem brechas e novas fontes, transpõem o silêncio das fontes ao darem vida às palavras ditas apenas pelo jurídico. Conforme sugere Corbin, faz-se necessário contemplar outras paisagens sensíveis, penetrar na caverna social e aproximar-se dos atores esquecidos da história que se converteu em seres visíveis (LANGUE, 2006, p.26)¹³⁷. Esta é também uma história das sensibilidades, tendo como cenário a prisão feminina, revestindo de outros sentidos o que foi constituído como efêmero e insignificante. Para Langue:

O contraponto destes testemunhos sobre vidas tênues ou fragmentadas, sobre os sentimentos da intensidade moderada, a atenção concedida às características emocionais dos conflitos e dos acontecimentos têm uma vantagem a mais: Relativizar a objetividade da história e romper com as certezas metodológicas. (LANGUE, 2006, p.30).

As presas quando narram-se, reinventam-se e simulam outras possibilidades de vidas. Suas narrativas as salvam, sabem que viver a vida sem contá-la é um silêncio vazio, nossa morte (p.45, REZENDE, 2006, p.45)¹³⁸. As narrativas dos crimes são reveladoras, também das estratégias de quem narra, como afirma Regina Beatriz:[...] as histórias relatadas, utilizando os procedimentos da narração expressam o tempo vivido e nos conduzem ao jogo das experiências sociais (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2)¹³⁹, narrativas, “de forma alguma inocente”, “planejadas”, como pensa a autora, Nas ruas, nas ruas das memórias, essas mulheres dão outra vida e estilo aos espaços onde cometem seus delitos, transitam, habitam temporariamente, aproximam-se, reconhecem tempos. Quando os demais sujeitos adentram os espaços do comércio para comprar, elas invadem para roubar, carregam em suas sacolas de plásticos as bagagens alheias da sociedade, produtos baratos, mas caros para seus custos de vida, para suas liberdades.

Essas mulheres reinventam o terceiro espaço, o espaço humano, lugar onde inscrevem seus furtos e assaltos, mas esse terceiro espaço só é possível narrado, tornado texto. Conforme afirma Merleau Ponty¹⁴⁰ e Ricoeur¹⁴¹ não existem espaços dados, geometricamente

¹³⁷ Ver LANGUE, Frederique. **O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França** in: ERTZOGUE, Marina Haizender e PARENTE, Tenis Gomes. História e sensibilidades. Brasília: paralelo 15, 2006.

¹³⁸ TEDESCO, João Carlos. **Tempo, espaço e experiência da memória** pp. 91-105 in_ Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

¹³⁹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História, memória e práticas de espaço, anpuh – xxiii simpósio nacional de história – londrina, 2005, acesso em 24-dez 2011 às 12h:09min.

¹⁴⁰ RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur acesso em 12-ago 2013 às 13:h:08min.

disponíveis, essas mulheres reinventam as ruas, os pontos de ônibus, as praças e os próprios comércios da cidade e das cidades circunvizinhas, alterando não apenas o cotidiano da cidade, como também, a lógica urbana na qual calçadas se transformam em leitos, escombros em casas, banheiros públicos em banheiros privados, porque o espaço humano onde se habita humanamente, é um espaço onde o vivido se mistura com referências – ainda que imaginadas, ainda que sonhadas – de um espaço construído. As presas alheias ao lar que um dia tiveram, inventam nas ruas ou na prisão o lar desejado e vão assim habitando o mundo com a imaginação e os sonhos particulares de quem se elabora na rua, na vida noturna e solitária do crime.

Os corpos dessas mulheres não pertencem a nenhum espaço, se há uma pertença, é necessário ver muito mais como se localizam e se deslocam. Seus espaços vividos, humanos são, pois, um entrecruzamento com as casas do mundo. Embora muitas dessas presas tenham vindo das ruas ou escolhido as ruas para habitar e nelas forjar seus delitos, levam para essas outras geografias suas referências, jogam para este rizoma geográfico, o conforto, a intimidade e todo um conjunto de sentido aprendido em seus lares:

[...] sem casa, sem o nosso quarto, ou o nosso canto, sem os armários e estantes onde se arruma uma vida, sem as gavetas onde se pode procurar o tempo perdido, a nossa intimidade não teria o modelo e o espaço vivido não teria qualquer ancoragem. (RICOUER,2011, p.145)¹⁴².

A história dessas mulheres com o crime é também uma história de transformação dos espaços na cidade, do cotidiano da urbanidade onde para sobreviverem recriam espaços onde fixam deslocamentos, onde humanizam qualquer geometria para sobreviverem do crime, dormir nas calçadas, trocar vestimentas atrás de um muro, almoçar sentada no chão, passar o dia nos escombros de tijolos e madeiras esperando a noite chegar, sonhar com a casa perdida sob os lençóis da brisa noturna, casa que um dia fora signo de lar e vida. Fazem de um ponto de ônibus um ponto de esperança, essas são algumas histórias de vidas cartografadas nesta pesquisa.

¹⁴¹ RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur acesso em 12ago 2013 às 13:h:08min.

¹⁴²RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur. Acesso em: 12 ago 2013 às 13:h:08min.

3.3 A FEMINIZAÇÃO DO CRIME É PRECISO?¹⁴³

As mulheres não apenas mudaram, de família, de lugares, mudaram também a forma de praticar seus crimes. A partir dos anos 90 do século XX os discursos feministas e a história das mulheres estão demarcando outras personagens femininas/feministas, resultado dos próprios embates feministas, as narrativas também mudaram, entram em cena outras mulheres, multiplicam-se as identidades femininas, as mulheres constroem no território social outros estatutos de si, heterotopias¹⁴⁴. As mulheres não apenas resignificaram suas vidas no campo social, como também, as narrativas que lhes contam e lhes escrevem.

A pesquisa com as mulheres precisa partir desse processo histórico de lutas feministas que mudaram lugares e transformaram conceitos de família, de maternidade, de trabalho, de corpo, de sexo e sexualidade. Nossa contemporaneidade testemunha os mais diversos modelos de relacionamentos, certamente influenciados por lutas anteriores de mulheres que disseram não ao um dado modelo matrimonial que as aprisionavam apenas à maternidade, que lhes negavam a prática intelectual e outras maneiras criativas da existência. Desde a segunda metade do século XX que o mundo do trabalho e da educação vem sendo redefinindo pelas lutas feministas, étnicas, homossexuais. As mulheres presas, tema desta pesquisa, não se explicam fora desse contexto de mudanças, elas são possíveis em uma sociedade onde um dado grupo de dadas mulheres, especializadas, estudadas ou estabilizadas financeiramente ascendem, mulheres que tentam representar as conquistas da vida (pós?) moderna, mas essa mesma (pós?) modernidade, produz sua miséria e infâmia, as presas são, pois o outro relato dessas conquistas, o relato que revela também a punição da sociedade que nunca quis e nunca se contentou com a fuga do feminino para as ruas, as fábricas, os bares, relatos de práticas discursivas que na sombra do machismo cria outras estratégias de aprisionamentos da liberdade feminina e feminista. As mulheres foram para as ruas, bares, em lugar de apenas apanharem e serem vítimas de homicídios, também matam, traficam drogas, roubam e furtam com mais frequência. O estudo das mulheres presas na cidade de Campina Grande revela que

¹⁴³ Título inspirado no texto de Margareth Rago: Feminizar é preciso, por uma cultura flógina, mas modificando o sentido e questionando o acelerado crescimento do envolvimento das mulheres com crimes. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a09v15n3>>. Acesso em: dez 2010 às 14h:09min., texto que trata da emancipação da mulher na nossa cultura e sua luta contra a cultura machista, estou parafraseando o título, mas questionando a autoria da violência que vem aumentando em nossa sociedade.

¹⁴⁴MARTINS, Anderson Bastos. **Deserto e o espelho. Refletindo sobre a heterotopia com Michel Foucault e Nadine Gordimer.** Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?output=search&scient=psy-ab&q=DESERTO+E+O+ESPELHO.+REFLETINDO+SOBRE+A+HETEROTOPIA+COM+MICHEL+FOUCAULT+E+NADINE+GORDIMER&btnK=>>>. Acesso em: 12 mar 2013.

outras mulheres construíram diferentes subjetividades, as mulheres introjetaram o ideal de liberdade e de independência de modo diferente, as histórias das mulheres presas são práticas ambíguas e contraditórias dentro do contexto das lutas feministas desde os anos 60, 70 e 80 do século XX.

Por que a luta pela liberdade das mulheres é acompanhada do aumento do número de prisões e de mulheres marginalizadas? As mulheres desta pesquisa construíram suas trajetórias nas ruas, nos asfaltos, nas estradas dos tráficos; ao invés da caneta, do diploma, a faca, o revólver; ao invés das letras, das escolas e faculdades, as ruas escuras dos crimes, com exceção de Dona Socorrinha (65 anos), a maioria das presas entrevistadas nasceram no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, uma minoria nasceu nos anos 90, essas mulheres nasceram em uma sociedade marcada pelos impactos do feminismo, foram criadas sob essas mudanças. No lugar da maternidade e da família, escolheram as ruas, os amores fluidos, sendo muitas delas filhas de mães solteiras, filhas de amores efêmeros, de sexualidades independentes que se afirmaram sem a necessidade da presença constante do masculino, essas jovens que roubam, matam, traficam são também filhas de uma sociedade que imprime a lógica do consumo capitalista, muitas delas produzem o crime para ter acesso a bens materiais, desde roupas, xampus, até alimentos. Tratam-se de outras narrativas, de outras resistências, de outros códigos que essas mulheres aprenderam e construíram e que por isso são partes constitutivas das mudanças feministas e das mulheres na nossa sociedade.

Que singularidades essas mulheres presas simbolizam? Que mudanças e permanências pode-se perceber nas práticas dessas mulheres presas?

As mulheres no tráfico! Eis uma das mudanças na trajetória das mulheres que estão presas. O consumo e tráfico de drogas é um acontecimento recente, significativo para pensar as mulheres que subjetivaram de modo diferente a independência feminina, a liberdade, a existência em uma sociedade marcada pelo consumo de bens materiais. Em diferentes contextos as mulheres mataram, roubaram. O nascimento da prisão feminina acontece no final do século XIX no Brasil, sendo os principais crimes cometidos por elas, relacionados a assassinatos de filhos, maridos e roubos, mas na nossa atualidade a prática do tráfico por mulheres se tornou uma prática singular e constante entre as mulheres da segunda metade do século XX e início do século XXI, demarcando mudanças no mundo do crime, as mulheres usadas para conduzir as drogas, receber dinheiro, liderar a compra da droga está se constituindo uma prática recorrente na nossa atualidade.

Uma das pesquisas de gênero sobre mulheres e tráfico de drogas no Rio de Janeiro, traz uma discussão importante sobre a reprodução dos papéis de gênero no tráfico de drogas,

as mulheres segundo Zaluar (1993)¹⁴⁵ são sempre submissas aos homens nessas relações. A pesquisa citada se situou nos anos 90 do século XX, por isso vai de encontro ao que hoje vivenciamos a partir do ano 2000, mulheres liderando a prática do tráfico, liderando quadrilhas, conforme publicações de algumas manchetes de jornais atuais: “Quadrilha formada por sete mulheres é procurada em Jaboatão-PE¹⁴⁶; “Polícia investiga quadrilha formada por mulheres”¹⁴⁷; “Quadrilha formada por mulheres é desarticulada”¹⁴⁸. Uma personagem bastante explorada nos noticiários é Ivone, a funcionária do Afro Reggae, conhecida pela polícia como Gaúcha, assaltante que foi morta pela polícia no Rio de Janeiro. Ela está sendo apresentada em detalhes nos telejornais: loira, bonita, intelectualizada, em entrevista para um vídeo da internet, a assaltante não sabe responder à filha por que se envolveu com o crime:

Ivone Fernandes Mendonça, 34 anos, conhecida como Gaúcha pela polícia fluminense, havia sido morta com outros dois comparsas em uma tentativa de assalto ao restaurante Brasa Gourmet, na Tijuca, um bairro elegante do Rio de Janeiro — cidade para onde viajou em 2006 para assistir a um show dos Rolling Stones e nunca mais retornou¹⁴⁹.

Há uma mudança no papel da mulher criminoso também. Nos últimos anos segundo Adorno (2002)¹⁵⁰ o aumento da criminalidade urbana no Brasil é notório. Outra mudança: o rosto do crime se feminizou, as mulheres saem dos papéis de submissa, assumem lideranças. Se o feminino mudou seu lugar na família, no trabalho, no crime a mudança também se faz visível. A luta pelo acelerado individualismo, busca pelo sucesso, influencia também a prática do crime na nossa sociedade, as mulheres em lugar de ficarem em casa guardando a droga, esperando o dinheiro do assalto, saem, vão traficar, assaltar, roubar, não esperam mais os companheiros, essa é também uma mudança visível no mundo do crime. Se nos modelos de família atuais o representante do poder econômico é a mulher, isso também vem acontecendo no mundo do crime, elas inicialmente se tornam cúmplices dos companheiros, em seguida se

¹⁴⁵ Ver a discussão em: ZALUAR, A. **Mulher de bandido**: crônica de uma cidade menos musical. Estudos Feministas, v.1, fasc. 1, p. 135-142, 1993b.

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/policia/2012/03/20/policia-investiga-quadrilha-formada-por-mulheres-que-realizavam-sequestros-relampagos-em.htm>> Acesso em: 17 ago 2012.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/01/quadrilha-formada-por-sete-mulheres-e-procurada-em-jaboatao-pe.html>>. Acesso em: 14 ago 2012.

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/noticias/5800267>>. Acesso em: 19 ago 2012

¹⁴⁹ Disponível em: Acesso: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/08/conheca-a-trajetoria-da-assaltante-gaucha-morta-a-tiros-no-rio-3858005.html>>. Acesso em: 19 ago 2012.

¹⁵⁰ Ver ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. Jornal de Psicologia-PSI, n. Abril/Junh, p. 7-8, 2002. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down103.pdf>>. Acesso em: 14 ago 2012.

tornam cúmplices somente de suas vontades, roubam e traficam para o sustendo de si e da família.

As mudanças sociais decorrentes das conquistas feministas trouxeram duas grandes questões: de um lado o posicionamento crítico de mulheres intelectualizadas, do outro, o aumento do envolvimento da mulher com o crime (ALVES, 2000)¹⁵¹. Gastal (2000)¹⁵² relaciona a liberdade da mulher com o aumento do uso de drogas e bebidas alcoólicas na atualidade.

Nesse contexto de mudanças não apenas a pobre e a negra cometem crimes, os crimes femininos também não são apenas passionais. Segundo ELUF (2003)¹⁵³ a modernidade estabelece uma alteração no perfil da criminalidade feminina, porque antes dos anos 70 do século XX os crimes mais praticados pelas mulheres eram passionais. Para VIAFORE (2005)¹⁵⁴ outra grande mudança é que na atualidade a mulher infratora tende a ser jovem e pertencer a uma baixa classe social e ter baixa escolaridade. Os principais crimes cometidos por elas são: tráfico de drogas, furtos, roubos, lesões corporais, entre outros. Essa realidade presenciei através da minha pesquisa, coincidindo o nível social e de escolaridade e os crimes cometidos com os citados pela autora, embora seja necessário ressaltar que o crime hoje não é apenas cometidos por mulheres pobres e analfabetas, esses rostos estão multiplicados e essa é outra mudança no perfil das mulheres que cometem crimes na atualidade.

As mulheres elitizadas nos últimos anos vêm aparecendo mais na mídia enquanto autoras de crimes. Sempre existiram crimes nos grupos elitizados, mas a divulgação funciona de modo diferente, dificilmente aparecem em jornais impressos. O crime é uma ação humana que qualquer um pode cometer, mas a prisão, as punições, estas funcionam de modo diferente para cada sujeito, o que envolve inclusive o nível social de quem será punido. Perrot afirma: Não existem fatos criminais em si mesmos, mas um julgamento que os funda, designando ao mesmo tempo seus objetos e seus atores um discurso criminal que traduz as obsessões de uma sociedade (PERROT, 1988, p.56)¹⁵⁵. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-

¹⁵¹ ALVES, Z.M.M.B. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf. Acesso em: 13 ago 2012 às 15h00min.

¹⁵² GASTAL, F.L. ET. Al. **Doença mental, mulheres e transformação social: um perfil evolutivo institucional de 1931 a 2000**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082006000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 maio 2011 às 13h09min.

¹⁵³ ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgheiro a Pimenta Neves**. São Paulo: Saraiva. 2 ed. 2003.

¹⁵⁴ VIAFORE, Danielle. A Gravidez no cárcere brasileiro: uma análise da penitenciária Feminina Madre Pelletier. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/ojs/index.php/fadir/article/viewFile/571/401>>. Acesso em> 14 set 2011 às 14h34min.

¹⁵⁵ PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PB, durante o processo da pesquisa percebi que havia uma sala reservada somente para ela, “a nutricionista”, esta diferencia-se das demais, é a única que tem ensino superior completo, cabelos longos e bem tratados, pintados, unhas feitas, pele de porcelana, a nutricionista acusada de homicídio contra o ex-marido no Rio de Janeiro, cumpre sua pena reclusa. Esposa de um médico, tem a visita íntima em dias diferentes das demais presas. Estaria reclusa, segundo comentários informais, porque o marido, morto pela mesma, é de uma família tradicional no Rio de Janeiro.

Essa realidade é comum na nossa sociedade que exclui pretos, pobres, analfabetos, presidiários, gordos, deficientes, homossexuais. Os códigos penais funcionam nessa lógica, expressam, também, os interesses de dados grupos sociais, tais quais a Escola, a Igreja, o Estado. As disciplinas, normas e outras formas de controle são resultado de relações de poder que definem o que é o crime e quem é o criminoso, ao mesmo tempo em que define o quê e como punir. Por que o médico preso¹⁵⁶ em Campina Grande acusado de corrupção no sistema SUS de saúde continua exercendo seu ofício? Este é o seu segundo processo criminal, mas ele tem sua liberdade garantida pela justiça, continua exercendo a profissão, assim como as enfermeiras cúmplices de seu crime. Eles passaram apenas uma semana na prisão.

A condenação e a punição não são para todos, a prisão não foi pensada para as elites, mas para os pobres, analfabetos, esse é outro crime, o crime que vem do poder. Há uma lógica do poder de combater dados crimes e dados sujeitos, a mídia reforça e heroiciza o Estado. A prisão e detenção de dados sujeitos e crimes se faz recorrente na nossa sociedade. Para Foucault: “O crime organizado na forma da delinquência ou ilegalidade dominada funciona como um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes e propicia a esses grupos, lucro e poder ilícitos” (FOUCAULT, 1986, p. 246)¹⁵⁷.

Para Ramalho (1983)¹⁵⁸, compreender o crime e o criminoso, significa inclusive dar conta dos lucros que o crime e o criminoso produzem além de amenizar as disputas pelo mercado de trabalho, incitam a produção de atividades diversas de combate ao crime, ampliando lucros, criando funções sociais, como exemplos: agentes penitenciários, diretores e diretores adjuntos de penitenciárias, policiais, além de incentivar a criação de literaturas, novelas, filmes e artes de modo geral. Há uma indústria de combate ao crime, ao mesmo tempo em que tal indústria necessita, no sistema capitalista, do criminoso e do trabalhador.

¹⁵⁶ Ver reportagem **Médico pago pelo SUS cobra para fazer cirurgias em Campina**. Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/57068_medico-pago-pelo-sus-cobra-para-fazer-cirurgias-em-campina>. Acesso em: 15 ago 2012.

¹⁵⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: vozes, 1986.

¹⁵⁸ RAMALHO, J. R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Segundo Trindade e Coelho (2008, p. 4)¹⁵⁹ alguns crimes cometidos por mulheres esclarecem melhor as ambiguidades da sociedade e seus conflitos. Foucault complementa:

A prostituição patente, o furto material, o roubo, o assassinato, o banditismo para as classes inferiores: enquanto que os esbulhos hábeis, o roubo indireto e refinado, a exploração bem feita do gado humano, as traições de alta tática, as espertezas transcendentais, enfim todos os vícios e crimes realmente lucrativos e elegantes, em que a lei está alta demais para atingi-los, se mantêm monopólio das classes superiores. Não há então natureza criminosa, mas jogos de forças que segundo a classe a que pertencem os indivíduos, os conduzirão ao poder ou à prisão (FOUCAULT, 1987, p.261)¹⁶⁰.

Por que uma mulher presa que roubou um brinquedo de um quintal estava presa na Penitenciária pesquisada? Por que a esposa de um traficante de fama na Paraíba, estudante de Direito não permaneceu uma semana no presídio? Por que a estudante de biomedicina Grande acusada de criar placas frias no DETRAN (Departamento de Trânsito) em Campina foi liberada em menos de um mês de prisão?

O envolvimento das mulheres “da elite” com o tráfico é também uma singularidade, mas essas mulheres ditas da “elite”, algumas delas que estão presas, construíram suas trajetórias no próprio tráfico. As mulheres dos traficantes, geralmente estudantes universitárias, possuidoras de carros importados, consumidoras das melhores grifes e que passam pouco mais de duas semanas na prisão, essas vistas como “elites” têm uma história com o tráfico, em vez de “mulas”, tornam-se também líderes, as mulas, gíria entre os(as) traficantes, obedecem os líderes, seguem o que eles dizem e vão presas exatamente para que os líderes não sejam presos, diferente das mulheres que lideram, as quais até vão presas, mas dificilmente permanecem muito tempo na prisão, porque as mulas ficam em seu lugar, esta é outra singularidade que envolve mudanças no comportamento feminino, inclusive entre as próprias mulheres. Dessa maneira há uma relação não apenas de hierarquia no tráfico, como também de gênero, as mulheres pobres, analfabetas e que só traficam e/ou consomem são presas para acobertar as mulheres ricas e líderes do tráfico, senão, esconder os líderes.

No ano de 2010 quando iniciei a pesquisa na Penitenciária Feminina de Campina Grande havia 93 presas. Já no ano de 2011 havia no mês de março 86 apenadas, 37 condenadas e 49 provisórias. Destas 55 presas estavam detidas por tráfico de drogas, 5 por homicídio; 6 por roubo; 3 por furto; 2 por lesão corporal; 3 por estelionato e falsidade

¹⁵⁹ CAMPOS, A; TRINDADE L.; COELHO, L. **Mulheres criminosas na abordagem interdisciplinar**. Pesquisa em Debate, edição 9, V. 5, nº 2, Jul/Dez. 2008.

¹⁶⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

ideológica; 1 por latrocínio; 1 por receptação de roubo; 1 por formação de quadrilha; 1 por “estupro” segundo a lei 12.015/2009. No primeiro semestre de 2012 segundo dados da Penitenciária Feminina de Campina grande existiam 57 apenadas, entre elas 30 sentenciadas e 27 provisórias. Há nesse mesmo período um total de 32 presas por tráfico de droga; 1 presa por sequestro e cárcere privado; 2 presas por ameaça física; 1 por violência doméstica; 1 por periculosidade de vida; 6 presas por furto; 6 presas por homicídios; 1 por receptação; 3 presas por estelionato; 1 presa por estupro; 1 presa por roubo; 1 presa por documento falso; 1 por falsidade ideológica; 1 presa por latrocínio. No segundo semestre de 2012 somavam-se 57 apenadas: 5 presas por homicídio; 1 presa por sequestro e cárcere privado; 4 presas por furto; 4 presas por roubo; 1 presa por latrocínio; 2 por estelionato; 1 presa por receptação de roubo; 1 presa por corrupção de menores; 1 presa por falsidade ideológica; 1 presa por documento falso; 32 presas por tráfico de drogas; 3 presas inclusas no estatuto da criança e adolescente.

Com base nos processos pesquisados das presas entrevistadas, predominam 20 presas envolvidas com tráfico; 8 presas envolvidas com furtos; 2 presas por roubo; 1 por ameaça à integridade física; 3 presas por latrocínio; 5 presas por homicídio; 1 presa por agressão física. Houve entrevistadas que não pude ter acesso aos processos-crime por decisão da administração penitenciária, assim como houve processos pesquisados que as presas não concederam entrevistas, pelo fato de preferirem não se expor à pesquisa, liberando a pesquisa no seu prontuário.

Esses números são confirmados também pela polícia civil da cidade de Campina Grande. Os dados da polícia civil¹⁶¹ também se fazem importantes para perceber o envolvimento das mulheres com o crime, justificando que por motivos burocráticos da própria instituição, não foi possível ter acesso aos dados da polícia militar. Mas conforme informação da polícia civil, e com base nas mulheres que foram presas em Campina Grande e registradas na delegacia central, tem-se os seguintes dados: no ano de 2007 foram registradas 38 presas (10 presas por furto, 21 presas por tráfico; 1 presa por latrocínio, 2 presas por ameaça à integridade física, 1 presa por tentativa de homicídio, 3 presas por furto). No ano de 2008 foram registradas 30 ocorrências (7 presas por furto, 5 presas por tráfico, 1 presa por roubo, 1 presa por homicídio, 1 presa por porte ilegal de arma, as demais não foram explicados os motivos da prisão). No ano de 2009 foram registradas 43 ocorrências (17 presas por motivo de furto, 9 presas por latrocínio, 4 presas por tráfico; 2 presas por roubo, 1 presa por

¹⁶¹ Esses dados foram concedidos pelo setor administrativo da Polícia central de Campina Grande às 15h08minh do dia entre os dias 04 e 10 de maio de 2012.

receptação de roubo, as demais não tiveram os motivos de seu registro explicados). No ano de 2010 foram registradas 39 ocorrências (11 presas por furtos, 5 presas por roubo, 4 presas por tráfico, 1 presa por latrocínio, 4 presas por homicídios). No ano de 2011 foram registradas 45 ocorrências (10 presas por furtos, 13 presas por tráfico, 3 presas por roubo, 1 presa por receptação de roubo, 1 presa por aliciamento de menor). E no ano de 2012 até o mês de abril foram registradas 17 ocorrências (2 presas por tráfico; 2 presas por homicídio; 2 presas por roubo; 1 presa por ameaça; 3 presas por furtos)'

Descrevem-se, nesta tese, as mulheres que estão dentro da sociedade, inclusas no sistema capitalista, mas aprendendo os códigos culturais de outra maneira, mulheres que nasceram em uma sociedade onde as feministas já defendiam a libertação e a independência feminina, mas essas mulheres subjetivaram de forma diferente essa liberdade, essa independência. Outros números e dados são importantes para entender essa diferença, que é a relação delas com o estudo e o trabalho. Se há um discurso hegemônico em defesa dos estudos e trabalho, essas mulheres são o outro dessa cultura escolar, letrada e do trabalho, embora todas afirmem que se envolveram com crime pela ausência de trabalho. Entre o 40 processos-crimes pesquisados, 28 mulheres se dizem do lar, 05 domésticas, 01 agricultora, 01 vendedora, 01 ajudante de serviços gerais, 01 auxiliar de costura, 01 cabeleireira, 01 autônoma e 01 pasteleira. Sobre a escolaridade, predominam mulheres com ensino fundamental incompleto: 06 analfabetas, 27 mulheres com ensino fundamental incompleto, 04 mulheres com ensino fundamental completo, 01 mulher com ensino médio incompleto, 02 mulheres com ensino médio completo. Entre essas mulheres que nasceram entre os fins dos anos 70 e início dos anos 80, predominam também mulheres solteiras: 28 solteiras, 02 viúvas, 05 casadas oficialmente e 05 mulheres com união estável.

Esta é uma escrita sobre mulheres que deixaram os lares, a escola, o trabalho, a família e foram para as ruas, mulheres em sua maioria mães, esposas, amantes, namoradas, mulheres que romperam com o passado, os valores da educação recebida e se (re)significaram. Esta é a maior ruptura no aprendizado dessas mulheres, as subjetividades que se constituem como o fora, a dobra, da mulher desejada, inclusive da mulher feminista liberal, que mesmo questionando o lar, o trabalho, insere-se nesses campos institucionais, inscrevem-se neles e de alguma maneira não abandonaram as normas sociais por completo.

Dona Socorrinha, 65 anos, acusada de tráfico de drogas (artigo 33) é ambígua por dois motivos: trabalhou a vida toda, aprendeu que o trabalho definia sua identidade, mas no auge de seus 65 anos não somente burla com o aprendizado sobre trabalho, como também e principalmente, com o aprendizado sobre mulher, foi criada em uma sociedade conservadora,

filha de pais agricultores, casou cedo para atender aos valores da sua sociedade, mas na atualidade rompeu com esses códigos, instituiu-se a outra da identidade feminina que sustentou a vida quase toda. A senhora supracitada que passou a vida toda trabalhando, subjetivando os códigos da cultura rural, filha de agricultores, agricultora, doméstica, rompe com os códigos e aprendizados de um dado modelo de família e mulher ao longo dos seus sessenta e cinco anos, singulariza-se e descontinua-se dos códigos e éticas que aprendeu na infância. A sua narrativa é a da culpa, mulher que libertando-se de um código, liberta-se condenando-se, porque este é um outro aprendizado de quem trava uma luta contra o poder e a norma. Dona Socorrinha transita entre a sociedade conservadora dos pais e a sociedade onde se vincula ao tráfico, onde traficar pelo filho e proteger sozinha, sem marido, os filhos no crime constitui outro código. Se na sociedade dos pais ela aprendeu que o trabalho na roça trazia a afirmação de uma mulher da honra, na atualidade Dona Socorrinha se abriu a outros códigos, aprendeu que inclusive traficar maconha, vender drogas para manter sua independência e a independência dos filhos é um aprendizado possível, porque nesta sociedade atual há outras maneiras de ser mulher, mulher idosa, mulher independente, o tráfico de drogas faz parte dessa nova constituição feminina.

Mas a ruptura desse lugar tradicional do papel da mulher que trabalha não é uma prática apenas de Dona Socorrinha, Daniela Salute, mais jovem, 29 anos, é também uma dessas mulheres que de trabalhadeira assume o papel de traficante. Filha de agricultores, doméstica, envolve-se também com o tráfico. Se dona Socorrinha foi presa para salvar o filho, Daniela Salute diz estar presa para salvar o irmão dos traficantes na prisão. Daniela Salute narra-se enquanto mulher trabalhadeira, diz que trabalhou a vida toda em casa de família, desde os nove anos trabalhava, mãe de dois filhos, ensino fundamental incompleto, está presa por levar maconha para o irmão na cadeia.

Falo, aqui, de mulheres situadas em um contexto onde o capitalismo captura identidades, o envolvimento das mulheres com o tráfico, roubos e homicídios explica-se também por essa análise, essas mulheres em vários momentos deixaram claro seu aprendizado sobre o consumo material, sobre o desejo da ascensão social a partir de uma estabilidade financeira. A luta pela sobrevivência continua, mas com base em outros códigos e regras.

Renalie Duarte (33 anos) e Petrucia Cordeiro (35 anos) são duas mulheres que deixaram bem claro que seu envolvimento com o tráfico de droga foi por dinheiro, embora reconheçam que as amigas influenciaram bastante. Petrucia Cordeiro, paulista, ensino médio completo, terminou os estudos na prisão, réu primária, explica-se:

O motivo foi tráfico, foi a primeira vez foi numa viagem trazendo droga pra cá de São Paulo pra João Pessoa. Tomei um dinheiro emprestado e não tinha como pagar, daí apareceu esse dinheiro, daí eu não conhecia nada aqui e convidei uma pessoa pra vir comigo, ai aconteceu a prisão de uma denúncia anônima¹⁶².

Mãe de cinco filhos, casada pela segunda vez, diz que o segundo companheiro era viciado em drogas:

Conheci ele por que já conhecia pessoas envolvidas com essas coisas, perguntei como era que fazia a essas pessoas, sabia que era coisa errada, não sabia o que era na verdade, vim com uma maleta com 27 kg de maconha, 1 kg de craque e 1 kg de cocaína¹⁶³.

Renalie Duarte, paulista, ensino fundamental completo, ajudante geral em uma fábrica de alhos em São Paulo, envolveu-se com o tráfico para comprar roupas e sapatos:

Olha professora é por que eu estava muito ambiciosa, com mania de querer tudo que o povo tinha, queria ter, comecei a me envolver com pessoas que não deveria e me envolvi, amigas ., amiga não é a que enxuga as lágrimas é a que não deixa cair, essas amigas foram me incentivando: vamos! Vamos!,olha o que eu tenho. Comecei a ver as coisas delas, a ficar ambiciosa, venho de uma família humilde, minha mãe é trabalhadora, doméstica, nunca poderia me dar o que eu queria, ai me envolvi, quando vi vim nessa viagem e já vim presa. Foi droga, tráfico com 4 kg de craque pra cá, vim só deixar, foi quando desci na rodoviária, mas um já vinha dentro do ônibus me monitorando de Pombal até Patos, foi denúncia anônima, vinha de uma cidade na Paraíba, era uma pessoa que queria comprar e o que me mandou não queria mandar porque já devia um dinheiro pra ele. Ai ele ficou com raiva e denunciou, eu não sabia de nada ai vim, foi a primeira vez que eu estava fazendo, eles iam me dar três mil reais, aí eu disse vou comprar isso, ajeitar o banheiro da minha casa. Eu disse ao marido que ia fazer uma viagem de cosmético, as meninas viajavam assim, vinha pra uma loja na Paraíba, olha onde vim parar, eu chorei muito professora por desagradar a família que eu tinha, ele confiava muito em mim, nunca traí ele, fazia 8 anos que estávamos junto, eu trabalhava honestamente, ele também, era segurança do boliche lá na Lapa, a gente vivia bem, só que eu não queria aquilo, eu queria muito mais¹⁶⁴.

O companheiro que está em São Paulo é segurança de uma loja, não era o que Renalie Duarte queria, partiu para a viagem-prisão. O companheiro a espera, mas ela está aqui com outro companheiro, um albergado que a visita na prisão.

Essas duas mulheres, diferentes das demais, não apenas assumem o crime, como também explicam, claramente, o envolvimento com o tráfico, sem criar, apontar a culpa para o outro, de modo indireto Petrucia Cordeiro diz que conheceu as pessoas do tráfico através do ex-companheiro; Renalie Duarte afirma que por não querer a vida simples que lhe propiciava

¹⁶² Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 15 jun 2011.

¹⁶³ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 15 jun 2011.

¹⁶⁴ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 10h15min no dia 18 jun 2011.

o companheiro em São Paulo, traficou a droga para conseguir um dinheiro a mais. Ambas reproduzem um discurso muito comum no mundo do crime, que é justificar seus envolvimento a partir da questão financeira, foram menos trágicas, não arguíram misérias, apenas Petrucia Cordeiro, explicou sobre uma dívida, Renalie Duarte deixa mais clara a sua ambição e seus desejos por roupas, calçados e outros objetos, discursos que serão bastante comuns entre as mulheres que foram penalizadas por furto e por roubo, mas estas últimas vão argumentar o envolvimento com o crime muito mais pela fome e miséria do que pela vaidade e luxo.

Essas duas mulheres vivenciam os códigos do tráfico entre São Paulo e Paraíba. Renalie Duarte revela inclusive que a sua prisão decorreu de denúncias, denúncias de um consumidor endividado e revoltado por não ter acesso às drogas que lhe eram vendidas. Por ordem do traficante, ela não vendeu, foi presa, o que enuncia os conflitos no mundo do crime, ela foi presa, o líder que a ordenava não. Petrucia Cordeiro revela também outros códigos em suas falas, códigos e éticas sobre a aproximação com os traficantes, que necessita de pessoas intermediárias, para traficar, ela se aproximou exatamente das amigas do ex-companheiro, as quais as conduziram ao tráfico.

Essas mulheres das “margens” usam, em seus discursos, a formação discursiva da mídia, da própria prisão, afirmam-se sujeitas que buscam a libertação, a liberdade, a independência, mas a falta de estudos, de oportunidade para o trabalho, afirmam, conduziram-nas para o crime, crimes inclusive bastante comuns entre as mulheres hoje. Essas mulheres que no crime afirmam sua identidade feminina são as margens no social e no próprio crime, em sua maioria, antes mesmo do crime já são marginais em casa, nas relações que constroem, e mais precisamente no próprio lar.

Envolvidas com o crime, essas mulheres justificam-se por vazios e ausências, não querendo, não conseguindo ou não podendo seguir o modelo de família nuclear, encontram no crime a fuga de si, do que lhes faltam, reconstroem a liberdade que o mundo capitalista oferece e retira, além disso, encontram nas carências financeiras, afetivas, familiares e sociais a explicação para o crime, porque os discursos da prisão e fora delas lhes fizeram acreditar nesse texto pronto e dado. Conforme toda identidade feminina, as presas estão em busca da independência da mulher e essa luta pela liberdade chega nessas mulheres de modo diferente. Elas também buscam se enquadrar nesse contexto social de produção, compras, espetacularização do corpo, simulação da felicidade, e fazem essa busca dentro de suas realidades sociais. Usam das estratégias de seu contexto para se enquadrarem socialmente, embora estejam elas marcadas pelas mudanças, por outras maneiras de ser mulher,

contraditoriamente são filhas das mudanças que o feminismo construiu, mas ao mesmo tempo são capturadas pelas malhas do capitalismo e pelos valores que o próprio feminismo questiona.

As mulheres desta pesquisa fazem parte de uma dada realidade social onde a quebra do modelo de família nuclear, a falta da educação básica escolar, de especialização profissional além de outros fatores já mencionados constituem explicações importantes para compreender o envolvimento das mesmas com o crime. Elas se tornam livres de um lado, prisioneiras de outras discursividades, punidas inclusive de outras maneiras pelo impacto feminista, o aumento das mulheres pobres, abandonadas, presas, drogadas, prostituídas é um signo dessa punição.

Conforme explica Assis e Constantino¹⁶⁵ (2001), somente através das trajetórias individuais é possível compreender a relação da mulher com o crime na nossa atualidade. Não se nasce criminosa, roubando, matando, essas vidas nos falam de escolhas, de falta de oportunidades no trabalho, de oportunidades criadas no crime, de ausências, de faltas, de perdas muito mais do que ganhos. Zélia Teixeira, uma das presas entrevistadas, enfatizou bem: “o crime não compensa”¹⁶⁶.

Para Louise Tilly:

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Mas, sobretudo porque, para o historiador, em função do processo permanente de estruturação social, assim denominado por Philip Abrams, as mulheres vivem e atuam no tempo (1994, p. 31).

Esta é uma questão importante para este texto, pensar a atuação dessas mulheres presas nesse tempo presente, mas compreendendo esta atuação dentro de um processo histórico, que data dos anos 60 do século XX, no qual as mulheres atuam, destacam-se, aparecem ou são marginalizadas. A mulher que trafica, rouba ou furta, geralmente tem uma trajetória marcada por condições financeiras e de trabalho precárias, mas essas mesmas mulheres estão compartilhando de uma ética instituída nas sociedades atuais que valorizam o trabalho e o sucesso profissional. Nesta pesquisa a relação das mulheres com o tráfico e com as drogas, em grande medida, é explicada a partir dessa carência financeira. A subversão do

¹⁶⁵ Ver essa discussão em: ASSIS, S.G E CONSTANTINO, P. **Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

¹⁶⁶ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 15h00min no dia 07 jul 2011.

papel da mulher se explica então por uma questão extremamente paradoxal, por um lado, subvertem o papel do feminino e da mulher normalizado, mas o fazem contraditoriamente, para assumirem ou pelo menos não fugirem ao código da mulher que possui bens, casa, roupas caras, sapatos e outros bens. A transgressão do papel da mulher, dessa maneira, resulta de conflitos sociais maiores, essas mulheres, pelo fato de não terem estudado ou terem qualificação profissional, e ao mesmo tempo, desejando alcançar o papel da mulher trabalhadora, encontra no crime, maneiras, táticas para manter-se dentro de um dado nível econômico, social, rompendo inclusive com todo um conjunto de aprendizados morais, éticos, religiosos.

O envolvimento das mulheres com assaltos é também uma singularidade para pensar as mulheres envolvidas com crimes. As mulheres a seguir não escolheram as ruas de Campina Grande, os espaços urbanos, as farmácias, mas as ruas silenciosas, vazias, os campos, as fronteiras entre Campina Grande e outras cidades, os sítios, uma delas, um motel. O uso das armas, a violência usada para seus crimes explicam a geografia obscura onde atuavam. Karla Drummond (24 anos) escolheu a zona rural da sua cidade, a parte mais esquisita e vazia, pede uma moto, segue o destino do as(f)alto e da morte, armada, atira para tomar para si um celular e uma moto.

Karla Drummond (Penalizada por roubo: artigo 157 do CP) é acusada de latrocínio. Assalto com arma de fogo e faca exige força, habilidade, alvo, uma das testemunhas do processo de Karla afirma: ela é uma exímia atiradora, acertava até pássaros. Outra testemunha diz: ela já era acostumada a praticar roubos e esconder na casa do avô¹⁶⁷. Karla Drummond, 28 anos, solteira, pasteleira, ensino médio completo, moradora de um Sítio em Sumé, ré primária¹⁶⁸. Quem é Karla? A criminosa jovem que friamente planejou o assalto ao mototaxista, subtraindo uma moto, dois chips de telefone e vinte reais? Uma jovem que solicitou uma corrida de moto e ia sendo estuprada, com medo sacou do revólver e atirou para não ser abusada pelo motorista, como afirma a acusada? Uma atiradora exímia? Uma ladra?

Karla, um corpo construído por diferentes discursos. Seu crime? Latrocínio. O crime de Karla fora deixando rastros e pistas. A polícia as encontrou? O crime ocorreu nas proximidades do sítio onde Karla morava em 2008. A primeira testemunha¹⁶⁹, agente da polícia civil, disse que recebera um telefonema anônimo que informava sobre uma morte no

¹⁶⁷Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

¹⁶⁸Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

¹⁶⁹Idem.

sítio, o agente foi até o local e encontrou o mototaxista morto. Outra testemunha¹⁷⁰: trata-se do senhor dono da casa onde Karla havia deixado a moto, foi até a polícia e explicou que Karla deixara a moto na sua casa e fora para a casa do avô. Outras testemunhas vão costurando o crime, constituindo a trama e a vida da autora: uma diz que ouviu os tiros¹⁷¹, outra explicita que Karla era criminosa desde a infância¹⁷²; outros só falavam do crime e não da autora, a sua amiga, falou dos telefonemas agoniados que recebera da amiga no dia do crime e afirma que a mesma era lésbica há algum tempo¹⁷³. O que teria a ver o lesbianismo de Karla com o crime? Em depoimento Karla se resignifica: afirma que solicitou a moto, que o motorista passou a mão em suas pernas e com medo sacou da arma e atirou? Mas por que a arma? Por que subtrair os objetos?

Karla foi presa dois meses após a investigação policial. Para esta pesquisa Karla também se reconstrói, entre lágrimas e palavras:

Me envolvi com pessoas erradas e caí nessa vida que me levou a fazer isso, matar pra roubar. Foi latrocínio, morte de um rapaz, chegou a falecer, caracterizou latrocínio, a gente se envolveu muito aí aconteceu. Só tem eu, não planejei assalto com revólver, não queria, mas acabou, não consegui levar o objeto, fui pedir ajuda, foi quando fui pega em flagrante¹⁷⁴.

Karla diz que a droga a levou para o crime, no processo não consta uso de drogas, tampouco o gesto de ajuda dela para com a vítima. Afirma ainda que se envolveu com as drogas desde os 17 anos. Seu sonho? Reconstruir sua vida, como afirma outras presas. Na prisão recebeu a triste notícia da morte da mãe por atropelamento, apenas o pai e a tia visitam-na. Na prisão conheceu uma moça com quem manteve um relacionamento duradouro, o qual findou quando a moça saiu da prisão, mas ela caminha por outros desejos femininos..

Em uma das cartas anexadas ao processo, Karla pede a anulação do documento que permitia a visita da companheira, alegando falta de companheirismo e de solidariedade por parta dela. Em resposta, a companheira escreve entre muitos desabafos:

Te escrevi para lhe dizer que estou muito magoada com você, eu jamais imaginei que você seria capaz de fazer o que você fez, fica trocando bilhete, com essa menina, continue assim, porque eu tomei a decisão e eu não te quero mais, tudo o que eu fiz por você, foi em vão, eu dei a minha palavra, e eu sou mulher de cumprir

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² Ibidem..

¹⁷³ Ibidem..

¹⁷⁴ Entrevista realizada no dia 10 out 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

tudo o que falo, rasguei os planos, foi engano em me envolver, por um coração cigano, leviano, que me fez sofrer. Sem mágoas eu seguirei em paz¹⁷⁵.

Pasteleira? Drogada? Ladra? Lésbica? Coração leviano? Vítima? Ré? Muitos são os discursos que constroem a vida de Karla, muitas são as subjetividades (ou lugares de sujeito) dela, subjetividades entrelaçadas por fios de poder, de controle, de punição, subjetividade que também se inventa para se defender. O crime, a morte são fatos, mas a vida de Karla é fluida, tão fluida que não cabe no papel do processo, da pesquisa e da sua própria memória narrada, falada, escrita.

A discussão que Foucault¹⁷⁶ constrói sobre Pierre Rivière (1974), ajuda a pensar a situação de Karla enquanto objeto desse entrecruzamento de saberes que em lugar de dizer o ser-mulher-prisioneira, cria uma variedade discursiva que tenta dar conta desse ser que por mais que se defina, mais escorrega para fora da definição dada pelo discurso do poder. A grande busca desses discursos é definir para a presa sua verdadeira identidade, e cada discurso, a partir de suas regularidades e repetições afirma uma verdade para a apenada em questão. Quando Pierre Rivière descreve o crime em folhetim, compondo a peça do processo e finalizando a narrativa-assassinato, o poder jurídico, médico a partir das narrativas vão criando explicações e definições para Rivière. Gesto que ocorre com as apenadas nos processos crimes. O discurso jurídico exigindo muito mais a confissão do que um relato, se apropria da narrativa para criar um lugar para a presa, uma verdade sobre seu ser e seu gesto e assim elucidar o obscurantismo que circunda cada vida aprisionada e detida. Para controlar essas vidas que fogem à racionalidade da medicina e da jurisdição é necessário prendê-las não apenas entre grades, mas principalmente, nas linhas que pontilham e costuram com o processo. É preciso fazer inclusive a presa lembrar cotidianamente do seu crime e da sua vida-prisão. É a confissão do processo que interessa ao poder para infiltrar no sujeito do crime uma memória, quase imortal, das vidas que a sociedade rejeita, e do outro lado, a sociedade, exigindo que o poder enclausure quem por algum motivo errou.

Uma das questões mais repetidas por Foucault é pensar exatamente sob que condições os sujeitos aparecem na ordem do discurso? É sob a prática do crime que as mulheres presas são iluminadas pela verdade do poder, vidas infames e que sem glórias são aprisionadas à memória dos processos crimes e definidas ainda que de modo obscuro à condenação do

¹⁷⁵ Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08. Carta anexada no processo pesquisado.

¹⁷⁶FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...** Um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault. Trad. Denize Lezan de Almeida. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

estereótipo de criminosa. O crime acaba sendo para a presa a própria definição de si e do que ela compreende sobre sua condição de mulher. E este é um dos efeitos do poder jurídico, disciplinar as presas a ponto de fazê-las ser abjetas de si, de culpar a si e esconder a sua história e a sua vida antes e depois do crime, porque o futuro para elas parece ser mais sombrio do que o escuro de suas casas-cadeia, porque ser mulher ali, parece ser o não-ser, mulher da prisão. Mas entre tantas definições, Karla é uma das mulheres que através do uso da violência física e uso da arma, desconstrói o ser feminino enquanto ser passivo, dócil, frágil, ela atua virilmente sobre sua vítima, questionando toda uma rede de saber que a define como o outro do feminino passivo.

Outra presa escolheu o as(f)alto, nas ruas do centro de Campina Grande. A noite se prostituía, quando não se prostituía, assaltava o próprio cliente. Lizandra Souto, solteira, 30 anos, ensino fundamental incompleto, acusada em 2004 por receptação de roubo (artigo 180) e em 2010 acusada de assalto e agressão física. Lizandra é reincidente por duas vezes, uma prostituta que se envolveu com craque e assaltos. Para ela o envolvimento com o crime se explica pela necessidade de ajudar a mãe, abandonada pelo pai, ela e a mãe, segundo afirma, precisaram batalhar pela sobrevivência:

[...] comprei furto, não sabia que era furto, nesse tempo tava desempregada eu e minha mãe, a gente precisava pagar aluguel que não tinha residência fixa, aí eu comprei uns objetos pra vender, mais não sabia que era produto de furto, a polícia sabia que tava comigo aí fui presa¹⁷⁷.

Sobre o assalto, Lizandra afirma que estava procurando uma pousada com o rapaz que conduzia a moto para fazer um programa fora de Campina Grande, afirma que sem querer bateram em outra moto, na qual vinha outro casal, assustados, ela diz que o homem e a mulher pensaram que era um assalto, a polícia que estava por perto os prenderam.

Adeilma Santos, (31 anos) diferente de Lizandra escolheu a cama de um motel, após o sexo, colocou Diazepan na bebida do cliente e o assaltou, prática, segundo afirma, comum entre as suas amigas.

[...] eu sempre tinha amizade com pessoas grandes demais, aí umas amigas chegaram e disseram vamos fazer um programa? Vamos! Fui. Não preciso porque não preciso desse tipo de coisa, minha mãe não tem condições financeiras boas mais me dá de tudo, o pai da minha filha, não vivo com ele, mas dá a pensão das minhas filhas, e meu pai não falo com ele, não falo com meu pai, depois da separação dele com minha mãe, e fui [...] depois do programa coloquei remédio e ele saiu tropeçando nas calçadas, fui pega em flagrante [...]¹⁷⁸

¹⁷⁷ Entrevista realizada no dia 10 out 2011 às 11h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹⁷⁸ Entrevista realizada no dia 12 out 2011 às 15h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Essas duas falas específicas trazem uma mudança fundamental no contexto da mulher, da prostituta e do crime. A prostituição faz parte de outra tática das mulheres do crime, através da prostituição elas assaltam, roubam ou cometem outros delitos. Essa talvez seja uma maneira de encobrir o crime, de esconder-se atrás da vida de prostituta, visto que prostituir-se não significa mais cometer delitos. A prostituição nesse caso é (re)significada e secundária na atuação dessas mulheres, que usando estratégias têm objetivos comuns: assaltar, roubar, tornar o seu corpo, o seu sexo mais caro do que o que lhe fora pago. Se os clientes não pagam, roubam, assaltam. Elas reproduzem um dado código de gênero, usam da sexualidade, seduzem, fazem do sexo um caminho para outra prática, o roubo. Nesse momento elas rompem com os códigos de gênero tradicional, burlam tais códigos quando usam da força do assalto, no caso de Lizandra, já no caso de Adeilma, a tática é mais sutil, outra astúcia, dopa o corpo masculino, rende-lhe as forças, pratica o crime. Adeilma é uma das singularidades desta pesquisa, seu envolvimento com o crime é muito mais uma aventura do que uma necessidade. Filha de professores, bem estruturada financeiramente, encontra no crime uma maneira de socializar-se com amigas e amigos. Conhecida na cidade, comete o crime do roubo, porque escuta as amigas falarem do estilo do roubo, um roubo que envolvia antes a prostituição, mas Adeilma é alguém que compartilha da lógica de que o dinheiro traz liberdade, de que a forma como esse dinheiro chegaria facilmente a tornaria ainda mais independente, ela introjeta a lógica da independência, da liberdade, do bem-estar vinculada aos bens materiais. Suas amigas a influenciaram porque esse é o contexto onde vive, onde compartilha códigos e valores, a educação, a ética familiar é substituída pela ética que aprende com amizades, porque estas ensinam outras maneiras de ser, de ser mulher.

Lizandra está instituída em outra lógica social, compartilha de uma estrutura de vida que coincide a maioria das presas aqui apresentadas, o roubo é explicado para o sustento da família, filha de mãe solteira, precisou desde cedo ser o esteio da família, o pai de família, dividindo todas as despesas com a mãe, trafica, rouba e se prostitui dentro de um cenário social onde o crime é outra economia, outra lógica ou símbolo de conquistas financeiras para o que são alijados do meio social. A mãe de Lizandra já inicia essa exclusão, mãe solteira, doméstica, Lizandra absorve os códigos dessa exclusão, introjeta a lógica da sobrevivência pelo ângulo do crime, dos códigos de uma economia periférica, que faz do crime um sustento, outra prática possível de sobrevivência.

Essas duas mulheres escolheram o caminho do sexo para realização do assalto. Lizandra reproduz um dado aprendizado sobre a mulher, quando usa o sexo para atrair os clientes, em seguida, assaltá-los, mas rompe com esse laço quando em cima de uma moto

armada, no escuro das estradas, assalta. Adeilma prefere a sedução, prostituiu-se, usou da antiga tática de deixar o cliente sob efeitos de remédio para cometer o assalto, preferiu o quarto, a cama ao invés das estradas obscuras e solitárias.

Simone Bezerra, 43 anos, o processo mais extenso entre todas as presas pesquisadas. A presa que mais externou conflitos, agressividade, impaciência e agonia na prisão. Reincidente por quatro vezes, Simone não aceita a condição de presa. Ao longo das inúmeras páginas lidas do processo, pude perceber de um lado, um histórico de trabalho na prisão, por outro, um histórico de violência e agressão. Há vários documentos que denunciam as lesões corporais que cometeu em outras presas. Durante as entrevistas, algumas presas comentaram sobre o medo de ir para o banho de sol devido às ameaças sofridas e vindas de Simone, a qual exigia delas lanches. Sem lanches para oferecer algumas presas se enclausuravam nas celas com medo.

Dentre todas as presas entrevistadas, Simone é a presa que tem o mais extenso processo-crime, a presa que mais reincidiu, a presa que mais cometeu assaltos. Seus assaltos ocorreram em diferentes lugares, em casas, ônibus, estradas. Em 2010¹⁷⁹ Simone, seu filho e o companheiro realizaram um assalto em um ônibus, saindo um homem ferido a facadas pelo filho. Simone estava com uma faca, o companheiro com um revólver e o filho com outra faca. Em 2000¹⁸⁰ comete um roubo em uma residência juntamente com outra mulher, com revólver e uma chave que abria residências, subtrai da casa diversos objetos, como: televisão, ferro, DVD, perfumes, roupas, é punida pelo roubo efetuado e crime contra o patrimônio. Nesse crime foram perseguidas por alguns moradores do bairro onde realizaram o roubo. Em 1990 não rouba, agride uma moça que havia se relacionado com o seu companheiro, cortou a moça com giletes. Na prisão também havia espancado Fabiana, já apresentada nesse texto, porque a mesma havia se envolvido com o seu companheiro, no passado. A contradição de alguns documentos do processo está em relatar bom comportamento da presa no interior da prisão, ao mesmo tempo o histórico de agressão e violência da mesma. Em outro momento em que estive no presídio, encontrei-a gritando, chorando, clamando ajuda, pedia uma viatura para ir até o enterro do sobrinho que tinha sido assassinado.

Na entrevista para essa pesquisa, Simone prefere dizer-se de outra maneira:

O motivo foi 157 forjado pela polícia, eu tava em casa, a gente trabalhava dois dias em seu Antônio, e quando eu ia pra casa mais ele, a gente combinou de dançar no

¹⁷⁹ Entrevista realizada no dia 15 out 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹⁸⁰ Entrevista realizada no dia 15 out 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Ipiranga, quando a gente chegou em casa faltou cigarro, as coisas, aí ele disse que ia na mercearia antes de fechar, aí ele foi comprar cigarro e eu fiquei me arrumando, aí vi o povo correndo, fiquei sabendo que a polícia tinha baleado ele, aí corri pra ver, a polícia me abordou a sorte é que ele não tinha assaltado ninguém não, ele tava com a mixaria e depois ele não foi pego com nada, com nenhum real, nenhuma faca [...] não fiz assalto nenhum, a polícia me prendeu, me bateu. Colocou uma arma na mão dele, atirou nele, colocou a arma na mão dele pra dizer que foi ele que atirou, eu vim presa mais por que eles estavam batendo nele aí chamei nome com eles, aí eles se vingaram de mim [...]¹⁸¹.

Solteira, mãe de quatro filhos, agora três filhos, traz no peito dois pássaros, seu desejo, como de todas as outras aves é voar! Ser livre! Antes da prisão fazia faxina para ajudar a mãe, começou na vida do crime com 18 anos, disse que a pobreza a levou para o crime. Sente saudade da infância, mas não das pias que sofreu dos pais, diz que apanhava muito, talvez por isso batia tanto nas outras mulheres. Seu sonho? Ter oportunidade, emprego e tocar a vida pra frente. “Na liberdade você vive bem, nem que seja debaixo de uma ponte¹⁸²”. Os pássaros em seu peito, talvez traduzam o seu desejo de ver-se livre da prisão, talvez traduzam as asas que ela quebrou quando agrediu, assaltou.

Simone Bezerra é uma das mulheres que definitivamente implode com o papel da mulher passiva, dócil, sua trajetória é marcada pela prática da violência, violência física inclusive, na prisão e fora dela. No crime, Simone utiliza de um recurso não muito comum, o assalto à mão armada, visto que tal prática exige força, habilidade. Na prisão usa da violência física para fazer-se líder e controlar o cotidiano da prisão. Na entrevista assume outro lugar, o da vítima, dociliza a voz, sensibiliza os gestos, sua narrativa é a de quem vive a vida toda trabalhando na infância e em um dado momento da sua vida, envolve-se com o crime. A trajetória de Simone é parecida com as demais, mas entra no crime utilizando outros códigos de gênero, muda seu lugar de mulher e atua de modo a reinventar o papel do feminino, multiplica-o nesse lugar das margens, lidera o filho, os companheiros e companheiras nos assaltos realizados e na prisão, controla o cotidiano das demais presas. É uma das poucas a realizar assaltos com revólver, mas na hora de falar de si e dos seus crimes usa a astúcia e a delicadeza de negar sua autoria, de apontar o outro, de acusar a polícia. Simone é uma das presas que multiplica seu papel de mulher, performatiza o gênero na prisão e fora dela, institui-se como o fora da sociedade, aponta-se miserável, mas age ativa e friamente no crime, no assalto, no roubo, virilmente agride as presas mais amedrontadas para ter comida e roupa, delicadamente aponta o outro para livrar-se do crime, histericamente grita a direção quando

¹⁸¹ Entrevista realizada no dia 15 out 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

¹⁸² Idem.

deseja um telefonema, uma visita ao médico. Simone, dentro dessa rede de mulheres que roubam, furtam e assaltam, é uma das singulares trajetórias no crime e na prisão, performatiza lugares para atuar, sobreviver, viver no e do crime.

Seguindo as diretrizes de Durval Muniz¹⁸³, as presas falam da terceira margem e esta é também uma narrativa da terceira margem, na qual o devir, a fluidez das narrativas das presas desmancham qualquer vontade de definir suas verdades. Os rios de suas falas arrastam as pedras-palavras do jurídico. Eu navego nessas memórias sem a busca do porto-seguro-verdade, sem o desejo de revelar qualquer verdade das identidades das presas, prefiro que suas memórias continuem escorregadias, fluidas e indefinidas como o são suas vidas. As histórias de vida, como prática antropogenética ou autopoética, isto é, como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, são vistos como práticas contrabandeadas em relação às práticas disciplinares. Com razão, pois na sua expressão espontânea, selvagem, elas tentam articular as dimensões vitais que as disciplinam e delimitam segundo suas normas, metodologias e epistemologias. (PINEAU, 2004, p 144)¹⁸⁴.

A invenção de si é possível dentro de um território onde os signos, os traços, os símbolos vão possibilitando a interpretação. Os relatos da história de si trazem aspectos particulares e sociais da existência das presas, joga-nos para fora do previsto e do habitual, realça outros modos de viver o feminino no mundo da margem e do crime. De acordo com Regina Beatriz citando Schimdt, Não se trata de realizar uma leitura da sua subjetividade em oposição a uma objetividade, mas de estar atenta “[...] à sua formulação como discurso, aos seus encadeamentos lógicos e semânticos, à sua função de produtora de sentido”, como assinala Benito Schmidt (SCHIMDT, 2009, p.2 apud GUIMARÃES NETO, p. 68 2)¹⁸⁵.

O historiador “manipula” memórias, afirma Durval Muniz¹⁸⁶. As memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual ou coletiva, mas como partes de intersecção de várias correntes mentais aproximadas pelas relações sociais. Na memória fica o que significa, na história se resignifica o que fica, esta é a violência do

¹⁸³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Da Terceira Margem em So(u)rrio: sobre história e invenção.** <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/terceira_margem.pdf. Acesso em 22 jun 2011 às 14:09h.

¹⁸⁴ PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação.* Formação São Paulo: Triom. 2004, p. 144.

¹⁸⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **História, política e testemunho:** violência e trabalho na Amazônia brasileira. A narrativa oral da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Confresa (MT), Aparecida Barbosa da Silva, História, política e testemunho: violência e trabalho na Amazônia brasileira. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=15>. Acesso em: 22 out 2012 às 13h08min.

¹⁸⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Violar memórias e gestar a história; abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil.** Bauru, SP: Edusc, 2007, 256 (coleção história).

historiador o qual recria conceitos, atribui novos sentidos ao que ficou guardado nas memórias, porque violar memórias gesta a história.

Quem narra, narra de algum lugar, lembrando sons, esquecendo palavras, reinventando enredos, fazendo da vida uma arte. Essas mulheres aqui apresentadas também se constituem como umas práticas de implosão dos papéis socialmente instituídos para as mulheres, ao invés da passividade no crime, optam pela agressividade, usam armas, ameaçam, violentam, matam, atributos ditos como sendo dos homens. Essas mulheres performatizam o papel de gênero, rompem com comportamentos previsíveis, assinalam definitivamente a multiplicidade do comportamento feminino também nas ruas, no as(f)alto, porque esses são acontecimentos singulares nas tramas do século XX e XXI, espectros que assombram os cemitérios machistas, dos cabras viris.

4 A MORTE DE SI, AS MORTES NA PRISÃO

Morrer é quebrar o mundo:

é perder o homem, aniquilar o ser¹⁸⁷

4.1O OLHAR, A PRISÃO

Este capítulo é uma discussão sobre o cotidiano das mulheres no interior da prisão, e traz uma análise acerca do processo desubjetivação delas neste lugar. Discuto, também, como e de que maneira elas seguem e transformam a disciplina jurídica. A análise inicial pensará a relação da prisão com a morte e a loucura, objetivando problematizar essas outras prisões que integram a que é meramente física. Nas ruas, muitas delas fizeram da morte a possibilidade do encontro com a prisão; outras saíram das ruas e materializaram, na prisão, a morte; outras performatizaram a loucura; houve, porém, aquelas que, na prisão, foram marcadas pela morte e pela loucura. O cotidiano da prisão feminina, pensando na descontinuidade dos acontecimentos, da história, da subjetividade que nunca é fixa, é também o lugar onde o erotismo, a estilística das amizades negam a morte e comemoram a vida, lugar onde os corpos falam, emitem signos diversos e performatizam as identidades de gênero. A amizade e a (des)construção do corpo integram o que discutirei nos dois últimos momentos deste capítulo.

No primeiro dia na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande¹⁸⁸ – no dia 07 de fevereiro de 2010 –, contemplei muitas imagens de abandono daquela instituição para mulheres, o caos estava instituído naquela arquitetura. Celas minúsculas divididas entre seis ou mais mulheres, a maior cela, denominada “a favelinha”, possuía mais de quinze mulheres. O esgoto passava por dentro dessas celas, o piso de quase todas estava quebrado, por isso,

¹⁸⁷BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 324..

¹⁸⁸ Ressaltando que a realidade dessa instituição é outra hoje, devido a um convênio entre a Universidade Estadual da Paraíba e 6ª Vara Criminal, a partir do qual foram realizadas reformas no interior, ampliando -lhes os espaços com construções de áreas de lazer, berçários, salas de aulas e de um campus da própria UEPB (campus do Serrotão) entre os presídios masculinos e femininos do Complexo do Serrotão para viabilizar atividades de estudos, de trabalho e de reintegração das apenadas. Foi através desta pesquisa de doutorado que a UEPB conheceu a realidade do presídio feminino, de modo que, através da reitora – na época Marlene Alves –, empreendeu-se um projeto arquitetônico e cultural dentro daquela instituição, de modo que as presas têm acesso, hoje, a diferentes atividades, aulas do ensino fundamental e básico, aulas de artesanato, culinária, cursos de manicure e cabeleireira, aulas de educação física, e ainda são assistidas por estagiários de Direito que lhes atendem quanto ao andamento dos respectivos processos.

dividiam-se espaços também com ratos e as baratas. Seus lanches (geralmente bolachas secas), estavam sempre pendurados, amarrados em sacolas de plásticos. Na cela para onde iam as presas que por algum motivo cometiam comportamentos tidos como “indisciplinados”, só cabia uma pessoa em pé; nela, havia um vaso sanitário e uma cama de cimento sem colchão ou lençol com os quais as presas dormiam sem roupa durante uma semana; em decorrência disso, havia desespero e grito vindo daquela cela, quando lá empreendi a primeira visita. No entanto, quanto mais gritavam, mais dias naquele lugar passavam. Aquelas mulheres em sua maioria estavam abandonadas pelos ex-companheiros e amantes, muitas delas visivelmente doentes, barrigas onde se instauravam o câncer, úteros sangrando, tumores nos seios, dentes quebrados, ausências de dentes, mais do que isso, ausência de vida, de amor à vida.

O cotidiano naquele sistema penitenciário inspirou a presente pesquisadora a sentir as ausências, os caos, as dores, a fome, a solidão, a tristeza, mas havia também algo parecido com sorrisos, alegria naquele lugar onde até as paredes almejavam companhia. Composta de fúnebres paisagens, as celas poetizavam uma solidão avassaladora, eram, aquelas grades, a composição infinda de um coletivo sofrimento. Comumente se deparava com rostos femininos desfigurados e nus de felicidade, alguns marcados, cicatrizados. Todas aquelas mulheres, mais sombras do que corpos, estimularam em mim a gana por transformar tais dores noutras histórias.

Fomentei um mergulho no oceano daquelas histórias, daquelas mulheres enclausuradas também em suas memórias, mais do que prisioneiras das celas, eram prisioneiras do crime, da culpa, das lembranças do crime que as puseram naquela cela. Eu me lembrava da estrela perigosa¹⁸⁹ – de Clarice Lispector – posto que brilhavam na escuridão daquelas celas, iluminavam-se de farsas, dores, amores e venenos

Rosto ao vento Marulho e silêncio leve porcelana, templo submerso trigo e vinho, tristeza de coisa vivida, árvores já floresceram o sal trazido pelo vento conhecimento por encantação. [...] Ela pode ser venenosa como às vezes o cogumelo é.

Elas carregavam no olhar, no andar, no silêncio que era mais presença do que resposta, o veneno da culpa e do desejo de culpar seus outros.

O medo era condutor dessas tramas, mas a estratégia para me situar naquele território tão logo foi pensada: Ministras aulas, mas não apenas aulas de história, mas aulas de dança.

¹⁸⁹BORELLI, 1981, p. 82.

Seus corpos padeciam da leveza, suas belezas estavam cansadas. Inspirando-me na arte, aprendi com Deleuze, que somente a arte é o que resiste... à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha...¹⁹⁰. Não foi inicialmente com a história, mas com a dança que fui conquistando o espaço da pesquisa. Naquele momento, esta autora se lembrei-me também de Santo Agostinho: “Louvada seja a dança porque ela liberta o homem do peso das coisas materiais, e une os solitários [...] Louvada seja a dança, a dança significa transformar o espaço, o tempo e a pessoa [...]”¹⁹¹

A dança ensinada uma vez por semana, sendo os outros dias dedicados às entrevistas, transformou em parte aquele espaço das celas, levou algumas cores, mudou algumas práticas do cotidiano, convidou aquelas mulheres a contemplarem, na dança, o movimento da vida, inseriu a abertura de um longo diálogo, os laços estratégicos de um relacionamento espontâneo com as presas estava sendo criado. Esse era um momento dúbio para o sistema porque, fui vista dançando, “fomos julgadas insanas por aqueles que não podiam escutar a música”¹⁹². A dança as faziam temporariamente livres. Sequer havia uma sala para ministrar essas aulas, improvisou-se em uma cela que deveria ser a do isolamento, mas era nela onde ficavam as presas recém-chegadas. Naquela cela onde havia material de construção, colchões, tintas e outros, havia mais de quarenta presas, trancada, olhei para todas elas, e era por elas observada. As presas sempre se surpreendiam e perguntavam por que estava ali; perguntava-me também por que eu estava ali, e tudo seria menos trágico se, nessa mesma cela, não tivesse ocorrido o episódio de duas mortes, o fim de duas jovens vidas, um delas, uma aluna minha de dança, uma ex-prostituta que amava a dança. A dança que naquele lugar trouxe o perfume efêmero da liberdade, foi também cenário para a dança da morte, a morte naquela sala dançou! Com este conceito inicio a primeira discussão da prisão tida como geografia da morte, de várias mortes.

4.2 OS DESEJOS DA MORTE: DE SI

Estar morto é uma anomalia inconcebível [...] a morte é uma delinquência, um desvio incurável. Nada de lugar, nem de espaço/tempo destinados aos mortos, seu lugar é inencontrável¹⁹³

¹⁹⁰DELEUZE, 1992.

¹⁹¹BOURCIER, 1987, p.

¹⁹²NIETZSCHE, 2012, p.

¹⁹³BAUDRILLARD, 1996, p. 173.

As duas mulheres que aqui serão apresentadas criaram a passagem e paisagem de suas mortes, o desejo de revoltar-se contra o sistema é um signo dessas posturas femininas que têm suas identidades marcadas pelo discurso da ordem, seus gestos para além de um ato que findou suas vidas, constituem-se uma atitude, um diálogo com esse sistema que dia a dia mortifica seus desejos, seus sonhos, suas vontades. A morte foi o suspiro último das várias mortes simbólicas que ocorrem nesse sistema para essas mulheres, mas o início de outras histórias. Após esse incêndio, vários outros ocorreram, várias outras mulheres rebelaram-se contra o sistema, contra ou a favor de outras mortes. A mídia silenciou esse acontecimento, o sistema também, porque faz parte dos jogos de poder das instituições calar o que as confrontam. A morte é sempre um confronto, usar a própria vida e o próprio corpo contra um sistema é sempre uma luta e um combate.

No dia 05 de janeiro de 2012, antes que a última dança viesse a acontecer, o cenário de duas trajetórias que se acabaram. A notícia chegou antes que eutivesse chegado ao presídio. Desisti de assistir ao espetáculo de mais dor naquele espaço. Ana Maria e Maria Paula já estavam mortas, o relógio marcava 13h25min da tarde. Esta pesquisadora não conseguiu vê-las naquele infausto. Elas morreram asfixiadas e queimadas após incendiarem (não se sabe ainda quem iniciou o fogo) um colchão. Como havia material de construção naquela cela, o fogo se alastrou. Os presos que trabalhavam na construção do presídio masculino foram chamados às pressas, com martelo e machado quebraram as paredes, os ferros das grades, queriam salvar as vidas de quem era, no crime, mais uma companheira, mas no chão estavam elas, estiradas, queimadas, mãos para o alto, rígidas, como se estivessem pedindo socorro. O socorro chegou tarde, asfixiadas e queimadas, não estavam mais presas, estavam livres: estavam mortas.

Há três anos, eu havia entrevistado Ana Maria e Maria Paula, uma delas (Ana Maria) era minha aluna de dança. Ana Maria era uma das presas mais rebeldes do sistema, quase todo mês estava no isolamento, saía, retornava, mas naquele dia estava livre para dançar, ia dançar, não realizou a última dança, mas ficou livre para morrer. Na entrevista, após narrar sua vida, seus conflitos com a direção, enfatizou: “professora, eu ainda vou fazer uma coisa aqui dentro que vai deixar a sociedade horrorizada, a senhora vai ver [...]”¹⁹⁴. Matou? não: Morreu!

¹⁹⁴ Entrevista realizada com a apenada Ana Maria na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Ana Maria e Maria Paula¹⁹⁵, duas jovens mulheres, duas histórias, duas mortes trágicas¹⁹⁶. Trata-se de histórias que estão se repetindo cotidianamente, rompendo com uma dada imagem de feminino passivo. Mulheres jovens, bonitas, com o ensino fundamental e médio incompletos, moradoras de periferias, a primeira moradora de Sertânea em pernambucano, no bairro Morro dos Macacos; a segunda, da região metropolitana de São Paulo, Ferraz de Vasconcelos, ambas envolvidas com o tráfico de drogas. O discurso de Ana Maria tem uma relação de espelhamento com quase todas as presas do tráfico, essas mulheres que traficam são os signos da singularidade na subjetividade feminina da contemporaneidade, porque o tráfico é um crime da atualidade, como apresentado no primeiro capítulo. O discurso de Ana Maria se repetirá e tem uma lógica parecida com a de todas as demais traficantes: argumentar a carência econômica, a desestrutura familiar, além de silenciar-se, culpar o outro:

[...] pessoas que foram presas com droga e disseram que era minha, a polícia foi na minha cidade, não encontraram nada e me trouxeram pra prisão e nem me deram explicação e nem sequer fui ouvida, só me pegaram e me trouxeram, eu fui acusada de traficante, pessoas de Sumé foram presas, alegaram que a droga, por que me conheciam por que eu era prostituta, me pediam cigarro e eu dava, tinha uma amizade um pouco comigo por que fui viciada em droga e maconha e eles vinham, teve um momento que eu não tinha mais e fui embora pra minha cidade, por minha família ser humilde ia ajudar minha mãe e meus 2 irmãos. Minha mãe já teve depressão, não queria ver minha mãe passar necessidade, disseram que a droga era minha, ai a policia foi pra o rabo do gato, uma feira onde as pessoas fazem programa, e eles foram 2 meses seguidos e não encontraram, foram na minha cidade e não me encontraram, bagunçaram as coisas da minha mãe, humilharam ela, eu sempre gostava de viajar. Quando eu soube voltei pra minha cidade e ficava normalmente por que não devia e não sabia das consequências ai foram e me prenderam, bagunçaram minha casa toda, me humilharam e disseram que lugar de traficante é na cadeia ai eu perguntei qual o artigo de tráfico sem droga, se era zero zero, ai ele disse pra eu ficar calada. Fui presa dia seis ai fiquei de três da tarde até oito e meia sem nada, minha mãe mandou e não me entregaram, me levaram pra Sumé, fui muito humilhada, do dia 6 até 16, 3 dias sem colchão e sem lençol, devido a ter respondido, porque disse que meu artigo é 00 por que não tinha droga, depois de 3 dias me deram lençol, depois me botaram no isolado, dia 16 falei que não aguentava mais ficar lá, de tanta solidão, a juíza assinou pra eu descer pra o presídio, amanhã faz um mês, fui presa dia 6, aqui estou sem visita, cheguei muito agressiva, não agredi ninguém, mas com palavras, pedi um copo com água e fui humilhada [...] ai devido a muito baculejo, passei 2 dias no isolado, na sala dos esquecidos [...]¹⁹⁷

Conforme sugere Ricouer¹⁹⁸ narrar-se é compreender-se e interpretar-se, é necessário, pois, ficcionar elementos do enredo, essas mulheres na prisão precisam citar-se de outra maneira, vitimizar-se, situar sua pobreza para justificar o crime, precisam criar outro

¹⁹⁵ Todos os nomes das mulheres presas são fictícios neste texto.

¹⁹⁶ Disponível em: <<http://paraibaonline.com.br/index.php/editorias_inc/6/834272>. Acesso em: 20 jun 2011 às 13h.

¹⁹⁷ Entrevista realizada com a apenada Ana Maria na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

¹⁹⁸ RICOUER, 1991, p. 183.

tempo e outras informações dentro de seu estilo narrativo, o qual é construído para salvá-las da culpa que, em suas almas, é internalizada na prisão. Ana Maria foi acusada no seu processo de fazer parte de uma quadrilha na cidade de Sumé, juntamente com dona Socorrinha, uma senhora já foi apresentada no texto. Ana Maria e essa senhora, além de outro rapaz foram presos simultaneamente. O argumento de Ana Maria se baseia no fato de ter sido presa sem drogas, ironiza a prisão: qual o artigo de tráfico sem droga, se era zero zero?¹⁹⁹ Assume a sua profissão de prostituta, mas não a condição de traficante. Maria Paula se enuncia também inocente, acusa o amigo que conhecera em uma festa em São Paulo de ter sido o responsável pelo tráfico da droga. Esse caso foi objeto da mídia local, pelo fato de grande quantidade de drogas ter sido posta entre as fraldas do filho de Maria Paula, ela acusa o companheiro de viagem.

Ana Maria e Maria Paula foram mortas na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB, após a entrada de Ana Maria na cela de reconhecimento – ambas não foram para a cela do isolamento a qual já estava ocupada com materiais de construção. Uma das presas – que organizava uma lona, a qual serviria para cobrir um espaço improvisado fora das celas, para a aula de dança que seria ministrada por mim – disse que a atitude do incêndio foi mais de Ana Maria, uma vez que esta disse estar enraivecida com a diretora adjunta, que a havia punido com o isolamento minutos antes de a aula acontecer: “vou lhe mostrar o que é uma atitude de mulher”²⁰⁰. Maria Paula sofria de asma e tinha grandes dificuldades para respirar, foi a primeira a morrer asfixiada. Para outras presas que no banho de sol organizavam a lona para a aula, a tentativa era jogar o colchão para fora da cela, era forma de chamar a atenção da direção apenas, mas não houve tempo, o fogo se espalhou pela cela onde estavam. Devido à construção que havia naquela instituição, estavam espalhadas madeiras, colchões e outros materiais, os cigarros e fósforos de Maria Paula também se encontravam naquele lugar, favorecendo a expansão veloz do fogo, que, de tão rápido, pôs fim àquelas duas vidas em efêmeros e apavorados instantes. As duas jovens morreram asfixiadas e parte das mãos, pés e rostos queimados. Algumas presas que estavam em celas vizinhas desmaiaram com a fumaça e foram levadas para o hospital. Para algumas, Ana Maria teria provocado o incêndio, pelo comportamento mais rebelde e menos conformado com o isolamento e pelos conflitos que tinha com a diretora adjunta que a tinha posto no isolado. A morte foi recebida

¹⁹⁹ Entrevista realizada com a apenada Ana Maria (nome fictício) na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

²⁰⁰ Depoimento de Daniela Sousa, paulista, presa por tráfico no dia, entrevista concedida em 23 abr 2012 às 13:09h, uma das presas que assistiu ao incêndio.

às gargalhadas por Ana Maria, de acordo com algumas presas que a tudo viram espantadas. A morte trágica dessas presas foram ditas de diferentes maneiras, discursos que mais uma vez acusam as presas e as colocam mais uma vez como “bandidas”. O processo está em aberto, o acontecimento, dia a dia, é (re)significado pelas memórias das presas que assistiram e sobreviveram ao incêndio na prisão. Essas mortes construíram outras prisões: as demais presas que testemunharam o incêndio, estão sendo assistidas por psicólogos, outras ainda se recuperam dos danos causados aos pulmões.

Ana Maria, 24 anos, pernambucana, ensino médio incompleto, prostituta (ao longo da entrevista fazia questão de repetir sua profissão), filha de mãe solteira, presa por tráfico de drogas (presa provisória, conforme muitas presas que ainda desconhecem os anos que passariam na prisão). Na cadeia de Sumé (Paraíba) havia cometido outro crime contra o patrimônio, segundo informações da direção, a qual não precisou a data do ocorrido. Na Penitenciária do Serrotão, fíndou a vida cometendo outro crime contra o patrimônio e contra si.

Maria Paula, 27 anos, paulista, cabeleireira, mãe de dois filhos, ensino médio incompleto. Nas fraldas do seu filho foram encontrados vinte quilos de drogas. Diferente de Ana Maria, foi criada pela mãe e pelo pai, escolheu o trabalho em salão de beleza junto com a mãe para ajudar no sustento da família. Seu crime? Tráfico de drogas. Na prisão, descobriu estar grávida pela, segunda vez, de uma menina, que hoje se encontra com a avó em São Paulo. Durante a vida na prisão, após a filha viajar com a avó, Maria Paula passa a ter relações homossexuais, motivo de muitas discussões na prisão, os ciúmes e brigas entre ela e sua companheira a levaram para o isolamento que a levou à morte. Ela narra-se:

[...] Resolvi fazer uma viagem com meu filho. Tem esse amigo que tava lá, ele é daqui, estávamos numa balada juntos, ai ele disse que vinha pra cá, disse que vinha vender um carro aqui, eu tava estressada na semana do meu aniversario ninguém lembrou, só meus familiares, ai eu disse eu vou. Ele disse eu vendendo um carro te dou a passagem de presente, aí na vinda quando a Polícia Federal pegou descobri que tinha 10 kg de drogas no carro, quis usar eu e meu filho pra passar batido nas comarcas, com uma mãe de família e um filho de 2 anos, eu agora me encontro grávida novamente, separada do pai do meu segundo filho, aí fica difícil né. A Polícia Federal levou meu filho para o conselho tutelar e me deu 31 dias para a minha família vir se não viesse eu dou dariam meu filho pra doação. Então eu sou uma mãe sem chão, o cara falou até que o carro era do meu primo. E que a mercadoria era minha, ai fala que eu ia perder meu filho ai imagina o desespero que eu entrei meu filho minha mãe veio buscar [...] a minha mãe não sabia de nada, [...] minha mãe pediu dinheiro emprestado. Sou ré primária [...]. Conheci esse rapaz há menos de 2 meses, lá falaram que ele era gente fina, pai de família, de férias gosto de conhecer lugares novos. Quando viajamos ouvi um barulho no painel do carro, ai ele disse que pararia em Feira de Santana, ai peguei as coisas e fomos para o hotel, depois vi que o barulho era droga, peguei uma briga com ele sem conhecer pedindo pra voltar ai resolvi voltar. Ele disse que assumiria que era dele, fui arrumar as

coisas no carro, ele pegou um pacote de fraldas e enrolou, ai na polícia fomos pegos, ele na hora disse que não tinha nada a ver, que ia vender o carro pra o aluguel. Ele tá no Serrotão, e daqui recebe visitas, eu que estou sofrendo, eu me arrependo demais disso acontecer, a viagem foi muito cara [...].²⁰¹

O discurso dessa presa também se construiu a partir da vitimização e da inocência, da culpabilidade do outro, nesse caso, um amigo que pouco conhecia, mas que com ele teve a coragem de viajar com o filho para fora do seu Estado, aventurar-se para sair da rotina do trabalho, das relações familiares. Narra-se como uma mãe sem chão, mas em poucos meses esqueceu o filho e o papel de mãe. Essas duas presas insistindo no lugar da vítima quando são réis nunca se conformaram com a prisão, sempre criaram fissuras no cotidiano com outras presas ou com a direção da prisão, sempre buscava maneiras de serem isoladas, punidas e mais vigiadas do que as outras presas, comportamentos que culminaram em suas mortes.

A morte foi uma maneira de essas presas questionarem o sistema, a disciplina que as condena ao isolamento, porque dentro das prisões há muitas outras prisões. Há outras mortes antes dessa morte final, essa é a análise fundamental e problematizadora dessa relação da independência feminina com a prisão e da prisão com a morte identitária desses femininos: a jovem prostituta, Ana Maria, andarilha desde cedo das ruas, do mundo, mulher que vivia da paixão pelos homens, sem o sexo com os vários homens que conhecia na noite para matar sua volúpia e dar-lhe dinheiro, já estava morta na prisão, desde que fora presa, matara primeiro a prostituta que lhe havia. Ela recebia visitas de um senhor, namorou mulheres na prisão, mas a vida de Ana Maria se realizava mesmo nas aventuras que a diversidade do mundo fálico e viril lhe proporcionava. A jovem cabeleireira matou a mãe, a mulher que havia nela, modificou o objeto do seu desejo, passou a namorar mulheres, a vestir-se masculinamente, transformando as longas madeixas em cabelos curtos, sem tinturas, ao invés da tiara, o boné; trocou as saias curtas, blusas que mostravam sua barriga, pelos calções largados, camisas folgadas e tênis, aos poucos, após a segunda gravidez, foi matando cada gesto feminino, cada detalhe que lembrava que um dia foi mulher. Essas duas jovens são significativas para a análise da constituição das subjetividades no cotidiano da prisão pesquisada, das subjetividades que escolhem uma maneira de libertar-se, o ato de morrer, matar-se.

Pensar a morte dessas duas mulheres presas significa ir além desse contexto trágico que afetou as posturas de duas mulheres; significa compreender essas duas mulheres dentro de um contexto no qual simbolizam as subjetividades negadas pelos crimes que cometeram, pela

²⁰¹ Entrevista realizada com a apenada Maria Paula na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 11h24min no dia 23 maio 2011.

forma como conduziram suas vidas em um cenário social onde seus gestos reagiram a um padrão de ética e normas. Para além de uma análise fenomenológica desse gesto, as mortes dessas duas mulheres trazem questões históricas sobre o ser-mulher, liberdades, desejos, sonhos, normas, disciplinas.

A morte. Eis a questão enfrentada diariamente pelas mulheres dessa pesquisa, nas ruas, nos becos onde traficavam, assaltavam, nas periferias onde roubavam, nas zonas onde se prostituíam, nas brigas com os companheiros em seus próprios lares. As mulheres que se envolveram com a criminalidade sabiam que a morte rondava suas vidas de alguma forma, suas vidas que sempre estavam em risco, porque o envolvimento com o crime já é um risco, porque viver na prisão é também morrer diariamente de diferentes maneiras. As mortes de Ana Maria e Maria Paula são signos para pensar a relação da morte com a prisão, essa duas mulheres não suportando a disciplina, a norma e o poder que cotidianamente desejavam castrar seus corpos, escolheram as revoltas de gestos que as conduziram à morte, sendo esta uma possibilidade de reagir de alguma maneira a essa maquinaria destrutiva que impossibilita a vida na prisão.

Herculine Barbin²⁰² é um dos personagens de Michel Foucault que inspira a relação da morte com a disciplina jurídica médica. Herculine Barbin estava internada em um convento de freiras no século XIX, tornou-se habitante das margens e da delinquência naquela sociedade por um motivo específico: possuía um corpo questionador do discurso normalizador do sexo, seu corpo hermafrodita disse não à identidade feminina e masculina, de modo que a disciplina da instituição onde estava internada a obrigou a ser um sujeito de uma única identidade, a disciplina lhe forçou a seguir o caminho da norma e regras masculinas da sociedade oitocentista. Mas Barbin, em um gesto libertário, escolheu a morte, porque a morte significava libertar-se do fardo da norma e disciplinas impostas: suicida-se. A morte de Barbin se aproxima do sentido da morte escolhida pelas duas presas aqui apresentadas a(ao) leitor(a), porque morrer no contexto do enclausuramento parece significar libertação para alguns sujeitos.

A literatura toca feridas, afirma o historiador Durval Muniz²⁰³, pensando nisso, Kafka²⁰⁴ e Dostoievski²⁰⁵, de modo diverso, mostram essa relação entre morte e sistema jurídico ou prisão. Em A Recordação da casa dos mortos, Dostoievski escreve sobre um

²⁰² FOUCAULT, 1982.

²⁰³ SILVA, 2009.

²⁰⁴ KAFKA, 2003.

²⁰⁵ DOSTOIÉVSKI, 2006.

personagem que, na prisão, não sofre da morte física, mas da morte simbólica, sobrevivendo das memórias que o tempo legou. Apenas partes suas vão sobrevivendo no meio de fantasmas e de mortes simbólicas e afetivas. A memória de Alieksandr Pietróvitch parece ser aquilo que Deleuze²⁰⁶ lendo Proust diz ser a busca de um tempo perdido como mecanismo de busca de um novo tempo e de outro aprendizado. Esta memória é criada pela violência do gesto que mata a mulher amada, mais do que isso, pelas vivências resultantes das trocas com outras masculinidades no enclausuramento da prisão. Os dez anos de trabalho forçado e de enclausuramento violentam²⁰⁷ a memória de Alieksandr Pietróvitch, que encontra no escrito a reinvenção desse tempo, a reconstrução de outro gesto de masculinidade, como uma fuga da violência e marginalidade que ali o puseram. A maquinaria da prisão dociliza Pietróvitch porque, como sugere Foucault, o poder que também é positivo cria, nos sujeitos, outras subjetividades (1979, p. 56)²⁰⁸. A memória desse personagem é, pois, o relato cotidiano de quem morre aos poucos na prisão, matou a mulher, morria aos poucos entre as memórias da morte. Com esta obra, Dostoievski mostra que o destino de quem está na prisão interessa a muito poucos ou a ninguém, por isso podem morrer, matar-se, porque a prisão é a morte social para muitos indivíduos presos.

O Processo, de Kafka (1920), é uma obra inacabada que foi publicada em 1925 pelo seu amigo Max Brod; nesta obra, é apresentado outro olhar sobre a prisão, sobre o crime, sobre a masculinidade prisioneira do discurso jurídico. No geral, estas obras apresentam os mecanismos psicológicos dos personagens, trazem as angústias e aflições de quem é acusado, julgado, condenado ou se torna mira do discurso jurídico, como é o caso de Joseph K, um promotor de banco que passa a obra toda perseguido e acusado por um crime que não sabe qual é. Personagem masculina conflituosa, que vai entrando no jogo de várias outras personagens e se deixando acusar pelo discurso do outro, texto que traz a dor de um homem nobre que, na mira da justiça, vai sendo marcado ao longo dos capítulos pela culpa, pela dor, cedendo-se às mãos da morte da justiça para interromper seu sofrimento:

²⁰⁶ O autor discute “Em Busca do Tempo Perdido” como a memória vai ser importante para Proust ir reconstituindo a ação no tempo, reinventando e aprendendo, somente nesse sentido tem sentido memorizar e relembra, aprender com os feitos do passado.

²⁰⁷ Referência a Marcel Proust “Em Busca do Tempo Perdido” quando ele afirma que a memória, tida como aprendizado, é criada a partir de um impacto violento, de algo que faz memorizar para lembrar, lembrar e inscrever memória para aprender, gesto que necessita de um impacto brusco, caótico, destrutivo para sublimar, recriar a si no ato de lembrar. Ver DELEUZE, 2006.

²⁰⁸ FOUCAULT, 1979.

Mas as mãos de um dos senhores se colocaram á garganta de K. enquanto o outro cravava a faca profundamente em seu coração, virando-a duas vezes. Com olhos esbugalhados, K. ainda viu como os dois senhores, próximos a seu rosto, apoiados face a face, observavam a decisão. – Como um cão!- ele disse. Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele. (KAFKA, 2009, p. 262).

Esses autores tematizaram os desejos de morte que atravessam as relações dos sujeitos com a prisão. O personagem de Dostoievski mata a amada, no final tem a liberdade, mas deixa mortas na prisão várias identidades e memórias suas, sai vivo fisicamente, mas com a morte simbólica do que foi, do que teve, do passado onde a lembrança da morte do ser amado ceifa suas esperanças e sonhos. Em Kafka, porém, a morte, literalmente, encerra a vida desse personagem perseguido pelos códigos da jurisdição. A tortura, como propõe Foucault, é mais eficaz quando invade a alma, a psicologia da alma (1996, p. 109)²⁰⁹. A literatura de Kafka desloca as questões científicas e mostra o infortúnio de um homem que carrega o peso da culpa na alma. A história se faz em torno do bancário que é acusado de um crime que nunca cometera. Esse personagem, para mostrar que não é culpado, vai se envolvendo em diferentes tramas para se salvar da culpa, é um personagem perturbado pela acusação, um homem marcado pela culpa de algo que não sabe o que é.

Os escritos acima são simbólicos para pensar esses desejos obscuros que atravessam os sujeitos na prisão, os quais acostumados à liberdade veem, na morte, uma forma de libertação. É preciso pensar, porém, que não é apenas o enclausuramento que explica os desejos de morte de quem vive a prisão, as disciplinas, as normas e todo um conjunto de regras constituem-se suplícios contemporâneos, práticas que aos poucos vão produzindo a docilização dos corpos, quando não, suas mortes físicas ou simbólicas.

No século XVIII, Foucault mostra o desejo de morte como parte do governo absolutista. Decapitar cabeças, destroçar os órgãos, mutilar a vida dos criminosos e tornar isso um grande espetáculo, da dor, da finalização da vida. Torturar para garantir a ordem, a norma, mesmo que isso significasse vencer e combater a vida: “[...] Damiens, que gritava muito sem contudo blasfemar, levantava a cabeça e se olhava [...]”(1986,p. 9)²¹⁰. Ana Maria e Maria Paula não foram supliciadas pelo poder, não foram amarradas nuas, de camisolas, não seguravam os objetos que simbolizavam seus crimes, não estavam rodeadas de enxofre e seus corpos não foram desmembrados por cavalos, conforme o corpo de Damiens. Porém, tal qual

²⁰⁹ FOUCAULT, 1986.

²¹⁰ FOUCAULT, Op. Cit.

Damiens, seus corpos foram, em parte, consumidos pelo fogo, a punição das duas jovens foi internalizada na alma, suas almas, essas estavam decapitadas desde que entraram na prisão.

Os séculos separam essas vidas narradas, os crimes se diferem, o tráfico de drogas inclusive é uma prática da nossa contemporaneidade, mas existe uma linha de tempo que os unem quando se pensa nesse desejo de morte vinculado ao poder, matar para espetacularizar a força do poder, matar os corpos errantes para criar sobre a memória dos mortos e vencidos, a eficácia da ordem. Esses dois corpos mortos se encontram nos cemitérios da história. Mas é preciso pensar que, no campo dessa formação de desejos de morte – vinculados à prisão, ao poder –, é preciso pensar as descontinuidades e diferenças. Foucault mostra que o nascimento da prisão é um processo complexo; para ele, a prisão moderna nasce para substituir o suplício público tido como espetáculo: [...] em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão (1986, p. 12)²¹¹.

Hoje, três séculos depois de Damiens, os reis absolutos estão mortos, o despotismo que eles simbolizavam também, mas o poder moderno, como sugere Foucault, é mais eficaz na arte de governar as vidas. As disciplinas foram criadas exatamente para normatizar sem desmembrar, classificar, individualizar, sem precisar decapitar as cabeças, mas essas mudanças não significaram e nem significam a ausência desses desejos de morte que atravessam o sistema penitenciário da nossa sociedade. Há um investimento do Estado moderno sobre as vidas das pessoas. Trata-se de um poder sobre a morte e a vida dos indivíduos. Em Foucault, pensar a segurança significa pensar as práticas de “normação”. Dentro dessa lógica de análise da governança, há uma lógica herdada do período medieval, a qual instituiu e expandia a fé, o poder e a verdade, mas, contra esse poder, levantou-se uma série de condutas outras, antinaturais para a época. O Estado moderno é herdeiro dessa prática que mobiliza o silêncio da violência questionadora das normas, da ordem e da moral.

A razão do Estado pode se conservar em golpe de Estado de maneira violenta e mortífera, sacrificando alguns em benefício do Estado (FOUCAULT, 2008, p. 349). Em nome da razão governamental o Estado se propõe a ser o guardião da segurança. Sociedade, economia e população, segurança e liberdade sustentam a racionalidade do Estado moderno. O biopoder, sugere Foucault, produz e ceifa a vida, da mesma forma que controla, elimina, é uma relação de poder que mata:

²¹¹ FOUCAULT, Michel. Op. Cit.

[...] por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto; o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição e etc. A biologia funda o poder moderno, a teoria biológica mascara interesses políticos e é um dos saberes sobre guerras, crimes, loucura. (2008, pp. 349-351)²¹²

A eficácia desse poder moderno é, por isso, mais sutil, ele não toca diretamente no corpo, mas os afeta à distância, esse poder moderno que fala da ressocialização das presas, do desejo de vê-las livre, silenciosamente, de maneira lenta e sutil, incita esse desejo de morte nas presas, de matar-se a si mesmas, de matar suas outras, de matar os que representam o sistema. Ana Maria sempre enunciava esse desejo de se vingar desse sistema, que afirmava ser “cruel”, ela sempre alertou para o seu desejo de matar qualquer um que simbolizasse o sistema. Esse seria o ganho dessa nova forma de governar a vida, governando pela morte? A morte! Esta é outra prisão no sistema penitenciário. A revolta que sempre declarou Ana Maria lembra um dos trechos do livro de Sade, *Justine*, escritos no século XVIII:

Eu queria, diz Clairwill, companheira de libertinagem de Juliette, a heroína, achar um crime cujo efeito perpétuo agisse, mesmo quando eu não agisse mais, de forma que não houvesse um só instante de minha vida em que, mesmo dormindo, eu não fosse causa de uma desordem qualquer, e que essa desordem pudesse se alastrar ao ponto de acarretar uma corrupção geral ou uma desordem tão formal que, para além mesmo de minha vida, seu efeito se prolongasse ainda. (SADE apud BORGES, 1999)²¹³.

4.3 TRAGÉDIAS: QUEM AMA NÃO MATA?

Este é um momento de pensar os fios de limites entre a vida e a morte que as mulheres vivenciaram antes da prisão. Mostrou-se, até agora, a relação da morte com a prisão, as duas vidas consumidas pelo fogo são também os signos das fugas dessas prisioneiras em busca de uma estranha liberdade, àquela que foge da própria vida para realizar-se, elas não são heroínas ou vilãs, apenas efeito das relações de poder que atravessam a prisão. Na prisão, essa presença-ausência dos vários signos da morte foi perceptível nas duas jovens mencionadas, mas também, em outras mulheres, as quais, autoras de crimes que culminaram nas mortes de outros sujeitos, simbolizam esses vários desejos de morte que a prisão e o fora dela por

²¹² FOUCAULT, 2008.

²¹³ BORGES, A.C. *A Revolução da Palavra Libertina*. Posfácio para *Filosofia na Alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999

diversos motivos produz. Essas “outras” mulheres que serão aqui apresentadas não criaram, para si, a passagem, paisagem de suas mortes no interior da prisão, mas construíram quando estavam nas ruas, a paisagem e passagem da morte do outro, muitas delas, a morte de seus companheiros, amores, amantes.

Essas mulheres que matam são parte de uma sociedade em que a violência se institui como possibilidade de combate e enfrentamento do outro. Em períodos remotos, as mulheres mataram, de modo que a violência fez parte do cotidiano de diferentes sociedades, mas o aumento da violência e dos crimes praticados por mulheres é um acontecimento histórico explicado pelas mudanças sociais que vêm ocorrendo desde a segunda metade do século XX, especificamente a partir dos anos 60 no Brasil.

Quem ama não mata? Este foi o tema da bandeira de luta das feministas em 1981 contra a violência doméstica, a violência que fazia das mulheres objeto privilegiado. Estrategicamente as mulheres foram para as ruas realizar essa reivindicação porque nessa data Doca Street, assassino de Ângela Diniz, foi condenado a quinze anos de prisão. No primeiro julgamento, fora condenado a apenas dois anos de reclusão. As lutas feministas nas ruas tornaram possível outro julgamento e nova condenação para o réu. O assassinato ocorreu em 1976 na cidade de Búzios no Rio de Janeiro. O assassinato foi narrado trinta anos depois e explicado pelo olhar do assassino no livro *Mea culpa*, que constrói um lugar de ré para a vítima. O macho agressor ceifa a vida de um símbolo da liberdade das mulheres nos anos 70 no Brasil, tida como libertária, sua separação e abandono do lar para viver com outro homem, seu comportamento livre que afrontava a moral, o conservadorismo, sua exposição física em festas, eventos, culminaram em um conceito que passou a defini-la: a pantera de Minas, mas esse foi um termo muito mais de acusação à sua sedução para culpabilizá-la.

Para Gastão Rosa Filho²¹⁴, os crimes da paixão, como são conhecidos no imaginário jurídico do país, têm provocado debates entre os jornalistas, historiadores e criminalistas brasileiros no tocante à problemática da representação do criminoso passional e da vítima quando levados ao Tribunal do Júri (ROSA FILHO, 2003, p. 36). Ângela Diniz é um símbolo nacional feminino de rupturas com as obrigações sociais impostas ao feminino naquele contexto. A maneira como o processo foi conduzido mostra os conflitos de valores de uma sociedade marcada pelas lutas feministas e a luta pelo moralismo e conservadorismo do discurso jurídico que acusava muito mais a vítima do que o réu a partir dos argumentos do advogado, discurso bastante comum nos processos do início do século XX no Brasil que

²¹⁴ROSA FILHO, 2006. p. 37.

julgava os raptos das virgens na sociedade brasileira acusando muito mais as mulheres do que os homens²¹⁵.

O moralismo e o machismo jurídico para acusar a vítima e libertar o réu, narra a trajetória de um empresário bem sucedido, suas boas relações com a alta sociedade, para reforçar o argumento contra a vítima (ELUF, 2007, p. 98)²¹⁶, ao mesmo tempo, elenca acontecimentos da vida de Ângela Diniz para legitimar o lugar de uma mulher afastada dos valores que os conservadores defendiam: o envolvimento com um homem casado, a morte do vigia da sua casa, o uso de maconha, o rapto da filha, e outros acontecimentos tidos como desviantes foram ressaltado pelo discurso do defensor de Doca Street²¹⁷

Ângela Diniz e Doca Street fazem parte de uma sociedade marcada pelas lutas feministas, mas também pelo excesso de violência, patrocinado inclusive pela Ditadura militar, através das repressões, censuras e torturas contra os participantes dos movimentos de esquerda no contexto dos anos 70 no Brasil, como exemplo, os comunistas. Trata-se de um período marcado, também, pelas violências urbanas, as quais fizeram parte dos contos escritos por autores ainda marginalizados entre os anos 60 e 70 do século XX.

Rubem Fonseca²¹⁸ foi apontado, entre os anos 60 e 70 do século XX, como um contista que fazia apologia ao crime. Em Feliz Ano Novo, o autor narra a violência praticada por marginais contra a elite. No conto, um grupo de marginais, Zequinha, Pereba e um “eu” narrador, decidem assaltar uma mansão durante a madrugada. Os marginais da história aparecem famintos, sem dinheiro, e à espera das oferendas que os ricos fizeram para Iemanjá. O narrador, um bandido, que narra do apartamento onde planejam o assalto e da casa assaltada, descreve os sentimentos que compõem esse momento. Em lugar de vítimas apenas de uma sociedade desigual, os bandidos do conto são frios também, racionalizam a crueldade de seus crimes. Mas os marginais desse conto têm dados perfis e necessidades, Pereba, por exemplo, é pobre, sem dente, sem teto, como todos os marginais do conto, suas necessidades são as mais básicas: casa, comida. A violência em Rubem Fonseca é necessária para os marginais realizarem suas necessidades. Estuprar e matar, como o faz Pereba com a dona da casa assaltada, se torna um ato justificável ao defecar em cima da colcha da senhora dona da casa. A violência no conto do autor aparece de diferentes maneiras: verbal, física, simbólica,

²¹⁵ CAULFIELD, 2000.

²¹⁶ ELUF, 2007.

²¹⁷ SANTOS, Herry Charriery da Costa. Ângela Diniz – A Menina da Missa das Dez ou a Pantera de Minas? **Memórias do Julgamento de Doca Street.** <<<http://abarriguda.org.br/ojs/index.php/revista-abarrigudaarepb/article/download/26/27> 13 dez 2013 às 12h:09min..

²¹⁸ FONSECA, Rubem. 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

violência para suprir as necessidades básicas dos marginais: comida e sexo, violência que vê, no sofrimento do outro, sua realização. O autor em outra obra, *O Cobrador*, narra outras práticas de violência: a mulher espancada que denuncia o marido, histórias de atropelamento de uma criança por um motorista de ônibus, o suicídio de um homem em uma casa de periferia. O passeio noturno²¹⁹, por exemplo, que narra a trajetória de um empresário do Rio de Janeiro, um homem de negócios estressado, e que saía toda noite para aliviar a tensão, tal alívio decorria do atropelamento de pessoas nas ruas e da observação do sofrimento provocado. A morte das vítimas o aliviava: “[...] Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante” (FONSECA, 2004, p. 244).

Faz parte dessa literatura também situada entre os anos 60 e 70 do século XX, a violência praticada por mulheres. Esse saber literário registra as mudanças sociais por que passa a sociedade brasileira. Tem-se a circulação de um gênero literário que, em vez de propagar o romantismo e grandes heróis, inscrevem os dilemas de uma sociedade ainda marcada pelas imagens de diferentes violências: a violência da guerra mundial, a violência da perseguição da ditadura militar e as violências urbanas, enfim. Entre os anos 60 e 70 do século XX, um gênero literário específico escreve sobre essas mudanças sociais que afetam os modelos tradicionais de família, amor, sexo, desejos, sendo, a violência, um tema que perpassará as temáticas dessa literatura que prioriza o mundo marginal das relações sociais. Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, uma parte da literatura de Clarice Lispector, especificamente o livro *Via crucis do corpo*, trazem uma reflexão sobre essas mudanças no campo do amor, da identidade feminina, que sai do lugar da submissão e assume, inclusive, a autoria de crimes, como ocorre em *Três tiros na tarde*²²⁰ de Dalton Trevisan. Maria mata João com três tiros no rosto: sozinha no quarto, vestiu-se de vermelho, pintou o olho, enfeitou-se de brinco. Toda em sossego sorria para o espelho (TREVISAN, 1979, p. 55). Conto que tem enredo parecido com outro, deste mesmo autor, escrito na década de 70 do século XX: *Hoje é o dia*²²¹, outra Maria mata outro João. Maria passou quinze anos apanhando de João, que sempre chegava bêbado. Em um desses dias, quando quase fora estrangulada, mas conseguiu esquivar-se, pegou um machado e ceifa a vida de João. O enredo citado traz a agonia e a libertação das duas presas que mataram seus companheiros. Em *Via crucis do corpo*²²², de Clarice Lispector, também dos anos 70 do século XX, é apresentada a história de duas

²¹⁹ FONSECA, Rubem. 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²²⁰ TREVISAN, Dalton. *A Faca no coração*. Rio de Janeiro Record, 1979.

²²¹ TREVISAN, Dalton. *Pão e sangue*. Rio de Janeiro Record, 1988

²²² LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro Rocco, 1998.

mulheres que matam os amados no contexto de um triângulo amoroso: estavam exaustas. Matar requer força. Força humana. Força divina. (LISPECTOR, 1998, p. 34). Em *Fiel espelho meu*²²³, Lourdes Ramalho, em Campina Grande, escrevia um drama segundo o qual a esposa comemora a morte do marido, um coronel que a oprimiu por mais de 30 anos de casamento; pinta de vermelho os lábios, olha-se no espelho e sai dançando pelo velório.

A literatura brasileira registra, desde as tessituras literárias de Nelson Rodrigues, um mundo de violência que afeta as periferias sociais nas quais as mulheres também reagem ao macho opressor, à dominação masculina e à censura. Nas margens da literatura, as margens da sociedade aparecem construindo femininos violentos, livres, libertários, que usam da força física para realizar o projeto de independência. Vilma Sá e Leonarda Lacerda são signos de um processo de mudança que vem mudando não apenas a forma de amar ou de livrar-se do amor. Essas são as tragédias da contemporaneidade: Quem ama não mata?

A Ditadura Militar nas ruas, censurando, torturando e vigiando, contrasta com as mulheres feministas, negras, pobres, nas ruas lutando em plena ditadura militar nos anos 70 pela anistia, pela redemocratização da política, por melhores condições de vida das mulheres, movimento do qual participavam paradoxalmente as mulheres pobres, mas também as representações da Igreja Católica. As mulheres, nesse contexto, não apenas lutavam pelo fim da submissão feminina, mas por temas considerados polêmicos para a época como, por exemplo, o aborto, a sexualidade, o prazer, a luta pela política anti-concepcional e a prostituição; enfim, temas que promovem o debate sobre um sexo separado da maternidade, do amor, do casamento. Nesse contexto, Rose Marie Muraro²²⁴ foi uma das representantes feministas que mais discutiu a sexualidade das brasileiras, as mudanças no corpo, no prazer em diferentes geografias brasileiras. Perseguida pela Igreja Católica, foi uma das mulheres que mais imprimiu o seu desejo libertário nos anos 70 do século XX no Brasil. Nesse contexto Lêila Gonzáles²²⁵ tece a sua luta no campo da etnia, combatendo o preconceito social contra as mulheres negras. A construção de uma imprensa feminista através dos jornais *O Brasil Mulher* (1975) e *Os Nós mulheres* (1976) – este último por mulheres que estavam exiladas e que retornaram para o Brasil –, mostram a expansão do debate feminista na imprensa e também na academia, mas essas criações não são harmoniosas pela luta ideológica entre as militantes. O Brasil mulher era considerado mais conservador, ao passo em que *O Nós*

²²³ RAMALHO, Lourdes. *Fiel Espelho Meu*. Texto mimeografado, 1978.

²²⁴ MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio, uma história das mulheres através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro Rosa dos tempos, 1992.

²²⁵ GONSÁLES, 1981.

Mulheres era caracterizado por um discurso mais libertário, o qual não apenas denunciava a violência contra as mulheres, como também discutia temas com viés libertário para as mulheres (solteirice, prostituição, aborto, divórcio).

A luta feminista, ao reivindicar a abertura cultural, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, a libertação do corpo e os desejos das mulheres acontece em uma sociedade marcada pela censura e pelo controle da cultura. Há um investimento na cultura por parte desse regime militar, que inclusive patrocina o desenvolvimento de diferentes órgãos que promoverão a cultura nacional, a exemplo da FUNARTE (Fundação Nacional de Arte); EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo); o Ministério das Comunicações, CONCINE (Conselho Nacional de Cinema), o Centro nacional de referência cultural (CNRC), Instituto Nacional de Cinema (INC). Foi a partir de 1964 que se passou a contar, também, com um incentivo à cultura televisiva pelo próprio poder militar, porque era intenção desse regime estimular o desenvolvimento industrial e a modernização das estruturas econômicas e sociais. A Rede Globo se amplia nesse contexto ao crescer filiada aos interesses da Ditadura Militar. Segundo Jambeiro²²⁶, um dos objetivos da Ditadura Militar foi o de ampliar a radiodifusão da TV pelo país, em que se pretendeu construir supervisores para controlar as programações.

O *Seriado Malu Mulher*²²⁷ é um símbolo dessa expansão televisiva no contexto do regime Militar e da Rede Globo de Televisão, um programa que demarca não apenas a transição do período de censura para a redemocratização, como também registra os impactos das mudanças políticas e econômicas por que passa o Brasil e da reorganização da família burguesa. Da autoria de Daniel Filho, o seriado conta a história de uma mulher que, ao passar por problemas conjugais, opta pelo divórcio, pela liberdade. Descasada, intelectual paulista, uma socióloga que refletia os problemas da desigualdade no Brasil, mulher inconformada com os papéis da mulher, com as injustiças sociais e que trava uma luta para sobreviver com seu trabalho e sustentar a família. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa tornou possível a circulação dessa personagem de classe média que opta pelo divórcio, pela liberdade, divulgando mais rapidamente essas ideias, o que favoreceu, de alguma maneira, as lutas feministas travadas no bojo dessa sociedade, mas, como diz Heloísa Buarque, é preciso entender que tal programação não afetou da mesma forma todos os meios sociais. Entre 1979 e 1980, o próprio horário do programa (22:00h), diz a autora, não era propício aos

²²⁶ JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: 2002, EDUFBA.

²²⁷ SÁ, Cristiane Ferreira de. *Mulher na ordem do dia: Estudo de Temas em Malu Mulher (1979\80) E Mulher (1998\1999)* SALVADOR, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/.../1/Dissertação%20pronta.pdf>>. Acesso em: 12 jan 2014, às 12h:08min.

trabalhadores que saíam cinco horas da manhã para trabalhar. (HOLANDA, apud SÁ, 2011, p. 67)²²⁸.

Os anos 60 e 70 do século XX marcam a luta entre a liberdade e a censura, entre os desejos de liberdade e a vigilância. Os movimentos feministas, juntamente com os movimentos populares de negros, de homossexuais, hippies constroem uma abertura para as reivindicações das mulheres nessa sociedade que, de um lado, punia a mulher juridicamente – como ocorreu com Ângela Diniz–, do outro, possibilitava as construções de grupos de assistências para as mulheres no Brasil todo, a exemplo de Maria Mulher em João pessoa.

As Mulheres homicidas pesquisadas nasceram em uma sociedade marcada pelas mudanças que desde os anos 60 vêm modificando os lugares tradicionais de gênero. Os impactos ocorrem de modo diferente tanto nas distintas classes sociais, como nas diferentes realidades sociais e culturais do país; evidentemente, a inclusão no mercado de trabalho, nas universidades e em diferentes setores profissionais tornou-se uma prática comum entre as mulheres da classe média, as quais, nos anos 80 e 90, ocupam diferentes lugares no mundo do trabalho.

Entre 1980 e 1990 no Brasil, tem-se uma nova reconfiguração da sociedade brasileira porque a luta das mulheres agora é pela inserção na academia para alargar os estudos sobre as mulheres; pela criação de políticas públicas e pela inserção das mulheres em um mercado de economia globalizada, influenciada, principalmente, por uma economia norte-americana. Os desafios continuavam, sobretudo, porque com a construção de uma indústria da beleza, e os investimentos dos meios de comunicação e informação estabeleceram uma cultura segundo a qual a mulher deve ser sedutora; na contramão deste fato, construiu-se, simultaneamente nessa mídia, um discurso antifeminista, apontando as mulheres do feminismo de modo pejorativo, como feias, masculinas. Para Schimidt não há uma crise do feminismo, mas dos discursos sobre ele, porque, para ela, entre os anos 80 e 90 do século XX no Brasil tem-se outros investimentos sobre os diferentes feminismos. O combate à esquerda no governo Collor, para ela, não silenciou o feminismo. (SCHMIDT, 2000, p. 80)²²⁹.

Os anos 80 e 90 demarcam outro campo de luta; edificar as histórias das mulheres nas academias, entre grupos de apoio às mulheres. A história das mulheres, juntamente com o conceito de gênero, alarga a discussão teórica e imprime a continuidade dos impactos

²²⁸ SÁ, Cristiane Ferreira. Mulher Na Ordem Do Dia: Estudo De Temas Em Malu Mulher (1979\80) E Mulher (1998\1999) Salvador, 2011.

²²⁹ SCHMIDT, Simone Pereira. O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 a 90. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000.

feministas que se constroem agora com singularidades, não mais contra a ditadura, mas contra as outras censuras e desigualdades que constituíam o Brasil. Evidentemente, a onda de discursos questionadores dos feminismos tem a ver com as conquistas de muitas mulheres no mercado de trabalho e nos serviços públicos, principalmente na docência das universidades brasileiras. O ranço machista se faz visível de diferentes maneiras: acusações de que as mulheres são responsáveis pelo desmoronamento familiar, diferentes críticas à mulher independente financeiramente e idealizadora de relacionamentos sem compromissos com o casamento e com a maternidade; críticas às mulheres que optaram pelo trabalho e sucesso profissional, o que não deixa de ser uma confusão de valores com o sistema neoliberal.

O aumento da violência contra as mulheres nos anos 90 que culminou com a criação da Lei Maria da Penha²³⁰ é um fato revelador dessa reação ao feminismo. Mas, entre as mulheres das classes populares, os impactos acontecem de modo diferente, como vem sendo mostrado nesta tese desde o primeiro momento. O aumento de prisões femininas no Brasil, o aumento do consumo de drogas e de álcool pelas mulheres, o aumento do índice de gravidez entre mulheres jovens e de crimes praticados pelas mulheres da periferia traçam o perfil da necessidade de continuidade de lutas feministas, e mostram o paradoxo dessas lutas também. Os anos 80 e 90 do século XX no Brasil contam a história das mulheres que mudaram a sociedade e dos ataques machistas a essas mudanças.

Desde os anos 70 do século XX, as posturas das mulheres vêm mudando, seja no campo do trabalho, da política, mas também das relações sociais e entre homens e mulheres, nas políticas públicas. As construções de delegacias especializadas para as mulheres nos anos 80 do século XX e a edição da Lei Maria da Penha são signos das conquistas dessas lutas. A entrada das mulheres nas universidades em números consideráveis desde os anos 70 desse século são mudanças importantes no comportamento feminino. As mulheres desta pesquisa são também os signos dessas mudanças, sobretudo, porque, nas relações de violência e de crime, elas mudaram posto que ocuparam, de modo significativo, o lugar da autoria ao invés da vitimização, esse é um deslocamento que torna possível perceber, também, de que maneira as mulheres que não participam do mercado de trabalho, da cultura educacional vivenciam os impactos dessa mudança que, desde os anos 60, do século XX vem modificando as relações entre homens e mulheres.

Na atualidade, o aumento considerável de crimes praticados por mulheres contra homens é bastante significativo para pensar a troca da prática da violência, a reprodução da

²³⁰BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres, Brasília: Presidência da República. Lei 11.340/2012.

violência pelas mulheres para se afirmarem socialmente, a feminização do crime em nossa sociedade. Para Mariza Corrêa²³¹:

[...] os chamados “crimes da paixão” são temas fascinantes e trágicos, tanto por serem vistos como estratégicos, já que deflagram uma crise de valores, quanto também permitem a reafirmação de outro sistema normativo, que se refere aos papéis sexuais de homens e mulheres. (CORRÊA, 1983. p. 32).

Seriam esses gestos das mulheres que matam, o resultado da revolução feminista que não permite mais opressão do corpo e das subjetividades femininas? Essas mulheres que matam não teriam aprendido com o próprio masculino que uma das maneiras de conseguir a liberdade seria através da própria violência, de violentar o corpo e a subjetividade do outro?

Além de matarem fisicamente o outro, o companheiro agressor, as mulheres desta pesquisa são também assassinas de uma dada prática cultural e de um dado lugar atribuído às mulheres, porque essas foram pensadas como sujeitas que deveriam ocupar muito mais o lugar da vítima do que o da autoria da violência. Sobre crimes passionais e homicídios predomina uma literatura que dá conta dos homens que matam, dos homicídios passionais realizados por homens. Para Luiza Eluf²³², promotora especialista em casos passionais, autora de vários livros, a autoria de homens nesse tipo de crime é o comum, ressaltando que “[...] Na esmagadora maioria das vezes, quem mata é o homem; a mulher é vítima do marido e da sociedade patriarcal”. A presente pesquisa vai na contramão deste debate tradicional que discute geralmente os homens como autores dos crimes passionais. As mulheres desta pesquisa são o signo de mulheres que se levantam contra os homens dos quais apanhavam, evidentemente que isso não significa heroicizá-las, mas discutir uma mudança histórica que vem mudando as relações de gênero, as práticas amorosas e o próprio crime, quando se tem um aumento considerável de mulheres matando, assaltando e roubando em lugar de serem vítimas.

Essas mulheres rompem com os laços de submissão e fragilidade que lhes são impostos, causando fissuras no papel de docilidade que lhes fora atribuído, rompem, ainda, com o modelo de amor romântico sempre associado à mulher dócil e frágil. Entre o amor e a liberdade, entre o amor e a vida, essas mulheres optaram pelas suas vidas e liberdades de si, mesmo mortas de amor, de saudades no enclausuramento, salvaram-se do modelo de amor que aprenderam na infância, do amor romântico que lhes era, de alguma maneira, prisão.

²³¹CORREA, 1983.

²³²ELUF, 2003.

Essas mulheres, diferentemente do que discute Lipovetsky, romperam com os códigos culturais de um dado aprendizado sobre o amor feminino, essas mulheres quando matam, estão matando exatamente um modelo de amor e de prisão românticos. A sentimentalidade açucarada foi respingada pelo sal e suor de quem apanhava há dez anos, de quem vivia dedicada ao amor e recebia tapa, murro, pedrada.

As mulheres desta pesquisa são acusadas de homicídio pelo artigo 121 do Código Penal, um tipo de crime que, desde o processo de colonização, foi discutido pela jurisdição como sendo tipicamente masculino e que, inclusive, legitimava a morte das mulheres pelos maridos traídos. O discurso jurídico atual compreende o crime dito passional como sendo mesquinho, revelador do caráter possessivo e egocêntrico do praticante. Atualmente, o crime passional está sendo enquadrado como homicídio qualificado, classificado como hediondo. Em 1994, a lei 8.072/90 foi alterada e passou a classificar o homicídio qualificado como sendo hediondo.

Para Eluf²³³, o crime passional contra mulheres é a simbologia de um esposo/juiz punindo e torturando a amada. Ainda para ela, o crime passional é sempre resultado de uma paixão marcada por ódio, possessividade, ciúme, vingança, frustração (ELUF, 2002, p. 111). A leitura jurídica sobre o crime passional, embora perceba o patriarcalismo e o machismo que regeu durante muito tempo o artigo do crime passional, caracteriza o perfil do autor como aquele que possui comportamentos essenciais para ela (ELUF, 2002, p. 117):

O ser humano tortura-se insistentemente quando não sabe dividir; não suporta a ideia da perda e não quer sujeitar-se a mudanças. O instinto de sobrevivência nos obriga a um egoísmo extremo e, por mais que nossas culturas tenham tentado modificar a natureza humana de todas as formas possíveis, os sentimentos de exclusividade, propriedade, egocentrismo e narcisismo parecem permanecer incólumes.

Na mesma perspectiva, a pesquisadora Gaia²³⁴ (2009) diz que os crimes passionais resultam de sentimentos que considera presentes em toda a humanidade, como por exemplo, sentimentos de perda, de traição, de ódio, de rancor e de ciúmes, que, segundo ela, são como motivadores do homicídio passional. Para a autora, tratam-se de sujeitos essencialmente marcados por dadas posturas previsíveis, que não suportam a perda, dividir-se, sujeitos cruéis e que são nocivos pelo fato de justificarem suas atitudes como o argumento “matar por amor”.

O discurso jurídico deixa bem claro que crimes passionais são apenas crimes cometidos por sujeitos envolvidos em relacionamentos amorosos ou sexuais. Esse tipo de

²³³ ELUF, 2002.

²³⁴ GAIA, Luciana Garcia. **Crimes passionais**. Regrad, Marília, v.1, ano 2, 2009, p. 127-141.

crime foi praticado em diferentes sociedades. No Brasil, especificamente, o masculino sempre foi protegido pelo código penal, desde as Ordenações Filipinas que instituíam uma série de leis que conduziria os costumes da sociedade brasileira. Sob a égide dessas leis, o homem que descobrisse o adultério da amada tinha o direito protegido de matar a esposa. Essa regra somente foi eliminada com o primeiro Código Penal brasileiro, publicado em 1830. Com a Independência do Brasil e a construção de uma nacionalidade que buscava construir-se “livre” de Portugal, o código penal deste período não legitimava mais a morte das mulheres pelos maridos, mas também não penalizava o criminoso que matava a mulher porque a ideia de defesa de honra legitimava socialmente esse crime. Somente com o advento da República, cria-se o argumento segundo o qual o passional não era criminoso se fosse comprovado seu desequilíbrio emocional e privação de sentidos. Com a República, a mudança no código penal vai analisar o crime passional levando em consideração o comportamento emocional e psicológico do criminoso, o que poderia privar o acusado de penalidades ou até de absolvê-lo.

Em 1940, no governo de Getúlio Vargas, tem-se um incentivo à modernização das cidades, dos meios de comunicação, das relações trabalhistas nas indústrias. Este é também um período em que o patriarcalismo começa a ser questionado por iniciativas de mulheres que começam a lutar pelos seus direitos de igualdade e de melhores condições de vida. A maior mudança é o fato de o crime passional receber o nome de homicídio privilegiado. A pena seria reduzida com base nas análises do comportamento psicológico e sociológico do acusado, critério estabelecido desde 1890, de modo que a mudança maior está na nova nomenclatura do crime: homicídio privilegiado, porque a amenidade da pena já existia no século XIX, mas o criminoso passional não deixaria mais de ser punido.

Percebe-se, nesse debate, a proteção jurídica em favor dos homens, porque esses foram crimes praticados na maioria das vezes por eles. A ideia da defesa da honra justificando esse crime era, na verdade, a institucionalização de uma cultura que, durante muito tempo, legitimou e legitima a violência contra a mulher. A grande mudança ocorrida no Brasil sobre “crimes contra o companheiro/amante (art. 121, § 1º, do Código Penal) foi a retirada da legítima defesa da honra, em 1970; dessa maneira, o sujeito de um crime contra o(a) amado(a) terá sua pena diminuída se comprovada a violenta emoção que o(a) conduziu ao crime ou se for comprovada a provocação da vítima. De toda forma, as mudanças desse código penal em meados dos anos 70, no século XX mostram, sobretudo, os efeitos das lutas feministas que atingiram, inclusive, as políticas públicas no Brasil. A condenação de Doca Street no segundo

juízo, por exemplo, ocorreu devido às passeatas das mulheres nas ruas pedindo a condenação do autor – no primeiro juízo o réu foi absolvido.

A cultura jurídica, tal qual a sociedade como um todo, legitima a ideia de que o homicídio seja uma prática típica de homens, dessa maneira, o discurso masculinizante, machista, patriarcal atravessa também as instituições jurídicas. Legitimar a morte da mulher, como ocorreu no período colonial, não punir o autor da morte da mulher como criminoso, como ocorreu em 1830, não considerar a violência contra a mulher como crime se houvesse prova de desequilíbrio emocional, como ocorre em 1890 e considerar como homicídio privilegiado o crime praticado contra a mulher – como defenderá o código penal de 1940 – são indícios dessa cultura jurídica masculinizante a qual legitima a violência como atributo do masculino e elege a passividade como sendo uma característica essencialmente feminina.

A traição feminina também sempre foi considerada um atributo masculino, porque socialmente também foi construída a ideia de que os homens poderiam trair; dessa maneira, a mulher mais uma vez é excluída da própria jurisdição. Pelo código de 1830, por exemplo, se a mulher matasse por ter sido traída, como ela poderia alegar defesa de honra se o fato de ser traída não era motivo de desonra feminina, desonra seria se ela traísse. A construção desse artigo 121 do código penal brasileiro, mesmo no de 1940, institui mais uma vez a ideia de que são os homens os autores da violência física em contraponto à passividade feminina.

As mulheres desta pesquisa são um ponto de fissura e de questionamento a essa cultura que legitima a violência física como atributo masculino. Elas, inclusive, são criadoras de fissuras no próprio debate jurídico, porque ocupam o lugar do homem, do masculino, porque foram elas que mataram em vez de morrer. Entre matar ou morrer mataram. Elas são, para essa sociedade, para esse sistema jurídico, o que não se prevê com tanta frequência. Mas na Penitenciária Feminina de Campina Grande um dos crimes que vem aumentando é exatamente o homicídio não apenas contra os companheiros. Havia naquela instituição mulheres que mataram o vizinho por causa de brigas, como é o caso de Ândria Vale; mulheres que mataram a amiga que frequentava sua casa numa discussão por causa de droga, como é o caso de Janete Moreira; mulheres que mataram uma senhora de idade, sua patroa, como é o caso de Ana Luiza Ferreira.

Vilma Sá (36 anos) e Leonarda Lacerda (39 anos), duas jovens mulheres, duas histórias parecidas, a primeira moradora da zona rural de Campina Grande, a segunda mora no Bairro de José Pinheiro em Campina Grande, ambas têm ensino básico incompleto, mulheres que no passado tiveram envolvimento com prostituição, no caso de Vilma e alcoolismo e furto, como é o caso de Leonarda. Estão presas pelo crime de homicídio.

Afirmaram que mataram em legítima defesa, há anos apanhavam dos maridos e na oportunidade entre viver e morrer fazem a primeira escolha, optam pelas suas vidas, mesmo que partes delas tenham ido junto ao episódio que as tornaram prisioneiras das grades e das lembranças. Ambas mataram os ex-companheiros com uma faca. Vilma de Sá narra a morte enquanto signo da salvação de sua própria vida

[...] Com raiva porque derramei a cachaça. – Vai lá pro muro! – com a faca na cintura, ele ficou na dele. – Eu vou até a área. – Ai falei: – moça, meu marido quer aprontar outra comigo, quer me atingir de novo. – Ai ela disse: – o que faço? Eu disse: – mulher, vem aqui conversar com ele, ai fica tudo bem. O portão fechado, não tinha o que fazer. Eu disse: – ele vai me matar! e ninguém acreditou. Procurei a chave do portão e não encontrei, e ele ficou no muro todo desconfiado. Tinha um tanque de cimento que tinha [sic] uma tampa da madeira, nisso eu ia chegando, pegou um punhal e partiu pra cima de mim, parti pra cima dele e me joguei para não ser atingida. Ele tava pronto pra me matar, mesmo! Subi no tanque pra ver se tinha alguém, ou a mãe ou a irmã dele, mas não tinha ninguém. Entrei em pânico antes de acontecer qualquer coisa com ele, de eu ser atingida, ai, gritei: – meu Deus, se não tiver um vizinho me escutando ele vai me matar; – me ajuda! faz alguma coisa por mim! Venha aqui e converse com ele, caí nos pés dele, ninguém fez nada, ele parte pra cima de mim e me puxa com a outra faca que tinha na cintura. Eu peguei a tábua que tava no tanque e fiz assim na mão dele pra ele soltar a faca pra nenhum ser atingido, o homem sempre é mais forte, não tem defesa, ele acabou me atingindo, de uma forma que, quando me chutou, eu vi que era a minha vida ou a vida dele, ai parti pra cima dele naquela agonia pra tomar a faca, minha intenção era de nenhum ser atingido, mas naquela luta corporal, ali naquela agonia pra livrar quando puxei foi de uma vez ai puff! foi na garganta dele, quando vi que ele tinha sido atingido, qual o meu dever de mulher a quem me dediquei? Ao ver ele em pé sangrando, disse que ele ia ficar bem, que ia dá tudo certo, rogava por deus, dizendo que ele ia ficar bem, pulei o paredão – não sei como – peguei no braço do vizinho dele, pedi que ajudasse e o homem não ajudou; ninguém apareceu, vi o homem sangrando, ai, fui ao centro, passando por vários lugares para procurar uma ajuda enquanto ele sangrava, a agonia dele era a minha [choro]. Então, uma mulher passou num carro prata; pedi que ela parasse, e eu, me rastejando, sentia a agonia dele. Ela perguntou o que eu queria; eu disse para ela me levar até a delegacia; pensei no meu irmão, mas ele não ia entender. Eu achei melhor ir até a delegacia pra conseguir socorro e a justiça ver algo por nós e apurar o caso. Fiquei detida. Um homem disse: – o que quer que eu faça? Eu disse: – me bote presa [...] fiquei sem audiência e sem ser julgada. Após 28 dias, ele vivo, ele chegou a óbito, ele tava bem vivo, e daí em diante 28 dias, chegou a óbito. Eu queria o bem dele. Disseram que foi infecção hospitalar, o irmão dele disse ao juiz que deu infecção hospitalar e no laudo disse que morreu por intermédio do corte que levou, olhe que estória mal contada [...]²³⁵

A narrativa enuncia a luta de uma mulher entre sua vida e a vida do outro, entre a morte do “amor” e a sua morte. Primeiro contextualiza o perfil do companheiro como agressor, cita a vizinha como uma testemunha. Narra sua defesa, afirmando que a faca só perfurou o marido por um acidente, em seguida, acrescenta ao discurso sua perturbação psicológica. No mesmo sentido luta para fugir da autoria quando diz que o marido não morreu da facada, mas da infecção hospitalar, acusando assim a instituição.. O discurso de Vilma é de defesa, de justificativa e de perdão como de todas as outras. Estrategicamente, diz que o

²³⁵ Entrevista realizada no dia 24 mar 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

homem vitimado, foi o que mais amou, para alegar sua incapacidade de matar quem ama. A maior contradição no discurso de Vilma foi sobre sua convivência na prisão. Vilma foi posta no trabalho para conviver menos com outras presas, apontada como louca, por conversar o dia todo sem parar, muitas presas tentaram agredi-la em outros momentos. Vilma contradiz a versão das presas: “me dou bem com todas, não deixo ninguém me fazer mal, sou sem maldade, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa”²³⁶.

Essas mulheres em questão simbolizam, através de suas práticas homicidas, para além de um assassinato, muitas (re)significações, dentre elas a do amor. Para Lipovetsky (2000, p. 28)²³⁷ nem mesmo os movimentos contestatórios dos anos 60 conseguiram castrar as mulheres dos sonhos do amor. Para ele, a mulher ama o amor e luta por esse amor como a uma renúncia de si. Discordando do autor, enfatiza-se, aqui, que as mulheres dessa pesquisa vêm mostrar o oposto: elas renunciaram a quem lhes agredia, a quem lhes consumia a vida lentamente, sim, amam o amor, maior prova disso, encontraram outro amor após essas mortes, porque o amor mudou, a forma de amar também, porque as famílias tradicionais se desmancharam, os corpos masculinos e femininos se multiplicaram, a arte de amar também mudou, desde os anos 60 as mudanças impactadas pelas reivindicações feministas instituíram outras práticas culturais nas sociedades, no Brasil, modificando também a submissão da mulher ao amor, amado. O crescente número de crimes passionais praticados por mulheres simbolizam essas mudanças.

Leonarda Lacerda (39 anos) afirma ter matado o homem que mais amou e com quem conviveu durante dez anos. Na prisão, recebia visitas de um terceiro companheiro, após o homicídio do primeiro “amor”. Leonarda, tal qual Vilma, liberta-se não apenas do amor que a agredia, como também, do estereótipo da eterna viúva, solitária e sozinha. Durante a narrativa, Leonarda lamenta a morte apenas pelos filhos, os quais às vezes ressentem-se da lembrança do pai, mas em nenhum momento, ressentem-se do “amor” que um dia teve e um dia matou. O processo descreve o delito de Leonarda sobre a morte do marido:

[...] história autos do inquérito policial que, no dia 14 de janeiro de 2006, por volta das 18:00h, a denunciada iniciou uma discussão com seu companheiro [...] no interior de sua residência e em seguida, desferiu-lhe um violento golpe de faca-

²³⁶ Entrevista realizada no dia 24 mar 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²³⁷ Lipovetsky, Gilles (2000), *A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino*, MariaLucia Machado (trad.), São Paulo: Companhia das Letras.

peixeira na altura do braço [...] devido à natureza e sede de lesão, a vítima veio a falecer por ferimento penetrante no coração [...]²³⁸

No processo-crime, Leonarda narra o seguinte: [...] que pegou a faca, que se encontrava cortando o galeto, e deu um golpe para cima, e nesse momento percebeu o sangue na referida faca, que não viu o local onde a vítima foi atingida[...]²³⁹. Narrativa muito próxima da que construiu para essa entrevista, com outros detalhes:

[...] foi assassinato do meu marido, legítima defesa, eu tenho seis pontos e cortes na cabeça que ele só vivia me espancando, eu pedia pra ele me deixar, mas ele disse que só me deixava por morte. Ou me matava ou eu matava ele aí nesse dia eu tava cortando galeto ai ele puxou a faca da minha mão, deu pra bater no meu pescoço, ai eu fui mandei ele ir pra lá, ele insistiu e veio, ai eu tava partindo o galeto, ai quando vi a faca bateu nele, quando vi ele caindo saí correndo chamando a mãe dele e a minha mãe. Fui direto pra delegacia, o permanente que tava lá mandou eu ir embora, disse que eu tava ficando doida, a polícia correu pra lá, a mãe dele depois chegou lá e chamou a polícia, não fui presa, fui sozinha depois de 2 dias na delegacia, ele morreu na hora, disse que pegou bem pouquinho só uma pontinha no pescoço, ai ele arriou, os filhos estavam dormindo, ele era muito agressivo com meus filhos, ele era pai de 3 filhos, os outros dois ela tinha tido com outro marido. Ele não me batia aí mudou, dava pra fumar droga, fumar craque dentro de casa[...]²⁴⁰

Leonarda usa a mesma estratégia: aponta as marcas de violência sofrida para acusar a vítima, para justificar sua violência. A arma branca entrou novamente em cena, desta vez na garganta. No processo consta que cinco mulheres seriam as testemunhas, mas apenas duas compareceram, uma delas acusa Leonarda, a outra apenas diz que a ouviu após o crime, sair correndo e gritando pelas ruas que havia matado o marido. A primeira testemunha, não apenas defende a vítima como acusa a ré:

[...] viu quando a acusada subiu para casa e depois de aproximadamente dez minutos desceu gritando que teria matado o marido; que as brigas entre o casal eram constantes e a denunciada, por motivos de ciúmes, já havia furado a vítima uma vez à altura do joelho, sendo que a depoente que teria chamado a SAMU para socorrê-lo, que tem conhecimento que a acusada era acostumada a cheirar cola e tomar cachaça e no dia em que os fatos ocorreram a acusada teria se embriagado, que a vítima não cheirava cola e nem fumava craque²⁴¹.

Para esta pesquisa, Leonarda argumentou que era ela quem já havia sofrido inúmeras agressões do companheiro e que ele, não ela, era viciado em bebida e craque. Leonarda

²³⁸ Estado da Paraíba – Ministério Público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba – Comarca de Campina Grande, 2006.

²³⁹ Estado da Paraíba – Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba – Comarca de Campina Grande.

²⁴⁰ Entrevista realizada no dia 25 mar 2011 às 13h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁴¹ Estado da Paraíba – Ministério Público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba – Comarca de Campina Grande.

também bebia, negou este detalhe na entrevista, o motivo do segundo retorno dela para o regime fechado foi o fato de ter voltado para o albergue embriagada.

Essas mulheres estão rompendo não apenas com um dado aprendido do papel feminino, como também, um dado padrão de compromisso, de amor, são também reprodutoras da violência praticada pelo masculino, pelas relações violentas que instituem o masculino no lar, nas ruas. Elas estão, em grande medida, afirmando-se com os códigos da violência atribuídos ao masculino, e esta é uma contradição nas práticas femininas dessas mulheres que performatizam os seus lugares, que se retiram da passividade que lhe fora atribuída para firmarem-se.

Há uma morte social do sujeito feminino passivo que vem ocorrendo desde os anos 60 do século XX, como foi mostrado anteriormente. Para Lipovetsky (2000, p. 34) as mudanças ocorridas no século XX afetaram o amor romântico, mas acredita ainda o autor que a mulher está para o amor. As pesquisas com as mulheres presas que matam mostram os abalos e fissuras desse amor, dessas ilusões amorosas, dessas esperanças afetadas, evidentemente que não se pode pensar em rupturas completas, porque todas que mataram seus companheiros, vivenciaram outras relações, outros amores, hoje na prisão há muitas que são visitadas por eles. Para Giddens²⁴² a vocação para o amor das mulheres vem mudando desde a segunda metade do século XX. Dessa maneira, o autor contextualiza a história do amor romântico considerado como prática construída para o feminino em oposição ao amor passion atribuído ao masculino, nos fins do século XVIII e início do século XIX, mostra que essa construção relacionava o feminino ao lar, ao doméstico, à maternidade; as mulheres, nesse sentido, subjetivavam o amor tido como sentimento compartilhado, sendo o outro, a parte que torna inteira o ser que ama (GIDDENS 1993, p. 55). Essa discussão torna possível compreender as mudanças na relação das mulheres com os crimes de amor e paixão. Como apresentado no primeiro capítulo, elas saíram de casa, foram para as ruas, disseram não aos opressores, à maternidade, outras se envolveram com o crime em busca dessa independência, além da independência sexual e do desejo, o aprendizado sobre o amor também mudou. O desligamento do lar, a ruptura com famílias tradicionais traz novas possibilidades de amar, inclusive, no caso das mulheres do crime, de livrar-se de uma forma de amar opressora.

Vilma de Sá e Leonarda Lacerda vão até o passado e argumentam que desde a infância trabalhavam, diziam-se obrigadas pelas famílias para trabalhar, dizem que não estudaram

²⁴² GIDDENS, Antony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

porque se dedicaram ao sustento das famílias, dos filhos, ambas trabalhavam, disseram, para cuidar da casa e filhos. Segundo afirmam, os companheiros gastavam o dinheiro com bebidas – no caso de Vilma –, e com drogas, no caso do companheiro de Leonarda Lacerda. Tais informações mostram, nesse momento, os desejos de as presas colocarem-se agora como vítimas ao apresentar suas relações com a família e para atribuir a si mesmas um lugar normatizado e social. Mataram, são presidiárias e, para se defenderem, acusam o amado e a ele atribuem o “mal” causado para justificarem a violência contra eles praticada. Discursividade que faz parte do jogo de poder que atravessa suas vidas.

Para ocuparem o lugar da vítima, narram a vida, selecionando aspectos que mostrem que o assassinato foi um desequilíbrio, uma prática que não as definem, acreditam que narrando a dedicação ao trabalho, amenizam a culpa. Escolhem os aspectos que consideram mais trágicos. Vilma diz que ao ficar viúva, sem trabalho, prostituiu-se por um tempo, para cuidar dos filhos, ao conhecer o rapaz que matou, diz que se dedicou a ele e à família, passou dez anos de sua vida apanhando. Leonarda Lacerda diz que matou o pai de seus três filhos e que se envolveu com drogas e roubos influenciada pelo homem que matou. Essas mulheres que têm trajetórias de vida parecidas, situam-se como aquelas que, desde cedo, dedicaram-se ao mundo do trabalho, e que se arruinaram nas drogas e nas dívidas por causa de seus homens. Elas falam várias vezes pelos seus mortos, enfatizam um estilo de vida no qual elas construíram suas independências e liberdades, as finanças dependiam delas, afirmaram. Leonarda Lacerda diz que mesmo usufruindo do dinheiro dos furtos do companheiro, em algumas vezes era ela quem mantinha a família enquanto o companheiro se drogava.

Essas histórias falam das ambiguidades das mudanças que as mulheres vêm vivenciando desde os anos 60 do século XX no Brasil. Mudanças que afetaram as mulheres de diferentes grupos e classes sociais, não se trata apenas das subjetividades femininas, mas também masculinas. Com a saída do lar para o mercado de trabalho ou do crime, as mulheres romperam modelos de famílias, de relacionamentos amorosos, de aprendizados culturais sobre o amor, acontecimentos que possibilitam ver as mortes de diferentes subjetividades: da mulher dócil e do homem concebido como sustentáculo da família. Quando as mulheres que vinham sustentando seus lares, criando seus filhos matam esses homens, mesmo que elas tenham constituído trajetórias marginais, mesmo que elas se coloquem como vítimas dos seus homens e da história, esses acontecimentos, essas mortes são signos de mudanças históricas importantes, mais do que um simples assassinato, trata-se da morte social de dados papéis sociais, inclusive, do papel da mulher dócil, frágil, sem força física e submissa, mudanças que afetam, inclusive, a arte de amar, de fazer do outro seu complemento.

Ao longo da história, os “desvios” das posturas femininas sempre foram definidos como se aquelas fossem portadoras de algum distúrbio, houve mudanças, mas os gestos de violência femininos sempre são postos em suspeição, como se tivesse um mistério por trás do acontecimento. A própria justiça, em grande medida, envolve de mistérios a mulher criminosa, principalmente a que mata pelo fato de ela exercer aquilo que fora atribuído ao homem: a força, a força física. Vilma foi apontada pelas pessoas da cadeia, desde a morte do esposo, como sendo louca; passou alguns meses internada em clínicas psiquiátricas, mas retornou para a prisão, ainda assim era tida como “aquela que tem problemas mentais”.

O amor, o ódio, os ciúmes ligam essas histórias, as vidas delas se encontram pelos sentimentos e conflitos que nelas foram despertados, pelo impulso de matar, matam o “amor”. Diferentemente do trágico filósofo nietzscheano, em que a tragicidade é a marca do heroísmo e da individuação, a tragicidade das mulheres presas aqui citadas é o ponto culminante do processo de marginalização e inferiorização dos seus lugares de mulheres, na verdade, até criam a individuação, mas de maneira anti-heroica. Elas não se marginalizam no ato do crime, já vinham tecendo fios de marginalidade antes dos homicídios, na prostituição, nas drogas, no alcoolismo, mas seus discursos desejam se defender apenas dos assassinatos. Essas mulheres são mortificadas no ato do crime e na convivência das prisões, suas identidades são impressadas em conceitos jurídicos os quais as estereotipam como o signo do mal. Elas são postas no lugar da negação da mulher e do feminino instituído socialmente. Do interior da prisão, a mulher desbravada que mata, que construiu uma trajetória de independência e liberdade é substituída pela mulher angustiada, sofrida, encenam a dor e a tristeza para se salvarem, porque elas compõem as linhas de tragicidade de algumas histórias das mulheres da contemporaneidade, que, sendo infames, são também trágicas e, por serem trágicas, necessitam resignar-se, culpar-se para salvarem-se. Talvez Schopenhauer tenha razão:

[...] tudo o que é trágico, não importa a forma como apareça, recebe o seu característico impulso para o sublime com o despontar do conhecimento que o mundo e a vida não pôde oferecer nenhum prazer verdadeiro, portanto não são dignos de nossa atenção. Nisso comanda o espírito trágico: ele nos leva, assim à resignação (SCHOPENHAUER apud SZONDI, 2004. p. 52)²⁴³

Kiekergaard, conforme explica Szondi (2004, p. 60) afirma que a tragicidade está na dialética em que a libertação daquilo que traz a morte acaba por causá-la. As mulheres apenadas, libertaram-se do sofrimento que as mortificaram durante décadas, mas foi a morte do esposo que causou suas mortes diárias e lentas no dia a dia da prisão, outra forma de

²⁴³ SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 2004.

mortificação diária. O amanhecer traz consigo a lembrança, a memória da morte, elas performatizam esse lugar agora de quem foi vítima da própria morte que causaram, porque a morte sempre traz outras mortes. Ambas têm, hoje, outros companheiros, mas não esquecem o amor que mataram, Vilma afirma: “eu tive outros homens, mas o que mais amei, foi ele, o que eu matei, eu sofro por isso”²⁴⁴.

Os crimes das mulheres entrevistadas resultam da individuação de cada uma, elas têm em comum os sentimentos que matam a si quando a morte é do outro, cada uma tem um pedaço seu cortado, quando a morte do outro por elas é causada. Elas têm em comum o embate de forças e de sentimentos que as tornam tão próximas, tão humanas, demasiadamente humanas, eis algumas das tragédias do presente, simulacros da morte-prisão!

Uma das imagens clássicas do trágico literário é quando Victor Frankenstein²⁴⁵ conta a perda angustiante da mãe. Frankenstein tenta domar a morte juntando materiais mortos do humano, arrepende-se, sente-se só, perdido nessa junção de partes desconhecidas, sem identidade. As presas que cometeram homicídios nesta pesquisa, são as que mais apresentam essa tragicidade, essa sensação de perda, como se partes de suas identidades estivessem mortas, perdidas, juntadas em outras também já mortas. Narram o crime a partir da angústia, da negação de si, tais quais as personagens da literatura trágica que dão um mergulho profundo em si, as presas referenciam o erro, a culpa, o desencontro afetivo, a incompreensão do outro. Embora estejam hoje em outra companhia. A obesidade de Leonarda Lacerda, a dita “loucura de Vilma, são efeitos dessa luta contra a memória, efeitos de um combate que se realiza entre a memória e o esquecimento”, mesmo que encenem o lugar da vítima, essa luta é parte de seus cotidianos e de algumas mortes que foram internalizadas em si.

O trágico, afirma Goethe²⁴⁶, é a afirmação do irreconciliável. As mulheres que matam o fazem por desencontrar o outro na rede de sentimentos e expectativas criados, elas almejavam um companheiro que não beba, que não se drogue e que as amem, por isso o combate contra esse outro no campo da violência e da morte, este outro já não é controlado, é ameaça, desterritorialização. Em Heidegger²⁴⁷, o trágico é o limite, a própria morte, quando o homem se vê como um ser para a morte, mas afirma Alfredo Naftah²⁴⁸, a pulsão da morte no trágico é também a pulsão da vida. A afirmação da vida resulta da morte, da dor, da angústia, da catástrofe. Talvez tenha sido essa a catarse das homicidas, especificamente: afirmar sua

²⁴⁴ Entrevista realizada no dia 24 mar 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁴⁵ LECERCLE, Jean – jacques. *Frankenstein, Mito e Filosofia*. Rio de Janeiro José Olympio, 1991.

²⁴⁶ SZONDI, Peter. Op. Cit. p. 45.

²⁴⁷ SZONDI, Peter. Op. Cit. p. 53.

²⁴⁸ ROSSET, Clément. *A lógica do Pior: elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro Espaço e Tempo, 1989.

vida, sua feminilidade, seu estar no mundo, combatendo, no campo da morte, o seu outro, aquele com quem dividia a vida, a morte do outro, significou a morte de si, mas também, a afirmação de si em um exercício contraditório e corajoso na trajetória de suas existências, isso não se explica no campo do heroísmo ou da maldade, mas no campo das relações humanas, das mudanças que impactam homens e mulheres na sociedade atual, onde a violência se tornou uma forma de combate, inclusive entre as mulheres, onde o amor flui e as relações efêmeras desmancham-se pelas virtualidades dos afetos, dos amores e das dores.

Ao longo da história, muitos crimes foram cometidos por mulheres, mas sempre se associa o crime ao masculino. A ideia de mulher criminosa sempre leva a concepção de haver uma exceção, mesmo que os números mostrem o real envolvimento do feminino com os crimes mais diversos, isto porque a mulher sempre foi definida pelo estigma da docilidade, da maternidade, como destinada a ser dona de casa, esposa e musa inspiradora do marido, o envolvimento da mulher com o crime vem rompendo com esses estereótipos na atualidade.

Os crimes praticados por mulheres²⁴⁹, ao longo da história, sempre causaram espanto. Para uma mulher definida como mãe, esposa e musa, os crimes eram ditos como o oposto do feminino. Vilma e Lacerda trazem a singularidade de crimes relacionadas às mudanças específicas dessa sociedade, na qual os femininos estão se redefinindo. Em *As Mulheres mais perversas da História*²⁵⁰, Shelley Klein traz narrativas detalhadas de mulheres homicidas passionais, mulheres que matam o pai, o namorado, os filhos, como é o caso de Marie Noe, que matou suas cinco crianças. O livro conta histórias de mulheres de imperadores, como é o caso de Valéria Messalina, que mata funcionários do Imperador Tibério Cláudio, mas a mensagem do livro é uma análise psicológica e estereotipada dessas mulheres, como se elas tivessem exatamente as qualidades da mulher criminosa estudada por Lombroso, o qual biologiza o crime feminino e este se torna ainda mais terrível porque praticado pelas mulheres visto que a natureza do feminino sempre foi definida negativamente até o século XIX, como o

²⁴⁹Joana D'arc, desafiou o rei da França, vestiu-se de homem, fez parte da guerra; Antígona, que matou seus filhos em um gesto de vingança contra o amado; Salomé, que pediu a cabeça de João Batista. Agripina, a jovem romana; Lívia Augusta, Pompeia, Valéria Messalina, nomes que se inscreveram nas páginas de sangue da antiguidade romana. No século XI as mulheres também foram apontadas como criminosas pelas questões religiosas e sexuais. O que são as bruxas e as feiticeiras senão criminosas contra as leis de deus, da criação monoteísta do deus hebraico, judeu e cristão? Por volta de 1400 o conceito de delito feminino associado à bruxaria se manteve até o final do século XVII. Segundo Campos (1995), entre os séculos XVI e XVII a mulher tinha quatro vezes mais possibilidades do que o homem de ser acusada de crime de feitiçaria e de ser executada por esse motivo. A caça às bruxas ocorre em meados do século XI quando o cristianismo se via ameaçado pelas ideias, dogmas e saberes disseminados por mulheres que, pela Igreja, foram nomeadas de bruxas.

²⁵⁰ KLEIN, Shelley. *As Mulheres mais perversas da história*. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

signo do desequilíbrio, do mistério, do emotivo. Na narrativa da autora, as mulheres se tornam mais demoníacas do que humanas.

A modernidade traz outra forma de pensar os crimes, os crimes femininos, a criação das penas é uma dessas mudanças. Os delitos femininos passaram a ser analisados com base nos “delitos de gênero” no século XX, do código penal criado e revisado nos anos 40 deste século, como exemplos (infanticídio, art.123), abortos (art. 124), homicídios passionais (art. 121), exposição ou abandono de recém-nascido para ocultar desonra própria (art. 134), furto (art. 155). Nas análises sobre o crime praticado por mulheres, sempre predomina a ideia de que as mulheres se envolvem com o crime a partir dos companheiros, criando, na verdade, outro lugar de submissão para o feminino, mas o crime para essas mulheres é onde muitas pensam encontrar liberdade financeira, libertação.

No século XIX, Lombroso definiu o perfil do homem criminoso, da mesma forma mediu o crânio, estudou as características faciais, os cérebros de mulheres consideradas criminosas e chegou a algumas características, dentre as quais: assimetria craniana e facial, mandíbula acentuada, estrabismo, dentes irregulares, clitóris pequenos e grandes lábios vaginais avantajados, além da sexualidade exacerbada e dotada de perversão, caracterizadas normalmente pela prática da masturbação e do lesbianismo (LOMBROSO, 1980 apud FARIA, 2004, p. 6072)²⁵¹. A mulher criminoso teria a aparência normal, diferente do homem criminoso, por isso a maior dificuldade em identificá-la. Outro tipo de criminoso, que configura o oposto da mulher considerada atraente, seria aquela com características físicas e comportamentais masculinas. Ela seria perigosa então pela sua semelhança com o homem, ou seja, por ter rompido com o padrão de comportamento tradicional feminino. As “evas modernas” aqui estudadas, se têm algum perfil, este se explica nas trajetórias de suas vidas, de suas escolhas e não pela fisionomia que herdaram, pela biologia que a constituem, fugindo dessa definição biológica que justifica o crime pelas identidades sexuais. As mulheres contemporâneas burlam exatamente essa relação do crime com a fisiologia do corpo, inclusive porque praticam crimes que exigem força e virilidade, como é o caso das homicidas e assaltantes.

A mulher que pratica o crime é socialmente mais discriminada do que o próprio homem, isto porque papéis sociais são padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade

²⁵¹ FARIA, Thaís Dumê. **a mulher e a criminologia: relações e paralelos entre a história da criminologia e a história da mulher no Brasil** nos Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza – CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Jun de 2010. Disponível em: <<<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3310.pdf>. Acesso dia 15 out 2011 às 12:00hmin.

estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se comportar. Através do aprendizado de papéis, cada um deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade e responder, claro, a essas expectativas. (LOURO, 1999, p. 24).²⁵²

Essas mulheres que mataram seus companheiros, livraram-se do outro, o outro opressor, agressor, traidor, como quem luta pela liberdade, mas que, contraditoriamente, aprisionara suas liberdades e não se livraram da morte, esta agora é como um fantasma, lembrança que contempla, na ponta da faca assassina, o poder da vida e da morte. Em o abutre, Kafka fala da agonia de ser atacado por um abutre, de ver-se picado em seus pés:

Tinha já dilacerado sapatos e meias e penetrava-me a carne. De vez em quando, inquieto, esvoaçava à minha volta e depois regressava à faina [...] empinando-se para tomar impulso, como um lançador de dardo, enfiou-me o bico pela boca até o mais profundo do meu ser. Ao cair, senti com que alívio, que o abutre se engolfava impiedosamente nos abismos do meu sangue [...]²⁵³.

Essas mulheres que mataram seus amores passaram um longo tempo tendo seus pés picados pela violência doméstica, as pancadas deles penetravam suas carnes, eles as sugavam, agrediam-nas, e, quando elas se libertaram, eles, através do sangue das lembranças, sugam agora, de um passado fúnebre, suas almas, eles engolfam-se no sangue de suas memórias. Eis a contradição do desejo da morte do outro nas vidas dessas mulheres que assinalaram, também, o desejo da morte de si. Essas mortes compostas muito mais de silêncios, são outros desejos de mortes que foram vistas durante as visitas à prisão e que foram empreendidas durante a elaboração desta tese.

Sim, a tragicidade emudece. Era uma quinta-feira, nove horas da manhã do mês de agosto de 2010. A presente doutoranda estava sentada à espera das presidiárias para as entrevistas, enquanto isso, uma senhora desconhecida varria a sala, não queria conversar, sempre cabisbaixa, deixando claro que não estava disposta a conversar. Eu fazia perguntas a ela, ela respondia sim ou não, não quis continuar a conversa. Despede-se todas as vezes em que chegava na prisão; essa senhora escondia-se, como se tivesse medo de dar entrevista, de conversar. Pequena, franzina, uma senhora de jeito agradável e tímido. Estava presa desde os anos 90. Essa senhora, por algum motivo, despertou curiosidade; em um dado momento

²⁵² LOURO, G. L. (1999). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica.

²⁵³ ROSSET, 1989.

questionou-se uma das presas sobre quem seria aquela senhora. Em outro dia de entrevistas, duas presas que ouviram a pergunta sorriram incontrolavelmente e uma terceira ironizou: oxente e a senhora não conhece Maria Picadinho? A mulher mais famosa da prisão?²⁵⁴ Em conversas espontâneas com as presas soube que Dona Finha não apenas matava seus companheiros com pauladas, pedradas, como também retirava deles um pedaço de algum órgão.. “É trágico o que deixa mudo todo discurso. [...] O trágico é então o silêncio” (ROSSET, 1989, p. 65).

Dona Finha (48 anos) não quis conceder entrevista, mas permitiu a pesquisa em seu processo. Dona Finha viveu uma das histórias mais complexas daquela Penitenciária. Quatro mortes, desejou e realizou a morte de quatro homens com quem viveu, na última morte, sua filha, que também está presa, e seu irmão participaram. Sua mãe também havia cometido homicídio. O processo narra diferentes aspectos da vida de Dona Finha, um deles, o próprio assassinato:

[...] depreende-se dos autos que a vítima vivia maritalmente com a ré [...] e havia entre eles constantes desavenças e no dia dos fatos, a mesma aliou-se a sua filha e seu irmão e juntos de maneira sorradeira atraíram a pessoa de [...] para tomar banho de açude e quando chegaram num terreno baldio e lá com a arma faca peixeira e outros instrumentos não apreendidos, ceifaram sua vida, aproveitando-se da sua condição de embriagado culminando com o trágico desfecho em questão²⁵⁵.

No processo de Dona Finha, há outros signos de sua trajetória de vida. Desde a sua primeira prisão, em 1996, trabalha na prisão, motivo que justifica o discurso do chefe de serviço que diz: “Dona Finha’ é uma pessoa de bom comportamento e se relaciona bem com todas [...] vem desenvolvendo um trabalho de auxiliar de serviço desde 1998”²⁵⁶. Mas na rua, e após esse período, dona Finha cometeu outros homicídios. A assistente social corrobora: a apenas em epígrafe:

Tem um bom comportamento carcerário, trabalha no setor de serviços gerais, respeitando as normas estabelecidas por esta instituição, mantém-se sempre reservada, não é participativa, mas respeita a todos sem distinção. É ciente do seu dever para com a justiça e podendo voltar ao convívio social e familiar pra recomeçar uma nova vida²⁵⁷.

²⁵⁴ KAFKA, FRANZ. Os melhores contos de Kafka. Antologia. Org. e Trad. A. Serra Lopes. São Paulo, Arcádia 1966.

²⁵⁵ Estado da Paraíba – poder judiciário – justiça comum da 1ª instância – comarca de Campina Grande. Juízo da 2ª. vara criminal do 2º Tribunal de Justiça.

²⁵⁶ Governo do Estado da Paraíba – Secretaria de Cidadania e justiça – COSIPE. Avaliação Social.

²⁵⁷ Idem.

Este documento é de 2005. Dona Finha retornou para a prisão em 2008. Nele ano de 2005 a psicóloga tinha avaliado Dona Finha: “[...] a apenada acima citada encontra-se neste exato momento sem nenhuma alteração psicológica, estando apta a receber o benefício pleiteado”²⁵⁸. Dona Finha realmente recebeu o benefício do livramento condicional, três anos depois cometeu outro homicídio. Os inúmeros dias de trabalho realizados por Dona Finha tornaram possível o pedido de seu livramento condicional em 2005, antes desse período, em 2003, o pedido de progressão de regime de dona Finha foi impugnado por seu crime ter sido considerado hediondo. Em 2001 já havia sido negado esse pedido, em 1999, o ministério Público também já havia negado o pedido de regime semiaberto, devido a outro homicídio cometido em 1996. Apesar dos indeferimentos, dona Finha saiu, entretanto, em 2008, cometeu seu quarto homicídio.

No processo de dona Finha só se pôde acessar os dois homicídios, um deles cometido em 1995 e, o outro, em 2008. No processo de 1995, ela também foi submetida a julgamento pelo júri popular:

[...] os jurados por maioria de votos (6x1) rejeitaram a tese erguida em favor da ré, que pretendia a desclassificação de homicídio qualificado para homicídio privilegiado. Ressalta-se que a ré já tinha sido envolvida em processo por tentativa de homicídio, onde infelizmente logrou êxito, pois logo veio a delinquir mais uma vez. Por outro lado, registre-se o vício do álcool da ré, mulher casada, que nem ao menos respeita seus filhos e marido, posto que costuma participar de farras com homens, demonstrando um comportamento social reprovável e desregrado²⁵⁹.

O júri que opera com a linguagem moralista, denigre a vida de dona Finha, em lugar de acusar-lhe o crime, acusa vida dela, o sexo, o desregramento parece interessar mais ao júri do que a vida ceifada e a violência com que uma vida fora subtraída. O processo que leva a júri popular a ré Dona Finha, narra:

[...] que a ré, no dia 09 de outubro de 1995, pelas 10:00h, utilizando-se de objeto contundente e em concurso com outrem, produziu ferimentos descritos no auto de exame cadavérico [...] nesse ferimento por sua natureza e sedes, foram causa bastante da morte da vítima [...] o crime foi praticado sob recurso/a surpresa que tornou impossível a defesa da vítima. [...] o delito, em tese, se deu com requintes de crueldade.[...] tentou a ré insinuar uma situação de violenta reação para justificar o seu ato, inexistiu motivo para eliminar a vítima, ocorrendo o homicídio por simples maldade [...] a circunstâncias em que o delito aconteceu. A vítima foi assassinada de forma cruel. Teve uma orelha decepada, diante da violência das cacetadas que levou, um crime bárbaro, sem razão de ser²⁶⁰.

²⁵⁸ *Ibidem*.

²⁵⁹ Ministério Público da Paraíba – Comarca de Campina grande – 1ª. Promotoria criminal.

²⁶⁰ *Idem*.

O discurso faz, da vítima, uma vítima da relação saber-poder, dos discursos que as acusam. Com base em julgamentos morais, Dona Finha é acusada. Em outro momento do processo, Dona Finha se defende, alegando que era espancada pelo companheiro, mas nos processos são as testemunhas que definem o destino de Dona Finha, define a vida da assassina a partir de um conjunto de discursos que, almejando produzir a verdade sobre Dona Finha, a condenam. Ela vai sendo produzida por diferentes discursos, pelo fato de ter cometido quatro assassinatos, repetindo inclusive a retirada de um pedaço de algum órgão das vítimas. O discurso médico também a define.

Em 1999 o laudo psiquiátrico de Dona Finha conclui:

A examinada em apreço foi submetida à avaliação especializada sob escolta policial. À inspeção nada normal e gestos coordenados, trajando-se adequadamente com estes em alinhamento e higiene satisfatória denotando um certo cuidado pessoal. De sua vida pregressa nos consta ser a oitava filha da prole de 8, tendo nascido de parto normal, sem intercorrências. Apresentou desenvolvimento neuro-psicomotor normal e contraiu as viroses comuns da infância sem sequelas. Teve uma infância tranquila, com boa socialização. Frequenta a escola desde os 8 anos cursando de forma satisfatória, porém teve de interromper os estudos pela necessidade de trabalhar. Começou a trabalhar cedo já aprendendo o ofício atual auxiliando os pais no orçamento doméstico. Vida sexual ativa aos 13 anos, quando casou, não apresentando posteriormente qualquer doença sexualmente transmissível. Mora ao possuindo endereço fixo. Nega o uso de drogas ilícitas e alega o uso de bebidas alcoólicas desde os 15 anos de idade de forma moderada. Sua relação com familiares, vizinhos e colegas de trabalho é satisfatória, presa pela primeira vez em 1993, enquadrada no artigo 129 e, pela segunda vez, em 1995, enquadrada no artigo 121, tendo sido condenada a 19 anos de reclusão. Desde então vem cumprindo a sua sentença com comportamento carcerário adequado e boas relações interpessoais, nega desentendimentos com companheiras ou agentes penitenciários. Trabalha no setor de limpeza do presídio como forma de praxiterapia há 4 anos. Sobre seus antecedentes familiares não há patologias clínicas, neurológicas psiquiátricas. irmão e mãe com antecedentes criminais. De sua saúde física nos consta não haver anormalidade. Ao exame revela-se lúcida, tenaz, memória clinicamente visual para eventos atuais, orientada em relação a si e ao mundo circundante. QI em paralelismo com o seu nível sócio-econômico e cultural. Etímica, afetividade íntegra, pensamento fluido coerentemente, com curso e conteúdo sem anormalidades. Normabúlica e normapramática, juízo crítico preservado, insight presente. Papport adequado. Diante do que nos foi dado observar, concluímos que a periciada em questão demonstra boa conduta carcerária e relações pessoais satisfatórias. Sua situação atual sugere possibilidade de ressocialização. Ao exame não há sinais ou sintomas psicopatológicos que possam sugerir periculosidade manifesta, tem condições, portanto, ao nosso ver, de receber o benefício pleiteado²⁶¹.

Após esse laudo, Dona Finha cometeu três assassinatos. Esse atestado psiquiátrico ocorre após o inquérito que acusa Dona Finha de matar, a pauladas, outro companheiro, “em

²⁶¹ Governo da Paraíba – Secretaria de cidadania e Justiça – Coordenadoria do sistema penitenciário (COSIPE) – Instituto de psiquiatria forense da Paraíba, 11, set, 1999.

meio a uma bebedeira quando a vítima passou a portar-se de maneira inconveniente”. Mas a assistente social assim define dona Finha: conduta carcerária muito boa, trabalha e obedece às normas, a psicóloga complementa, “a cliente vem respondendo positivamente as expectativas da própria instituição penal, tem relacionamento com todas”²⁶².

Essas avaliações realmente não podiam prever que Dona Finha cometeria outros homicídios no futuro próximo. Os laudos psiquiátricos, psicológicos e fisiológicos aprovam o comportamento de Dona Finha com base na relação de trabalho que ela constrói dentro da prisão e fora dela, passiva, obediente, trabalhadeira, esses são atributos que o sistema escolhe para aprovar a sanidade da presa, visto que, pela trajetória de crimes cometidos, tornaria possível se não fosse seu trabalho um regime de prisão fechado e sem privilégios, mas os códigos da psiquiatria, espelhando-se no regime capitalista e na disciplina de trabalho, liberta dona Finha das amarras da prisioneira estereotipada ou psicopata, sua mão de obra e seu trabalho são úteis ao sistema.

Dona Finha vai sendo marcada pelas relações de poder que atravessam as práticas judiciárias, as quais, afirma Foucault, assassinam o assassino: “Entrar no domínio do direito significa matar o assassino, mas matá-lo segundo certas regras, certas formas” (FOUCAULT, 1999, p. 57)²⁶³. A prática judiciária considera o criminoso como um inimigo social, com base nos embates de verdades, de duas partes, entre réu e vítima, determina a punição do sujeito do crime e o controle de como este sujeito deve proceder, procedimento muito claro nos processos de dona Finha quando se lê constantemente a interferência das assistentes sociais e discursos médicos que diagnosticam o comportamento da senhora em questão. Foucault discute historicamente essa questão, esse momento de transição do direito privado para o público. A primeira grande mudança foi a institucionalização da testemunha entre os gregos; a outra grande mudança na Idade Média foi a instauração do procurador e inquérito, mas foi a modernidade que instituiu a prisão, na qual surgem vários outros dispositivos de poder para punir o corpo criminoso. Na nossa contemporaneidade, essas disciplinas convivem no âmbito das penitenciárias atuais. Semanalmente, as presas são avaliadas por psicólogos e psiquiatras, são avaliadas psicológica e “espiritualmente”, porque toda semana recebem visitas também da pastoral cristã da Igreja Católica e das demais designações religiosas, que objetivam a confissão das presas e suas conversões a um mundo de normas instituídos pelo sistema e outras instituições sociais. Antes da prisão, a intimação do oficial de justiça, a

²⁶² Governo do Estado da Paraíba – Secretaria de Cidadania e justiça – COSIPE. Avaliação Social.

²⁶³FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas Jurídicas**. Rio de Janeiro Nau Editora, 1999.

institucionalização do inquérito para encarceramento da culpada, inquérito que vai demarcando os lugares da ré e das testemunhas. Os inquéritos são os registros para as presas que não passaram, ainda, pelo julgamento. A grande mudança nesse sistema jurídico e das penitenciárias modernos de encarceramento é a relação com o trabalho, a disciplina do corpo pela relação trabalhista, e a tentativa de enquadramento em outro sistema: a criação de mãos de obra para o capitalismo.

O corpo de Dona Finha é classificado constantemente pelos discursos que Foucault, chama, ortopédicos, diagnósticos que objetivam conhecer o corpo da prisioneira e instituir nele o controle. Dona Finha: para umas testemunhas: bêbada, alcoólatra; para outras: imoral; para a filha que a ajudou a ceifar a vida do companheiro da mãe: uma mulher sofrida. Nos escritos das assistentes sociais, uma mulher trabalhadeira. São muitas Donas Finhas, mas em cada fala e embate, a morte da própria criminosa, ela existe apenas para ser mostrada e exemplificada como nociva, perigosa, dona Finha é o resultado desse saber disciplinar que deseja punir a vida onde ela se desvia.

Piérre Rivière²⁶⁴, outro personagem das margens de Foucault, um parricida, tido como um criminoso cruel no século XIX pelo discurso jurídico e médico, sujeito analisado pela perspectiva foucaultiana para pensar o cerne da disciplina que situa o sujeito do crime. O desejo do discurso disciplinador e moralista apresentou um sujeito atroz, frio e cruel, narrando detalhes do assassinato, definindo o comportamento do parricida desde o crime até o inquérito. Dois séculos separam Rivière de dona Finha, as geografias sociais são outras, mas o procedimento jurídico insiste. As testemunhas destacam não apenas a atrocidade do crime, mas desejam ressaltar o aspecto que consideram desmoralizante da ré:

[...] registre-se o vício do álcool da ré, mulher casada, que nem ao menos respeita seus filhos e marido, posto que costuma participar de farras com homens, demonstrando um comportamento social reprovável e desregrado²⁶⁵.

Em outro processo, destacam a crueldade para comprovar a desumanização da ré: A vítima foi assassinada de forma cruel. Teve uma orelha decepada, diante da violência das cacetadas que levou, um crime bárbaro, sem razão de ser²⁶⁶. Conforme sugere Michel Foucault, nenhum crime terá comprovada sua atrocidade sem o laudo médico, sem o desejo da psiquiatria de acusar, apontar e condenar psicologicamente a(o) ré/réu. No caso de Dona

²⁶⁴ FOUCAULT, 1984.

²⁶⁵ Ministério Público da Paraíba – Comarca de Campina Grande – 1ª. Promotoria criminal.

²⁶⁶ Idem.

Finha, foi necessário arguir a antecedência criminal dela e apontar a existência da mãe homicida, apontando as origens do crime. Porém, há uma singularidade na infâmia de dona Finha, por ser uma das presas que mais trabalha na prisão, o laudo psiquiátrico faz questão de enfatizar a normalidade de dona Finha, porque o contexto das prisões hoje é punir, introjetar, nas subjetividades, a ideia de que o trabalho salva. Na sociedade de Rivière, era preciso atestar a loucura para dar legitimidade ao estado de matar o cruel parricida, na nossa contemporaneidade, é preciso docilizar os corpos para o trabalho, reeducá-lo.

Dona Finha é o símbolo não apenas das mortes que realizou, como também da morte da sujeita que o processo define, porque é a imoral das testemunhas, a bêbada das outras, a sofrida da filha, a trabalhadeira das assistentes sociais, aquela que matou quatro homens e não sofre de anormalidade, como define o laudo médico. Mas é também, a senhora franzina e tímida que sequer fala. São muitas Finhas, o processo interessou-se apenas por uma, a criminosa; por isso, o próprio inquérito e práticas judiciárias são o assassinato da assassina, porque na tentativa de enquadrá-la, as testemunhas e depoimentos vários só a multiplicam, dilaceram e decompõem uma corporeidade feminina que se constrói na história, assassina...

Do último crime de dona Finha, realizado contra o companheiro dela em um açude participaram sua filha, Anita Felinto de 30 anos, e o irmão daquela. Anita diz-se arrependida por ter caído nessa tentação²⁶⁷:

[...] Fui acusada de homicídio do ex marido da minha mãe. Ele agredia muito minha mãe. Ele bebia muito e batia muito na mãe, menos na minha frente. Um dia vi minha mãe muito agredida e disse a minha irmã que ia morar com minha mãe, ai, fui morar com minha mãe, mas ele não mudou não, continuou bebendo, vendendo os troços dela. Teve uma vez que ela disse que ia no açude com ele, foi mais ele e a bicicleta, ele foi armado e eu não sabia, eu disse a senhora vai na frente que depois eu vou, ficou ajustando o almoço arrumando a casa que depois eu vou. Ela fez: tá certo! ai foi ele e ela. Ai, com meia hora eu fui atrás, [...] Ai fui pra ver com medo dela matar ele ou ele matar ela. Ai vi os dois brigando, ai vi ele puxando uma faca pra danar nela num sabe, ai quando ele puxou a faca ai num contei conversa, peguei uma pedra dessa de concreto e danei na cabeça dele, ai ele já caiu morto, ai por isso que eu estou acusada desse homicídio, por legítima defesa pra defender minha mãe [...]²⁶⁸

Após narrar o crime, após destacar o perigo que dizia representar seu padrasto, narra justificando a pedra que jogou contra o ex-padrasto, para mais uma vez inocentar-se. Em seguida, narra a infância, afirmando ter tido uma infância ruim pelo vício nas drogas e bebidas, mas afirma, de modo veemente, que antes do homicídio não bebia e nem se drogava

²⁶⁷ Entrevista realizada no dia 04 nov 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁶⁸ Entrevista realizada no dia 04 nov 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

mais. Anita, na narrativa, não mencionou seu tio, personagem que também aparece no processo como cúmplice de Dona Finha:

[...] no dia dos fatos, os acusados – que são parentes entre si, posto que dona ... é mãe de [...] e irmã de (...) sob o preterido de irem todos tomar banho num pequeno açude existente no bairro das cidades, conduziram a vítima, que estava visivelmente embriagado, até um terreno baldio e a [...] havendo todos eles, após imobilização da vítima por parte do acusado, produzido lesões na mesma, tanto com a utilização de uma faca-peixeira quanto de uma pedra ali existente que foi usada para esmagar o crânio da vítima²⁶⁹.

As três testemunhas confirmaram a acusação e o discurso do processo, apenas uma delas acrescentou que a vítima vendia os objetos de dona Finha e que por isso Dona Finha o ameaçou várias vezes. A sentença condenatória de Anita e de Dona Finha estabeleceu uma pena de reclusão de vinte anos e seis meses. Dona Finha matou seus quatro amores, mas há vida? Mas há a vida²⁷⁰ que é para ser intensamente vivida, há o amor, que tem que ser vivido até a última gota, sem nenhum medo. Não mata (LISPECTOR, 1984, p. 539). Quem ama não mata? Dona Finha matou!

A pesquisa com as mulheres envolvidas com diferentes crimes torna possível perceber a vida por um fio, a vida esmagada por violências que refletem uma das tragédias da sociedade atual. Lipovetsky, em sua análise sobre as sociedades atuais e o quadro de violências diversas pergunta se a moral morreu. Talvez seja impossível refletir sobre a morte da moral, porque os homens, as mulheres, estes sim estão morrendo aos montes através de conflitos promovidos por uma sociedade que incita o consumo de bens materiais, mas também de drogas, de bebidas alcoólicas, associados ao desenvolvimento de um individualismo exacerbado que, desde a segunda metade do século XX, vem instituindo outras subjetividades, subjetividades virtualizadas, efêmeras, inseridas em uma sociedade na qual a tecnologia e tudo o que representa a técnica, substitui relações humanas. Essas mulheres são trágicas sobretudo porque estão do outro lado, assistindo em televisões precárias, as roupas, as marcas, as técnicas disponíveis para uma elite e que elas não acessam. Elas nasceram em uma sociedade já marcada por uma sectarização alarmante, e ocupando lugares marginais onde a falta de educação e instrução profissional afetam as fragilidades dessas mulheres carentes de família, muitas vezes, de comida, de amor. Argumenta-se isso com base nas vidas que foram pesquisadas, vidas marcadas pela desestrutura familiar e que, por motivos diversos, desistiram

²⁶⁹ Estado da Paraíba. Poder Judiciário. Comarca de Campina Grande – PB. 2 Vara do Tribunal do Juri.

²⁷⁰ Lispector, Clarice. Mas há a Vida”, in: A Descoberta do Mundo, Rio de Jan, Nova Fronteira, 1984, p. 539

de estudar, de trabalhar para se envolver com o crime. As mulheres que matam seus amores, seus amigos ou inimigos tinham uma vida pregressa no crime, de alguma maneira estavam marcadas por uma vida marginalizada, infame, que faz da existência um fio muito próximo da morte, da morte do outro.

Essas mulheres estão marcadas pela história, por uma época que Lipovetsky denomina pós-moral, quando se refere à primeira época moralista cristã e à segunda fase, que denomina de iluminista. Essa terceira fase da moral, a superação das morais tradicionais, são os signos de uma época de sujeitos que

[...] exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, que o ideal de abnegação. Nossa cultura cotidiana desde os anos 1950 e 1960 não é mais dominada pelos grandes imperativos do dever sacrificial e difícil, mas pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos do indivíduo, não mais pelos seus deveres [...]²⁷¹

Essas mulheres são filhas de uma sociedade que construiu a ética do sucesso pessoal, de uma sociedade que instaura as questões sociais, de trabalho, centralizadas no indivíduo, no sucesso pessoal, na garantia do futuro e são elas as subjetividades alijadas nesse processo, nesse império de consumo, de luxo, de afirmação de uma personalidade vencedora. Todas as três homicidas trabalharam desde cedo, deixaram os estudos pelo trabalho mas, na juventude, envolveram-se com práticas que as colocaram mais perto do crime, da droga, do álcool. Vilma, depois que se separou do primeiro companheiro, diz que, para sustentar os filhos, prostituiu-se e se viciou em bebidas alcoólicas para agradar os clientes. Leonarda, desde jovem, é viciada em bebidas alcoólicas e de vez em quando disse que usava craque. Dona Finha faz parte de uma família de homicidas, sua mãe, seu filho, sua filha desde cedo se envolveram com crimes.

Essas mulheres que nasceram em uma sociedade onde as mudanças do lugar da mulher estavam instauradas, constituem-se como essas subjetividades autônomas. Segundo afirmam Vilma e Leonarda, eram elas que sustentavam a família. Para Gilles Lipovetsky, a hipermodernidade²⁷² é a complexificação de um estágio no qual surgem maiores possibilidades de vida, liberdade e autonomia dos indivíduos, simultaneamente ao aparecimento de novas desigualdades e formas de dependência. Para ele, emerge a figura do “hipernarciso”, um indivíduo soberano de si e engajado muito mais em práticas para escapar da dor do que para obter um prazer efêmero. Em grande medida, essas duas mulheres

²⁷¹ LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri: Manole, 2005.

²⁷² Lipovetsky, G. (2004). **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla.

específicas, que desde cedo trabalhavam em casa de família – no caso de Vilma, vendendo verduras na feira ou o corpo – e de Leonarda – vendendo drogas ou trabalhando em casas alheias –, o sofrimento causado por um marido agressor talvez precisasse ter um fim. Elas sabiam que poderiam sobreviver sem os pais de seus filhos, criá-los, por isso, a rápida substituição por outro companheiro. A dor advém muito mais da violência que encerrou a vida dos companheiros do que pela ausência. Viviam nas ruas, no mundo, cultuando, em si, a autonomia que os companheiros censuravam com surras e espancamentos.

Essa modernidade acelerada ou hipermodernidade é também para o autor a época dos excessos: assiste-se a um hiperindividualismo ora prudente e calculista; ora desregrado, desequilibrado e caótico. E, nesse jogo de culto ao indivíduo, os meios de comunicação, a mídia, de modo geral, bombardeiam os sujeitos com imagens de sucesso, de beleza, de amores e corpos perfeitos. O não acesso a essa maquinaria de vidas simuladas certamente provoca pânicos sociais, violências, destruições inclusive do outro para resolver as ausências e carências.

Vilma e Leonarda são duas mulheres descontentes com o modelo de companheiro que tinham. Em nenhum momento tecem elogios, só falam de amor para se afirmarem estrategicamente “matei o homem que mais amava”, mas as narrativas anteriores são muito mais de descontentamento. Essas mulheres não tinham, em seus lares, o modelo de homem ou de amor divulgado socialmente. Matá-los parece que significou livrar-se não apenas do sofrimento físico, mas de um processo de subjetivação, no qual eles representavam seus fracassos enquanto mães, mulheres, amantes. Segundo Vilma de Sá: “foram muitas as vezes que deitou na cama com cheiro de outra mulher, que peguei ele bebendo com outra mulher [...]”²⁷³.

Travessia, este é um conceito de Giddens²⁷⁴ para pensar as relações de nossa sociedade moderna, as efemeridades e virtualidades dos amores e das amizades constituídas por tecnologias que ao mesmo tempo em que aproximam, separam sentimentos. Para o autor, travessia é uma maneira de dar conta desse conjunto de forças, prazeres e desconfortos constituídos nessa sociedade marcada por consumo, globalização e mundialização. A revolução tecnológica e informacional transformou mundos, culturas, comportamentos, mas não tornou possível o acesso de todos aos bens produzidos com essa revolução. O que muda, também, são as relações familiares, afetivas, amorosas, há uma liquidez nessas relações que se

²⁷³ Entrevista realizada no dia 24 mar 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁷⁴ GIDDENS, A. Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo em nós. Rio de Janeiro Record, 2005.

escorregam em brigas e práticas de violência as mais diversas. A luta do opressor que busca conter a mulher, controlar seus passos, seu corpo, contradizendo-se com o desejo da mulher que se enquadrando nessa sociedade do consumo, luta pela sua independência financeira. Os três casos aqui apresentados não demarcam homicídios por ciúmes, mas pela falência de modelos de amor, de família, de homem que as mulheres que disseram não quando assassinam seus companheiros, a morte foi uma escolha e não um acidente, uma escolha pela hiperautonomia e liberdade, mesmo que esta tenha ficado comprometida por anos na prisão.

Os crimes não foram praticados por Amélias, mas por mulheres que de tanto conhecer o mundo, a vida em sua profunda marginalidade, puseram fim a um modelo de relação e companheirismo, inclusive de violência porque elas fazem parte de uma sociedade de valores quebrados, desagregados, em crise ou em travessia na qual se afirmam com muita visibilidade os desejos subjetivos. Elevado desenvolvimento do transporte, da comunicação, exacerbada cultura do consumismo que favorece a moda, o luxo, o corpo, essa é a sociedade onde o hipernarcisismo funciona como uma afirmação de si, um signo possível para compreensão das mulheres que amam e matam. Parece simbólico também, essas duas mulheres que sustentavam a casa pedindo, trabalhando, pôr fim à vida de companheiros viciados e desempregados. O companheiro de Vilma de vez em quando ia à feira vender com ela verduras, mas como diz, gastava o dinheiro com bebida e ainda a obrigava a doar o dinheiro que conseguia na rua. Já o companheiro de Leonarda, passava o dia na companhia das drogas e pedindo dinheiro a ela para alimentar o vício, conforme suas afirmações.

Giddens e Lipovetsky falam de diferentes mudanças que revolucionaram a sociedade. Essas mulheres, situadas no mundo da pobreza, da infâmia são textos dessa revolução, são subjetividades infelizes, carentes de necessidades as mais básicas, sobretudo, oprimidas em um modelo de relacionamento em que eram agredidas ou agrediam, mas armadas e dispostas a se livrarem de um mal-estar, no caso, de seus companheiros. Cresceram aprendendo que deviam casar e respeitar o marido, mas quando caíram no mundo no qual as feministas derrubaram o ideal do casamento, elas construíram uma trajetória onde o desejo subjetivo dilacerou o romantismo do amor, o conservadorismo do casamento, o enlace da paternidade. Mataram seus amores/agressores. Quem ama não mata?

5 DAS OUTRAS PRISÕES? CAMPOS HETEROTÓPICOS, DISCIPLINAS E RESISTÊNCIAS.

A beleza tem apenas uma origem, a ferida, singular, diferente para cada um, oculta ou visível, que o indivíduo preserva e para onde se retira quando quer deixar o mundo para solidão temporária, porém, profunda (GENET,²⁷⁵)

5.1 OS GIROS DA LOUCURA NA PRISÃO

Para o poeta William Shakespeare, são os loucos, os poetas e os amorosos os que mais têm imaginação. Nessa discussão sobre a loucura, Vilma de Sá e dona Finha também atravessam as tessituras desse texto, porque são apontadas no cotidiano da prisão como loucas ou escolhem a loucura para amenizar o fardo do crime que cometeram. Marcel Proust poetiza que A loucura é uma maneira de tornar a realidade suportável, e talvez seja esse o caminho escolhido por Dona (34 anos), que tem uma vida perambulante na prisão, corpo habitado pelo que chamam loucura, suas crises epiléticas propiciaram a sua exclusão do seu convívio com as demais presas. Apontada como doida, Dona passa o dia inteiro desenhando nas paredes, nos cadernos, na imaginação. Escolheu a arte e a loucura para salvar-se na prisão. Este é outro signo do cotidiano da prisão feminina pesquisada.

Dona foi incluída no artigo 129 e 147, uma jovem mãe que não estudou para dedicar-se ao trabalho desde a infância, tem um companheiro e dois filhos que, segundo explica: “me esperam para eu sair da prisão”. Na prisão, todas a apontam, dela riem, zombam, distanciam-se, é o outro de muitas, constrói pinturas na parede com lápis comum para esquecer os xingamentos da prisão, afirma. Seus desenhos? Pombos, cruzeiros, órgãos genitais femininos e masculinos, pássaros, gatos e cachorros. Não foi possível ter acesso ao processo de Dona, mas ela assim narra-se:

[...] já era pra ter ido embora só estou aqui por que desacatei, o motivo foi essa briga com esse homem, ele tá bem, já fui presa por danos morais, dessa confusão que ela disse que eu tenho feito, dessa vez foi por conta do cara, ele me furou, fui correr atrás do prejuízo, antes tinha discutido com a mulher, ela me bateu, eu bati nela, o marido chegou cheio de razão, sou mãe solteira, minha mãe disse coisa com ele também, ele me chamou de rapariga, eu disse melhor ser rapariga do que ser corno, ele bateu no meu rosto [...] o maior problema é que na audiência a doutora disse

²⁷⁵ GENET, Jean. O ateliê de Giacometti. Ed. Cosac & Naify, São Paulo, 2000.

coisa que não fiz, olhei pra ela e disse: deixe de ser mentirosa, ela bateu na mesa e disse; cale sua boca! Fiquei como desacato²⁷⁶.

Dona é portadora de epilepsia desde os doze anos, trabalhou de babá durante anos, mas com as repetidas crises, disse que nunca mais arranhou emprego. Disse, ainda, que na prisão está aprendendo a ter paciência: “quem dizer as coisas comigo tenho que ficar calada, estou aprendendo isso, se eu não tivesse respondido a juíza, eu não tinha vindo, se o cara não tivesse me batido eu não tinha furado ele”²⁷⁷. Fala que torna visível o processo de docilização dos corpos. Antes de falar que puxou um dia os cabelos de uma presa que lhe acusou de agarrar os homens da pastoral e que roubou sua pulseira de prata. Ela diz:

Tudo que for fazer pense, por causa de não pensar estou aqui, ela disse que eu tinha feito um negócio, ela mentiu doutora, tenho que obedecer senão volto, 70x7 me arrependi, sou católica, gosto de ouvir a palavra, acho bonito quem é crente, cada um faz o que quer, como esses povo que usa isso, essas coisas. [Referindo-se às presas que usam o craque]²⁷⁸.

Sacudindo os cabelos e sempre fazendo charme como se estivesse posando para uma fotografia, cruza as pernas, abre o diário, retira de dentro de um caderno as fotos dos dois filhos (um casal), mostra-se emocionada, os olhos lacrimejantes acompanham os lábios trêmulos que diz em voz sempre alta: “– São minha vida, doutora!”

Dona não se enquadra, em nenhum perfil, das presas pesquisadas, não fez parte de roubos ou furtos, não matou ou traficou, mas agrediu uma vizinha e o esposo, situação que se agravou quando chamou a juíza de mentirosa. Dona tem comportamentos considerados violentos pelas companheiras e alguns agentes, mas ela usa da violência física para afirmar-se, quando não, da pintura para salvar-se. O desejo de Dona é o de desencontrar-se, cria, então, sua própria racionalidade. Conforme afirma Foucault: não é o nosso saber que se tem de interrogar a respeito daquilo que nos parece ignorância, mas se essa experiência a respeito do que ela sabe sobre si mesma e sobre o que pode formular com relação a si própria (FOUCAULT, 1978, p. 83)²⁷⁹. Dona produz sua subjetividade, mas também é marcada por outras definições, o laudo médico define sua epilepsia, as presas a acusam de louca, ela se diz feliz. Dona é ainda pensada pelo sistema como incapaz para o trabalho e para o convívio social, afirmando, assim, sua loucura em atestado.

²⁷⁶ Entrevista realizada no dia 18 nov 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁷⁷ Entrevista realizada no dia 18 nov 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ FOUCAULT, M. **História da loucura**. Ed. Perspectiva – SP, 1978.

Dona, mais uma vida infame, foi excluída do mundo do trabalho e atestada como inválida e, na prisão, como agressora. O nervosismo de Dona tem a ver com essa subjetividade alijada, primeiro no meio social; segundo, na própria prisão, onde mulheres marcadas socialmente também excluem, rejeitam e condenam. Nessa lógica social de construção de corpos úteis, Dona reagiu violentamente a essa sociedade que disse não à sua saúde fragilizada e que, cultuando corpos normativos, a rejeitou. Dona, já excluída socialmente, já marcada e alijada é aprisionada por essa mesma sociedade que não suporta a anormalidade e o desvio, que almeja a prisão de todo sujeito fugitivo das regras e normas, deu-se, à Dona, grades, celas e mais um atestado de inutilidade, além de louca, presa, sujeita criminosa e perigosa para o convívio social.

Resultado dessa condenação social em relação aos sujeitos definidos como loucos, Dona é dita maldita por duas vezes, louca e presa. Quando a juíza decide prendê-la, é muito mais uma punição a essa maldição feminina que agride, desequilibra-se e tortura os bons costumes, com base em uma leitura moralista. O Direito e as próprias presas condenam Dona, ela é apontada como aquela que perdeu sua verdade, sua identidade, e até para as presas, sujeitas também da infâmia, isso é motivo de exclusão. Dona transgredir as normas de sua sociedade e da própria prisão, suas posturas pornográficas, suas palavras sempre erotizadas desmoronam um mundo de regras, é condenada na sua liberdade de pintar e abandona-se a si mesma. Dona é como um riso sarcástico por entre uma coletividade de mulheres que também infames sujeitam e abandonam a outra, criando a si como sujeitas da moral, esses são, portanto, outros jogos na prisão que envolvem a disciplina e os conflitos nesse sistema.

Dona, para além de “louca”, é efeito de uma produção conceitual do pensamento jurídico e médico. Dona desmantela a unidade de sujeito requerida pelo social, pelo jurídico, pelo sistema penal, ela esfacela toda possibilidade de exigir dela a racionalidade e normalidade que o sistema disciplinar almeja, acusada pelas imagens pornográficas, as paredes são suas asas, suas pinturas, resultado de uma linguagem que abusa da libertinagem e que se liberta na prisão, ao invés do sexo com as companheiras ou com o esposo que nunca a visita, a exteriorização do desejo do pênis e da vagina nas paredes heterotópicas onde imaginar, significa viver. O nomadismo de Dona, suas fugas a qualquer modelo de racionalidade na prisão afirma aquilo que Dostoiévski discute no século XIX e que é usado por Foucault: “Não é isolando seu vizinho que nos convencemos de nosso próprio bom senso. 249 Há que se fazer a história desse outro giro de loucura [...]” (FOUCAULT, 1999, p.

152)²⁸⁰. Dona é a infâmia dentro da própria infâmia, mas um cisco de liberdade onde todas se sentem presas, um giro no sistema. Contraditoriamente, é negada judicialmente, mas quando chama a juíza de mentirosa, quando agride alguém nas ruas, suas palavras servem apenas para acusá-la. Contraditoriamente, todos os gestos de Dona são usados apenas para reforçar o seu afastamento da sociedade, seu discurso é interdito, rejeitado e circulapara denegrir a si própria, testemunhandosua própria infâmia, mas ela tem um ganho nisso, faz-se libertina, abusa desse lugar da louca e dana-se no jogo erótico com as imagens e a imaginação.

A prisão de Dona é significativa nessa sociedade que,almejando a mão de obra, a racionalidade, prende-a; na prisão a exclusão de Dona também é significativa: sem poder trabalhar ou exercer uma atividade útil, sem ser objeto de desejos das outras presas, rejeitam-na. O pênis, a vagina e no meio deles o Cristo de braços abertos com um passarinho sobre sua cabeça constrói a singularidade de sua subjetividade. Dona lembra-me a profusão de práticas eróticas de Sade na prisão, ela é o signo do corpo dócil, que aprendeu ou precisou conter algumas palavras e agressividades, mas vai além da norma e de si quando escolhe as paredes e os desenhos e às vezes palavras pornográficas para dizer não à docilização e normatização da prisão.Não escreveu com sangue e orgasmos como fez a revolução de Sade na prisão, mas criou maneiras de libertar-se, porque o ser humano anseia, obscuramente, exceder os seus limites, ir para além de si mesmo. O erotismo traz em si a nostalgia de uma continuidade dos seres que desmente a nossa separação em indivíduos distintos (BATAILLE, 1980, p. 16)²⁸¹. Dona é o extremo do que faz a prisão com as almas dos sujeitos, normatiza de um lado, incita o desejo da não norma e da não disciplina do outro. Essa foi outra maneira de viver a prisão que esta pesquisa cartografou, entre o profano e o sagrado, o sexo e a santidade de Cristo, Dona revira-se. Ela faz de si a d(o)anação das suas normas.

5.2 ONDE ESTÁS, S(Ó)L?

Essas hisstórias aqui narradas até agora são signos da violência que a prisão produz nas mulheres apenadas, violência que lhes afeta a alma, de modo que umas recorrem à morte, outras à loucura. Conforme os escritos arque-genealógicos de Michel Foucault, as prisões são resultado de um saber e poder modernos. O Estado Absolutista decapitava cabeças, mas não

²⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2 ed. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Vera L.A. Ribeiro. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2002. (Ditos e Escritos I).

²⁸¹ BATAILLE, George. O erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987

tinha controle cotidiano sobre os corpos marginais. O objetivo era calar, destruir esses corpos. A prisão moderna se diferencia pela criação de disciplinas que classificam, individualizam, organizam e conhecem os corpos sujeitados, controlando e regularizando, sobretudo, as suas almas, seus sentimentos, é sobre esse conceito, de disciplina, que se discutirá aqui a partir da experiência da morte e da loucura, a prática da disciplina na Penitenciária pesquisada.

As prisões no Brasil datam da primeira metade do século XIX, quando as prisões eram ainda conhecidas como “Casas de Correções”. Na Constituição de 1824, já há discussão sobre essas casas de correções. Esta mesma Constituição prescrevia, em seu artigo 179, as seguintes determinações: “as cadeias devem ser limpas e bem arrojadas, e conforme a natureza dos crimes e das circunstâncias apresentadas deveria haver celas separadas para cada categoria de réus” (MIRABETE, 1997, p. 26)²⁸². Em 1830, o código penal brasileiro ainda mantinha em vigor a pena de morte, abandonando apenas duas práticas: o enforcamento e esqueteamento. Na prisão pesquisada, as apenadas são vigiadas por aquilo que Foucault, inspirado em Bentham chama de o panóptico do poder, mas também por uma série de saberes médicos, religiosos, sociais que investem em seu corpo para um maior controle, para uma produção da verdade sobre esses corpos. Na atualidade banuiu-se a pena de morte, mas criaram-se outras maneiras de controle das presas e sujeição das mesmas aos códigos disciplinares da prisão.

Na prisão a disciplina não vem apenas de cima, do centro do poder. As presas, entre si, também são disciplinadoras umas das outras, mas este é outro efeito da disciplina na prisão. As próprias presas fazem circular entre elas a loucura de Dona, classificam-na, exclui e a afasta do convívio. Quando chegava à Penitenciária diariamente, umas presas se aproximavam para falar do “mau comportamento da outra”, dos gemidos, dos roncos, das roupas, dos prantos e solidão das outras. Este era um dos ganhos do sistema, conseguir instaurar os conflitos entre as presas através de uma série de procedimentos disciplinares. Quando Foucault e Deleuze falam da disciplina na prisão é preciso pensar não apenas a norma que vem do sistema, mas entre as próprias presas, que reproduzindo o panóptico, pune, classifica, exclui da mesma forma. Gilles Deleuze ao analisar a obra de Michel Foucault *Vigiar e Punir*, afirma: [...] a prisão não para de reproduzir a delinquência. [...] (2006, p. 37)²⁸³. A morte, a loucura apresentadas a partir de três mulheres, são resultados, efeitos do que essas disciplinas constroem, como elas afetam e interferem nos corpos sujeitados, mas que não se sujeitam, que ousam rebelar-se.

²⁸² MIRABETE, Júlio Fabbrini. *Execução Penal*: 8 ed. São Paulo: Atlas, 1997, p.465.

²⁸³ DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Para Foucault a disciplina não é um cuidado com o corpo, mas uma coerção (2006, p. 119)²⁸⁴. Se foi possível perceber a morte e a loucura como fugas, faz-se necessário pensar os códigos e as normas que classificam as vidas das mulheres presas, das quais umas buscam na loucura ou morte subterfúgios. Os corpos cuidadosamente são observados, as resistências são controladas através de algumas doações, como exemplos, seleção de algumas presas para o trabalho, incutir nelas a ideia de que o trabalho as salva. Essa disciplina controladora que diz sim, também violenta lugares, identidades, algumas mulheres são beneficiadas, outras excluídas, porque o poder precisa promover a classificação, promover a separação entre elas. As hierarquias que a direção constrói no interior da prisão inibe a resistência coletiva, umas começam odiar as outras pelo acesso a elas negado ao esmalte, à bolacha recheada, ao shampoo, ao trabalho. O poder disciplinador sabe que a classificação inibe as revoltas e quando a disciplina se percebe frágil, isola, usa o isolamento como um exemplo, uma maneira de punir publicamente, mas despertando gritos de revolta no interior da prisão. Ana Maria, Maria Paula, Dona são signos da não-docilidade, violaram, em parte, o estabelecido, produziram, algumas vezes, os riscos da não-identificação com o poder e dobraram, em alguns momentos, as grades da prisão, para não fazerem de suas vidas, experiências dóceis.

O banho de sol é também uma forma de controle, de violação ao instante único de liberdade das presas. Antes de alguns movimentos de resistências das presas, o banho de sol era aberto. Elas durante toda uma tarde podiam ver a luz do sol, banhar-se de luz, e alegria, mas os conflitos cotidianos entre as próprias presas que se repetiam, impulsionou a direção a criar um tipo de punição jamais previsto por elas, retiraram-lhes a luz do sol, puseram-lhes na sombra, sob pedras, trancadas embaixo de uma laje onde o sol sequer podia descer para banhá-las, porque até o sol, afirma Zarathustra, necessita descer do alto de sua montanha para dividir sua luz²⁸⁵. As entradas das presas nos isolamentos aumentaram significativamente depois dessa mudança. Mas de vez em quando a direção organizava um lanche com refrigerante e salgados como forma de construir uma cultura da infantilização entre as presas, de docilizá-las, de vez em quando negociavam também as resistências com um bom cardápio de almoço mais sofisticado. Nesses ritmos de negociação, algumas presas sequer lembravam o sol, outras nunca esqueceram que um dia tiveram o dourado do sol, não saíam mais para fora das celas, evitavam sair das celas, preferiam a frieza das suas celas a lembrar que um dia viram o espetáculo do sol nascer.

²⁸⁴ Op. Cit.

²⁸⁵ NIETZSCHE, Friederich. Assim falou Zarathustra – um livro para todos e para ninguém. Civilização Brasileira, Rio de Jan, 1983.

Em Campina Grande, a Penitenciária Regional Feminina pesquisada também opera com algumas práticas das prisões do século XIX, embora se constitua como uma instituição recente, do século XX. A Penitenciária Feminina na cidade de Campina Grande tem uma história recente, atendendo ao plano de reforma nas penitenciárias brasileiras, o Presídio Feminino, ANEXO do Presídio masculino e Presídio de Segurança Máxima foi construído nos anos 90. A Penitenciária Masculina foi inaugurada em 1990, a Penitenciária Feminina em 1998 e a de Segurança Máxima em 2003. Esse complexo penitenciário vivencia desde os anos 90, não apenas reformas materiais, como também educacionais, em que se tornou lei a prática obrigatória educacional no sistema penitenciário brasileiro²⁸⁶. Mas em Campina Grande a história da prisão(GUIMARÃES, 2004)²⁸⁷ é possível de ser datada de 1814, pois onde hoje se situa o Museu Histórico e Geográfico do Município, em sua parte térrea, passou a funcionar uma cadeia, na qual Frei Caneca pernoitou, com outros revolucionários, durante a Confederação do Equador, em 1824. Em 1879 uma nova cadeia foi criada, nas proximidades da Igreja do Rosário, perto do atual Cine Capitólio, no centro da cidade. A partir dos anos trinta do século XX, especificamente 1936 (VERAS, 1988)²⁸⁸, constrói-se a velha cadeia, atendendo aos anseios da reforma do Prefeito Verniaud Wanderley, no lugar em que hoje está o Presídio do Monte Santo, o qual só passou a ter essa denominação a partir de 1955. Essa breve discussão sobre a prisão faz perceber um discurso jurídico preparado para prender e punir o corpo masculino. Até a construção da Penitenciária Feminina em Campina Grande nos anos 90, é sabido que as mulheres eram conduzidas para a Penitenciária do Roger em João Pessoa.

O feminino do crime rompe com esses papéis e esses pactos sociais. A sociedade espera o crime do homem, não do feminino. A construção das prisões femininas no Brasil só se tornaram possíveis a partir dos anos 40 do século XX, essas mesmas prisões não tinham o caráter da prisão masculina, eram mais internatos amparados por doutrinas religiosas. A prisão feminina no Brasil nasce inicialmente em São Paulo como um ANEXO do Carandiru (1941) e em 1942 no Rio de Janeiro, denominada Presídio Feminino Talavera Bruce (LIMA,

²⁸⁶ Recentemente, o plano de educação para os presídios espera uma assinatura do MEC a homologação para tornar obrigatória a oferta de cursos profissionalizantes com estágio, aulas no período noturno e a possibilidade de estudo no Ensino superior para os apenados. Disponível em: <http://www.neteducacao.com.br/portal_novo/index.php?pg=artigo&cod=1541> Acesso em: 04/08/2010 às 15h00min .

²⁸⁷ GUIMARÃES, Carlos Heverton de Carvalho. **O triunfo da exclusão**: história do sistema prisional em Campina Grande (1812 – 2004). Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande, 2008.

²⁸⁸ VERAS, Cassandra do Carmo. **O Espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935 – 1945)**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 1988.

1983)²⁸⁹. Somente nesse contexto ocorre a separação de celas por sexo. Antes disso, o encarceramento feminino era norteado por discursos moralistas e religiosos, as prisões eram denominadas “reformatórios especiais”, porque predominavam os crimes de prostituição, vadiagem e embriaguez, crimes mais comuns naquele contexto:

Veicula-se a ideia de separação das mulheres chamadas “criminosas” para um ambiente isolado de purificação, numa visão de discriminação de gênero assumida pela construção do papel da mulher como sexo frágil, dócil e delicado. A intenção era que a prisão feminina fosse voltada à domesticação das mulheres criminosas e à vigilância da sexualidade. Tal condição delimita na história da prisão os tratamentos diferenciados para homens e mulheres (LIMA, 1983).

Se havia um crime que a sociedade até a segunda metade do século XX esperava do feminino era o da prostituição, visto mais como um delito simples, tal crime estava ligado à definição secular atribuída ao feminino (beleza e sexualidade). De forma secular as mulheres foram ditas e tidas como descontroladas sexualmente ou pelo menos sujeitas vulneráveis ao sexo. Sobre os delitos da prostituição o código Penal no Brasil de 1940 estabeleceu o delito de Vadiagem, artigo 59, segundo a pesquisadora Alba Lima:

Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade sendo válido para o trabalho sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita. A pena prevista era de detenção de 15 dias a 3 meses. A prostituição não era considerada crime, mas era uma atividade ilícita, desse modo o Estado poderia prender as mulheres que estivessem exercendo a prostituição em razão do delito de vadiagem. Nas décadas de 30 e 40 foi intenso, no Brasil, o combate à prostituição e a defesa dos ideais femininos. Outro crime bastante comum era o de Contágio Venéreo que se consumia "com o simples fato da exposição a perigo de contágio". Pena de detenção de 3 meses a um ano ou multa[...] (LIMA, 1983, p. 45)

Se até a segunda metade do século XX era possível definir os crimes a partir do gênero, como exemplos, aborto, infanticídios, o processo de industrialização e de expansão econômica no Brasil, a demanda do mercado de trabalho, multiplicaram as possibilidades de as mulheres praticarem os crimes. Na penitenciária do Serrotão, há crimes que hoje são ditos como tipicamente femininos, como exemplos, furtos, homicídios passionais e tráfico, ao mesmo tempo em que predominam crimes ditos como sendo práticas do masculino, como exemplos, latrocínio e roubo (artigo 157).

²⁸⁹ Ver discussão: LIMA, Elça Mendonça de. *Origens da prisão feminina no Rio de Janeiro – o período das freiras (1942 – 1955)*. Rio de Janeiro: Pesquisa, 1983.

Na Penitenciária Feminina pesquisada, a disciplina funciona a partir também de uma arquitetura de poder. O panoptismo atua sobre os corpos e almas das presas. O panóptico para Bentham não é apenas um projeto arquitetônico, mas também discursivo, o autor pensou a arquitetura, as técnicas de vigiar, controlar o trabalho, as atividades, o cotidiano do prisioneiro (PERROT, 2008, p. 125).²⁹⁰Essa prisão onde realizei a pesquisa atualiza uma série de técnicas panópticas que controlam e vigiam os corpos. No século XIX, os reformadores jurídicos perceberam que punir e corrigir teria um efeito mais produtivo, por isso a construção de trabalhos na prisão, uma técnica que acaba internalizando na alma do preso a ideia de que o trabalho salva. Durante o período desta pesquisa (do início de 2010 até o início de 2012), a Penitenciária era composta por 14 celas construídas em um corredor, no qual se localizava também a cozinha. Um vão no qual se colocava um vaso sanitário e uma pia para lavar os rostos era separado do local onde estavam as camas. Em gente ao corredor estava um minúsculo vão, um vaso sanitário e uma cama de pedra sem colchão onde as presas isoladas permaneciam até 30 dias. A parte da frente desse espaço havia outra sala, a de reconhecimento para a presa recém-chegada e na qual se passava 15 dias e outra sala sem utilidade, usada por mim algumas vezes para realizar as aulas, entre a sala de reconhecimento e a sala vazia uma mesa de madeira para os advogados e presas conversarem. Essa geografia ocupava menos da metade de um enorme terreno a céu aberto.

Nessa prisão pesquisada a amoralização dos corpos se faz não só a partir da vigilância, do confinamento com direito a duas horas apenas de momentos fora da cela, mas também do ensinamento e subjetivação do código do trabalho, essa é a outra questão: a relação da disciplina com o trabalho. O trabalho no cotidiano da prisão feminina é também uma lógica de construção das identidades dessas mulheres, elas aprendem com a disciplina que o trabalho as salvam, a direção negocia com elas, promovendo algumas, dessa forma, mantém o controle das resistências, visto que as que trabalham se tornam as presas informantes sobre possíveis resistências e toda possibilidade de motim no Sistema. De um lado, as trabalhadoras passam a ser mal vistas pelas presas, por outro, agraciadas pela direção, o que gera outros processos de exclusão e violências, muitas brigas aconteceram por que umas presas foram escolhidas para trabalhar através dos fuxicos que faziam das outras presas, no cotidiano da prisão Mercia

²⁹⁰ Ver PERROT, Michele. **O Inspetor Bentham** in_ O panóptico Jeremy Bentham. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Cristina, 29 anos, presa por tráfico de drogas, é tida como a fofqueira porque avisou à direção que uma das presas fumava dentro da cela²⁹¹.

Ana Priscila, 23 anos, presa por tráfico de drogas reafirma esse discurso de valorização ao trabalho produzido no interior da prisão: Professora eu quero minha vida de volta, trabalhar, ser gente, eu me sinto um monstro, se eu soubesse nunca teria feito o que fiz, esse lugar é um inferno.²⁹² Ana Maria, Maria Paula e Dona constituem-se os corpos que disseram não à disciplina e à disciplina do trabalho. Outra presa, Joelma Cordeiro, 35 anos, presa por latrocínio, reflete: eu perdi minha vida aqui dentro, meu maior sonho é trabalhar e começar de novo com a família, eu já tenho um emprego garantido quando sair daqui, sem trabalho eu volto de novo.²⁹³

Muitas mulheres buscam trabalhos na cozinha e na faxina porque essa é uma maneira de sentirem a sensação de alívio, de se sentirem úteis, porque o sistema moraliza e disciplina conforme a lógica da ética capitalista, capturar mãos de obra, Judith Freitas, 32 anos, diz: “o meu maior sonho é sair daqui pra que eu possa recuperar o tempo perdido com os meus filhos que sofrem muito com tudo isso poder trabalhar.”²⁹⁴ Outra presa, Ana Barretos, 31 anos, confirma: “Preciso sair daqui e trabalhar para dar uma vida boa pra minha filha [...]”²⁹⁵. Com o trabalho sentem-se menos abjetas dentro do próprio sistema penitenciário.

Essa prática do trabalho nas prisões é histórica, data do século XIX nos Estados Unidos. A grande perspectiva dos idealizadores das prisões nesse momento era incutir nos presos a ideia de isolamento, silêncio e trabalho. Foram pensados nessa sociedade oitocentista dois modelos: o regime da Pensilvânia que propunha o isolamento completo dos presos durante o dia, sendo o trabalho desenvolvido individualmente e o sistema Ausburn no qual o isolamento era noturno, o trabalho neste último era grupal e durante o dia. Com o enfraquecimento desses dois sistemas, foi instituído na prisão o modelo de sistema progressivo, através do bom comportamento do preso.

Produtora de mortes e loucuras, disciplinadora, moralizadora dos corpos pelo trabalho, a prisão feminina do Serrotão é também produtora das identidades alijadas. Embora discorde

²⁹¹ Episódio relatado por Mércia Cristina no dia 29 maio 2010 às 10h:24min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

²⁹² Entrevista realizada com a apenada Ana Priscila na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 14:00h no dia 23/04/2011.

²⁹³ Entrevista realizada com a apenada Joelma Cordeiro na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 15:00h no dia 23/04/2011.

²⁹⁴ Entrevista concedida pela apenada Judith Freitas na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB e entregue às 08:00h, dia 22/09/2010.

²⁹⁵ Entrevista concedida pela apenada Ana Barretos na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB e entregue às 08:00h, dia 25/09/2010.

do conceito de Goffman²⁹⁶ (2008) quando afirma que as prisões constituem uma instituição total, na qual predominam sujeitos separados da vida social, uma vez que as presas não perdem o diálogo com o social, concordo, aqui, com o autor quando discute as mudanças identitárias que ocorrem no interior das prisões, mudanças que muitas vezes deterioram muito mais que recuperam os “eus” ali internalizados:

Além da deformação pessoal que decorre do fato de a pessoa perder seu conjunto de identidade, existe a desfiguração pessoal que decorre de mutilações diretas e permanentes do corpo, exemplo, marcas ou perda de membros (2008, p. 13)

Goffman afirma que dentro das instituições totais os sujeitos (re)significam suas identidades e isso equivale também a uma troca cultural, seja por medo, humilhação, dominação ou resistência. A prisão que exclui e institui a presa como um corpo-abjeto é resultado de uma série de discursos que estigmatizam as/os condenadas/os antes mesmo que o crime exista. A teoria de Darwin no século XIX influenciou a construção de estereótipos e justificou ao longo desse período a ideia de que existiam sujeitos inferiores étnica e biologicamente. A criminologia baseada no discurso biológico e positivista vai fundamentar a ideia de um biótipo dos criminosos, em que este deveria ser penalizado com rigor. Antes disso no século XVIII, Beccaria²⁹⁷ defendia a ideia de que o criminoso era um sujeito recuperável e que tinha sentimentos humanos, contra esses discursos a criminologia do século XIX se contrapôs, porque o criminoso era tido naturalmente como “o mal”.

Predomina no século XIX o discurso da antropologia criminal de Lombroso, o qual apontava características físicas e mentais do criminoso. O crime é resultado de uma natureza imperfeita, dessa maneira, Lombroso analisava o comportamento humano a partir de uma analogia com os animais, afirmando que o crime está ligado às condições do organismo. Para ele, somente a moral e a jurisdição seriam capazes de corrigir o crime e a violência. O criminoso para Lombroso é uma aberração e ele tem marcas sociais e naturais [...] os homicidas teriam o rosto pálido e imberbe, testa pequena, os olhos afetados por estrabismo, ar suspeito e o olhar vítreo, frio, imóvel [...] o criminoso poderia apresentar estigmas como daltonismo, estrabismo, agilidade e força (MIRANDA, 2009, p. 287)²⁹⁸. Pensar a construção dos corpos abjetos na prisão, é necessário discutir a influência da biologia que fundamentou esse processo de abjeção.

²⁹⁶ GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro LTC, 2008.

²⁹⁷ BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

²⁹⁸ MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A fatalidade biológica: a medição dos corpos, de Lombroso aos biotipologistas in _____. MAIA, Clarissa Nunes et. All. **História das Prisões no Brasil**, v.II. Rio de Janeiro Rocco, 2009.

No Brasil os intelectuais inspirados na teoria de Lombroso apontaram os negros e mestiços como sendo a raça degenerativa. Nina Rodrigues foi pioneiro nas discussões sobre os costumes imorais e violentos dos negros. No processo de modernização nos fins do século XIX e início de XX, os negros libertos da escravidão foram empurrados para periferias, sem estudo e trabalho. Muitos enveredaram para o mundo do crime, isso explica, em grande medida, ainda hoje, a quantidade de negros e mestiços morando em periferias e nas penitenciárias brasileiras. Na nossa sociedade, o corpo do preso também tem cor, rosto, e esse é um processo histórico no qual as prisões funcionaram e funcionam como a morada dos sujeitos marginais, da sub-humanidade.

A biotipologia criminal, com a técnica da fotografia do crânio e do corpo foi até a primeira metade do século XX um dispositivo para instituir e reforçar o criminoso como um sujeito naturalmente perverso e nele produzir o estigma:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas (GOFFMAN, 2008, p. 11)²⁹⁹

Para Goffman há três tipos de estigmas: o estigma que abomina o corpo; o estigma relacionado às questões sentimentais e morais e o estigma relacionado às questões da nacionalidade e religião. Os homens e mulheres autores dos crimes se enquadram nas duas primeiras definições, uma vez que o crime é visto socialmente como uma prática degenerativa, uma fraqueza da natureza humana, seja o roubo, o tráfico, o homicídio. Nesse sentido os homens e mulheres autores de crimes produzem a si, criam códigos de linguagens e de marcas no corpo, eles mesmos se estigmatizam e se diferenciam, como forma de produzir a si em relação ao outro social. A sociedade codifica e reproduz o próprio estigma, muitas vezes o fato de ser ex-presos já é um motivo para a sociedade criar outros estigmas. Para Goffman há o estigmatizado que se corrige direta ou indiretamente, que busca a convivência social de alguma maneira e corrigir o problema que o faz ser estigmatizado. Porém, quando analisamos o estigma instituído sobre os corpos das mulheres presas, a situação se torna mais complexa. O fato de ter sido presa eterniza no corpo dessas mulheres estigmas preconceitos, estereótipos. As presas que disseram ter medo de voltar para o social o dizem por saber que a

²⁹⁹ Ver GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro LTC, 2008.

sociedade a excluirá. Em entrevista uma das presas afirma: “A sociedade é muito preconceituosa, só sabe julgar, meu medo é sair porque nunca mais vou ser aceita”.³⁰⁰ Muitas negaram-se enquanto sujeitos, enquanto mulheres, Érica Assis, 24 anos, presa por furto, fala:

[...] está na prisão é uma coisa muito horrorizante, pois você se torna uma pessoa sem valor para muitos, a prisão é um lugar muito hostil, e um lugar onde ficamos esquecidos por todos, é um lugar que você se torna uma pessoa sem valor, para muitos, pois você ao passar do tempo se torna uma pessoa muito discriminada[...]³⁰¹

A prisão produz nos corpos das presas a identidade eterna do crime, a pena é cumprida, o processo arquivado, mas o crime fixa-se em seus corpos, em suas identidades. Em *Os Miseráveis*³⁰² de Victor Hugo, o personagem, Jean Valjean ao sair da prisão carregava consigo uma carta amarela a qual era obrigado a mostrar por onde passasse, a carta era um signo de que se tratava de um ex-presos. Na nossa atualidade as presas não carregam uma carta amarela, passam cinco anos com o nome registrado na justiça, se houver pesquisa nesse período, haverá as marcas da prisão no nome das apenadas.

Nas penitenciárias atuais não se materializa mais o método lombrosiano, não se mede mais o crânio para comprovar a insanidade ou perversidade das presas, mas a entrevista com psicólogos, assistentes sociais não deixa de ser uma técnica de investigação e disciplinarização sobre o corpo-prisioneiro. As fotografias de perfil e frontais não deixam de ser também a necessidade de fixar e eternizar no rosto capturado, as marcas do crime e dessas marcas o preso dificilmente consegue se livrar, é um registro.

O corpo do prisioneiro desde o século XIX vai sendo investido de saberes especializados, a biologia é um dos principais saberes a produzir um saber sobre os criminosos, apontando e julgando sua natureza animalesca, sub-humana, como se o crime fosse o fora do homem, a aberração da natureza humana. Lembremos que a definição dos corpos masculinos e femininos, resulta da enunciação biológica, a qual atribui ao corpo masculino características viris e à mulher, emotivas, intuitivas. Foi contra o discurso biológico que as discussões de gênero se posicionaram, alertando que o feminino e o masculino se constroem socialmente e que os sexos biológicos não determinam tais papéis. As próprias prisões femininas foram pensadas durante muito tempo como um espaço que em

³⁰⁰ Entrevista realizada com a apenada Beatriz Silva (nome fictício) na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 15:00h no dia 02/04/2011.

³⁰¹ Entrevista realizada com a apenada Érica Assis (nome fictício) na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 11:00h no dia 02/04/2011.

³⁰² HUGO, Victor. *Os Miseráveis*. São Paulo: Martin Claret, 2007. (Coleção e obra prima de cada autor. Série ouro).

grande medida reproduzia a discussão biologizante dos corpos. Na segunda metade do século XIX raras eram as prisões femininas, fato que faz crer na ideia de que a violência e o crime seriam atributos masculinos e quando havia mulheres prisioneiras, estas eram presas juntamente com os homens, o que significa que a sociedade daquele contexto não cria numa mulher criminosa. Em muitos casos as mulheres eram internadas em instituições religiosas ou filantrópicas, a mulher que cometia algum crime ou delito era vista como um problema muito mais moral da sociedade do que um problema do feminino. Segundo Carlos Aguirre:

O Estado não se interessou pela questão das instituições de detenção para mulheres. Estas funcionavam como entidades autônomas não sujeitas à regulação ou supervisão estatal, violando claramente a lei, ao permitirem a reclusão de mulheres sem um mandato judicial. Apesar dos intermitentes protestos de parte das vítimas dessas detenções, seus familiares, ou alguns observadores independentes, a maioria das instituições de confinamento continuou funcionando à margem do sistema carcerário formal. Tais instituições, que podemos chamar genericamente casas de depósito, incluíam não só prisões para mulheres, julgadas ou sentenciadas, mas também casas correcionais que abrigavam esposas, filhas, irmãs e criadas de homens de classe média e alta que buscavam castigá-las ou admoestá-las. (AGUIRRE, 2009, p. 52)³⁰³

No início do século XX, segundo o autor, o Estado começou a investir nas construções das prisões femininas, resultado das mudanças científicas em torno do preso, da prisão e das penas, a própria penologia científica discutirá muito mais a recuperação do criminoso. A questão social de quem comete o crime é uma questão da segunda metade do século XX, assim como a necessidade de mudanças carcerárias, de celas que separassem presos por crimes, além disso, o mundo cultural dos presos começou a ter visibilidade, na segunda metade do século XX, havendo também um investimento científico, social sobre os sujeitos presos e suas histórias. Mas em pleno século XXI nos deparamos com penitenciárias superlotadas, defasagens das prisões brasileiras, rebeliões e alto índice de violência e drogas nas prisões, para agravar o quadro, um número significativo de mulheres envolvidas com o crime. As mudanças discursivas sobre as prisões constituem um acontecimento na forma de se pensar os sujeitos dos crimes, no entanto, entre o dizer e fazer há ainda uma brecha, se nossa sociedade ainda preza o regime fechado, é necessário pensar o porquê das prisões se constituírem ainda hoje como um espaço-saber que ao longo dos séculos cria e produz o corpo dos presos e das presas como sendo abjetos, se de um lado, há uma discursividade que deseja recuperar os criminosos e as criminosas por que esses criminosos são alijados socialmente e produzidos como lixos humanos?

³⁰³ Ver essa discussão em AGUIRRE, Carlos ET. All. **Cárcere e sociedade BA América Latina (1800 – 1940)** in **História das Prisões no Brasil**, v.I. Rio de Janeiro Rocco, 2009.

Nesse cotidiano vigiado e controlado das presas, as identidades são alijadas e amputadas de diferentes maneiras. Interrogada sobre o que é ser mulher na prisão, uma das presas responde: “o que é ser mulher na prisão? O que é o não ser mulher. Aqui não tem como agente ser mulher, agente não tem direito a nada, não faz nada”³⁰⁴. Outra presa dá uma resposta parecida, mas complementa: “Ah! Eu nem sei responder, eu nem sei o que é isso, não tem como ser mulher aqui porque agente parece um passarinho engaiolado, quando o passarinho sai da gaiola é que ele se sente livre, nós somos dele jeito, como um passarinho engaiolado”³⁰⁵

As falas acima são os signos de uma das mais fortes violências que ocorre no interior da prisão: a negação das identidades femininas. As falas lembram a produção da abjeção, discutida por Judith Butler³⁰⁶ (2002, p. 161), quando diz que as sociedades abjetam dados corpos, faz lembrar a discussão de Foucault (1979, p. 64) sobre o processo de sujeição ao discurso da disciplina. As presas acima se assumem como abjetas, e tal discurso vem acompanhado de culpa, de negação de si, visto que a memória do crime na prisão torna-as sujeitas de sua própria abjeção. Negar-se é inclusive um dos efeitos do encarceramento, negar-se enquanto sujeito produtivo e capaz de criar pra si outras histórias. Esses corpos abjetos como propõe Butler, dificilmente se pensam como sujeitos, porque o abjeto “Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante”. (1999, p. 161). Em *Crime e Castigo* de Dostoiévski³⁰⁷, há uma discussão sobre a culpa que o crime e prisões no século XIX instaurava nos sujeitos. O jovem estudante de Direito Raskoinikov mata a dona da pensão a quem devia favores, mata a senhora e a irmã dela e desiste dos estudos. Raskoinikov entra em depressão não por causa do assassinato e roubo, mas por ter irrompido seus projetos, por ter se tornado o sujeito marginal da sua sociedade, sujeito da infâmia e se tornado alijado do seu meio social. A culpa e ressentimento internalizado pelos prisioneiros é um signo dessa sociedade criadora de uma instituição que pune os sujeitos do crime internalizando neles a ideia de culpados, de sujeitos miseráveis. As prisões atuais

³⁰⁴ Entrevista realizada com a apenada Cida Vieira na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 09:00h, dia 22/09/2010.

³⁰⁵ Entrevista realizada com apenada Gisele Pinto na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 09:00h, dia 22/09/2010.

³⁰⁶ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

³⁰⁷ DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovich. *Obras completas em 4 volumes*. (Rio de Janeiro Nova Aguilar, 1975).

reproduzem essa prática de fazer dos corpos presos, os miseráveis da sociedade, os corpos nocivos e perigosos, os quais constroem sobre si a autopunição e auto depreciação.

Muitas foram as presas que introjetando esse enunciado do poder, negaram-se enquanto sujeitos, enquanto mulheres. Ainda como se definiam enquanto mulher uma das presas entrevistadas, Sebastiana Vieira, 34 anos, questiona:[...]aqui ninguém é mulher, como ser mulher num lugar desse?³⁰⁸ Outra presa, Tereza Batista, 23 anos, reproduzindo a ideia de que ser mulher é reproduzir as práticas criadas pela indústria da beleza, afirma: como ser mulher aqui professora, sem perfume, sem shampoo, sem esmalte, agente tá tudo numa gaiola, numa grade como um bando de bicho³⁰⁹.

Retirar o sol do cotidiano das presas, imprimir em suas subjetividades a lógica do trabalho, quando a sociedade exclui as ex-prisioneiras, confinar essas mulheres o dia todo, sem atividades, alijar suas subjetividades de diferentes maneiras, negando-lhes, muitas vezes algumas práticas que faziam parte do seu cotidiano, como exemplos, perfumar-se, maquiar-se, ajeitar-se, encerrando-lhes em uma cela com grades onde o único prazer para muitas é comer, rezar, dormir. Embora que muitas em suas artes de existir encontrem brechas para colorir esse cotidiano de confinamento e introduzam nele amor, desejo, amizade, vaidades, porque essas celas produtoras de mulheres abjetas, também produzem o seu contrário, a imanência, a fuga.

Há muitas mortes dentro da prisão, sonhos, esperanças que não sobrevivem, subjetividades que se deixam cicatrizar pela disciplina da prisão quando se negam e se rejeitam, quando inclusive balbuciam sobre seu lugar de mulher. Andreia Torquato, 36 anos, presa por furto, disse: professora eu nem sei mais o que é isso, ser mulher!³¹⁰. Quando fiz essa pergunta, muitas pareciam ter sofrido um choque, um impacto não por que não sabiam o que era ser mulher, mas porque ser mulher parece que não era uma palavra que muitas ouviam, palavra que algumas não se interessavam mais dizer, porque dizer-se mulher naquele espaço era lembrar que tinha um corpo, uma vida, muitas preferiam esquecer-se, mulher para não lembra a liberdade que um dia tiveram

5.3 NAQUELA MANHÃ DE SOL

³⁰⁸ Entrevista concedida pela presa Sebastiana Vieira, presa por tráfico de drogas, 34 anos, realizada no dia 11 nov 2010. Às 14h:09min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

³⁰⁹ Entrevista concedida pela presa Tereza Batista, presa por tráfico furto, 23 anos, realizada no dia 11 nov 2010. Às 14h:09min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

³¹⁰ Entrevista concedida pela presa Andréia Torquato, presa por tráfico de drogas, 36 anos, realizada no dia 09 nov 2010. Às 14h:09min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

O cotidiano da prisão feminina é marcado por diversos códigos de violências. Muitas mulheres presas continuam reproduzindo os códigos da violência para sobreviverem, reafirmarem seus lugares. Essas mulheres que nas ruas são praticantes da violência ao corpo do outro, na cadeia, continuam reproduzindo esses códigos, algumas delas foram violentadas na infância, foram para as ruas e violentaram a bolsa, a joia, a casa alheia e na prisão, a saga continua, poucas são as que optam pelo diálogo, pela convivência harmoniosa. Na Penitenciária Feminina há sempre líderes, mulheres que comandam algumas regras no pavilhão, uma delas, Marluce Borges,³¹¹, acusada de vários homicídios, pelo fato de não ter visitas, exige o lanche das outras. No ano de 2010, Lízia Ives, doente, vivia enclausurada em sua cela, temia que a embravecida Marluce cobrasse os lanches visto que não estava recebendo visitas, já havia apanhado e por esse motivo escolhia ficar no interior de sua cela. Os lanches são dados espontaneamente para quem não recebe visitas, mas as presas que têm muitos anos de prisão e que são sentenciadas por crimes como homicídios, geralmente comandam algumas outras presas ou pelo menos se impõem às demais, esta foi uma das violências percebidas nos discursos das entrevistadas.

Muitos são os códigos de violência que essas mulheres reproduzem e sofrem. No feminino as disputas são imprevisíveis e pouco claras, as fofocas são os principais motivos de desavenças, assim como o fornecimento de lanches, roupas e objetos outros. Em 2012 houve um conflito gerado pelo fato de uma homicida, nutricionista, ter os privilégios que as outras homicidas não tinham. Foi possível perceber também as contendas entre traficantes de fora da cidade, principalmente as paulistas, em uma conversa informal, durante um filme,³¹² Daiana Moura diz: “Se Maria Paula não tivesse morrido aqui ia morrer em Sampa, quem manda entregar quem não devia”, referindo-se a uma das moças mortas no incêndio no início do ano de 2012 na Penitenciária.

Vaidosas, também se disputam: pedem roupas, produtos para os cabelos. O desejo não é apenas mostrar-se bonitas nos dias de visitas, mas também mostrar-se bonitas umas para as outras: disputar! Seduzir! Na prisão as relações “homoafetivas” também se tornam comuns, a presa mais bonita causa ciúmes, as conversas paralelas também conflituam as companheiras.

³¹¹ A apenada Marluce Borges é acusada de vários homicídio, furtos e roubos. Ela é outra presa naquele sistema que sempre ameaça as outras presas para ter lanche. A informação veio das apenadas ameaçadas durante as entrevistas, principalmente da apenada Lízia Ives, que era a mais ameaçada de todas pela presa citada. A entrevista ocorreu no dia 05 abr 2010 na penitenciária regional feminino a do Serrotão às 10:00min.

³¹² Conversa durante o filme Amanhecer no dia 10 ago 2012 às 14:09min. na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

No ano de 2012 esse presídio vivenciou um conflito entre duas presas “lésbicas”, uma delas, Josi Nunes³¹³, enciumou-se e agrediu outra presa, Albertina Arruda, pelo fato de esta conversar no banho de sol com a sua companheira, acontecimento que exigiu a interferência da direção. Desde esse dia, Albertina Arruda, a agredida, afastou-se da ex-companheira de Josi Nunes, esta última era visivelmente masculinizada e mais viril, mas era a que chorava dia e noite na prisão, implorando perdão à amada. Leandra Maia abandonou Josi Nunes desde o episódio da violência. Ambas estavam presas por aliciar menores, usar bebidas e seduzir duas adolescentes, na prisão não se reconciliaram, talvez o mundo fora da prisão as aproxime novamente.

As mulheres criam outras astúcias, outras maneiras de violentar o corpo da outra, de reproduzir a segregação dentro da prisão. A fofoca segrega, aproxima, os ciúmes, também. Além disso, as presas que trabalham na cozinha são bem quistas por umas, mas por outras odiadas. As arestas se dão de modo improvisado e no interior das relações traçadas no campo do cotidiano. As mulheres lançam mão de diferentes táticas³¹⁴, seus lugares não estão claramente definidos, suas rivalidades e violências se constroem ocasionalmente, mas também ocasionalmente essas violências podem ser silenciadas. A violência entre elas pode ser também esquecida. Amanda Moraes³¹⁵ e Geovana Morgana, duas mulheres e um mesmo homem. Quando estava fora da prisão, Amanda Moraes havia namorado o marido de Geovana, esta agride Amanda, foram separadas de celas, mas hoje convivem normalmente, esqueceram as rivalidades, tornaram-se amigáveis. As presas balbuciam, se aliam, voltam, brigam, fazem as pazes, se intrigam, mentem, desfazem rixas, se abraçam, criam maneiras de se aproximar da outra, porque inclusive muito mais carentes de visitas, sabem que necessitam

³¹³ Informação concedida durante a entrevista realizada no dia 10 ago 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00min. A apenas Josi Nunes após entrevista, desabafou seu sofrimento e explicou o que tinha ocorrido, lamentando inclusive ter batido na companheira e pelo fato de esta não falar mais com ela. Gina Arruda não quis dar entrevista.

³¹⁴ Ver definição de tática em Michel de Certeau: Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder [...] A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar, a si mesma, um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar, no voo, as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário [...] (CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

³¹⁵ Informação concedida durante entrevista no dia 05 abr 2010 às 11h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

da outra para degustar comidas que não sejam apenas do presídio, de roupas novas, shampoos e hidratantes. A violência se torna uma tática para as mulheres. Quando o lanche não vem, é preciso obrigar alguém a oferecer. Entre elas a violência pode ser negociada.

Vanderlan Silva (2000) durante suas pesquisas na Penitenciária masculina do Serrotão percebeu os inúmeros conflitos e códigos de violência naquela geografia prisional, na qual estão envolvidos diferentes sujeitos:

A conflitualidade presente no mundo penitenciário pode ser pensado a partir de vários níveis. Um, o das relações que são estabelecidas pelo poder do Estado, através de seus representantes, diretores, guardas, funcionários burocráticos, assistentes sociais, advogados e os internos. Jogos conflituosos que colocam de um lado aqueles que reivindicam para si o poder e saber disciplinares da instituição, frente a uns que encontram-se embaixo da vigilância constante (SILVA, 2000, p. 65)³¹⁶

O trabalho de Vanderlan Silva (2000) é importante também para esta pesquisa pela discussão que o autor tece sobre o cotidiano dos prisioneiros na penitenciária masculina do Serrotão, ao mostrar os códigos de conduta e de honra criados entre os presos, as hierarquias que constroem a partir do crime cometido, como se houvesse entre eles mesmos a vigilância e a punição que faz os agentes penitenciários sobre seus corpos e suas almas.

As relações entre os que as vigiam, disciplinam e as presas também refletem o que Pierre Bourdieu³¹⁷ conceituou de violência simbólica. Há uma imposição para que as presas se situem no lugar da obediência, da culpa, da inferioridade, fato que dá à vigilância a ideia do lugar do poder, da ordem, da superioridade. Em entrevista no ano passado, Ana Maria, já apresentada nesta pesquisa, enfatizou: “[...] professora, tá presa já basta, já to pagando pelo que fiz, não preciso ser humilhada. Aqui a gente é chamada de miserável e que nem Deus me quer, isso é um inferno, professora [...]”³¹⁸.

Evidentemente que esse jogo de práticas violentas são efeito de uma sociedade também violenta. Bauman³¹⁹ um dos sociólogos que mais discute o caráter violento de nossas sociedades faz crer na ideia de um Estado que, por ser altamente punitivo contra a violência, promove a própria violência, como exemplos, torturas em presídios, maus tratos em procedimentos da justiça nas delegacias, casas de correções e outros. O sociólogo Michel

³¹⁶Cf SILVA, Vanderlan Francisco da. **Compondo Vidas, tecendo destinos**. Conflitos, territorialidades e trajetórias individuais na penitenciária do Serrotão em Campina Grande – PB. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

³¹⁷ Ver BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Op. Cit.

³¹⁸ Entrevista realizada com a apenada Ana Maria na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

³¹⁹ Ver BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Wieviorka³²⁰ também parte da premissa de que há uma violência social que inicialmente é promovida pela função do próprio Estado.

Michel Wieviorka discute, atualmente, a ideia de que há um novo paradigma da violência, citando, inclusive, os estudos de um sociólogo que é também historiador, Charles Tilly³²¹, o qual vai dizer que cada época elabora formas de ação e de violência. Para Tilly e Wieviorka, a renovação da violência aconteceu desde os anos 60 do século XX, pelo fato de se iniciar nesse momento um novo combate das classes de esquerda em uma luta ostensiva contra os regimes, partidos e ideologias da direita. O autor vai dizer que antes disso, já nos anos 50 do mesmo século há uma prática de violência ligada às guerrilhas, as quais propunham novos regimes e Estados.

Para o autor supracitado, atualmente a renovação da violência está relacionada a uma luta de identidades étnica e religiosa, identidades cuja ligação com a política formata um novo campo de conflitos. Para Baudrillard³²², trata-se de violências que resultam da hipermodernidade, na qual se produz também o terrorismo e a exclusão constantemente. A violência mudou! Essa é uma questão da sociologia hoje. Se nos anos 60 havia uma prática de violência ligada à luta pela liberdade das esquerdas, hoje segundo Wieviorka há um conjunto de ações violentas quase indefiníveis, violência que se apresenta no excesso da alteridade, da diferença cultural, religiosa.

A violência, desde a segunda metade do século XX, foi explicitada por diferentes teorias sociológicas: uma que pensa a violência como resultado das ações e comunicações sociais; a segunda, que pensa exatamente o contrário, discute a violência como o resultado da ausência das comunicações. Hoje, porém, as análises partem de outras categorias para explicar a violência: caos, fragmentação. Há atualmente um debate comum entre os sociólogos que explica a violência enquanto resultado do choque das identidades culturais. As análises sociológicas criam um novo paradigma de análise da violência que leva em consideração não só o conflito, mas o sujeito, as condutas.

Dentro dessa discussão de novos paradigmas da violência, é inegável a emergência da maior participação das mulheres no crime, não mais como cúmplices, mas como autoras, autoras da violência. O tráfico é uma prática do crime que acaba conduzindo à violência também. Muitas mulheres matam ou morrem pelos traficantes. Inclusive, as prisões das

³²⁰ WIEVIORKA, Michel. **O Novo paradigma da Violência**. Tempo social; Ver. Sociol. USP. São Paulo, 9(1): 5 41, maio 1997.

³²¹ Ver WIEVIORKA, Michel. Op. Cit.

³²² BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

mulheres que vêm de São Paulo, ocorrem pelo fato de serem denunciadas por traficantes inimigos que denunciam a polícia, senão por inimigos das mulheres que traficam. O número de mulheres albergadas que reincidem se dá na maioria das vezes pelo fato de essas mulheres, fugindo dos traficantes, deixarem de ir para o albergue sendo novamente presas. As dívidas que elas vão mantendo com os traficantes culminam em práticas de violência também.

Os novos paradigmas da violência levam em consideração as mudanças de gênero, de identidade, as diferenças culturais. Crescente aumento de mulheres no mundo do crime e da violência é revelador não só das mudanças sociais na configuração internacional, como também resulta de uma mudança de gênero, do papel social da mulher. Desde os anos 60, as mulheres reivindicam o lugar público, o trabalho, a luta contra uma elite machista, burguesa, essa luta foi mudando ao longo do tempo, nos anos 80 buscava-se o reconhecimento pelas diferentes maneiras de ser mulher, nos anos 90, as lutas são muito mais complexas pela multiplicidade de subjetividades, pela compreensão inclusive de que as identidades são performances e que o ser mulher é uma dessas performances de gênero. Houve e há uma libertação de um dado feminino, o feminino intelectualizado, branco, elitista, as mulheres criminosas são resultado de sujeitos que não conseguiram acompanhar a libertação desse feminino intelectualizado, branco, as mulheres no crime buscaram o perfil da independência, mas foi no mundo da violência, na formação das gangues, nos homicídios e latrocínios que muitas mulheres encontraram a independência e libertação que clamavam as feministas intelectuais. Essas mulheres marginais não conseguiram seguir o padrão das mulheres feministas, são filhas de famílias desestruturadas em sua maioria e sofrem a pressão social para serem de tal maneira, de terem dados bens materiais. No crime essas mulheres encontraram motivação para se manterem livres pelo menos por alguns instantes.

Em grande medida, o envolvimento das mulheres em Campina Grande com a violência e com o crime ocorre pelo que Wieviorka³²³ chama de subjetividades infelizes ou negadas. Merleau Ponty³²⁴ ensina: não temos escolha entre a pureza e a violência, mas entre diferentes espécies de violência. A violência é o nosso destino enquanto nós estamos encarnados (1968, p. 37). Para esse filósofo a violência está inserida no humano, tal qual pensa Nietzsche, para Ponty é desnecessário julgar a violência, o válido é pensar a violência,

³²³ Ver WIEVIORKA, Michel. Op. Cit.

³²⁴ MERLEAU – PONTY, Maurice. **Humanismo e Terror: ensaio sobre o problema comunista**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968, p. 37.

explicá-la na história³²⁵. A violência, que nesse momento se discute, é a que envolve um dado modelo de relação entre elas, da mesma forma que criam entre si relações amorosas, eróticas, como se discutirá no próximo item, criam relações tensas e violentas. Segundo Ponty “[...] num mundo em luta ninguém pode lisonjear-se de ter mãos puras”, esta é a ideia do humano demasiado humano, o crime, ao contrário do que pensa Durkheim³²⁶, não é a doença, é a manifestação do humano, porque o humano não é o belo e puro apenas, é o caótico e sombrio também, nesse sentido, esta pesquisa não é mais um processo crime, um julgamento jurídico sobre as mulheres presas, ao contrário, é um texto que narra vidas, vidas que escolheram o sangue para escrever suas histórias, vidas que romperam com os laços sociais para se afirmarem de outra maneira, e que violentaram algo, a si e/ou ao outro.

Para Merleau Ponty, a história é feita de violências e conflitos. Para ele, a liberdade só é possível através da violência, e a violência é um dos componentes da vida. Essas mulheres que moravam nos guetos, nas ruas, marcadas por um cotidiano de práticas violentas e mortes aprenderam a se constituir como sujeitas a partir também da violência contra o outro. Paul Ricouer inspirado em Merleau Ponty³²⁷ elabora outra análise com base em outro conceito: a fisiologia da violência, para pensar a violência como um problema para uma consciência comprometida com o mundo necessário a partir da condição da existência. A existência, a prática, o mundo e a intersubjetividade são partes fundamentais da fisiologia da violência. A fisiologia da violência é uma das maneiras de Ricouer indagar sobre a existência humana em sua outra dimensão do terror/terrível.

Esta pesquisa conta a história de mulheres que fizeram da violência uma das artes de suas existências, nas ruas, na prisão, muitas usufruem desse mesmo código para sobreviver, mas a violência a que se refere, aqui, não se resume apenas aos conflitos entre elas, mas também, e principalmente, a um tipo de violência produzida pelo próprio Estado. Michel Foucault, em suas análises sobre a modernidade também nos ensina a pensar nossa conjuntura de violências com base em outros códigos. Foucault, ao analisar o contexto das sociedades modernas e neoliberais, diz que a questão da segurança é, pois, uma nova estratégia da governabilidade dos sujeitos. Foucault, em lugar de pensar o enfraquecimento do Estado

³²⁵ Ver esta discussão da violência a partir da fenomenologia em WALTON, Gabriela Ralón de. **Investigaciones Fenomenológicas**, vol. 3: Fenomenologia y política (2011)

³²⁶ DURKHEIM, Emílio. **Curso de Ciência Social**: In: A ciência social e a ação. São Paulo, Difel, 1975.

³²⁷ Ver esta discussão da violência a partir da fenomenologia em WALTON, Gabriela Ralón de. **Investigaciones Fenomenológicas**, vol. 3: Fenomenologia y política (2011)

conforme acredita Bauman e Giddens³²⁸, propõe pensar a (re)organização do Estado através do biopoder, do poder de fazer da vida um objeto. Se de um lado, propaga-se a violência, a participação do feminino no crime, do outro se espetaculariza o Estado, que tenta se manter soberano nas táticas de normalizar, guardar, disciplinar para manter a ordem e controlar a população. O biopoder, sugere Foucault, é “[...] o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”³²⁹. Com Foucault, é possível pensar a questão da violência a partir do ângulo de outras relações, situando-as também no Estado, no código penal, que constrói leis e mecanismos de violência, e ao mesmo tempo, produz dispositivos de segurança, o que anula o debate que essencializa ou demoniza a violência.

Desde o início da pesquisa, presenciou-se a disciplina de três direções da Penitenciária Regional feminina estudada. Na qualidade de pesquisadora, reconheço ser difícil falar do que foi vivenciado em momentos diários, diversos, frequentes. As prisões e seus gestores são instituídos para reafirmar o lugar da presa tida como sujeita do crime, da culpa, da violência, quando, na verdade, há uma relação de poder e de conflitos entre quem disciplina e quem são disciplinados e entre os próprios corpos sujeitados. Evidentemente, o conflito é parte desse tipo de relação, principalmente quando a presidiária se comporta de modo agressivo e não subordinado. A violência naquele espaço está em cada olhar, gesto, palavra. Não se pede água, se exige, não se pede um lápis, se ordena que se traga um lápis. A violência também se apresenta quando se manda de volta um lanche que veio de tão longe e recheado de carinhos, ao mesmo tempo em que se favorece a entrada de lanches para outra presa, aquela escolhida pelo sistema como “boazinha”. A violência está também quando uma carteirinha de visita tão sonhada pelos familiares é negada, familiares que atravessam longas estradas cheios de esperança para ver se seus filhos e filhas ainda estão vivos; mas, por falta de funcionários, são obrigados a voltar sem a carteirinha, sem o passaporte de felicidade naqueles instantes de separação, o dinheiro sempre falta para retornar outro dia, porque presas estão as pobres, as periféricas, as mulheres carentes de educação. Viu-se muitas mães famintas e sedentas que vieram de longe ver suas filhas, retornando tristes por não conseguirem vê-las.

³²⁸ Ver BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2009 e GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

³²⁹ Ver FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no collége de France (1978 – 1979). São Paulo: Martins Fontes, (2008), (Coleção tópicos).

Em um desses dias, impossibilitada de entrar, vindo do interior de Pernambuco, uma mãe que aproveita a brecha do portão do presídio, empurra a cabeça para dentro da Penitenciária desejando ver a filha e consegue; a filha, que estava sendo encaminhada mais uma vez para o isolamento, e por isso, tinha chegado de uma sindicância da delegacia, havia discutido com uma das diretoras, a mãe vê a filha primeiro, os olhos lacrimejam, passa a mão nos cabelos já tão esvoaçados pelo vento e da longa viagem, a pele já tão queimada pelo sol, suada, enrubesce ainda mais, ela dá um triste sorriso, acena para a filha que naquele momento a percebe. A filha olha repentinamente, não acredita, grita pela mãe, desesperada grita, mandam que ela se cale, prende o choro, abaixa a cabeça, mas com a esperança de ver sua mãe em poucos minutos, cala-se! Cala-se e crendo ingenuamente que deixariam ver sua mãe que nunca fora até à prisão por que não tinha condição financeira para sair de Pernambuco (Sertânea) até a Paraíba (Campina grande). Havia o desejo de um abraço no olhar tímido, amedrontado daquela mãe. Havia desespero nos olhos daquela filha, naquela manhã de sol. Ao longe, insistiram em se olhar, como se a memória precisasse daquele momento para se eternizar, para fotografar um instante improvisado, esperado. Mal sabiam, mãe e filha, que aquele era o último encontro, o último olhar, mas não as últimas lágrimas daquela mãe, agora prisioneira da saudade e da solidão. A presa dessa história é Ana Maria, uma das jovens mortas no incêndio já discutido, juntamente com uma colega de cela. Esta foi uma das maiores violências ao amor e à maternidade presenciada no cotidiano da prisão...

5.4 DO ESTILO, A AMIZADE: HETEROTOPIAS NA PRISÃO...FEMININA

... Sim, apenas uma coisa te falta... um pouco de liberdade.
(DOSTOIEVSKI, Fiodor)³³⁰

Em “Vigiar e Punir”, Foucault fala sobre o ronco surdo da batalha (19866, p. 269)³³¹ que nos cerca pela existência de forças espalhadas, forças múltiplas que dobram o núcleo do poder, forças que se movem nos muros, nos espaços, nas instituições, nos discursos. Pretendo aqui discutir os gestos que descortinam os discursos das prisões, que questionam a totalidade da disciplina, conforme discutida anteriormente. Escolheu-se, para tal propósito, a amizade, como sugere Foucault: um modelo de relação que funciona como um riso irônico, um poema secreto no arquivo da jurisdição da prisão feminina.

³³⁰DOSTOIEVSKI, Fiodor. <<<http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200405281556>, 18:09j>, 09 nov 2009.

³³¹FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão**. Petrópolis, Vozes, 1986.

Todos os gestos e palavras das presas são vigiados, suas roupas, seus desejos, mas elas, ainda assim, burlam o poder. As presas, embora tenham seus dias marcados, controlados e vigiados seus desejos, amam-se sob o olhar do silêncio da noite, quando as agentes dormem e as diretoras se fazem ausentes, essas mulheres abandonadas pelos companheiros, buscam no corpo da outra, o desejo que um dia o ser amoroso abandonou. De modo geral, a sociedade aponta as prisioneiras como homossexuais, como se os papéis entre homens e mulheres fossem essencialistas; muitas mulheres, quando saem da prisão, retornam para os companheiros ou parceiros, poucas são as mulheres que continuam mantendo um relacionamento com a companheira de cela, com exceção de Claudiana Barros, sua companheira saiu da prisão e continuou a visitá-la. As mulheres presas, como afirma Judith Butler³³², performatizam, no interior da prisão, suas sexualidades, seus desejos, a questão delas não é apenas o sexo, mas também, o objeto amoroso, o qual se materializa na companheira de cela, na visita. Os maiores conflitos existentes na prisão ocorrem pela fofoca e pelas relações sexuais mantidas. Através das fofocas, presas são separadas, brigam, enciumam-se. Através das delações, a direção promove o rigor nas disciplinas, privilegia algumas presas, exclui outras, porque, através delas, acontece a prática do controle, de modo que a direção sabe sobre as mulheres que se amam no silêncio prisioneiro da noite, há quem mantenha relações estáveis, há quem deseje apenas uma noite, há inclusive quem se deixe tocar por um lanche, um cigarro. As fofocas trazem informações precisas à direção e, no dia seguinte, presas são separadas e, na mesma noite, casais são formados, a direção fica alheia ao campo do desejo, não compreende que o corpo preso liberta-se exatamente nas fugas das identidades sexuais, dos papéis de gênero que definem rigidamente o masculino e o feminino, mesmo sabendo elas que há um grande silêncio que está sempre à escuta.

Eis o imprevisível na prisão, as amizades. A disciplina deseja segregar, classificar, individualizar de modo que as presas se tornem competitivas, inimigas, estrangeiras no território do outro. O cotidiano das presas é marcado por brigas, conflitos que as separam, mas há um modo de aproximação, um modelo de amizade que questiona a totalidade da disciplina, falo de uma nova modalidade de relacionar-se com a outra. Não falo aqui da amizade tradicional, convencional, mas de um tipo de relacionamento intenso, um modo de vida, de troca de vida onde o sexo não determina a força dessa intensidade, mas é parte constituinte. Segundo Foucault, há uma ética da existência entre essas mulheres que se

³³² BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

compartilham e que, sendo as únicas companheiras de si, envolvem-se, mas calam-se, porque acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio (Wittgenstein)³³³.

Foucault discute a possibilidade de se criar, a partir da amizade, que é uma relação, um modo de vida, uma ética, bem como uma cultura ao redor do prazer, o que não nega os conflitos, mas há, nisso, outra maneira de relacionar-se com o outro:

A amizade [...] é a afirmação de existências livres, não são espelhos para os outros, identidade coletiva ou ideal, fusão numa unidade superior. Os amigos livres são seus principais inimigos, não deixam as coisas sossegadas, como se houvesse um patamar acima a ser atingido onde residem o equilíbrio, a doçura e as delicadezas obrigatórias (PASSETTI, 2003, p. 12).³³⁴

Para Anne Vincent-Buffault³³⁵, a amizade estabelece redes de influências, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam, para a maioria, as oportunidades de encontros e interações (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 30). Esta autora faz uma história da amizade e de como esse lugar cria outras subjetividades, desde as correspondências entre amigos no século XVIII até a escrita dos diários íntimos no século XIX, quando a escrita de si existe a partir da apreciação, diálogo e troca com o outro, diários e afetos são trocados. É, pois, no final do século XIX, que a autora fala das amizades românticas, apaixonadas e sentimentais na juventude. Mas são as diferenças entre as amizades masculinas e femininas que marcam, para a autora, as relações de gênero das amizades entre o século XVIII e XIX. As amizades entre homens e mulheres materializam as diferenças sexuais. Para ela, foram construídos entre os homens, desde o século XVIII, modelos de amizades masculinas que sociabilizavam a virilidade, a honra a força heroica e cavalheiresca que cultuavam o masculino, havia uma celebração da amizade masculina em oposição à amizade feminina, objeto de poucos elogios. Somente com a abertura da história das mulheres nos anos 70 do século XX se construíram outras histórias de amizades femininas. Desde o século XIX, a história vem discutindo as amizades femininas marcadas por ternuras, docilidades e solidariedades, sobretudo, das amizades construídas pela solidariedade no século XIX entre mulheres burguesas, mulheres cristãs e militantes.

A autora supracitada discute as questões de gênero que também envolvem as amizades que desde o século XVIII se afirmam enquanto prática social entre jovens e famílias. Para ela,

³³³ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

³³⁴ PASSETTI, E. *Foucault libertário. Margem*. São Paulo, n.5, p. 135 – 147, dez. 1996.

³³⁵ VINCENT – BUFFAULT, Anne. *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1996.

a amizade é também um lugar da identidade sexual [...] é também a relação em que a passagem ao ato sexual geralmente não é admitida (1996, p. 31). Se, no século XVIII, a amizade foi marcada pela ausência da sexualidade, o propósito da paixão, no século XIX a amizade era, para Bouffault, o derivado da atração sexual, as amigadas adolescentes sexualizaram-se, erotizaram-se, mudança que constrói, ao mesmo tempo, as vigilâncias sobre os corpos jovens e suas amigadas. Desde o final do século XVIII e início do século XIX, ocorre o confronto de sentimentos paradoxais, de anulação do desejo sexual e manifestação do erotismo nas práticas de amigadas.

O conceito de amizade mista, para Bouffault, data do século XVI, amizade que simboliza os paradoxos dos sentimentos na prática da amizade, amizade dita como sendo mais comum entre literatos e filósofos. No século XIX, diz a autora, essa amizade mista que era escondida se expande pelo social. Essas amigadas são marcadas por afetos e conflitos, geralmente construídas entre homens e mulheres e marcada pela sedução e galanteios. Essas amigadas mistas foram registradas em correspondências e diários. O século XIX se torna então o século da paixão da amizade, amizade que permite que se diga e se escreva “te amo”, “ama-me”, “sou louca por ti”. Por outro lado, é o momento em que as mulheres são excluídas de alguns modelos de amigadas masculinas, visto que os homens reduziam as mulheres ao lar e à vida doméstica. Se eram conquistadas por um lado, eram excluídas por outro. É o século da ciência e de uma construção médica sobre o feminino, sobre a dicotomia entre público e privado, mas são as mulheres do povo nas ruas, no campo, na vida que mobilizam a solidariedade da amizade feminina onde os homens criam espaços e sociabilidades para suas amigadas.

As práticas de amigadas mistas, entre mulheres, separadas dos homens, lidas de amor e paixão vêm sendo construídas desde o final do século XVIII e início do século XIX e elas assinalam os jogos de poder e paixão que caracterizam as amigadas modernas, principalmente pela erotização dessa relação: Para Ariés:

[...] temos de considerar, sob o risco de anacronismo psicológico, a que ponto era possível costear abismos sem vertigem. Amores masculinos ou femininos podiam ser vividos sem o peso dos estigmas de uma homossexualidade que não era designada como tal, deixando lugar para o equívoco do sexual e do não sexual (ARIÉS apud BOUFFAULT, 1996p. 143)

A citação acima é inspiradora, assim como o debate sobre a história da amizade no século XIX para pensar as práticas de amizade entre as presas, tal qual Ariés, pode ser um erro psicológico, mas as amigadas mistas na penitenciária estudada são vivenciadas sem o

peso do estigma do homossexualismo para umas, para outras são relações homossexuais, de todo modo, trata-se de um estilo de relacionar-se com a outra, de cuidar da outra também, uma mistura de amor, amizade e paixão experimentada naquele enclausuramento. No contexto das amizades no interior da Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande é a fuga das identidades de gênero fixadas que aproxima as pessoas, em nome da busca de um tipo de prazer que o sistema proíbe, complementando essa vontade humana de realização do desejo físico, mas também afetivo, uma maneira de realizar a insustentável leveza da vida onde as três paredes e uma grade se tornam o desafio dessa possibilidade. Trata-se, como sugere Foucault, de uma atitude, de um modo de sentir, que além de questionar o poder disciplinar da prisão, torna-se, sobretudo, uma prática possível da libertação. Essas são, pois, relações anti-disciplinares, anti-institucionais, são criações, o imprevisível e que ultrapassam quaisquer categorias de gênero, de sexo, de etnia. Constituem-se como a expansão das relações, em nada se enquadram, são provisórias, imprevisíveis, intensas. Nesses instantes, não se sujeitam, são sujeitadas. Essas mulheres no interior de suas minúsculas celas, nos instantes rápidos do banho de sol, constroem mundos que não podem ser controlados, mundos provisórios, sem certezas, mas criativos do ponto de vista da possibilidade do prazer e da sedução. Essa discussão não é uma busca pela amizade convencional, aquela amizade de onde o desejo, o corpo são retirados, mas da amizade que reinventa a si mesmo como sujeito, corpo, desejo.

Sobre essas amizades, algumas presas falam espontaneamente delas, como é o caso de Janaina Soares, 22 anos, presa por tráfico de drogas:

Aqui agente não tem é ninguém, a sorte é que a gente encontra gente boa que dá carinho, lanche, amor, coisa que eu nem encontrei nos homens, com essa pessoa que eu to hoje fico feliz mesmo na prisão, porque pelo menos doutora eu não me sinto tão só, assim que eu cheguei fui logo conhecendo ela, achei ela bonita, é minha amiga, namorada, é tudo mesmo, as pessoas não entende o que é isso, mas só eu sei, aqui tem muitas, mas só poucas falam pra não ser castigada, a senhora entende, né?³³⁶

Mas há também quem não fale, mulheres que mantêm amizades com outras mulheres, relacionamentos que misturam o companheirismo, o carinho, a troca material, sem precisar falar, sem desejar comentar, mas que dificilmente livra-se do olhar das outras. Em uma conversa informal com as presas antes da dança, uma delas comentou:

³³⁶ Entrevista realizada com a apenada Janaina Soares na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011.

Professora Sara Silva não vem hoje, a direção botou ela no isolamento, tava com ti ti com Luziana ontem de noite, já separaram elas mas não teve jeito, só o isolamento mesmo, mancebo da molesta, professora, elas estão apaixonadas mesmo, ninguém aguentava mais, só senhora vendo, a noite ninguém dormia, só ouvindo safadeza, pode não, tem hora pra tudo, né não professora? coisa feia da molesta! nem no dia dos encontros a gente escuta tanta zuada³³⁷.

As presas que mantêm relações “heterossexuais” também se incomodam, criticam inclusive as relações de amizades que fogem ao tradicional:

[...] – eu acho ridículo você esconder uma coisa que todo mundo vê, é sinal de falsidade isso pra mim, ou quer e assume ou não quer e deixa pra lá, elas acham que ninguém sabe, a pessoa além de presa, ainda sai com mulher, pense em uma coisa feia e ridícula que eu tenho que aguentar aqui dentro, acho que é a pior coisa aqui é ver essas mulheres se esfregando uma na outra.³³⁸

Uma das presas entrevistadas, protagonista das “amizades mistas” quando interroguei sobre as relações de amizade e amor entre elas, afirmou: – [...] professora, ninguém vive aqui sem ter alguma coisa pra aliviar a mente, não é só sexo, é companhia, troca, carinho também, só que eu não preciso tá dizendo a todo mundo o que faço, né?”³³⁹.

Durante uma entrevista com uma das diretoras do presídio feminino quando perguntei sobre o critério da separação das presas por cela, uma delas enfaticamente respondeu: “[...] briga ou algumas relações entre elas, mas é plano do juiz separar por crimes agora, não sei como vai ser, porque aqui temos um controle maior quando sabemos por que separamos”³⁴⁰. O sistema, que conhece as relações de amizades entre as presas, sabe que o controle demasiado de seus corpos conduz a práticas de resistências volumosas, retirar de uma cela uma amiga carinhosa e desejada é um problema dentro daquela Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

As relações de amizades entre as presas também reproduzem os conflitos, os ciúmes das relações tradicionais, heterossexuais. Karla Drummond, já apresentada nesse texto, é conhecida como o Don Juan na prisão, ela não mencionou seus namoros, mas diversas vezes foi citada por diferentes presas como a que mais namorava na prisão. E, dentro desse contexto, de diversas relações, das amizades ordinárias, que reinventam todo conceito de

³³⁷ Entrevista realizada com a apenada Francisca Fernandes na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 14h20min. no dia 23 maio 2011.

³³⁸ Entrevista realizada com a apenada Elisa Mary na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

³³⁹ Entrevista realizada com a apenada Eudes Santana na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011

³⁴⁰ Entrevista realizada com uma das diretoras do Presídio Ana Barreto (nome fictício) na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 27 maio 2011.

amizade, amor, prazer. As caminhadas transeuntes fazem do cotidiano do presídio o lugar também da sedução, mulheres que se trocam e trocam de peles, de roupas, de amor sem pudores, que se doam para ter uma melhor roupa, um melhor lanche, um orgasmo, mulheres que se tornam enigmas para os olhos de quem não é parte da estilística de suas amizades, mulheres que agradecem o abandono do companheiro: “[...] achei foi bom que ele me abandonou, agora sou livre, minha filha”³⁴¹. Todas essas mulheres que se envolvem afetivamente com a outra antes da prisão tinham relacionamentos com homens, nenhuma delas teve experiências homossexuais, por isso o cuidado de pensá-las muito mais a partir do conceito de amizade foucaultiano do que definir essas relações que escorregam sob as malhas do poder, que olham o poder, que excitam o poder ao mesmo tempo em que são excitadas por ele.

De um lado, o poder realizando sua função, opera com a tentativa de controle dos gestos, do sexo e da liberdade das presas, do outro, as próprias presas cuidando de si em outro campo de sentimentos, cuidando de si e do prazer da outra, sem referência à disciplina, à lei, inventando possibilidades de novas relações em um jogo de poder e saber onde a disciplina diminui, onde desejo e prazer são quase plenos, capturando possíveis diagramas de liberdades nas quais as presas também se constituem e se constroem demasiadas, humanas. É nesse sentido que as mulheres constroem aquilo que Michel Foucault chama de heterotopias³⁴², lugares e espaços diferenciados e fundamentais para existências outras e também fora das normas e disciplinas.

Também há, e isso provavelmente existe em todas as culturas, em todas as civilizações, lugares reais, lugares efetivos, lugares que estão inscritos exatamente na instituição da sociedade, e que são um tipo de contra-espacos, um tipo de utopias efetivamente realizadas nos quais os espacos reais, todos os outros espacos reais que podemos encontrar no seio da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, tipos de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam lugares efetivamente localizáveis. Esses lugares, porque são absolutamente diversos de todos os espacos que refletem e sobre os quais falam, eu os chamarei, por oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 1994, vol. IV: 755).

Espacos outros para as existências de outras amizades. Somente a possibilidade de outros espacos, tornam possíveis essas outras amizades, as quais transformam o banho de sol em lugares de encontros íntimos e de comunicações para afetos futuros, o papel higiênico,

³⁴¹ Entrevista realizada com a apenada Amanda Roberta na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

³⁴²FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. V.4, 1999, Paris: Éditions Gallimard apud ARRUDA, Marcos. **Ser da Linguagem, O Fora e Cem Anos de Solidão** [manuscrito] / Marcos Arruda. – Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Letras, 2013. <<http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/19/TDE-2013-set-16T144148Z-1381/Publico/MARCOS%20ARRUDA.pdf, acesso em 12 dez 2013 às 11h:34min.

torna-se a carta improvisada para recados amorosos ou para trocas de informações, de desejos, somente essas relações diversas fazem das celas abrigos das brigas, mas também do prazer, muitas vezes até inventam brigas para saírem da cela e conseguirem chegar até a cela da amiga desejada, como ocorreu com Juliana Miranda: eu tive que brigar aqui pra chegar até minha amiga, ficar com ela na mesma cela, ela me protege, é uma amiga, tudo mesmo, me protege de tudo aqui³⁴³. A heterotopia é uma maneira de pensar os espaços do outro. No interior da prisão, são construídas várias heterotopias, espaços onde as presas criam estilos de vida para buscarem algum tipo de alívio ou prazer, de desvios. Nestas heterotopias, os conflitos e tensões não são menores porque a criação de outro estilo de vida e de relação é um combate, um embate com o espaço ou espacialidades tradicionais. Se há, nas prisões, os espaços sacralizados, há também os inventados, os quais improvisam um cuidar de si a partir do cuidar da outra. A cela que foi criada para prender transforma-se em espaço para cuidar, amar.

Entre tantos cuidados, entre todas as sensações que as amizades mistas propiciam, o cuidado com a outra é vivenciado nessa instituição pesquisada de diferentes maneiras, afetos, carinhos, desafetos, conflitos, fofocas, mas também a partir de uma arte erótica. O erotismo³⁴⁴, diz Bataille entre todos os problemas, é o mais misterioso, o mais geral, o mais distante dos fenômenos sociais. Muitas presas silenciam suas artes eróticas com as outras, porque toda prática erótica conduz ao silêncio e solidão, cuidam-se como quem cuidam do desejo e do erotismo da outra. Pensar as amizades mistas, o erotismo entre essas mulheres é fugir dos estereótipos que prendem a vida quando ela escorrega às concepções dadas. Muito mais do que libertação do desejo, essas mulheres exercem aquilo que Foucault chama de práticas de liberdade, porque continuam na prisão a dobrar normas e jogos de poder coercitivos. Como diz Bataille, o erotismo é uma experiência interior, mas procura o fora para corresponder essa interiorização de forças e sentimentos. São essas amizades e erotismos que conduzem a um cuidado de si, um zelo pelo corpo, são essas amizades mistas que certamente amenizam os ferros da prisão.

O cotidiano das apenadas tornou visível também estilos de vidas, vidas poéticas, vidas como obras de artes, praticantes de espaços outros, diversos, heterotopias as mais diversas quando exercem papéis de amante, de amiga, de mãe, de filha, de irmã, de escritora não

³⁴³ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 26 maio 2011.

³⁴⁴ BATAILLE, George. O erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.

apenas entre as apenadas, mas entre estas e suas visitas com as quais mantêm uma rede de relações. Muitas apenadas encontram mecanismos de criar e improvisar certa experiência com a liberdade, quebram a dor da prisão e inventam algum tipo de prazer que as mantém vivas. Embora a prisão limite os passos das apenadas, estas do canto da parede fria e vigiada sonham, amam, sentem da sua forma o mundo que há do lado de fora, desejam o mundo que ainda poderá viver, que deixou e para onde vai voltar, são essas sensibilidades que questionam o lugar burocrático dos processos crimes, os quais buscam eternizar para a sociedade apenas a imagem da homicida, ladra, traficante, como se a presa não tivesse, dentro de si, outros sonhos, como se a presa não pudesse fugir do passado que um dia a condenou. As detidas têm um mundo para além dos processos-crimes e dos muros da prisão.

Com Certeau depreende-se que o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 1996, p. 31)³⁴⁵. Os conflitos visivelmente existem, mulheres que sequer se olham por já terem se agredido ou discutido por uma roupa doada, um lápis, um prato de comida, mulheres que trazem das ruas diversas arestas. E, no mesmo sentido, foi perceptível entre muitas delas, a conversa afiada no pé do ouvido da outra, as mãos que, dadas, revelavam muito mais cumplicidade, os olhares que faziam do corpo da outra o objeto amoroso, a especialidade do seu desejo, de sua amizade. Durante o período da pesquisa, foi possível ver diferentes entrelaçamentos amorosos, diversos laços de amizades, múltiplas possibilidades de relacionamentos, fluidos, rizomáticos, os quais quebram a frieza e a força da disciplina cotidiana no presídio feminino estudado, o cuidar de si como um cuidar da outra é também uma das histórias nessa prisão feminina pesquisada. Tal qual o viajante de Certeau, mesmo presas aos grilhões das celas, e atrás da vitrine da liberdade, refazem as paisagens do seu mundo prisioneiro, recriam a si como recriam sua outra; a amiga pode se tornar uma inimiga, uma aliada, uma amante, objeto do seu discurso amoroso. A vidraça e o aço criam especulativos ou gnósticos. É necessário esse corte, para que nasçam, fora dessas coisas – mas não sem elas –, as paisagens desconhecidas e as estranhas fábulas de nossas histórias interiores (CERTEAU, 2007; p. 195)³⁴⁶. São essas errâncias dessas mulheres ordinárias que fazem gaguejar todo o sistema penitenciário.

³⁴⁵ CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobransky. Campinas, SP: Papirus. Coleção Travessia do Século, 1996.

³⁴⁶ CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Em “As palavras e as coisas” Foucault³⁴⁷ diz que habitamos, cada um, em um espaço de relações, de situações estratégicas, onde seus efeitos não são sentidos da mesma maneira. Desde o fora da prisão essas mulheres vivenciam a sexualidade, o amor, a delinquência de modo que se diferenciam do modelo e referencial de mulheres socialmente aceitas e normatizadas; elas usam a prisão de diferentes formas, desembaraçam-se, repetem normas, descontinuam uma identidade formada fora do estado de prisioneiras. Essas mulheres que emergem no social, na geografia das prisões são incompletas em suas falas e gestos, porque suas subjetividades estão em luta constante com a história, com as suas memórias e silêncio, com os aprendizados absorvidos sobre corpo, mulher, desejo, liberdade. Estão diariamente codificando comportamentos, sendo codificadas, são ruínas, transformações, mas também retorno ao que um dia foram, deixaram de ser, esses são os contextos dessas subjetividades que do interior da prisão se constroem, se enamoram, se erotizam, se combatem. Essas mulheres não transcendem o campo de acontecimentos que lhes envolvem, estão ali marcadas pelo dia-a-dia da disciplina, pelos jogos de liberdade que tecem. Essas mulheres antes de estarem presas vêm afrontando lugares, espaços. Elas são sujeitas de si, sujeitas da ação, mas também sujeitadas às forças históricas, a dados saberes e práticas de dominação. As existências dessas mulheres se criam a partir do combate, do confronto, sobretudo, das forças políticas, dos jogos de verdade que as instituem enquanto presas, bandidas, traficantes, porque para Foucault as condições políticas são o solo em que se forma o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade³⁴⁸ (FOUCAULT, p. 111). No enclausuramento, são as políticas da disciplina, da ordem as condições políticas, os jogos de verdade com os quais dialogam, repetindo, refazendo, modificando, produzindo a si e sua subjetividade em heteroformas – porque o sujeito é uma forma – elas vão produzindo diversas subjetividades nesse campo do acontecimento da existência na prisão, as amizades são uma das possibilidades da produção dessa subjetividade, que se erotiza³⁴⁹ sempre que contempla-se para fora do seu corpo. (FOUCAULT, 2003, p. 155).

5.5 DO CORPO VIOLADO AO CORPO UTÓPICO

Basta eu acordar que não posso me livrar deste lugar, o meu corpo (FOUCAULT)³⁵⁰

³⁴⁷ FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

³⁴⁸ FOUCAULT, 1999.

³⁴⁹ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida*. São Paulo, Editora Imaginário/Capes, 2003.

³⁵⁰ FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico**. Acessado em 22 nov 2 – 13 às 10h:07min. <<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>.

Corpo! O que é um corpo? O que é um corpo prisioneiro? A paisagem da Penitenciária feminina é celebrada pelas mais diferentes corporeidades: esbeltos;obesos; doentes; mancos; tatuados; “loucos”; mortos; corpos que dão vida e perdem vidas na prisão. Corpos que, nas ruas, escolheram um modo de viver que tiveram como consequência o fechamento de si entre celas e grades. São múltiplas as histórias que os corpos prisioneiros contam: histórias de amor, desejo, violências diversas, de sedução, corpo que na prisão também ensina sobre liberdades.

O corpo prisioneiro é uma narrativa sobre os jogos de verdade que estabelecem a prisão, mas é também o corpo-utópico, que, nas tessituras do cotidiano, subjetiva diversas formas de portar-se no mundo da prisão. Há corpos violados, mas também corpos que causam ruídos quando a vida pede asas. Esta não é uma atualização do debate que dicotomiza corpo e alma; se existe alma, esta é um instrumento da anatomia política que a produz. O corpo existe antes dessa alma que vai ser fabricada na prisão. Eis a realidade mais concreta dessa prisão, o corpo, no qual se instaura em forma de signo os acontecimentos do sistema penitenciário. Esses corpos são também criadores da dissolução do eu criminoso instituído nos processos-crimes. Corpo que pulveriza um eu, porque habitado por diferentes possibilidades de viver a prisão. São corpos marcados pela história, como afirma Roberto Machado pensado com Foucault (1979, p. 22)³⁵¹, marcado pela história de seus combates em uma sociedade excludente, machista e punitiva, combates que inserem possibilidades múltiplas de ser mulher, com base em outras normas e códigos sociais, são elas o relato da punição e normatização dos corpos femininos. Tratam-se de corpos errantes, carregados de forças múltiplas e contraditórias, corpos que trazem na sua pele, a superfície da dominação de uma sociedade que pensa a independência ea liberdade, onde a violência se sobressai com atributos naturais do masculino. Elas simulam outras corporeidades.

O corpo, diz Baudrillard³⁵², é uma ossatura de signos que enreda teias diversas de sentidos e razões, há corpos dóceis, corpos revoltados, corpos que se acostumam coma condição de presa, corpos que são mutilados e se mutilam, mas essas condições estão relacionadas com as histórias dessas mulheres e suas trajetórias de vidas. Foi através de seus corpos que se visualizou, nesta tese, a disciplina, o controle, mas também as linhas de fugas. Somente através dos corpos das apenadas o sistema penitenciário pode existir enquanto poder

³⁵¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

³⁵² BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Trad. M.J.C Pereira. Lisboa : Antropos 1991.

punitivo, da mesma forma, somente usando o corpo contra o sistema se faz possível qualquer revolta e rebelião, por isso, as rebeliões começam exatamente com o aprisionamento de algum representante do sistema, com o suplício público de presos pelos próprios presos porque os(as) presos(as), em suas revoltas, desorganizam os corpos para sensibilizarem o sistema. Esse Sistema Penitenciário mutila os corpos das prisioneiras de diversas formas: isola; separa; classifica e pune fisicamente esses corpos, ao mesmo tempo em que cria neles um estigma, tipificando as mulheres criminosas em seus inquéritos, dando um lugar social a elas. Nesses corpos enclausurados, o sistema se inscreve na subjetividade dessas mulheres, nos corpos dessas mulheres atravessam uma rede de forças, de discursos, de leis e enunciados a compor a função dos dispositivos do poder sobre seus corpos. O corpo é, por isso, uma realidade biopolítica, é através do corpo que o controle do sistema funciona, é na tentativa de reeducar esses corpos, de dar-lhes um organismo que se fundamentam as disciplinas na prisão. Quando da análise das rebeliões nas prisões, duas reivindicações específicas chamaram a atenção de Michel Foucault³⁵³: a revolta dos presos contra a miséria física das prisões, mas também, contra o conforto instituído nas prisões, aluta era, na verdade, contra os investimentos modernos no corpo prisioneiro. (FOUCAULT, 1986, p. 28).

Durante as entrevistas e nos momentos de conversas com as presas, contemplei não mais os suplícios, o espetáculo das torturas, embora saibamos que essas são práticas silenciosas nos sistemas penitenciários, mas com várias outras mutilações nos corpos das presas, que se explicam, relacionando as suas trajetórias de vidas com a prisão, com as vidas de prisioneiras. Deparei-me com corpos marcados, mutilados, aleijados, outros que carregavam, na perna, no braço, balas de revólveres, cicatrizes de agressões de policiais, por que nos corpos se encontram o estigmas dos acontecimentos do passado, dele nascem desejos, erros, crimes (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 35)³⁵⁴. Este é um momento para pensar com Foucault através de que jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente [...] quando se julga e se pune enquanto criminoso? (FOUCAULT, 1978, p. 34).³⁵⁵

Dentre as muitas histórias que chamaram atenção, as dos corpos mutilados, violados e violentados foi objeto da primeira contemplação, talvez pelos gritos, lágrimas e dores que saíam em forma de clamor desses corpos. Keilla Nery³⁵⁶, (33 anos), era a presa que mais

³⁵³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão**. Petrópolis, Vozes, 1986.

³⁵⁴ MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

³⁵⁵ FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Ed. Perspectiva – SP, 1978.

³⁵⁶ Entrevista realizada no dia 08 ago 2011 às 11h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

vezes ia ao isolamento, a presa que mais gritava dia e noite e a que mais dizia não à direção da Penitenciária. Era deficiente de uma perna, a esquerda, andava segurando muletas, a perna rígida e doída era a lembrança dolorosa de um tiro que sofreu da polícia nas ruas, quando fugia da prisão. Viciada em drogas, passou a roubar e traficar para manter o vício, além dessa cicatriz na perna esquerda, uma cicatriz em forma de corte no baixo ventre, o motivo, afirma, várias coronhadas de revólver desferidas por um policial, segundo ela diz, aquele exigia que dissesse onde estava a droga, como não entregou, levou pancadas a noite toda na parte uterina. As mãos daquele policial pareciam querer desmoralizá-la, arruinar o símbolo de sua feminilidade e do que a define mulher: o útero. Depois daquele espancamento, Keilla Nery não pôde mais ter filhos. O corpo de Keilla Nery já vinha violentado das ruas, porque esta é uma das lutas que essas mulheres que se envolvem com o crime enfrentam: a violência policial e dos companheiros de crimes que violentam e agridem seus corpos. Essas mulheres, em sua maioria, têm histórias de violências que marcam suas trajetórias de vidas. Keilla Nery é um dos corpos marcados pela violência desde a infância. Filha de um coronel do Exército, vivia sob as surras e controles paternos, não suportando a disciplina do pai, fugiu de casa aos 17 anos, período em que começou a se envolver com drogas. Foi morar em cabarés, morou em diferentes cabarés, vendia drogas para não vender o corpo, mas em um desses dias, drogada e pressionada pelo dono de um deles, decidiu vender o corpo e a droga juntos. O corpo passou a ser mercadoria também, corpo-virgem – que foi tão controlado pelo pai – fez-se mais um nas ruas noturnas da prostituição. Estudava, ajudava a mãe em casa a criar seus irmãos, até acontecer uma das brigas com o pai, o qual lhe desafiou: se perder a virgindade não entra mais em casa. Keilla Nery não apenas perdeu a virgindade, como vendeu o corpo e, com ele, as drogas.

Quando sai dos cabarés, quando abandona a vida de prostituição, vai morar nas ruas. Passou quase quinze anos se prostituindo e se drogando. Os pais morreram, a fortuna foi dividida entre os irmãos. Foi morar com uma irmã evangélica, esta não suportando o vício de Keilla a expulsou. Corpo maldito, renegado, abjeto. Reincidente várias vezes por motivo de tráfico, na prisão Keilla sofre outras violações: falta-lhe um médico para retirar de sua perna a bala de revólver; faltam-lhe remédios para as dores de dentes constantes, para a abstinência das drogas, sem dormir, Keilla grita a noite toda com dores pela perna, pelo ventre, pelo corpo. As presas que não conseguem dormir, têm por ela raiva, ódio. O isolamento é o lugar

mais seguro onde ela deve estar. Após ser entrevistada, dias depois Keilla foi transferida por causa dos motins entre as demais presas.

A prisão é o lugar principal onde esse amontoado de corpos que violentam, mutilam e são mutilados encontram-se. Essa violência de autoria feminina e contra o feminino, é parte de uma sociedade marcada por desigualdades, uma sociedade que, por privilegiar o trabalho, a saúde e a beleza de dados corpos, alija e exclui outros. Todas as mulheres dessa pesquisa são oriundas da periferia, ou moram nelas ou vão para elas praticar os crimes. As periferias foram criadas e pensadas enquanto margem, lugar de oposição dos corpos úteis, ricos, intelectuais, brancos, cristãos. Essas mulheres que nasceram em uma sociedade marcada por diferentes embates de valores, marcada por experiências femininas que construíram suas independências, são signos também dessa luta pela liberdade, mas contando outras histórias. Keilla Nery é mais uma filha dessa sociedade onde o feminino se encorajou a dizer não, não aos valores rígidos e machistas da família, à norma disciplinadora do pai, um ex-coronel, que só ama a filha a partir do culto da virgem, da pureza, do corpo casto. Ela escolhe a maneira mais violenta de combater o pai: vender o corpo, a virgindade.

Keilla Nery era apenas mais um corpo violentado, mais um corpo que vinha das ruas, marcado por acontecimentos do passado. Wilma Sam³⁵⁷, uma jovem com 19 anos de idade, o corpo mais jovem da Penitenciária Feminina, dez anos de sua vida foram vividos nas casas de correções infantis, disse “que aprendeu muito nessas instituições”³⁵⁸, mas já estava presa por furto e roubo pela terceira vez. Na prisão, promoveu outras violências: agrediu uma companheira que afirmou ter tentado roubar sua mãe, nunca foi à escola, nunca desejou trabalhar, disse que gostava de viver no mundo. Mãe de um filho, seria mãe de gêmeos se não tivessem morrido na prisão. Wilma carregava dois fetos mortos na prisão, deitada no chão da cela, sem comer, sem beber, sem levantar sequer os olhos para conversar. Wilma estava desolada e aos pés das grades de sua cela. Seu corpo era como o próprio caixão, a cova que carregava dois fetos mortos. Eis mais um corpo que se afirma prisioneira das grades e mutilações do sistema.

A maioria dessas mulheres trazem marcas das violências sofridas nas ruas e quando estavam envolvidas com crimes. Uma parte delas tem história de estupro, outras e são a maioria, histórias de espancamentos, não apenas por sujeitos do crime, mas também, por

³⁵⁷ Entrevista realizada no dia 10 nov 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁵⁸ Entrevista realizada no dia 10 nov 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

policiais. Emilene Lima³⁵⁹ e Francisca Cruz³⁶⁰ são exemplos dessa ocorrência. Acusadas de estelionato, afirmam que sofreram diversos tipos de violência para se confessarem autoras do delito. Francisca narra que levou murros no rosto, chutes nas pernas e várias pancadas na cabeça, diz ainda que foi levada para um matagal com um saco na cabeça e mãos amarradas, onde apanhou a noite toda por policiais para confessar sua culpa. Emilene diz que só levou chutes nas pernas para assumir o estelionato. Adriana Luz³⁶¹, presa por furto, grávida na prisão, carregava nas duas pernas as marcas das lutas contra o irmão que, se aproveitando do alcoolismo da mãe, tentou estuprá-la, ele está preso ao lado, na penitenciária masculina por tráfico de drogas.

São as mãos do poder afetando o físico do feminino para controlar, disciplinar, dominar. Os homens que põem ordem na sociedade reproduzem esses valores masculinos de agressão ao corpo feminino, ao corpo que diz não às normas e disciplinas. Os policiais representam o poder, a instituição do Estado, a agressão física é uma tentativa radical e extrema de domínio do corpo do outro, nesse caso, das mulheres. Seria o macho opressor punindo a imagem da mulher transgressora? Seria o machismo dizendo não e punindo essas mulheres que estão questionando a ordem, a norma social? Assisti a diversas mutilações: mulheres com doenças venéreas sem tratamento médico, escondendo sua doença por medo de apanhar das outras; mulheres que sequer levantam-se do colchão, hemorrágicas, carregando no útero miomas; mulheres quase cegas, outras obesas, candidatas a um ataque cardíaco pela falta de uma correta alimentação; mulheres sem dentes; mulheres que se deixaram ser fabricadas como bandidas, criminosas, que deixaram ser inscritas como miseráveis.

Mas inspirada em Foucault, Deleuze quando fazem a história da diferença, aquela que procura o corpo sem órgãos, os rizomas, as resistências, e realizando o desejo de escrever muito mais sobre práticas de liberdades, desejo também aqui tornar visíveis os corpos que não subjetivaram a alma da cativa, corpos que, dia a dia com suas artes, tatuagens, gestos sutis praticavam a utopia de não deixar seu corpo calar, morrer, matar.

A prisão feminina é marcada por corpos extremos: de um lado a dor, a morte, a lágrima, o grito de solidão, do outro, corpos que dançam, que riem de si, que inventam para si algum tipo de leveza. Os piercings eram proibidos, os brincos, os saltos, no entanto, lá vinham muitas delas para entrevistas e aulas de dança, exibindo os piercings no nariz, no umbigo.

³⁵⁹ Entrevista realizada no dia 08 ago 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶⁰ Entrevista realizada no dia 06 out 2011 às 08h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶¹ Entrevista realizada no dia 06 out 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

Algumas saíam para as audiências com sapatos altos, essas, mais soltas e leves desmantelavam a identidade da prisão. Várias foram as vezes que muitas apareciam com seus longos ou curtos cabelos escovados, alisados ou pintados. Mas havia também aquelas que, transformando seu corpo, ia escolhendo outra identidade não apenas sexual, mas estética. Maria Paula (27 anos), já mencionada, foi uma delas, aos poucos foi escolhendo cabelos curtos, calções compridos e folgados, camisas largas e bonés; Karla Drummond (28 anos), também já apresentada, foi cortando seus cabelos e optando por bonés, essas duas mulheres especificamente mantinham relações homossexuais na prisão.

Pensar esses corpos utópicos é observar as práticas, estéticas e gestos de mulheres que o sistema não previa. A leitura da Bíblia, a ida das mulheres aos cultos cristãos, a presença de mulheres em atividades de estudo e trabalho era o previsível, tratava-se exatamente de práticas que o sistema estabelecia como critério para ressocialização e reeducação do corpo, mas e os corpos que, por diversos motivos, instauraram-se contrários a esse desejo estabelecido pelo sistema?

Mere Farias³⁶² trabalhava na cozinha, uma das presas mais bem quistas pelo sistema. Um dia de segunda-feira, durante uma pausa para o café, senti-se a falta de Mere. Onde estava? Há dois dias estavam no isolamento, encontraram-na aos beijos e abraços com um preso albergado que fazia uma construção no interior da prisão. Mas essa era uma prática comum no sistema: a paquera e o namoro entre as presas e os presos que iam realizar alguma atividade. Outra presa, Juciene Silva³⁶³, engravidou de um albergado que fazia serviços no presídio. Quando esses namoros aconteciam, alguns agentes enviavam recados ou levavam bilhetes de amor. Quando foi encerrada a presente pesquisa, o preso albergado que fora pego em flagrante com Mere passou a visitá-la toda semana, enamoraram-se ali onde a prisão disse não.

Além de corpos violados, corpos utópicos, corpos que desorganizam a prisão com seus afetos, amores e transformações de si. Se o corpo é o pivô do mundo, o veículo do ser no mundo e se é através dele que se tem consciência, é através desse corpo preso, isolado, classificado que as presas encontram suas brechas, criando fissuras e aberturas onde vigiar e punir é o desejo do poder penitenciário. Michel Foucault produziu um texto relacionado a essa fase que buscava compreender as artes da existência, as éticas que os sujeitos constroem para fazer da vida uma arte. Em “O corpo utópico”, ele mostra até onde é possível fazer do corpo

³⁶² Entrevista realizada no dia 06 ago 2011 às 10h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶³ Entrevista realizada no dia 06 set 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

uma utopia, quando o próprio corpo é o contrário da utopia, lugar de confronto com a alma, no entanto, matéria visível, penetrável, ator da própria utopia. Se há uma utopia relacionada ao corpo, diz Foucault, esta só é possível diante do espelho, da morte e do amor. Diferentes sociedades, sugere o autor, criaram utopias para negociar o corpo, uma delas, o país das fadas, onde o corpo é belo, puro, incorpóreo; o país dos mortos, na cultura egípcia, onde a mumificação é uma luta contra a mortalidade do corpo; a última e terceira utopia, a idealização da alma, pura, bela, livre e imaterial.

Na prisão feminina, utopias também são criadas. Os corpos criam comunicações diversas, a tatuagem é uma delas, assim como os piercings, raro é encontrar uma mulher sem piercing ou tatuagem, e, para Foucault, as tatuagens são comunicações secretas, forças invisíveis que mobilizam o próprio corpo, linguagem secreta e desejanse. A tatuagem desloca o corpo, transforma-o muito mais em arte do que em matéria corpórea, a tatuagem faz do corpo o não-lugar. Se existe uma ameaça para o sistema penitenciário é saber que o corpo, mesmo ali, isolado, aprisionado, está conectado a outros corpos, modificando-se. Outros exemplos: a entrada de drogas, celulares e outros objetos nas calcinhas, no canal vaginal e anal de algumas mulheres. Esses corpos continuam se comunicando, estão isolados, mas não em absoluto, e talvez seja essa a grande utopia de quem vivencia a prisão, a continuidade da comunicação, a ligação contínua com os corpos do lado de fora.

Além do espelho, diz Foucault, os cadáveres e o amor unificam o corpo. Na prisão, as mulheres não têm acesso a espelhos, não se unificam nessa situação, mas as duas mortes das presas ocorridas nesse ambiente trouxeram essa experiência com a unicidade do corpo, na morte, o corpo se unifica, torna-se uno, é um dos poucos momentos em que se vê um corpo organizado em totalidade. Foucault elege, também, outra experiência humana em que essa unicidade se fez visível durante as pesquisas empreendidas: o amor.

[...] O fazer amor é a experiência que nos unifica: Fazer amor, sentir seu corpo se fechar entre as mãos do outro, sob os dedos do outro, o invisível do corpo passa a existir, contra os lábios do outro, os teus se tornam visíveis, diante do olhar do outro diante de seus olhos semiabertos teu rosto adquire uma certeza, há um olhar finalmente para ver tuas pálpebras fechadas. Também o amor, assim como o espelho e como a morte, acalma a utopia do teu corpo, a cala, a acalma, a fecha como numa caixa, a fecha e a sela.³⁶⁴

³⁶⁴ FOUCAULT, Michel. O Corpo utópico. Acessado em 22 nov 2 - 13 às 10h:07min.<<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>

O amor traz o corpo e acalma suas utopias. Na prisão feminina, porém, o amor é a maior das utopias, da mesma forma que as amizades mistas, essa experiência do amor é imprevisível para o sistema. Nina Susa, (30 anos)³⁶⁵ e Silvia Cunha (39 anos)³⁶⁶, uma experiência de amor onde o corpo é a porta da utopia. Ambas se conheceram na prisão, Nina é viúva e Silvia, uma mulher que vinha de experiências com diferentes homens sem nunca ter vivido com qualquer um. A carência e a cumplicidade as aproximaram; elas são um dos casais assumidos na prisão. Ambas estão presas por tráfico de drogas, suas trajetórias de vida são parecidas. Desde a infância trabalhavam para o sustento da família, trocaram os estudos pelo trabalho, envolveram-se com droga para pagar dívidas. A diferença é que Nina se envolveu com o tráfico de drogas através do companheiro. Nina, em uma de suas falas, destaca a felicidade de ter encontrado sua companheira Silvia: “Só existe uma coisa boa nessa vida na prisão é eu ter encontrado meu verdadeiro amor, é só ela que me faz aguentar tudo isso, senão acho que eu já tinha enlouquecido”³⁶⁷. Sua companheira não quis dar entrevista, mas estava ao lado de Nina quando ela falava de sua relação. Nina e Silvia são apenas mais uma experiência de amor. Havia, naquele espaço, vários casais, performatizando o amor, sentimento que desmantela, inclusive, as identidades de gênero. Essas mulheres são abandonadas em sua maioria e encontraram, na companheira da prisão, um elo, uma relação de cumplicidade e afeto, muito mais do que a identidade sexual. Essas mulheres estavam à procura de uma experiência afetiva, de uma experiência com o amor, sendo o corpo a ponte para essa experiência.

Havia, naquela prisão, mulheres que mantinham relações homossexuais que já chegaram a ser aqui nomeadas de amizades mistas, as quais não se afirmavam publicamente e que não se comprometiam a se dizerem namoradas, mas na prisão havia também vários casais formados, mulheres que, mesmo saindo para o albergue, continuavam visitando a amada. Virgínia Rutra, por exemplo, uma paulista, presa por tráfico de drogas, sem ter visitas ou qualquer companhia, namorou várias mulheres na prisão, mas segundo informa: amor mesmo foi com Regina Muniz: eu já tive muitas companheiras aqui, mas hoje sinto que encontrei a pessoa certa, o amor certo, essa mulher que me visita toda quarta eu quero pra toda a vida.³⁶⁸

³⁶⁵ Entrevista realizada no dia 07 maio 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶⁶ Entrevista realizada no dia 07 maio 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶⁷ Entrevista realizada no dia 07 maio 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

³⁶⁸ Entrevista realizada no dia 07 jul 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB.

Maria Paula³⁶⁹ já apresentada nesta pesquisa, mantinha uma relação amorosa. Desde que conheceu a companheira, modificou a estética do seu corpo. Entregou a filha que teve na prisão à mãe, porque queria viver intensamente o amor na prisão. Após a morte de Maria Paula, a companheira foi transferida para outra penitenciária. Karla Drummond³⁷⁰, também já apresentada em outro momento, realiza uma prática singular na experiência com o amor, ela ama muitas, satisfaz várias, mas não se apega a nenhuma. Falou do crime e de outras experiências de sua vida, mas sobre o amor, apenas disse: “– Ah, professora, eu só quero fazer elas felizes e ser feliz, quando não dá mais certo, acaba tudo”³⁷¹. Karla Drummond não desejou conversar sobre seus amores, apenas me entregou uma carta que escreveu para uma das amadas na prisão:

Minha vida foi só um beijo, um gosto terrível detestei e mais nada e fazer algo mais, nunca teria coragem de ir pra cama com certas coisas ou pessoas pra mim nessa cadeia, só me êxito e tenho desejos é só por você, é minha princesa, meu corpinho de Barbie que quando vi me apaixonei mais do que eu já estava nunca jamais, pois não achei minha boca no lixo e nunca mais quero beija boca nenhuma, só a sua por mais que a gente discuta nunca mais faço isso por que você não merece, perdoe-me minha linda, pois te amo, você é a mulher que eu sempre quis ter e prazer eu só tenho com você, você é a única que me completa, você é linda, limpa e tem tudo que eu quero e do jeito que eu sempre desejei ter uma mulher, você ta me entendendo? E minha boca só beija a sua e somente em teu corpo que minha língua desliza e só com você que eu me encho de prazer, pode acreditar, estou falando a verdade. Mulher perfeita igual a você pra mim não tenho desde do momento que tiramos o primeiro sarro, te desejo noite e dia viu. Beijos te amo. Dorme com deus e sonha com nós duas, pois vou tentar fazer o mesmo. Perdoe-me acho que às vezes sou fraca demais, TE AMO.³⁷²

A carta mostra a performance de submissão de Karla Drummond a uma das amadas, ao mesmo tempo, a performance de se mostrar fiel, de tentar negar outros relacionamentos. Karla Drummond fala que foi só um beijo e terrível, mas na prisão é a mais famosa pelas relações amorosas, pelos amores que mantém. Karla Drummond exalta na carta que a mulher para quem escreve é seu único amor. Quando estava encerrando a entrevista, Karla Drummond estava trabalhando na cozinha, havia se separado da mais recente namorada. Afirmou para mim: vai ser melhor trabalhar³⁷³. Ela reproduz, entre as mulheres os códigos masculinos do galanteio, da infidelidade e instabilidade amorosa, esteticamente também desejou reproduzir a

³⁶⁹ Entrevista realizada com a apenada Maria Paula na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 11h24min no dia 23 maio 2011.

³⁷⁰ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011.

³⁷¹ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011.

³⁷² Carta entregue durante a Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011.

³⁷³ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min. no dia 29 jun 2011.

imagem masculina. Homossexual, antes da prisão, praticando um tipo de crime mais comum entre os homens, o latrocínio, com revólver, subtraindo a moto da vítima, deixa claro a introjeção do papel masculino. Na prisão, essa referência do masculino acentuou-se durante seus relacionamentos amorosos com as companheiras.

Certamente, contra o corpo de Karla Drummond, muitas mulheres sentem seu corpo fechar, selar, contra os lábios dela, sob o olhar dela, percebem que existem, que estão ali; essa é a grande utopia do corpo feminino na prisão, o amor ou os amores múltiplos e diversos, experiências amorosas fora de modelos pré-definidos. As mulheres na prisão, de diferentes maneiras, usam seus corpos: conseguir lanches, criar amizades mistas, mas também amar, amor que muitas vezes não sabem onde vai parar. O sistema que pune e vigia sempre interfere, ao mesmo tempo em que excita esses corpos amorosos. Muitas sabem que, ao amanhecer, a amada que se vai pode não voltar, mas continuam amando aquilo que sabem que não têm completamente, e talvez sejam elas o signo do amor proustiano: amam aquilo que não possuem completamente. Karla Drummond e muitas outras mulheres que usam o corpo para o amor, o prazer, o sexo na prisão, lembra a discussão de Michel Foucault³⁷⁴:

Creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como funciona nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado, em seu próprio rosto, encontram pessoas que é para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais construções, fabricações do prazer são possíveis. (FOUCAULT, apud ERIBON 1996, p. 106).

Esses corpos, femininos, transgressores da identidade de gênero feminino, usam o corpo, a sexualidade para produzirem-se em um lugar que usa o saber sobre o sexo e o prazer para moralizar corpos e desejos, essas mulheres são também desorganizadores do corpo feminino idealizado, dócil, frágil, submisso. Desde as ruas, desde a infância, essas mulheres vêm criando outras corporeidades, abandonando seus lares, modelos de famílias tradicionais, renegando a maternidade, os estudos, o trabalho e criando estilos de vidas singulares. São outras maneiras de existir e de experimentar o corpo, o corpo feminino, ditado e normatizado pelo social. Nasceram em uma sociedade onde o corpo, o feminino e o masculino estão em questão, evidentemente que são corpos também capturados pelo capitalismo, porque roubam e matam para ter roupas de marca, moto, celulares, tintas para o cabelo, mas são também sujeitas que recriam toda definição do que é ser mulher na contemporaneidade. Corpos que desorganizam corpos, corpos que fazem lembrar o corpo-sem-órgãos, de Antonin Artaud na

³⁷⁴ ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 1996.

leitura de Deleuze³⁷⁵, quando este pensa que o corpo-sem-órgãos é contra todo e qualquer sistema, ao mesmo tempo em que odeia o adestramento. O corpo sem órgãos é um conjunto de sensações, modifica-se enquanto luta pela liberdade, faz de si escultura, desejo quando se rearranja intensivamente. Os corpos dessas mulheres desde as ruas são sem órgãos, e por isso, um acontecimento. Estão abertos para o corpo devir, para a vida, para as armadilhas.

Muito mais do que o relato do aprisionamento, essas mulheres compõem a lenda de poemas estranhos, vidas infames que, no abismo do enclausuramento, tornam possível amar, desejar, sonhar, recriar a existência. Elas lutam contra o empobrecimento das relações no interior das prisões, usam seus corpos para diferentes possibilidades de sexualidades, amores, prazeres, criam novas formas de relacionamentos. Em um desses dias de visitas ao presídio feminino, caminhando pelo pequeno e estreito corredor, deparei-me com vários cabos de vassouras, cortados, vestidos de camisinhas, aspresas sorriram, não quiseram conversar, elas apenas sorriam repetidamente. Os cabos de vassouras poderiam ter se transformado em armas, mas elas preferiram usá-los para a arte do prazer, do desejo, para substituição fálica que faz parte de suas ausências, porque a maioria foi abandonada pelos companheiros. Substituí-los deve trazer um duplo prazer: o de reinventá-lo e torná-lo, ao mesmo tempo, a presença ausente que pode ser substituída por outro falo, até mesmo um falo objeto. Elas, de alguma maneira, exercem suas forças criativas onde o poder exige apenas submissão.

Para além de uma história do aprisionamento, essa é a história de mulheres que, no interior da prisão, refazem o corpo. Muitos corpos, visivelmente, foram adestrados, docilizados ou para o trabalho ou para o sofrimento. Introjetaram a prisão, deixaram-se sujeitar-se, mas também há corpos que, no interior de minúsculas celas, fabricaram momentos improvisados de liberdade. Trata-se da liberdade a partir de Foucault, a qual é pensada como uma arte que a todo momento rivaliza com a sujeição, essas relações contraditórias compõem aquele cotidiano, mas a liberdade ou o desejo de liberdade invertem o destino daquelas mulheres. Conforme sugere Foucault:

[...] a liberdade não começa onde cessa a intervenção centralizada do Estado, a liberdade é uma construção diária. Pensando com Foucault, não existe uma vitória final da liberdade, não se entrega a outrem a liberdade, esta é uma prática e ética de si. (FOUCAULT, 1992, p. 11).

³⁷⁵ DELEUZE & GUATTARI. "Como criar para si um corpo sem órgãos". In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

Para Deleuze³⁷⁶ haverá sempre uma relação consigo que resiste aos códigos e aos poderes, e isso é uma resistência. Recuperada pelas relações de poder e saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas. O poder não é somente o Estado, diz Foucault³⁷⁷, o não-Estado também não significa liberdade. As mulheres presas de modo muito sutil vão construindo códigos e éticas, artes com as quais se cuidam e cuidam das outras. Os conflitos são muitos também, mulheres que provocavam brigas através de fofocas, mulheres que odeiam ver duas mulheres se amando; outras ainda que se ressentem pelo fato de uma companheira de cela conseguir trabalho na prisão ou ter conseguido o albergue. Mas há aquelas que inventam modos de ser, existências que contemplam e celebram muito mais a leveza, a liberdade em um campo afligido, fechado, isolado das celas. Mulheres que são livres em si por não carregarem um aristocrata na alma, livres ao varrer a cela, ao limpar o chão, ao lavar a roupa, livres ao amar a outra, ao ouvir a outra, ao sonhar com o mundo lá fora que deixou. Essas mulheres que visualizam o mundo levemente, cuidam mais de si, de suas existências, embelezam-se, realizam leituras na prisão, escrevem, dançam, criam maneiras de ser que fogem ao corpo do sofrimento, ao mesmo tempo em que estão cuidando da outra, amiga ou companheira. Inspirando-me em Foucault, contemplo, naquela prisão, muitas artes de existência, porque estas, sugere o autor, devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmo regras de conduta, como também buscam transformar-se; modificar-se em seu ser singular. (FOUCAULT, 2004, p. 57)³⁷⁸.

Através dos corpos, o poder da prisão interfere cotidianamente, isola, impõe trabalho, muitas mulheres subjetivam a mudança de si com base nos códigos da prisão, outras fogem desses códigos e mudam e desejam serem outras, as outras do processo-crime: eu não sou essa miserável, eu sou gente, humana, errei, mas estou mudando, isso é o mais importante, vejo como esse tempo na prisão tá fazendo eu ver muita coisa na minha vida.³⁷⁹ Joseane Vieira, presa por furto, desde a infância se envolveu com crimes, estudava, trabalhava, mas furtava por uma aventura com as amigas e amigos. No mundo do crime conheceu o pai de seus filhos, que foi preso recentemente. Seus três filhos estão com a sogra. Joseane apesar de todo sofrimento que diz ter, lê todos os dias, arruma-se, faz parte de um grupo de dança, e principalmente, sonha, e diariamente se modifica, foge da fabricação da alma da prisioneira,

³⁷⁶376 DELEUZE, Gilles e GUATARI, FÉLIX. A vida como obra de Arte. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992.

³⁷⁷ _____. **Segurança, Território, População: Curso dado no collége de France** (1977 – 1978). São Paulo: Martins fontes, 2008.

³⁷⁸FOUCAULT, M. A. **Hermenêutica do Sujeito**. 6.ed.São Paulo: Martins Fontes, 2004.

³⁷⁹ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min no dia 29 out 2011.

isolada e sofrida. Há quem se comporte diferentemente: Juliana Nobre, por exemplo. Presa por mais de três vezes por tráfico, mãe solteira, afirma que nunca mais será a mesma, que sua vida acabou ali na prisão³⁸⁰.

Cada corpo ali preso, subjetiva a prisão de modo diferenciado; cada corpo conta uma história de liberdade ou adestramento, cada corpo sonha ou padece, escolhe viver ou morrer, sonhar ou jogar-se no abismo do sofrimento e da solidão. E nisso resiste a riqueza dos relacionamentos em um lugar institucional que impõe igualdade, sujeição e disciplina para todas. Ainda assim, ouve-se e veem-se as diferenças, as vidas imanentes, indefinidas, improvisadas entre-tempos e entre-momentos. Compostos de virtualidades, esses corpos são autorias da diferença na prisão, embora presas em grades, não são presas das identidades. Esses corpos escapam, quando deveriam sujeitar-se, fogem, quando deveriam ficar, matam-se quando deveriam viver para angustiar-se e culpar-se, vivem quando poderiam ser mais um cadáver. Alguns desses corpos que aqui se discutem, são, inclusive, o outro do estigma, do lugar social que a prisão constrói. Fugiram de casa, das famílias, das normas, dos modelos de mulher que lhes foram ensinados e do próprio estigma de bandidas por estarem se reinventando todo dia, conforme as vitalidades, as singularidades nômades como conceitua Deleuze³⁸¹. Do corpo violado ao corpo utópico, as linhas de fugas.

³⁸⁰ Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande – PB às 10h09min no dia 09 mar 2011.

³⁸¹ GILLES, Deleuze e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1, Editora 34, 2007, p. 35.

Ninguém alguma vez escreveu ou pintou, esculpiu, modelou, construiu ou inventou senão para sair do inferno (Antonin Artaud)³⁸²

6 ESCRITAS DE SI: O FORA DA PRISÃO

A linha do fora é a vida em sua máxima potência, o borbulhar das forças. No entanto, “essa linha é mortal, violenta demais e demasiado rápida, arrastando-nos para uma atmosfera irrespirável” (Não seria possível, então, viver na linha do Fora. Mas se essa linha é tão terrível, se chega a ser mortal, como torná-la vivível, praticável, pensável, ou seja, como fazer dela uma arte de viver? DELEUZE, 1998, p. 138)³⁸³.

6.1 BIOGRAFEMAS: PORQUE O SI MESMO É O OUTRO...

[...] O sujeito está disperso um pouco como as cinzas que se lançam ao vento depois da noite e que fazem não mais do que clarões de lembrança e erosão da vida passada...(BARTHES)³⁸⁴.

Escrever para não morrer³⁸⁵. A relação da escrita com a morte é bastante significativa para pensar esses escritos criados do ventre de uma instituição que cotidianamente mata, mata subjetividades, aniquila existências, funda mortos-vivos, e promove suicídios quando as que não suportam o enclausuramento, espetacularizam seu fim. Do interior de suas escritas, elas olham para a vida (como Orfeu que, buscando a origem desesperadamente, quebra as normas dos deuses e olha para Eurídice), elas escrevem retomando a vida do cemitério da morte, como quem se agoniza procurando a origem, a vida, o sentido da vida. Morrer, diz Blanchot é quebrar mundos, perder-se, aniquilar-se, perder-se e perder a própria morte. Enfim, essas mulheres morrem e matam-se cotidianamente, recriam-se para conter a própria morte que as ronda, e o fato de escrever, nesse espaço de confinamento, não deixa de ser uma luta contra a morte, uma condução para muitas mortes de si, para o fora da prisão, como Orfeu voltando-se

³⁸² Linguagem e Vida. Tradução e organização: J. Guinsburg; Sílvia Fernandes Telesi; Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

³⁸³ DELEUZE, Gilles.. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1998.

³⁸⁴ BARTHES, Roland. Sade, Fourier, Loiola. Lisboa: Edições 70, 1979.

³⁸⁵ BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

para Eurídice, para o amor; elas, similarmente, retornam para si, mesmo que esse retorno venha a simbolizar outras mortes, a morte da própria experiência que busca para se fundar, para viver, para arriscar-se outra vida, outra escritura, para o fora da prisão que as define. Elas retornam, porque retornar é morrer, mas também, matar todos os sepultamentos que provocam e instauram a prisão. Suas escritas são essa simbologia de quem luta contra a morte de si, retornando, mesmo que morrendo a cada folha escrita. Elas escrevem para não morrer, por isso, o desejo de resgate do familiar, do que socialmente lhes representa vida, estar vivo. O retorno para o familiar, para o amor, é o retorno de Orfeu para Eurídice, e tal retorno é o entorno de outras mortes. É por isso que ocupam outro lugar, OFora, porque muitas não deixaram de viver na prisão, algumas não se abandonaram, como deseja o sistema, elas estão fora desde que escolheram o crime como estilo de vida, vidas em risco que, escrevendo, refletindo, criam o fora da prisão, são vidas que se arriscam e se riscam infames mas, ao narrarem-se produzem mais um estilo de suas existências sob os olhos das normas da Penitenciária.

Vidas infames que, narradas, fragmentam-se cada vez que tentam juntar-se, ser linear, responderem-se, completarem-se e definir-se. Pretendi pensar essas vidas que se escrevem, que morrem quando se inscrevem também com o conceito de biografemas³⁸⁶, de Barthes; pensar através das escrituras das presas como elas se relacionam consigo na prisão, pensar as relações de forças que movem seus escritos, porque as presas, ao contemplarem o passado, racionalizam, no presente, suas vivências com os crimes, de modo que, sob o silêncio e o confinamento, sabem que é indispensável se dizerem, contarem suas vidas para produzirem a diferença. Até este momento, foram apresentados fragmentos das vidas das presas que falam de seus envolvimento com o crime, através das entrevistas pude contextualizar as histórias de vidas dessas mulheres com as mudanças sociais que, desde a segunda metade do século XX, vêm criando novos significados para as mulheres, construindo um processo de feminização da cultura. As mudanças no âmbito das famílias das presas, sendo a maioria delas filhas de mães solteiras, o desemprego e o analfabetismo, as influências com o crime a partir dos companheiros foram temas que tornaram possível situar a relação das mulheres com o crime na atualidade, mulheres que, nas ruas campinenses, inventam moradias e espaços os mais diversos para a prática do roubo, do tráfico, do assalto, do latrocínio e de homicídios. Essas

³⁸⁶ Usou-se aqui o conceito de biografemas do autor para problematizar as escritas das presas, pensando-os como fragmentos que não dão conta de suas vidas, fragmentos dispersos, descontínuos que, mesmo obedecendo o desejo das presas de conceberem racionalmente suas vidas, só descontinuam suas trajetórias. Os biografemas se compõem de fragmentos e notas esparsas, nem sempre concatenadas. Seriam tópicos talvez dessa “bio/grafia” de que fala MAINGUENEAU (1995, p. 45-46), uma maneira de problematizar a relação do texto com a vida.

mulheres estão na atualidade questionando a ideia tradicional de que a violência é um atributo masculino, questionando, principalmente, a ideia de que apenas elas são vítimas da violência, mesmo que contraditoriamente reproduzam em diferentes momentos essa cultura masculina com o uso da força e da própria violência. No segundo momento pôde-se ler sobre as vidas aprisionadas, as mortes, loucuras, prazeres, amizades que compõem as suas histórias, que multiplicam a experiência delas com a prisão.

Neste último momento, o objetivo central deste capítulo é o de compreender, através das escritas de si, a relação de significados que elas atribuem às suas trajetórias, compreender os enunciados que criam, situando-as nesse contexto de mudanças em que a criminalidade feminina vem aumentando entre mulheres dos diferentes níveis sociais e culturais; discutem-se, ainda, os diferentes sentidos que as presas atribuem às trajetórias nos crimes, suas relações com os companheiros, com a família e com o amor. Essas mulheres narram-se da prisão, essa é alguma das circunstâncias que torna possível perceber as complexidades de suas escritas, no entanto, mesmo enclausuradas e vigiadas, seus textos conduzem a diferentes aprendizados que introjetaram fora da prisão e na prisão porque, mesmo isoladas e presas, comunicam fragmentos sobre as vidas que escolheram, sobre as referências que escolheram para criarem a si, por isso o conceito de biografemas, porque não se vai traçar, aqui, a biografias das presas, tampouco traçar uma história linear de suas vidas, mas pensar através dos fragmentos de seus escritos, fragmentos de suas vidas.

Suas vidas são relatos de diferentes artes de existir, do fazer-se sujeito na história das mulheres que ocupam as periferias da cidade de Campina Grande e enquanto praticantes de crimes diversos. Essas mulheres constroem territórios diversificados para existirem e performatizarem seus gestos e falas, para feminizarem, inclusive, o crime. Margareth³⁸⁷, ao discutir as narrativas das mulheres que compuseram as lutas feministas no século XX, discute as mudanças que produziram as mulheres quando foram para a vida pública, mudanças no campo da política, da educação e da cultura. Para a autora, as mulheres organizaram outros espaços, construindo novos sentidos para as ações das mulheres (RAGO, 2013, p. 24). Complementando em parte esse debate, desloca-se do outro lado desse processo histórico ao eleger mulheres pobres, analfabetas ou semianalfabetas, mulheres filhas de famílias já desestruturadas, mães solteiras que antes mesmo do crime tecem outras possibilidades de existências, mas também questionadoras do padrão da maternidade, da mulher dócil, passiva,

³⁸⁷ RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções de subjetividade**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

do lar ou aprendiz de Amélia, questionadoras, principalmente, do lugar da masculinidade enquanto signo único da violência física, mas também reafirmadoras do masculino. Margareth Rago discute as vidas das mulheres que combateram o mundo masculino e social, na segunda metade do século XX, e revolucionaram as vidas das mulheres a partir desse contexto. As mulheres desta pesquisa são marginais nesse processo, marcadas pelo poder por desencontrá-lo e combatê-lo em algum lugar, mas tais quais as feministas, são criadoras de combates no social. Quando se estuda suas vidas e nelas percebem-se escolhas de um estilo que fere o machismo, a família tradicional, o casamento e tantos outros valores sociais modificados ao longo do século XX pelas práticas feministas, elas são a ironia de qualquer mudança que não considere as linhas de fuga, as rupturas e as margens nesse processo histórico de embates feministas que contabiliza apenas a conquista e a ascensão social. Nesse cenário de feminização cultural, de lutas feministas, as mulheres infames, autoras de crimes e violências são vidas que vivenciam o impacto das mudanças sociais na segunda metade do século XX de outra maneira e tecendo suas existências segundo outros estilos.

As mulheres escrevem para inscreverem-se em outras histórias, aquelas que as retiram das celas, que as tornam diferentes das criminosas, que as tornam sujeitas do presente, performatizando a mãe, a filha, a amante, a namorada. Não se trata de pensar seus textos como um processo de interiorização apenas, suas narrativas como a busca profunda do eu, porque, nesta tese, analisa-se a autoria seguindo as diretrizes de Barthes³⁸⁸ quando pensa o autor ou os sujeitos que escrevem, não como testemunhas de uma vida a ser decifrada, mas como atores de uma vida, de um estilo e de um pensamento. As presas vêm performatizando, desde as entrevistas, maneiras de ser, inventando o passado, modificando a história de seu crime, multiplicando suas subjetividades, assujeitando-se, mas também tornando-se sujeitos. Esse é mais um momento para compreender essas armadilhas discursivas, esses gestos teatrais que inventam para si outras vidas, são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, de que as palavras foram instrumentos (FOUCAULT, 1992, p. 96)³⁸⁹. Neste momento, pretendo, nesta tese, analisar a escrita das presas seguindo as diretrizes de Foucault e Blanchot a partir da noção de Fora³⁹⁰, conceito que rompe com a ideia de que a escrita é apenas uma interiorização e que ao mesmo tempo instiga a pensar a escrita de forma ampla, para além da literatura, da filosofia, da crítica e da reflexão. Pensar essas escritas como o fora,

³⁸⁸ BARTHES, 1984.

³⁸⁹ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **O que é o autor?** São Paulo: Passagens, 1992.

³⁹⁰ Discussão inspirada no livro: LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora, Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: civilização Brasileira; FOUCAULT, Michel. O Pensamento do Exterior. São Paulo: Princípio, 1990 e BLANCHOT, Maurice. O Espaço Literário. Rocco, 2011.

é analisar um texto que forja e que cria outras subjetividades, significa pensá-las também enquanto práticas, até certo ponto, transgressoras porque, em lugar de negarem, afirmam-se, afirmam suas existências do interior da prisão, correm o risco de se publicarem e se inscreverem diferentes quando relacionam-se com os limites que delimitam as prisões. Com Foucault³⁹¹ aprendi que a linguagem escapa ao modo do ser do discurso, não é representação, porque escrever é muito mais, é o esvaziar a autoria, construir a exterioridade, a multiplicidade e descontinuidade, como propõe Blanchot³⁹², porque esse Fora que compõe os versos da escritura vai além de si, do nascimento e da morte das palavras.

As escritas das presas pressupõem diferentes leitores(as): a pesquisadora, a direção do presídio, os familiares, amigos(as), o juiz. Suas escritas traduzem como que uma máquina de guerra, agenciam diversos processos de subjetivação, apontam para a solidão, para o amor, para a saudade, para o Estado, para a lei e fazem de suas vidas um tipo de obra, uma literatura menor, porque a vida invencível parece que sobrevém dessas cartas escritas (1997, p. 62). “Para Deleuze³⁹³ a literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (2002, p. 38). As presas com seus escritos fazem gaguejar o sistema, a disciplina, mesmo que as cartas sejam lidas, vigiadas, essas narrativas que se expandem para fora das celas, causam também desconfortos, ameaças ao próprio sistema.

Os escritos aqui analisados para além de escritas utilitárias são o fora, e transgridem, em parte, a própria prisão, porque é parte da modernidade a criação, a escrita que desvia o leitor, a racionalidade, a objetividade, aproximando-se muito mais da loucura, e do esvaziamento do lugar do sujeito, do autor. Esses textos versam sobre diferentes artes de fazer o cotidiano da prisão, um tipo de libertação que dá sentido ao presente das apenadas. Tratam-se de textos dispersos e múltiplos, técnicas que falam dos signos que conduzem à maneira como criam uma relação consigo.

Do interior da prisão um sol nasce, a folha em branco (con)cedida, os lápis doados por casas comerciais da cidade de Campina Grande tornaram possível o agenciamento da escrita no interior das celas. As presas escrevem, recriam-se nas narrativas autobiográficas que se

³⁹¹FOUCAULT, Michel. Um nadador entre duas palavras. In: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2009b.

³⁹²BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita I** – A palavra plural. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A conversa infinita 2** – A experiência limite. Tradução João Moura Jr. São Paulo: Escuta. 2007.

³⁹³DELEUZE, Gilles. Kafka: por uma literatura menor; Tradução de Júlio Castañon Guimarães Rio de Janeiro Editora Imago, 2002.

constroem sob o panóptico da direção e da pesquisadora que este texto escreve. Alguns textos foram escritos espontaneamente para suas famílias, amigos(as), companheiros(as), outras textualidades foram solicitadas por mim, sem tema, solicitando delas apenas que escrevessem, para discutir com elas a gramática de suas escritas. Mais uma vez criou-se, estrategicamente, vínculos que me aproximassem ainda mais das presidiárias, de suas histórias, de suas memórias performatizadas, porque essa foi a única maneira de lograr a confiança delas, ler e ouvir suas histórias: como se esse compartilhar celebrasse um pacto de fidelidade. A primeira estratégia foi a dança, a segunda, desenvolver atividades de escritas de si a partir dos encontros empreendidos com as apenadas semanalmente, sendo que algumas dessas cartas foram enviadas para os familiares, outras ficaram arquivadas na direção.

A escritura sobre as vidas das mulheres presas na Penitenciária Regional de Campina Grande anuncia também os conflitos celebrados em silêncios múltiplos como, por exemplo, as vozes que, por motivos diversos, não apareceram; os crimes das palavras que se calaram, porque esta ambiguidade fala também das arestas de quem escolhe vidas infames e criminosas. Aqui serão apresentadas as palavras que, por motivos diversos desejaram, quiseram e puderam aparecer, inscreverem-se. Há muitos vazios e muitas falas que não puderam se fazer públicas porque, sob a visão do pesquisador também pesa o panóptico, as vozes e falas aqui selecionadas aparecem porque foram avaliadas pela direção e liberadas pelas próprias presas. A seleção de textos que fiz constitui um entre, uma possibilidade de leitura sobre as vidas das mulheres presas a partir do olhar da história. Este é o momento de pensar como essas mulheres se contam e se narram.

Os caminhos foram árduos, mas tentou-sei construir, com as presas pesquisadas, várias pontes de confiança, de modo que o meu ingresso na prisão juntamente com o juiz da sexta Vara criminal, Dr. Fernando Brasilino Leite, com o homem que, para elas significava o dono de suas liberdades, abriu muitos caminhos, certamente os vários “nãos” das primeiras diretoras que não permitiram que se adentrasse anteriormente naquela instituição nem mesmo com a autorização do juiz, acabou se tornando uma estratégia para se construir e lograr a confiança das presas através do Magistrado. As apenadas me viram pela primeira vez, ao lado do juiz, o qual julgaria suas vidas, condenaria ou absolveria suas vidas.

Entrar com o juiz pela primeira vez naquela instituição foi apenas a metade do caminho, estar de frente com as presas e dizer-lhes que seria realizada uma pesquisa sobre suas vidas não foi fácil, principalmente porque não se apresentou uma religiosa, um alguém que lhes prometeria bens materiais; houve apenas a apresentação de uma pesquisadora, mais do que isso, de uma professora, de história e de dança do ventre. Esta foi a estratégia

apresentada naquele campo de pesquisa. Inicialmente, quase todas as reclusas quiseram ser entrevistadas, pois pensavam que, através da pesquisa, se aproximariam do juiz, usavam as falas para denúncias contra a direção e confessavam maus tratos, enfim. O que priorizei, no entanto, foi o propósito da pesquisa. Com o término das entrevistas, propus à direção o ministério de aulas para as apenadas com o propósito de lograr uma maior aproximação do cotidiano delas, observá-las de modo que, para isso, seria necessário criar um motivo. Com as aulas de dança – que foram as primeiras a ser ministradas –, seguidas das de história, aulas temáticas com filmes e de teatro, foi-se criando, paulatinamente, certo espaço na intimidade das presidiárias; assumiram-se, muitas vezes, os papéis de psicóloga, amiga e companheira.

Somente cavando esse território de afetos foi possível criar um ambiente de escrita de si entre elas. Foi-lhes dito que essas escritas de si, assim como as aulas de dança, seriam o momento de mais uma atividade, de modo que elas estranharam, inicialmente, mas depois, elas mesmas escreviam textos e os entregavam espontaneamente. Muitas dessas cartas sempre eram lidas pela direção. Algumas cartas eram destinadas ao juiz, nas quais pediam que ele compreendesse a situação de cada uma; dessa maneira, também fui usada para a possível liberdade que almejavam. Trocamos interesses, de sorte que o encaminhamento das cartas representavam, pontos comuns de interesse, posto que, se de um lado almejava um resultado consistente quanto à pesquisa, de outro era almejada a liberdade de sorte que, nesse contexto, as escritas foram as mais diversas... escreveram-se, enfim.

Embora marcadas por esses jogos de poder, essas escrituras são também signos de quem escolheu momentos para si, momento para se dizer à mãe, ao pai, aos filhos, aos amigos, ao ser amado. Houve um momento no qual foi imperativo encerrar as atividades das escritas de si considerando o volume numérico de cartas; enfim, considerando os excessos e a competitividade que começava a surgir entre elas, como por exemplo o fomento de disputas para se ter acesso aos lápis e às folhas em branco. Houve um termo final para este momento da pesquisa. Retornamos para a dança. O ministério das aulas de dança foi levado até o dia em que houve o incêndio que vitimou Ana Maria e Maria Paula. Depois desse fato, não consegui mais retornar ao presídio. Após algumas visitas esporádicas, com o único propósito de empreender rápidos diálogos, as aulas ficaram suspensas devido à investigação da perícia, já que as aulas ocorriam no mesmo espaço onde se deu o incêndio. Os acessos voltaram a ficar mais restritos, a disciplina voltou a controlar o tempo e a vida das presas com mais eficácia, de modo que as aulas foram suspensas, assim como as entradas de lanches ou de cosméticos. O tempo das sombras instaurou-se novamente no presídio. Mas durante esse período de repressão ouviam-se, diversas vezes, através do noticiário de rádio e televisão, que se

sucediam as tentativas de incêndio no presídio feminino, notícias de rebeliões das presas, queimando colchões, agredindo umas às outras, fazendo jejuns, rasgando roupas, gritando do interior de suas celas.

Essas escrituras, mesmo sutis, ainda assim, são transgressoras, transgridem o espaço da prisão, chegam a outros lugares, reproduzem, mas também burlam a lógica da confissão em que as presas só podiam falar de si para psicólogos, para as diretoras, agora publicizam-se. Nas cartas, as presas também falam com o mundo lá fora, falam de si em outros confessionários e confeccionam, com isso, outras subjetividades, mesmo se resignando várias vezes, direcionam a fala para outros lugares, para a sociedade, para um leitor imaginário.

São diversos os temas que atravessam as cartas das presas: o desejo de trabalhar, o pedido de perdão à sociedade, o tema da família e do amor se sobressaem nas maiorias das cartas, como um desejo de comunicar a mudança de uma subjetividade que se converte aos códigos do sistema.

Alcione Ferraz (35 anos) presa por tráfico de drogas, envolveu-se com drogas através do companheiro, diz que não traficava, mas que em sua casa funcionava o esconderijo da droga. Mãe de dois filhos, filha de camponeses, trabalhou a vida toda em casa de família, desistiu de estudar para casar, o casamento a conduziu à prisão. Na carta de Alcione reflete-se um tema que vai se repetir em muitas cartas: o pedido de perdão à sociedade, o arrependimento:

Venho por meio desta carta para a sociedade dizer que estou muito arrependida [sic], a sociedade geralmente só critica, não entendo o que aconteceu com agente [sic], nossa história de vida eles acham que nós não vamos ter recuperação, que vamos fazer tudo de novo. Eu queria ser vista e tratada com humanidade pela sociedade, eu não queria ser julgada e sim ter oportunidade para poder melhorar.³⁹⁴

Recuperação: eis o grande objetivo da prisão, fazer crer que ela recupera, esse é um discurso subjetivado por muitas apenadas, a conversão à disciplina da prisão, a submissão ao que ela faz circular.

Dona (34 anos) foi apresentada como louca, em outro momento, mas ela escreve um questionamento sobre a própria loucura, ao racionalizar sua vida quando pede desculpas à sociedade :

Tudo que mais quero e poder primeiro que tudo. Quero falar que pesso mil desculpa a toda sociedade, e que vou ser outra pessoa apartir que eu sair qui, pois não quero

³⁹⁴ Carta entregue no dia 14 maio de 2011 pela apenada.

mais viver de altos e baixos [...] Quero muito neste momento pedir a toda sociedade que, preciso muito de uma oportunidade pra que todos si orgulhe da minha diguinidade e da minha força de mudar.³⁹⁵

Excluída socialmente em decorrência da epilepsia e afastada do mundo do trabalho, Dona desenvolveu um comportamento agressivo que a conduziu à prisão. Nessa escrita, Dona inscreve aquilo que a prisão faz com os sujeitos, retira-lhe a dignidade, o convívio social. Ela escreve desse lugar de quem subjetivou o alijamento de sua identidade de mulher, de mãe. O pedido de desculpas o desejo de conquistar essa sociedade que a puniu desde quando estava livre é resultado desse aprendizado na prisão que faz das presas, os signos das identidades mortas e sem valores para a sociedade. Doente, agressiva, presa, Dona escreve, racionalmente, do lugar de quem sabe que foge ao padrão de normalidade, da mulher instituída socialmente, principalmente porque não representa para essa sociedade o corpo do trabalho, da racionalidade, da normalidade, da produtividade.

Essas mulheres mergulham em uma solidão criadora, provocativa. Mas é preciso compreender que, mesmo distante do mundo exterior, elas conhecem a lógica do cotidiano da prisão, operam o texto a partir de códigos que sabem que são necessários para não serem punidas, elas transgridem, quando optam escrever, mas só o fazem por que escrevem usando os códigos normalizados, por isso, algumas vezes julgam a sociedade em suas cartas, mas pedem perdão, acusam-se, sabem que esse é o discurso que funciona de modo favorável à sua liberdade. Karol Julia (26 anos), filha adotiva de um casal de idosos, pertence a uma família de classe média em Campina Grande, onde trabalhava como vendedora em uma concessionária de carros; era investigada pela Polícia Federal há um ano antes de ser presa; praticava assaltos juntamente com o companheiro e traficava drogas. Em seus discursos, sempre destacou a sua conversão ao espiritismo e que o que estava passando era uma provação. Cumprindo a prisão há pouco menos de um ano, escreve:

Eu tenho certeza que estou pronta pra sociedade, pois sempre tive pronta sou mãe di família tenho dois filhos lindo que estão [sic] precisando de mim sofrendo com tudo isso. Gosto muito de fazer amizades, todos gostam de mim [...] sou uma pessoa solidária (...).³⁹⁶

Karol Julia é uma dessas mulheres que, na atualidade, pratica crimes que foram considerados, durante muito tempo, como sendo masculinos, mas não era ela que comandava

³⁹⁵ Carta entregue no dia 14 maio de 2011 pela apenada.

³⁹⁶ Carta entregue no dia 10 maio de 2011 pela apenada.

a arma, acompanhava o esposo e guardava em casa as armas do assalto, trabalhou durante anos no comércio campinense, mas o envolvimento amoroso a conduziu ao crime, estava presa pela primeira vez, mas já vinha praticando muitos assaltos. Jovem, ensino médio completo encontrou, no crime, como muitas outras presas, a possibilidade de melhorar a vida financeira, de se enquadrar em um padrão de vida que o trabalho não possibilitaria, porque esta é uma questão muito comum entre essas mulheres. Lizandra Souto (30 anos), prostituta que, diferentemente de Karol, tinha o ensino fundamental básico incompleto, filha de mãe solteira, envolveu-se desde os 13 anos com a prostituição, em seguida com drogas e assaltos, assaltava em uma moto em regiões distantes da cidade de Campina Grande, e quando escreve, reproduz também a norma do sistema e um conceito que é repetido diariamente pelos agentes e diretoras: recuperação: “[...] quero sair daqui ter um convívio com a sociedade [...] quero sair daqui mais renovada e poder recuperar o tempo perdido com minha família [...] trabalhar e ter uma vida digna”³⁹⁷.

Para Barthes,³⁹⁸ a análise de um texto escrito é sempre a análise de uma solidão criadora, e essa solidão é a ruptura com a própria vida, é a fantasia de ruptura que envolve o afastamento de quem escreve com o resto do mundo. As presas já estão localizadas no lugar do afastamento, da ruptura, a solidão que compartilham foi criada não pela atmosfera de seus textos, mas pelas rupturas que causaram socialmente, pelas margens que ocupam. As escritas das presas nesse sentido só são possíveis de serem explicadas levando em conta as ambiguidades de suas palavras escritas, elas rompem, quando usam a escrita para se libertarem, são os laços de rupturas, no entanto, suas escritas em sua maioria são textos que em lugar de cavarem o afastamento, pedem desculpas, textos que na maioria das vezes falam de arrependimento, de autocondenação. Se a escrita é a possibilidade da fuga, no contexto das presas, torna-se possibilidade, também, de normalização. Foucault³⁹⁹, ao analisar a produção literária nos anos 60 nos anos XX, havia discutido a ideia de que a literatura era a ruptura com o convencional, com a norma, nos anos 70 do século XX, retorna ao pensamento crítico sobre a literatura e define esta como sendo mais um lugar de reprodução da norma.

As ambiguidades desses textos estão na submissão das presas a um conjunto de valores que negaram. Optaram pelo roubo, pelo furto, pelo latrocínio ao invés dos estudos e do trabalho, em um contexto onde o capitalismo diz: seja criativo; inteligente; bonito; bem-sucedido. Elas, que abandonaram os estudos na infância, buscaram, no crime a forma de se

³⁹⁷ Carta entregue no dia 09 maio de 2011 pela apenada.

³⁹⁸ BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura*. São Paulo. Cultrix, 1971.

³⁹⁹ MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed, 2001.

enquadrar no sistema, principalmente à indústria de beleza que, desde os anos 90 no Brasil, vem influenciando as culturas das mulheres. A moda e o consumismo que ela reflete constitui, para Lipovetsky⁴⁰⁰, uma maneira de as elites se diferenciarem socialmente, uma forma de se individualizar, de criar rivalidades, as presas estão dentro desse sistema, mas são o lado da carência da moda e do consumo, o envolvimento de muitas mulheres com o crime tem a ver com esse desejo desenfreado para o consumo da moda e da beleza. Fabiana Tito, já apresentada nesta pesquisa, roubava e assaltava para alimentar o vício de drogas, mas também para consumir os materiais simbólicos da moda, como exemplos, roupas de marca das lojas campinenses, da última vez que foi presa, quebraram as vidraças de uma loja para roubar roupas e acessórios femininos.

Para Lipovetsky, a moda não é uma consequência de um consumo desenfreado, mas resultado de uma nova relação de si com os outros, de esbanjamento de uma personalidade, um desejo de celebrar uma identidade socialmente, no caso das presas, de se aproximar da mulher socialmente posta na mídia, na televisão, divulgada socialmente como bem-sucedida.

Essa sociedade que investe na informação, na cultura cibernética e eletrônica, sociedade do luxo e da moda, também divide o mundo entre ricos e pobres, vencedores e perdedores, miseráveis e bem sucedidos. As presas reproduzem esse embate onde ocupam o lugar da miserabilidade. Evidentemente que muitas presas foram flagradas em roubos que representam a supressão de suas necessidades básicas, como por exemplo, o alimento. Mariinha, como já apresentado anteriormente, só roubava feijão, leite e outros alimentos; nessa trajetória, envolveu-se com droga, passou a roubar para o consumo do craque, esqueceu a fome, os filhos. Kelma Lins (30 anos) também presa por roubo e assalto disse, em entrevista, que só roubava para sobreviver, quando perguntei sobre seu último roubo: disse que roubava tinta Koleston, símbolo da indústria de moda da nossa atualidade, divulgado na mídia, na TV, na qual mulheres de cabelos sedosos aparecem convidando as mulheres a se embelezarem. Na carta, pede à sociedade uma oportunidade: “[...] só precisamos de uma única e simples oportunidade será que a nossa sociedade pode dar essa valiosa oportunidade?”⁴⁰¹. Kelma também argumenta com base no discurso religioso:

⁴⁰⁰ LIPOVETSKY, G. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

⁴⁰¹ Carta entregue no dia 05 maio de 2011 pela apenada.

Deus diz: quem nunca pecou que atire a 1ª. Pedra! Somos todos falhos nessa vida sempre erramos de alguma maneira mas sempre erramos, mas é em cima(sic) dos nossos próprios erros que acertamos um dia nessa vida⁴⁰².

A maioria das presas escreve apontando o futuro, por isso, o constante pedido de desculpas, de perdão, de falas que repetidamente se afirmam preparadas para a reintegração social, para conviver novamente com a sociedade. Cátia Souza (33 anos), já apresentada, faz parte de uma família de traficantes, enriqueceu com o tráfico, viciando jovens, porque a droga é uma das marcas dessa sociedade efêmera, desse império de consumo da atualidade. O vício, para algumas jovens, é uma aventura; para outros, uma sublimação, uma fuga para se esconder do desemprego, da falta de estudo e educação. Cátia Souza, jovem paulistana que enriqueceu exatamente do vício dos(as) miseráveis do sistema, não bebia, não fumava e nem usava nenhum tipo de droga, seu único vício: viciar pessoas. Cátia Souza defende-se em sua carta argumentando que, no sistema, os traficantes são diariamente reproduzidos como um mal social. O próprio Juiz⁴⁰³ (6ª. Vara Criminal do Fórum Afonso Campos de Campina Grande) dizia que tinha muita dificuldade de libertar os(as) traficantes pelo mal que vinham causando às famílias. Cátia reproduz esse discurso, mas ausentando-se desse mal, planejando-se, reproduzindo o sistema: “[...] tenho muitos planos pro meu recomeço, meu sonho sempre foi fazer uma faculdade de Direito [...] nunca em meu ponto de vista representei nenhum mal pra sociedade e estou preparada pra retomar minha vida e recomeçar do zero”⁴⁰⁴.

Escrever sobre a “recuperação”, pedir desculpas à sociedade, inscrever o desejo de trabalhar, mencionar Deus ou algum termo que lembre a religiosidade cristã, são códigos estabelecidos na prisão, ao mesmo tempo, conceitos inscritos pelas presas. Tatiana Figueiredo, 22 anos, presa por assalto juntamente com um amigo, é mãe de dois filhos, filha e irmã de professoras. A mãe e as irmãs sustentavam a ela e a seus dois filhos, mas na carta diz que roubou para sustentar os filhos: “[...] eu sou uma pessoa boa roubei porque estava fraca prezando [sic] tenho dois filhos”⁴⁰⁵. Coloca-se no lugar da fraca, excluída, vítima para, em seguida, arguir sobre a maior preocupação das presas (trabalho): “[...] si minha pessoa sai da cadia [sic] hoje eles não vão min da um emprego ele tem medo da pessoa que já foi preza não sei poque[sic] eu sou uma pessoa”⁴⁰⁶.

⁴⁰² Carta entregue no dia 05 maio de 2011 pela apenada.

⁴⁰³ Entrevista concedida pelo Juiz da 6ª. Vara Criminal do Fórum Afonso Campos de Campina Grande, no dia 06 ago 2011 às 10h:09min. Na Penitenciária regional Feminina de Campina Grande.

⁴⁰⁴ Carta entregue no dia 01 maio de 2011 pela apenada.

⁴⁰⁵ Carta entregue no dia 05 maio 2011 pela apenada.

⁴⁰⁶ Carta entregue no dia 05 maio 2011 pela apenada.

Tatiana Figueiredo embora nunca tivesse trabalhado anteriormente, embora as mulheres de sua casa tivessem sido referência nesse sentido (enquanto prática de formação de si na sociedade), com a morte do pai (que sustentava a família), as irmãs tiveram que trabalhar para subsistir, mas Tatiana não introjetou o trabalho como uma estratégia de sobrevivência: preferiu as ruas, o roubo e o crime.

Entre tantas cartas lidas, todas as presas mencionam a ideia de que estão recuperadas e que têm o desejo de trabalhar como forma de comprovar a sua “recuperação”, de se enquadrar nessa sociedade do controle, a qual faz do corpo o alvo da fabricação de subjetividades capturadas pelo capitalismo. Para Deleuze:

As diversas instituições da sociedade moderna deveriam ser consideradas como um arquipélago de fábricas de subjetividade. No decurso de uma vida, um indivíduo entra nessas diversas instituições (da escola à caserna e à fábrica) e delas saem de maneira linear, por elas formado. Cada instituição tem suas regras e lógicas de subjetivação[...] ⁴⁰⁷.

Enclausuradas em uma instituição herdeira da sociedade disciplinar, aprendem, na prisão, que o trabalho dignifica o homem, salva-o. Nas ruas, sabotaram essa prática, escolheram o seu contrário, a vida sem trabalho, a vida sem o controle do corpo e da vida, circularam de modo autônomo e determinaram onde iriam ganhar a vida, o dinheiro, mas do interior da prisão, o trabalho aparece nos textos como alvo da “recuperação”. Amanda Firmino (39 anos), acusada de matar a dona da casa onde trabalhava, também menciona o trabalho como possibilidade de reintegração social: “[...] também gostaria que quando saíssemos na rua nos dessem uma oportunidade de emprego. As vezes as pessoas fazem as coisas erradas por falta de emprego [...]” ⁴⁰⁸. Diferentemente de Tatiana Figueiredo, Amanda Firmino trabalhou desde cedo no campo, depois em casas de família e como garçone. Passou a vida trabalhando para ajudar a família, criar os filhos, mas a amizade com estelionatários a envolveu em uma situação em que ela é a principal acusada da morte da patroa, ainda espera pelo julgamento. Amanda Firmino, segundo afirma, diz que é vítima de pessoas da família do ex-esposo que inclusive a ignoravam por ela ser garçone e trabalhar à noite. Amanda afirma que sem o trabalho na cozinha já teria se matado ⁴⁰⁹, fala simbólica para pensar essa conversão das presas a uma sociedade que valoriza o trabalho como signo da

⁴⁰⁷ HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

⁴⁰⁸ Carta entregue no dia 07 jun de 2011 pela apenada.

⁴⁰⁹ Entrevista concedida em 13 ago 2011 às 11h:45min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

moral, do caráter dos sujeitos. Trabalhando as presas também acreditam que passam a ser mais bem vistas e toleradas.

Os textos dessas mulheres presas não são apenas processos de interiorização ou mera descrição subjetiva, são relatos dispersos, descontínuos, diálogos com o poder, são linhas de fugas, porque ousam escrever para não serem esquecidas, mortas, mas a todo o momento estão jogando com a disciplina. Os textos das presas caminham nessa linguagem ambígua, são o outro da norma, mas ao mesmo tempo, instituem em suas linhas a própria norma.

Nos escritos pesquisados há um amálgama de sensações descritas: saudades; amor; solidão; angústia; paixão. Em cada carta, em cada linha escrita é perceptível a pulverização das identidades dessas mulheres, que se multiplicam em cada linha, tornando ainda mais dispersa qualquer tentativa de defini-las, e nesse sentido, seus escritos são fugas, porque ensaiam outra subjetividade, aquelas que o jurídico não necessita olhar: a mãe, a irmã, a mulher romântica, por esse motivo, não se pode pensar com esses textos uma história de vida linear, mas uma performance, um lugar performático onde exercem diferentes papéis sociais. Em seus textos as presas inventam novos modos de existência, permutam lugares, articulam uma subjetividade desejada, esperada, arrependida e convertida às normas.

Marilda China (54 anos), acusada de estelionato e formação de quadrilha no interior da Paraíba, funcionária Pública da Prefeitura Municipal de Campina Grande, enfermeira formada, não pede trabalho, mas narra a sua trajetória com o trabalho: “olha sou uma pessoa querida na sociedade nunca ninguém falou mau de me eu trabalho desde 18 ano de idade já estou com 54 anos nunca fui disocupada [...]”⁴¹⁰. Passou a vida toda trabalhando, mas depois de meio século decide praticar crime para pagar dívidas, mas ela diz que tal episódio descrito na carta estava marcado no seu destino. Sua colega de crime, irmã de enfermeiras, Luciana Fausto (57 anos), também teve uma vida dedicada ao trabalho, criou as irmãs, as sobrinhas, mas para livrar-se de dívidas foi ludibriar idosos no interior da Paraíba, seu discurso é muito mais de acusação, de culpabilização da sociedade; “[...] na sociedade são pessoas egoísta de muito preconceito e gosta de julgar em vez de ajudar o próximo, com humildade mais só sabem discriminar principalmente quando como ex presidiários [...]”⁴¹¹. Reincidente, saiu da prisão, mas preferiu continuar enganando idosos nos interiores da Paraíba para pagar suas dívidas.

⁴¹⁰ Carta entregue no dia 15 jul de 2011 pela apenada.

⁴¹¹ Carta entregue no dia 16 jul de 2011 pela apenada

Essas mulheres escreveram sabendo que a direção, a professora leriam. De forma engenhosa elas vão fabricando nessas linhas outra vida, porque a vida é também fabricada no texto, na literatura, vão desenhando outro rosto para seduzir o poder e conscientizá-lo de suas mudanças, de seus arrependimentos, de sua sujeição ao sistema. Dessa maneira, o cuidado de si está amarrado a essa problemática em que as presas precisam externar esse cuidado e explicá-lo dentro do panoptismo da prisão. Quando se avaliam, avaliam-se a partir do que deseja a disciplina jurídica, interpretam-se como se estivessem convencendo o olhar da prisão, são interpretes de si, ao mesmo tempo quando interpretam astuciosamente o que deseja a disciplina da prisão.

Nessa sociedade de controle onde somos conhecidos por senhas, fichas, números, onde podemos circular com mais autonomia, mas sujeitados às normas. Shirley Soares (31 anos), presa por tráfico de drogas, paulista, reincidente por três vezes. Narra sobre essas dificuldades de quem passa pela prisão e deseja a reintegração social:

[...] queria poder ter uma oportunidade de voltar para sociedade mas como? Se a sociedade não em aceita? Pois se aceitasse não pederia antecedente criminal quando um ex-detento fosse procurar um serviço e a resposta fosse vou analisar depois entro em contato com você [...] ⁴¹²

Claudiana Barros (36 anos) também narra do ponto de vista do retorno para a sociedade e dos limites que essa sociedade constrói para as presidiárias, sociedade que apostando no controle dos indivíduos permite dadas criatividades e liberdades, mas não a fuga da norma do trabalho, é preciso ser produtivo, criativo e conduzir-se por dada moral, dado valor:

[...] acontece que ao voltar para a sociedade da última vez que eu saí me deparei com muitas dificuldade uma delas é a falta de em prego sem chance de arrumar um emprego passei a viver de favor na casa dos outros mas no decorrer do tempo eu me cansei de procurar emprego e só recebi não na cara sem oportunidade alguma de trabalhar, resolvi catar latinha mais mal dava para eu comer passava por extremas necessidades cheguei a ir até na prefeitura da cidade para expor o meu problêma mais encontrei mais uma vez as portas fechadas. No entanto o tempo foi passando e eu não consegui voltar a morar com meus pais me envolvi com pessoas erradas e voltei a furtar com elas no começo tudo é bom mais depois sempre me batia um arrependimento, não demorou muito e eu fui presa de novo [...] ⁴¹³.

Essas duas mulheres narram explicitando os mecanismos de uma sociedade, que aposta na prisão como forma de combate ao crime, que constrói penas alternativas não porque

⁴¹² Carta entregue no dia 12 jul de 2011 pela apenada.

⁴¹³ Carta entregue no dia 10 out 2011.

acredita na recuperação dos apenados, mas porque sabe que nessa sociedade que supera a disciplina, que permite a circularidade dos sujeitos, é a forma mais viável de governar as vidas. O sistema capitalista permite que as presas circulem, procurem, apresentem-se e até aceitam seus cadastros, porque enquanto mais conhecem, mais controlam, mais normatizam, a pesquisa nas fichas criminais das presas, o passado da prisão que fica colado ao nome da presa por cinco anos, é revelador sobre esse governo das vidas. O capitalismo passa a investir e a exigir dos trabalhadores:

[...] uma dimensão criativa, imaginativa, lúdica, um empenho integral, uma implicação mais pessoal, uma dedicação mais efetiva até. Ou seja, a intimidade do trabalhador, sua vitalidade, sua iniciativa, sua inventividade, sua capacidade de conexão foi sendo cobrada como elemento indispensável na nova configuração produtiva. Claro que isso implicava um desmanche das estruturas funcionamento muito mais aberto, flexível, num certo sentido mais autônomo e horizontalizado (PELBART, p. 96-97)⁴¹⁴.

Uma máquina abstrata, aberta, diz Deleuze⁴¹⁵ sobre esse novo capitalismo, que incita os sujeitos a serem criativos, mas ao mesmo tempo, cria mecanismos de sujeitar, controlar e exigir a normalização dos corpos.

O cuidado de si descrito nas cartas é sempre ambíguo, de um lado a luta pela liberdade, do outro a subjetivação da norma, da lógica capitalista do trabalho, da moral disciplinar e materialista. As presas aprendem, inclusive, que suas vidas no crime ocorreram pela falta de emprego ou do dinheiro. Esse não é apenas um aprendizado social, feito nos lugares de onde vêm, como também um discurso repetido entre elas na prisão, nessa argumentação residem suas inquietações e avaliações de si. Suas expectativas de liberdade estão contraditoriamente amarradas ao campo material, do trabalho e da posse financeira, porque esse é o discurso que deseja o sistema, o jurídico, a sociedade. As presas dificilmente podem associar sua liberdade ao não trabalho. Quando escrevem, sabem o que querem ler seus leitores, por isso as contradições em seus textos que são muitos mais (pre)textos de vidas que sonham da prisão com a liberdade e que têm a certeza que depende de uma dada postura, escrita, discursos para negociá-la. Tratam-se de discursos-confissões, mas também de discursos-astúcias, discursos nos quais as presas constroem suas culpas e arrependimentos, discursos de autocondenação, é com essa lógica que os enunciados das presas também operam

⁴¹⁴ PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

⁴¹⁵ DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro Ed. 34, 1992.

devido ao contexto onde se situam, falam de uma instituição prisional que incita a confissão das presas para a apropriação do que consideram a verdade dos indivíduos, através da escrita confessional, o sistema pune, vigia, as presas normatizam-se, mas em parte, arte!

Há um jogo de poder nessas cartas lidas, as presas ocupam-se de si para propagar a individualidade esperada, para fazer crer que a norma venceu, escrevem para convencer a família, o social de que subjetivaram a verdade da norma. O sistema incita essas mulheres a escreverem e a falarem para ter acesso às suas vidas e aos seus segredos, as presas sabem dessa lógica, escrevem. O silêncio incomoda o sistema, as presas escrevem. São proibidos lápis e papéis a não ser os doados pelo sistema e na hora que o sistema delimita, mas nas celas das presas o que mais existem são papéis e canetas para escrituras de suas cartas. Para Michel Foucault⁴¹⁶ o silêncio deveria ser algo bastante cultivado na nossa cultura, mas nas prisões, a cultura do silêncio constrói a cultura do medo, as escritas nesse sentido, servem como uma estratégia para a direção também ter acesso ao pensamento, à vida das presas.

As escritas de si, das presas, são também práticas reveladoras de um cuidado de si. Há uma busca de si nas cartas, as presas passam horas isoladas, enclausuradas, trancadas, esse lugar é um convite a um pensar a vida, mas esse cuidado de si, em grande medida, existe para exercitar a norma, a disciplina desejada pelo sistema. Entre os gregos antigos, o cuidado de si, diz Foucault⁴¹⁷ estimulava o autoconhecimento, na era helenística, por exemplo, a busca era pelo autoconhecimento a partir de práticas espirituais, voluntárias para transformar o eu. Os hyponematas eram cadernos onde os antigos narravam acontecimentos diários para auto-avaliação de si, é, portanto, na era cristã que essa busca e cuidado de si vão ser desenvolvidos para uma busca da verdade do “eu”, as confissões cristãs são lugares que promovem essa relação da interiorização com a verdade, a preocupação agora é muito mais com a verdade, com a renúncia de si, do que se foi, para regenerar-se. A hermenêutica das presas se constitui nesse espaço onde ao mesmo tempo em que são interpretadas, interpretam o que esperam de seus discursos, de seus textos, as cartas falam de uma mulher que o sistema deseja para torná-la livre, para mostrar ao social o poder da regeneração do sistema. As cartas das presas em grande medida subjetivam essa lógica disciplinar, ao mesmo tempo em que burlam essa disciplina quando usa o espaço da solidão para criar, quando usam o papel e o lápis para inscrever seu modo de existência no interior da prisão, permitindo a circularidade desse

⁴¹⁶ FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981 – 1982).

Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁴¹⁷ FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: _____. Ditos & Escritos III. Trad. InêAuran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2009.

discurso e dessa escrita que é, ainda sim, um gesto de possível liberdade: Suas palavras resistem, enlaçam a diferença, a singularidade, fabricam em uma zona difícil a vida. A vida não seria essa capacidade da força de resistir? Assim questiona Deleuze⁴¹⁸.

De Diferentes maneiras as presas narram-se, sob o silêncio e confinamento sabem que é indispensável se dizerem, contarem suas vidas para produzirem a diferença, mas alguns temas foram retirados de seus textos, não falaram de seus crimes, de sexualidade, aprenderam na prisão que esses são temas que possivelmente as colocariam sob outros julgamentos. Poucas presas explicaram-se falando do passado, da infância, de si em um tempo distante, só o fizeram quando tematizaram a família. Houve algumas cartas descrevendo e detalhando o envolvimento de algumas delas com o crime, mas não puderam ser analisadas pelo fato de não se identificarem, por esse motivo optei apenas por cartas identificadas. Simone Bezerra (43 anos) já apresentada em outro momento, acusada de assalto, ela é conhecida dentro do sistema pelas agressões e por ser reincidido cinco vezes no mesmo tipo penal: assalto. Seu companheiro e filho também estão presos por assaltos. Simone, por ser conhecida pela violência e agressividade, constrói um texto que tenta explicar sua presentidade pelo cotidiano do sistema, com mais desejo de denunciar do que se dizer, prefere apontar o sistema:

Eu sou Simone, minha vida de presa é muito ruim porque eu sou trancada 24h, não tem cristão que agüente, porque o pessoal que trabalha com nós que são as agentes não têm muita paciência com nós presa para ser melhor as convivências com nós nesse lugar, porque é muito difícil para nós que vive nesse lugar. Só sabe quem passa eu. Peço a deus que vocês possam mudar uma situação dessa que nós presidiária estamos passando é muito ruim, só sabe quem passa, mas eu tenho muita fé em deus que pode tudo, so ele para nos salvar porque ele está nesse lugar para nós todos. Deus só ele para nos dá paciência, paz, amor para nós suportar, que queira que não nós tem que pagar meus erros com a justiça e assim eu Socorro vou pagando como eu tenho que pagar, ficava melhor para mim pagara eles se eu tivesse uma oportunidade de trabalho. Deus é vida. Quem pegar nesse livro que deus abençoe. Deus é muito lindo⁴¹⁹.

Simone infantiliza-se também nessa carta, faz desenho de árvores, de bandeiras e o nome deus. O sistema é, em grande medida, responsável por essa tentativa de infantilizar as presas quando de vez em quando promovem lanches, doces e refrigerantes, a tática é para acalmá-las quando faltam remédios, carne, mas as imagens infantis na carta, resultam desse investimento na prisão. São muitas as artes de se cuidar e de se dizer na prisão, o recurso à religião é bastante comum também, de modo que a apenada, inclusive, coloca-se em um lugar

⁴¹⁸ DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

⁴¹⁹ Carta entregue no dia 10 out 2011.

bastante “abençoado” quando diz que Deus abençoe quem pegar nesse livro. É uma instituição que constrói a ideia de que os sujeitos devem ser regenerados, o discurso cristão é bastante repetido; dessa maneira, Renali Duarte (33 anos) também já apresentada, quando escreve para a sociedade e sobre seu retorno, entrega-a a deus:

Quero e preciso muito de uma oportunidade de vida melhor e quero voltar para sociedade á qual fiz parte um dia e Deus sabe que tudo isso é o que sinto e quero para minha vida que é mudar de vida para melhor ⁴²⁰.

O religioso atravessa diversas vezes essa fala, porque deus é um enunciado legitimador de suas “melhoras” para o sistema, ler a bíblia, ouvir músicas gospel faz parte dessa cultura presidiária feminina.

Há quem abandone a culpa, o arrependimento e sofrimento para poetizar-se, como quem salva-se. Dona Socorrinha (65 anos) já apresentada no capítulo I, no auge de seus sessenta e seis anos, sem trabalhar na prisão, dedicou-se à poesia: “meu maior desejo hoje é que chegue a minha liberdade! Se eu pudesse te daria O tesouro do país, Um céu bordado de estrela, Da manhã primaveriz, 200 anos de vida, Numa existência feliz”. ⁴²¹. A escrita perfura o sistema, a sensibilidade poética performatiza o sujeito que o sistema desconhece, quebra a petrificação de seus nomes: “Crianças Ouve e admira as cordas de minha lira, numa beleza sem pares, foi vendo as nossas campinas, tão rica de asas finas, que a emoção me fez cantar”. ⁴²², alia a poesia ao discurso da inocência, para culpar quem jogou droga na sua casa:

Sou Severina, tenho 62 anos e há 1 ano e 9 meses estou vivendo o sofrimento e a realidade da prisão, fui presa sem dever, na verdade estou pagando pelos erros dos outros, estou respondendo por tráfico injustamente fui criada em uma família de alta sociedade e nunca precisei e nem pensei de me envolver nesse mundo, mais infelizmente fui e ainda sou vítima de acusações inválidas. Apesar de estar pagando pelo o que não devo, tenho muita fé em Deus e creio que vou sair dessa e vou viver minha vida lá fora de cabeça erguida e saber servir de exemplo para muitas mulheres, o meu maior desejoque chegue minha liberdade ⁴²³.

No interior da penitenciária, muitas pessoas são penalizadas, como Dona Senhorinha porque circula a ideia de que ela se entregou no lugar do filho mais novo, envolvido com tráfico de drogas. Quando fala que foi criada em família de alta sociedade o foi porque desde jovem trabalhou em casa de família, uma dessas famílias a adotou como filha, viúva, teve que

⁴²⁰ Carta entregue no dia 12 set 2011.

⁴²¹ Carta entregue no dia 15 jul 2011 pela apenada.

⁴²² Carta entregue no dia 15 jul de 2011 pela apenada

⁴²³ Carta entregue no dia 15 jul de 2011 pela apenada.

trabalhar para sustentar os filhos. Outra questão que chama atenção no texto de dona Senhorinha é o momento que enfatiza o desejo de sair para servir como exemplo para outras mulheres, reatualizando um discurso conservador de outras temporalidades em que as mulheres, principalmente, tinham que servir de exemplos para as outras, mas é também um discurso da prisão, que deseja disciplinar os corpos para mostrá-los à sociedade que o sistema penitenciário funciona.

Essas escritas em lugar de defini-las, multiplicam-nas. Conforme explica Lejeune⁴²⁴. Os textos das presas são a materialização de um sujeito que se quer total, porque escrever a autobiografia é tentar captar a pessoa em sua totalidade, em um movimento recapitulativo de síntese do eu.

Desde Plutarco, a biografia se tornou uma escritura para pensar a vida dos grandes homens, no século XIX as biografias e autobiografias eram textos que serviam para dar conta da totalidade de um EU, ou até mesmo, uma escritura que servisse como um modelo de confissão. Rousseau⁴²⁵, por exemplo, decide escrever sua autobiografia para salvar-se da lembrança do roubo que fez na adolescência. A escrita de si comporta o desejo de confissão e de perdão: “Esse peso continuou, pois até hoje, sem o alívio da consciência, posso dizer que o desejo de me livrar dele de alguma maneira muito contribuiu para a sedução de escrever minhas confissões” (ROUSSEAU, 2008, p. 45). Desde o século XX, porém, os escritos biográficos e autobiográficos vêm sendo desconstruídos. Bourdieu⁴²⁶ e Levi⁴²⁷ questionam, por exemplo, a ideia de uma biografia que captura a vida totalizante dos indivíduos e/ou representam suas “vidas reais”, para esses autores as biografias organizam racionalmente as vidas dos sujeitos para lhes encobrir as incoerências, os vazios e contradições. As escritas de si desde 1970 e 1980 são práticas afirmadoras do predomínio da subjetividade. Para além de uma tensão entre um eu e um social, os sujeitos que se escrevem revisitam-se, reelaboram-se, conforme explica Delory-Momberger⁴²⁸. Pensar as escritas das presas não significa recuperá-

⁴²⁴ LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁴²⁵ ROUSSEAU, Jean Jacques. Confissões (Clássicos Edipro). Trad. Raquel de Queiroz e José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008.

⁴²⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. Paris, 1986 In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da História oral. Rio de Janeiro Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

⁴²⁷ Idem.

⁴²⁸ DELORY – MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

las porque uma das armadilhas da escrita de si, em maior ou menor grau, diz Lejeune⁴²⁹, é que o eu se torna o outro.

As narrativas de si constroem um sujeito total, mas questionável. Paul Ricouer⁴³⁰ ao fugir do questionamento sobre a discussão metafísica da identidade propõe um questionamento à identidade-mesmidade, sugere a identidade desviante, avessa, nesse caso, a ipseidade. Dessa maneira Ricouer quer pensar os arranjos de um identidade de si em conflito e dialética consigo, transformada em seu próprio outro. A identidade-ipse dar conta de uma subjetividade em construção, criada a partir de um conjunto de forças, conflitos.

O tempo também vai sendo inventado na narrativa, as identidades retornam para o lar, para a vida em família e usufruindo da memória, recortam o principal episódio que as conduziram ao crime, essas narrativas materializam o tempo da vida, como afirma Larrosa⁴³¹:

[...] o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa (LARROSA, 1994, P. 69)

O tempo se faz humano ao organizar-se narrativamente. Contando histórias o sujeito dá a si próprio uma identidade no tempo. Estão escrevendo da prisão e de um corpo que estilhaça qualquer identidade harmoniosa, recorrem à narrativa, não apenas para montar suas vidas, como também, costurar suas identidades, forjar uma mesmidade, quando na verdade estão instaurando todo o processo de mudanças do processo de subjetivação da identidade feminina, da identidade familiar, de mãe, de filha, irmã.

No retorno ao passado, as presas deixam claro, em vários momentos, não apenas a culpa e o arrependimento, mas também, o aprendizado, com o crime, com a experiência e suas escritas são construções desse aprendizado na prisão. Em suas análises sobre as obras de Proust, Deleuze⁴³² explica que o aprendizado nas obras de Proust não se trata apenas da exploração da memória, mas de escritas em função do aprendizado, aprendizado que interpreta o mundo, a vida, o tempo a partir dos signos. O mundo em Proust é decifrado, aprender dessa forma é relembrar, relembrar é aprender. Aprender diz respeito essencialmente

⁴²⁹ LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁴³⁰ RICOEUR, Paul. O si – mesmo como um outro. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

⁴³¹ LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos [Tomaz T. Silva, org.]. Petrópolis(RJ): Vozes, pp. 35 – 86, 1994.

⁴³² Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2006.

aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal. A obra de Proust é baseada não na exposição da memória, mas no aprendizado dos signos. (DELEUZE, 2006, p. 8)

As presas na interpretação de si, estão em busca de uma verdade, da verdade de si, e para Deleuze ao analisar Proust afirma que só procuramos a verdade quando estamos determinados a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando sofremos uma espécie de violência que nos leva a essa busca (DELEUZE, 2006, p. 10). Do interior da prisão são forçadas a interpretar suas vidas, os tempos que perderam, o tempo que passou e nesse tempo que se perdeu ou se perde o tempo redescoberto, o tempo da interpretação da vida. E essa releitura do passado, de si é sempre violenta, marcada por memórias involuntárias, pensamentos involuntários, memórias que violentam ainda o corpo por que marcadas por suas carências, crimes. As presas recortam na memória os acontecimentos que expliquem seu envolvimento com o crime, escrevem as memórias, mas pensando no tempo-futuro, porque as suas vidas ao serem escritas, da maneira que escrevem, supõem absolvição, do crime, da vida maldita. As presas jogam com a memória e com o tempo que é plural, mas em suas narrativas se torna uma linha explicativa e linear para organizar as vidas presas que são desalinhas, mas quando escritas, racionalizadas.

6.2 A ESCRITA QUE DUPLICA, RETORNA: MULHER? AS FILHAS, DA MÃE?

(...) O eterno Retorno é a Repetição, mas a Repetição que seleciona, a Repetição que salva. Prodigioso segredo de uma repetição liberadora e seletiva (Nietzsche)⁴³³

A destruição é criativa, afirma Nietzsche⁴³⁴, do abismo, do caos, as presas buscam saídas para se afirmarem. O desejar uma vez mais as taças cheias do banquete é, para Nietzsche, uma das possibilidades de afirmação da vida, uma maneira de fugir do pessimismo. Através das diferentes escritas das presas, depreendeu-se, no primeiro momento, a vontade de construir a verdade de si a partir de textos autobiográficos, como forma de se explicarem nas linhas da história, de interpretarem suas trajetórias, criando uma linearidade temporal. Narram-se como se estivessem se confessando, mas também se sujeitando aos códigos disciplinares da prisão. Percebeu-se, nesse segundo movimento, a partir das escritas das presas, a duplicidade de suas vidas, as dobras que fazem em si mesmas, senão uma

⁴³³ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴³⁴ NIETZSCHE, Friederich. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?, in: **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, pp 85-118.

maneira de retornar a um modelo de mulher do qual fugiram, que negaram quando se envolveram com o crime e fugiram de casa, da mãe, dos filhos e das filhas, da maternidade, do casamento e de todo signo que reproduzisse os valores tradicionais do feminino.

Com Foucault⁴³⁵ aprende-se que é incompatível pensar as narrativas de si de modo tradicional, porque se retira o sujeito da história, da história que ele (re)cria. Para Foucault o sujeito é fundado historicamente, por isso se faz necessário pensar o sujeito na descontinuidade das histórias que narram suas próprias vidas. O cuidado de si diz respeito ao modo como os sujeitos ocupam-se e preocupam-se consigo mesmo, uma forma de olhar para o interior.

As presas que se narram é o efeito do poder e não o a priori, são o choque e a articulação de discursos, leis, saberes. As vidas das presas são singulares, ecoam suas vozes já marcadas pelas disciplinas da prisão, da norma e condenação jurídica, vidas que em diversos momentos travam batalhas com o poder e são esquecidas na obscuridade e silêncios. As escritas das presas são o instrumento que as constroem, foram postas nos processos como sujeitas do mal, seus escritos desejam a libertação ou salvação deste conceito e definição, por isso a recolha de episódios que justifiquem suas idas para as ruas, para o crime, vão até o interior da família e escolhem acontecimentos das relações familiares, dos amores violentos, dos abandonos no próprio lar para criarem a verdade para si, a cura de si, evidentemente que deus se torna a grande narrativa nesses textos, porque na prisão recebem visitas de representações religiosas (católicas, protestantes) e encontram nesse valor religioso, a explicação de suas vidas.

Os desejos do presente estão relacionados ao que e como lembramos, seja na memória individual ou coletiva. O retorno ao passado é sempre uma negociação com a identidade, o texto modifica o ser, a escrita é um redefinir e redescobrir o ser, as presas estabelecem uma negociação com a identidade-passado, buscam na linha do tempo organizarem um eu, uma mesmidade, construir as pontes de uma linearidade, mas acabam fundando a diferença, o esvaziamento de si porque elas mesmas não se encontram mais no passado que tecem e narram. A transfiguração de si pela reformulação é sempre conflituosa. A escrita só multiplica as presas, se elas retornam ao passado, seus gestos só as reduplicam. As lembranças só multiplicam os sujeitos da linguagem, na escrita tem-se o conflito entre o eu

⁴³⁵ FOUCAULT, 2001.

e o outro que o ser da linguagem se torna, a escrita é vazia de um sujeito único, exterior a si, múltipla, os sujeitos sempre se dissociam desse ser que escreve racionalmente sobre si.

O ser da linguagem não aparece por si mesmo mais do que no desaparecimento dos sujeitos (FOUCAULT, 1990, p. 2)⁴³⁶. Na linguagem tem-se os rastros das identidades perdidas. Na escrita o sujeito sempre está a desaparecer, porque o si é mesmo o outro. Por isso é preciso compreender as escrituras dessas presas não como revelações ou representações de quem escreve, mas o momento criador de quem escolhe a narrativa escrita para se inscrever e se criar diferente, inscrever-se avessa, desalinhada, descontinuada e de si perdida, mesmo que contra suas vontades de verdade que busca a constituição de um eu organizado, uma identidade explicada pelas escolhas de seus relatos. Deleuze⁴³⁷ pensa o narrador de si como uma aranha que estende seus fios aos acontecimentos, aos rostos ao passado e com esses signos constrói-se à luz de sensibilidades involuntárias. É preciso livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. Foucault⁴³⁸ inspira a mostrar o corpo marcado de histórias, assim como a história arruinando o corpo. Essas mulheres marcadas de diferentes histórias arruinam a história da homogeneidade do conceito de mulher, de crime, de feminismo, estão marcadas por vivências que ao serem descritas inventam outros processos de subjetivação, de relação com suas próprias subjetividades e escrituras.

A escrita é um ato performativo, diz Barthes⁴³⁹, um simulacro, afirma Deleuze⁴⁴⁰. As mulheres simulam, em seus textos, a mulher que querem ou deveriam se tornar, a mulher que a sociedade espera, enquadrada em valores como o casamento, a maternidade, a passividade. Das sombras ecoam vozes duplas, o entre das subjetividades que romperam e cumprem o retorno ao que negaram. Essas mulheres, desde o primeiro capítulo vêm sendo discutidas como o descentramento, os signos da desterritorialização, da negação identitária do feminino, desde o primeiro momento venho discutindo mulheres que por diferentes motivos (financeiros, amorosos, familiares) afirmam suas vidas em outros campos e com outros estilos de vida. Do interior da prisão ecoam vozes também disciplinadas, mais do que isso, vozes

⁴³⁶ FOUCAULT, Michel. O Pensamento do Exterior. São Paulo: Princípios, 1990.

⁴³⁷ Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2006.

⁴³⁸ Nietzsche, a genealogia, a história In: ____ Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro forense Universitária, 2000b.

⁴³⁹ BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977 e BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo; Campinas: Brasiliense; Editora da Unicamp, 1988.

⁴⁴⁰ DELEUZE, Gilles. Platão e simulacro In: Lógica do sentido. Trad. Luiz Rovberto Salinas. São Paulo: perspectiva, 1974.

performativas da docilidade, saudosas do lar, do materno, do teto que um dia abandonaram ou nunca tiveram. É nesse agenciamento de discursos familistas que constroem essa mulher-outra, que para o sistema seria a mulher recuperada pela disciplina jurídica. Elas evocam diferentes signos, um dos mais repetidos: a mãe; a doçura da mãe:

Ana Maria (24 anos), já apresentada neste trabalho, uma das vítimas fatais do incêndio ocorrido no início de 2012 na Penitenciária pesquisada. Ana Maria combateu o sistema até a morte, era uma das presas que mais esteve no isolamento, mas seus escritos performatizam muito mais a resignação, a culpa, a confissão de quem se sentia ré, contrariando a sua altivez e combate que a conduziu à morte:

Quero que saiba que eu lhe amo muito e palavras não explica pos eu estou com muita saudade quero lhe pedi sua benção e seu perdão por le cauza tanto disgosto, mainha estou muito arependida pos nunca me sentie tão só e nunca tinha pecebado que eu era a pessoa más feliz do mundo por que eu nacie de uma mulher guerera e maravilhoza que é a senhora minha vida e o melhor presente que Deus mim deu eu tenho orgulho de ser a sua filha que te ama e sente muito a sua falta espero que mim perdoe por te fazer sofre más eu jamas vou deixa de te amar mainha quero que saiba que o verdadeiro amor nem, mesmo a força dos tenpos é capas de destrue, obrigada por mim ama e por senpre está com migo nas horas que eu preciso hoje eu falo e o tempo vai mim da a chance de te mostra como é grande o meu amor pela senhora quero que saiba que esse luga mim fes percebenque eu tenho uma mãe única e maravilhoza e guereira (...agradeço a Deus pos eu tenho asenhora e a distância não separa e nem diminue o meu amor pela senhora te amo nunca esqueça ta um forte beijo e abraço de uma pesso que te ama mas que tudo nessa vida. Saudades de sua filha que te ama. Mim escreve ⁴⁴¹.

Ana Maria era como um pai de família, prostituía-se para sustentar a mãe e o irmão mais novo, passava poucos dias em casa, passava a maior parte do tempo fora de casa. Desde menina se envolveu com a prostituição para sustentar a família, depois com drogas. Essa carta foi escrita quinze dias antes da sua morte. No texto destaca a força da mãe, porque esta foi a sua única referência familiar. Esse modelo de família é bastante comum entre as mulheres presas, mulheres solitárias criando filhos e filhas que por motivos diversos envolvem-se com crimes. A mãe de Ana Maria também trabalhava em casas alheias, desde jovem trabalhava. Ana Maria é filha de um relacionamento que não deu certo, da mesma forma, seu irmão. Abandonada por dois homens, essa senhora dedicou-se aos filhos. O pedido de perdão de Ana Maria está relacionado ao fato de saber que a mãe não aprovava sua vida na prostituição e nas drogas, mesmo tendo ela orgulho de ser prostituta, mas o lugar da traficante não quis, não pôde, não conseguiu assumir.

⁴⁴¹ Carta entregue no dia 06 jun 2011.

Nas escritas dedicadas às mães as presas pedem perdão pelos erros, possivelmente estão tratando dos crimes cometidos, mas negados nos inquéritos por muitas delas, nas entrevistas, no cotidiano na prisão. Nas cartas para as mães se narram de outras maneiras e com outros estilos de linguagem, dobram a agressividade, duplicam a identidade e negam a agressividade e violência que praticaram e com a qual se armavam no cotidiano e na prisão. Pedem perdão mesmo quando a mãe não mais está viva. Luciana Fausto (57 anos) escreve para sua mãe falecida:

Olá querida primeiro que tudo peço que me abencao para que eu seja mais feliz [...]mãe gostaria que acinhora pudesse me perdão por ler lhe dado esse desgosto porisso lhe pesso perdao de fundo do meu coraçao arrependidoeu lhe amo e sei que a senhora também me ama [...] ⁴⁴².

O pedido de perdão se repete em quase todas as cartas. Shirley Soares (29 anos), que em toda entrevista acusa a mãe de tê-la influenciado para o crime, também fala de perdão. Da mesma forma que Ana Maria, Shirley fora abandonada pelo pai ainda no ventre da mãe. Para ela, o pai – um caminhoneiro – a abandonou por motivos de traição da mãe, e pelo fato de ela ter-se envolvido com drogas. Shirley morou coma avó durante anos, voltou a morar com a mãe, quando envolveu-se com período em que se envolveu com as amigas da mãe e com as drogas. Pede perdão não pelo crime, mas por ter nascido: perdão por eu ter nascido, ter estragado sua felicidade [...], afinal eu nasci no dia tão especial, tão importante para uma mulher, o seu dia, o dia do seu casamento ⁴⁴³. Escreve-se atribuindo a si o lugar do caos, da destruição de uma união, de um lar, agora culpa-se em lugar de culpar a mãe.

Tatiana Figueiredo (22 anos) quando escreve para a mãe, escreve voltando-se ao tempo, retirando do passado, abraços, escrevendo sobre o lugar atribuído à mãe: aconchego, ternura: “[...] mãe choro toda noite pensando na senhora quando a senhora chegava e mim dava um abraço e um beijo e mais a vida nos separou mãe estou sofrendo muito nesse lugar longe de casa dos meus filhos da minha vida [...]” ⁴⁴⁴.

Simone Bezerra (43 anos) também apresentada, presa por diversos assaltos e agressões na prisão, tece um pedido de perdão que lembra o seu caráter de violência e que possivelmente deve ter atravessado a sua relação com sua mãe: “[...] mim perdoe por cada lagrima que fiz cair dos seus olhos pelas palavras duras que saíram de minha boca” [...] ⁴⁴⁵.

⁴⁴² Carta entregue no dia 11 jun 2011.

⁴⁴³ Carta entregue no dia 10 jul 2011.

⁴⁴⁴ Carta entregue no dia 10 jul 2011.

⁴⁴⁵ Carta entregue no dia 11 jul 2011.

Há pedidos de perdão que narram, sobretudo, os aprendizados: “[...] hoje sei o quanto vale um conselho de uma mãe, mais nunca é tarde para recomeçar uma nova vida, foi só caindo neste abismo para aprender a dar mais valor a tudo que tenho [...]”⁴⁴⁶, escreve Mirelli Henrique (28 anos), presa reincidente por tráfico de drogas e que acusa as amigas de a terem conduzido ao crime. Confissões de arrependimento como o faz Rose Batista (32 anos) em uma carta pintada com flores e folhas: “[...] mãe se eu tivesse de escutado oje eu não estaria nessa vida tão triste que mim encontro hoje”⁴⁴⁷. Acusa o marido de tê-la conduzido para o crime e prisão, reincidente, foi presa pela segunda vez levando drogas para o companheiro na prisão.

As mães são as principais referências nessas escritas para essas mulheres pelo fato de muitas presas serem filhas de mães solteiras, outras, embora questionando a mãe na prisão, nas entrevistas, questionando o próprio lugar do casamento, nas cartas referenciam os valores que atribui à mãe e ao casamento como o faz Shirley quando pede perdão à mãe por ter estragado a felicidade da mãe.

Para Castelo Branco⁴⁴⁸ as escrituras femininas são sempre escritas que materializam o processo de interiorização: É uma escrita do dentro: o interior do corpo, o interior da casa. Escrita de retorno a esse dentro, nostalgia da mãe e do mar (1994, p. 98). Nas cartas, alguns signos das relações cotidianas entre mãe e filhas, Marta Luzia (26 anos), presa por tráfico de drogas, escreve: “[...] quando for mandar minhas coisas pode mandar de tudo só o que não entra é chocolate preto mande mais coisas pra mim o que a senhora ta mandando infelizmente ta sendo Pouco”⁴⁴⁹. Essa fala é significativa para pensar a reprodução do lugar da mãe enquanto aquela que cuida, que zela e se doa quando doa, a presa pede à mãe sua alimentação, porque certamente em casa é esse o lugar da mãe, o lugar construído para a mãe, o de doação e entrega. Leonarda Lacerda (39 anos) não pede comida, pede presença, cobra afeto: “[...] mainha o motivo maior dessa carta é a minha visita que já tem dois domingos que nem a senhora nem [...] vieram trazer meus filhos para ficar comigo um pouco, eu espero que vocês tenham consciencia e não me abandonem aqui [...]”⁴⁵⁰. Leonarda, presa ter assassinado o esposo, reincidente por duas vezes, marcada no processo como uma mulher violenta, na carta implora a companhia da mãe e dos filhos, inscreve o aprendizado de que a mãe é essa mulher dócil, que cuida, mas ela se construiu exatamente dobrando esse papel social da mãe, os filhos

⁴⁴⁶ Carta entregue no dia 11 jul 2011.

⁴⁴⁷ Carta entregue no dia 11 jul 2011.

⁴⁴⁸ CASTELLO BRANCO, L. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

⁴⁴⁹ Carta entregue no dia 11 dez 2011.

⁴⁵⁰ Carta entregue no dia 11 dez 2011.

viviam com os pais dos companheiros, não optou pela maternidade tradicional, entregou os filhos à família, como uma negação desse papel que atribui uma série de obrigações ao lugar da mãe, ela não cumpriu seu papel, mas cobra da mãe.

As mães aparecem como o signo do amor, da docilidade, da força, nelas constroem o retorno para o modelo de mulher docilizada, resignada, modelos abandonados, mas agora, do abismo de si, dobram-se para reterritorializarem-se novamente, retomam para si a vida que deixaram, reterritorializam o familiar, o materno. Nesse sentido as narrativas de si performatizam papéis de gênero, papéis tradicionais das mulheres porque as presas estão escrevendo e simulando os códigos que são desejáveis na prisão, linguagens que restituam o seu lugar também na sociedade, palavrões ditos no cotidiano são silenciados, sentimentos de agressividade e revolta esquecidos, nesse sentido, somente pensando a escrita como performance penso essas narrativas como sendo femininas.

Inscrevem introjetando a filha saudosista, inscrevem-se, no mesmo sentido, introjetando a mãe, a mãe que tece pedido de desculpas e perdão, que mais uma vez assume erros, elas também escreveram sobre seus lugares de mãe. Para muitas, os filhos, as carências dos filhos, conduziram ao roubo, para outras são o motivo pelo qual deseja sair da prisão, mas também foram eles, os filhos, os quais por muitas foram abandonados, entregues ao conselho tutelar, como é o caso dos filhos de Mariinha (35 anos), presa por furto e roubo, moradora de rua. Essas mulheres quando escrevem sobre o tema da maternidade feminizam suas escritas. Se existe a escrita feminina na prisão, esta deve ser pensada assim como uma simulação, uma recriação de si. Suas escritas são reveladoras das ambiguidades que constituem as presas, dos paradoxos das mulheres que romperam com um dado padrão do feminino e que para esse mesmo modelo retornam. Não se trata de enquadrar essas narrativas em conceitos engessados de gênero, mas discuti-las, posto que constituem mais uma arte de fazer, de existir, de cuidar de si, compostas pelas mulheres em situação de prisão.

Karol Julia (26 anos), presa por tráfico de drogas, disse aos filhos que iria viajar, o esposo estava preso em outra cidade também por tráfico. Karol é filha adotada, órfã de pai e mãe, tem nos filhos o exercício do desejo de retornar para casa:

[...] meus amores saibam que mamãe ama muito vocês e vai estar sempre perto de vocês protegendo, dando muito amor e carinho. No momento não estou podendo ficar perto de vocês agora mas logo vou estar bem pertinho, queria que vocês mim perdoasse por todo sofrimento, nunca mas vou ficar longe de vocês, Matheus queria que você estudasse pra poder passar de ano e obedesa as irmãs da escola ta certo,

cuide da sua irmã brinque com ela direitinho, faça as tarefas e ore antes de de dorme, que aprendeu na prisão para aliviar a culpa ⁴⁵¹.

Ela escreve sobre o cuidado de si que passa pelo cuidado dos filhos, a orientação aos estudos, a orientação à fé que aprendeu na prisão quando se converte ao espiritismo kardecista, são falas que significam os aprendizados dessa mãe na prisão, que nas ruas, deixava os filhos em casa só, para roubar com o marido, mas agora distantes, são objetos de uma aprendizado sobre si, sobre a prisão, sobre os filhos.

Os pedidos de perdão, o registro de culpa também são expostos para os filhos, continua Karol: [...] meus queridos filhos [...] conto os dias e as oras para que eu possa sair desse lugar [...] queria que vocês mim perdoasse por todos sofrimentos. Mas quando sai vou recomesa uma nova vida com vocês [...] ⁴⁵².

As mães pedem perdão, pedem que os filhos sigam exatamente o caminho oposto, que é o dos estudos. Tatiana Figueiredo (22 anos), já apresentada, seguiu o caminho oposto da mãe, das irmãs, filha de uma professora, irmãs de professoras, seguiu o crime, rompeu com a tradição intelectual da família, mas nesse retorno ao caminho do lar e da casa nesses escritos pede que os filhos não façam de sua vida um espelho:

[...] discupa por te erado tanto com vocês mais quero que vocês saiba que sem vocês não tou conseguindo vive ta sendo muito dificio [...] quero que voces faça diferente da mãe de vocês quero que voces estude trabalhe não vá faze nada que um dia eu fiz [...] quero que vocês saiba que a mae erro [...] ⁴⁵³.

Essas mulheres revelam em seus textos aprendizados, estão lendo suas vidas de modo a significar a diferença e repetição que circundam suas memórias, romperam com muitos valores sociais, mas nas cartas inscrevem os desejos de repetir os valores da maternidade, do casamento, do amor. Tatiana feriu um homem para roubar, tentou incendiar várias vezes a penitenciária, mas escolhe outros códigos para aprender e ensinar uma trajetória para os filhos. Elas decifram-se e recriam-se e retornam.

Algumas mulheres selecionam o que querem que retornam, sabem que para serem aceitas socialmente e apontadas dentro do sistema como mulheres de bom comportamento, devem imprimir dados sentimentos, negam o que pode ser negado, afirmam-se do ponto de vista do que pode ser aceito, por que

⁴⁵¹ Carta entregue no dia 11 abr 2011.

⁴⁵² Carta entregue no dia 11 dez 2011.

⁴⁵³ Carta entregue no dia 11 dez 2011.

O eterno Retorno deve ser comparado com uma roda; mas o movimento da roda está dotado de um poder centrífugo, que afugenta todo o negativo. Já que o ser se afirma do devir, expulsa de si tudo o que contradiz a afirmação, todas as formas do niilismo e da reação: má consciência, ressentimento(Deleuze. 2000, pp. 47-51)⁴⁵⁴.

Claudiana Barros (36 anos), presa por roubo e furto, na prisão optou por uma relação amorosa com uma companheira de cela, viúva, também escreve para os três filhos:

(..) se soubessem o quanto amo vocês sei que a vida da gentemas vezes toma rumo diferentes mais quero que saibão o quanto amo vocês. Sou umpouco afastada mais nunca deixei de amalos, sei que estão bem cuidado e já são grandes o bastante para entender o que é certo e o que é errado. A mãe se envolveucom pessoas erradas e se encontra presa mais logo vou recuperar todo esse tempo perdido e vou passar a te-los mais do meu lado⁴⁵⁵

O tempo perdido, o tempo que se perde, tempo que ensina, na prisão, a se criar outro lugar para si, para a mãe, para os filhos e que na prisão internaliza o olho do juiz a partir de alguns detalhes do cotidiano com a filha. Ausência, essa é a palavra que demarca a relação dessas filhas, das mães! Cátia Souza em um desenho amarelo e azul do pato Donald, o que fala de um símbolo da sua infância, escreve para o filho, o qual entregou ao pai para criar:

[...] estou escrevendo essa carta para te dizer que te amo muito mesmo que eu tenha sido uma mãe, ausente, quero que saiba que você é muito querido e amado por mim. Sempre quis ter visto suas primeiras palavras, seus primeiros dentinhos, seus primeiros passos, seu primeiros dia de aula, mas mesmo de longe nunca deixei de pedir ao seu anjo da guarda que te protegesse, me perdoa por eu não ter sido a mãe que você merecia ter, me perdoa por não ser uma mãe de quem deva se orgulhar [...]⁴⁵⁶.

Suas escritas negam, nesse momento, a transgressão que criaram suas vidas, reproduzem o discurso da norma, da prisão. Em lugar de descentralizar-se,reterritorializam-se. As escrituras das presas são fugas de um dado debate feminista que discute a escrita da mulher como sendo apenas o falocentrismo. As escritas de si, das mulheres, enfim, são contingentes, históricas e explicam-se a partir das temporalidades e espacialidades que ocupam e que constroem.

O discurso feminista que se apropria da escrita das mulheres muitas vezes não problematiza a categoria do sexo feminino como uma construção histórico-social. Quando a

⁴⁵⁴DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Madri: Arena, 2000.

⁴⁵⁵ Carta entregue no dia 12 maio 2011.

⁴⁵⁶ Carta entregue no dia 12 maio 2011.

escrita feminina é discutida, ora se inscreve a ideia de um texto/corpo relutando contra o dito patriarcalismo, ora se pensa a escrita como uma busca pelo feminino. O lugar do feminino é engessado dessa forma e pensado a partir de uma única possibilidade. Como propõe Certeau: Não é que apenas as mulheres possam escrever a história das mulheres, mas que a história das mulheres traga à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas⁴⁵⁷. As mulheres nos textos que escrevem mostram os giros que precisam e precisaram fazer para sobreviverem à prisão, as resistências ao sistema muitas vezes findam em práticas trágicas, fatais. As apenas percebem nesse momento, estrategicamente, que a necessidade de se inscreverem docilizadas, disciplinadas podem redundar na concessão de certas benesses (como o direito a visitas e lanches) as quais podem ser entregues (como cosméticos) ou se materializarem através da diminuição da vigilância por alguns segundos sobre seus corpos. Estão com essas cartas negociando também com o poder, infantilizam as cartas com desenho de flores, árvores, casas, pássaros, ao mesmo tempo em que reproduzem os códigos, as cores (rosa) de um conceito de feminino que circula socialmente.

A história das mulheres que escrevem, discutida por alguns feminismos, geralmente reproduz o mito da vagina escritora, ressentida com o falo ou porque foi abandonada ou porque inveja aquele. Pensar as narrativas das mulheres requer, sobretudo, análise das condições histórico-sociais onde aquelas estão inseridas, ver as rupturas e discontinuidades de suas escritas, entender as relações de poder que se inscrevem nos textos e que modelos de feminino estão sendo quebrados, (re)criados, é querer estudar o feminino sem a premissa de que ele existe em si, pronto pra ser estudado, porque “Os discursos sobre o corpo e a sexualidade e a divisão hierarquizada dos seres humanos em mulheres e homens, são, de fato, efeito e instrumento do poder instituinte”⁴⁵⁸.

O discurso feminista deve, pois, basear-se “no corpo da escrita e não na escrita do corpo”⁴⁵⁹. Problematizar a verdade que os discursos produzem sobre o feminino, dispersá-los. Como diz Foucault: “[...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos

⁴⁵⁷ CERTEAU, Michel apud SCOTT, Joan. In: BURKE, Peter. A escrita da história – novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade paulista, 1992, p. 36.

⁴⁵⁸ SWAIN, Tânia. **Quem tem medo de Foucault?** In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, Rio de Janeiro; NAU editora, 2000.

⁴⁵⁹ Showalter, SHOWALTER, E. **A Crítica feminista no Território Selvagem** pp. 23 – 57 In: ___ HOLLANDA, H.B. Tendências e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro Rocco, 1994.

verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”⁴⁶⁰. E, para Swain apud Lauretis (2000), “não devemos pensar que o sujeito do feminismo é a mulher ou as mulheres, mas o construto teórico que produz os sexos, os gêneros, a sexualidade”⁴⁶¹.

Pensando com Judith Butler⁴⁶² e sob inspiração de Foucault⁴⁶³, acredita-se, nesta tese, ser necessário dismantlar o sujeito que fala, dispersá-lo, em lugar de pensar se a sua escrita é feminina ou masculina. Judith faz um convite à descentralização do sexo nas análises aqui empreendidas, isto porque o sexo é mais um discurso histórico, assim como o é o gênero. Judith Butler⁴⁶⁴ diz ser um equívoco separar sexo de gênero, porque para ela não existe uma sexualidade anterior ao gênero, os sexos, a ideia que temos do nosso sexo, assim como o gênero é um discurso, um conceito, que precisa ser dispersado. O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele é o meio discursivo e cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura. [...] Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural-gênero⁴⁶⁵. A crítica de Butler constrói-se no sentido de pensar o corpo, o sexo, o gênero não como categorias existentes em si, mas produto de relações jurídicas, políticas, culturais, que instituem uma verdade para os sexos, uma verdade de heterossexualização dos desejos, que se divide entre os desejos do macho e da fêmea, apenas. A novidade e polêmica do pensamento de Butler é o fato de ela mostrar que o gênero em lugar de questionar a divisão binária dos sexos, legitima-as e as institui. Foucault nos mostra também como na nossa sociedade moderna se parte do sexo para se definir as funções sociais dos indivíduos, ao mesmo tempo em que se escondem as estratégias de produção do masculino e feminino a partir dessa naturalização do sexo, a qual produz o regime da sexualidade na sociedade moderna. Pensando com esse autor, não existe uma mulher, um sexo que o gênero possa definir, porque o gênero não existe em si, é um estilo, um teatro do corpo: “Um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente

⁴⁶⁰ Ver SWAIN, Tânia. Quem tem medo de Foucault? In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, riode Jan; NAU editora, 2000.

⁴⁶¹ LAURETIS, E In: SWAIN, Tânia. Quem tem medo de Foucault? In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, riode Jan; NAU editora, 2000., p. 155.

⁴⁶² BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira (sujeito e história), 1999..

⁴⁶³ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro 1982, p. 27

⁴⁶⁴ Idem, ibidem, p. 68.

⁴⁶⁵ idem, ibidem, p. 55.

rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma naturalização do ser⁴⁶⁶.

Pensar o gênero como uma prática performática, é tentar ver o deslocamento, a subversão das identidades e subjetividades, apreciar o que não se funde e se confunde num só corpo, num gesto. Criar problemas de gênero é querer pensar as discrepâncias entre o corpo, o sexo e os discursos que o fundam. Diferentemente do feminismo essencialista, Butler não quer fazer uma história das origens do patriarcado, porque para ela, “o sexo fabricado, o gênero construído, o corpo marcado e estabelecido é tudo o que existe”⁴⁶⁷.

Parafraseando Foucault e Butler, não existe a mulher ou as mulheres que o feminismo apregoa. O sexo não é a origem, mas efeito de uma tecnologia da sexualidade que cria realidades, instituindo a diferença sexual, a diferença dos corpos. O feminismo precisa partir desses discursos que naturaliza, porque “somos obrigados em nossos corpos e em nossas mentes a corresponder traço por traço a ideia de natureza que foi estabelecida para nós, [...] homens e mulheres são categorias políticas e não naturais⁴⁶⁸”. Se o gênero é uma performance, aparência, fantasia, ato que em repetição cria realidade, a tarefa do feminismo hoje é situar as estratégias de repetição que constroem as identidades, ao mesmo tempo, tornar visível a subversão dessa repetição, momento em que o gênero é contestado enquanto definidor de um sexo, de um corpo.

As mulheres que escrevem na prisão, reproduzem o papel tradicional da mãe, da filha, da mulher, contrariando os lugares que escolheram para definir seus lugares de mulher no crime, na vida, nas ruas. A escrita é a performance exatamente de quem rompeu os limites do gênero, do corpo e foi para as ruas matar, roubar, assaltar, morar nelas e enfrentar a definição de que apenas os homens violentam, porque a escrita criada na prisão, necessita criar também deslocamentos, descontinuar o corpo da narração, mas enquanto performance, quando violentam, matam, estão reforçando a cultura masculinizante que faz da violência uma prática social de afirmação.

6.3 EM NOME DE QUÊ, PAI?

⁴⁶⁶ Ver BUTLER, J. Op. Cit. P. 28.

⁴⁶⁷ Idem, ibidem, p. 45.

⁴⁶⁸ Idem, ibidem, p. 45.

A maior parte das mulheres desta pesquisa são filhas de mães solteiras ou de pais falecidos, as mães, são a referência principal nas vidas dessas mulheres, muitas vezes referências para as escolhas das presas no crime, visto que algumas mães são envolvidas com o tráfico e o vício das drogas. Uma dessas mães é líder do tráfico em São Paulo, dona Selma Souza não quis dar entrevista, nem escreveu, sua filha, Cátia Souza (33 anos), já apresentada, espelhando-se na trajetória da mãe torna-se também líder do tráfico em São Paulo. O pai é a grande ausência em muitas vidas prisioneiras, por isso a escassez de escritos sobre os pais. O abandono de algumas mães, o alcoolismo ou ainda a morte de outras são também acontecimentos que em grande medida são mencionados pelas presas como marcos para seus envolvimento com o crime. Sem pais, abandonadas, algumas delas ainda no ventre materno, como foi o caso de Shirley, essas mulheres que já são marcadas pela subjetividade negada das mães, jogam-se nas ruas, no crime. O tráfico, o roubo, o homicídio são o seu elo umbilical com o mundo, com seus malditos pais, por isso a escassez de escritos sobre os pais, por isso tantas lágrimas quando, em algumas das aulas, discutia-se o tema mãe e pai. Por isso, tanta justificativa das presas quando pensei no tema pai, explicando-me que iriam desistir das aulas, dos encontros, das entrevistas, algumas aborrecidas diziam e saíam replicando: “não tenho pai, não sei pra quê falar nisso, se soubesse não tinha vindo”⁴⁶⁹. Algumas cartas que enfrentaram essa ausência, escreveram, mas do lugar da ausência, do vazio e do desconhecimento, uma única escreveu do ponto de vista da violência sexual sofrida pelo pai aos 5 anos de idade. Jane cruz, 28 anos, presa por tráfico de drogas, escolhe a violência sexual para explicar as ruínas de sua vida:

[...] quando eu tinha meus 5 anos o meu pai de criação me violentou e ainda me ameaçava dizendo que se eu contasse para minha mãe ele mataria nós todos. A minha mãe brigava com ele direto até que chegou um dia que mãe se separou dele e nunca ficou sabendo de nada que ele fez comigo e com a minha irmã, aí eu e minha mãe veio para Campina Grande, mas a gente sofreu o pão que o diabo amassou, a gente ficou dormindo na rua, na chuva e eu mais meus irmãos ia pedir esmola, a gente passou fome e frio, a minha mãe não tinha para onde ir, aí teve um dia que ela arrumou um homem, aí este homem colocou ela num quartinho, aí já melhorou mais, eu e meus irmãos ainda ficamos pedindo esmola, eu tinha vergonha, mas para não passar fome tinha que pedir⁴⁷⁰,

⁴⁶⁹ Fala de Andréia Dantas no dia 04 abr 2011, presa por tráfico de drogas, desistiu de todas atividades quando se passou a discutir o tema da paternidade nas sociedades atuais.

⁴⁷⁰ Carta entregue no dia 06 dez 2012

Com base nessa história de violência, de dor, de sofrimento ela se explica, a desordem do pai, desordena sua vida, os desencontros com amores, na sua narrativa, explicam-se por esse ato inicial de violência que sofreu, a mesma violência que vitimizou sua irmã, a diferença é que a irmã não escolheu o crime para sobreviver. Depois do episódio da violência materna, sua história é um conto real de outras violências sofridas, outros pais simbólicos irão violentar suas subjetividades, as duas patroas, os três homens com que se relaciona afetivamente. Cada filho, um pai e cada pai uma história de ruína, homens agressivos, alcoolizados, drogados, o último, que deixou de ser cunhado para ser seu amante foi o que a conduziu às drogas e ao crime do tráfico:

[...] aí eu conheci uma mulher, dona Severina, ela mora na Bahia, aí ela perguntou se eu queria morar com ela, eu tinha apenas 7 anos, eu disse que sim, mas mãe não queria deixar eu ir, aí eu disse se ela não deixasse eu ia embora, aí ela deixou eu ir, aí eu fui embora, pensando que eu não ia sofrer, mas estava enganada, eu comecei a trabalhar, ela disse que eu ia mandar para minha mãe para ajudar minha mãe, mas esta mulher nunca deu nada, eu ainda morei com ela 4 anos, sofri o pão que o diabo amassou [...]fui morar com rapaz que é Ricardo, eu tinha 13 anos, ele fez eu sofrer bastante, tive o meu primeiro filho com 16 anos, aí eu deixei ele e fui viver a minha vida, fui trabalhar na casa da sogra de Geralda, aí eu comecei a gostar de um rapaz que é Rogério, acabei morando com ele, ele sim é um homem bom, foi quem criou a minha filha mais velha, aí tive mais uma filha de Rogério, mas ele tinha um problema, que bebia também, mas nunca judiou de mim, eu fui uma mulher feliz com ele, sofri, mas era só a bebida, ainda morei com ele 6 anos, deixei ele, aí sim, foi aí que meu sofrimento começou, eu larguei Rogério e fui morar com o irmão dele, que se chama Joselito, no começo era bom, mas depois de três meses ele começou a fumar drogas, eu querendo que ele parasse de fumar, ele começou a bater em mim, aí teve um dia que chegou um rapaz lá em casa pedindo para ele vender mais, eu disse que não aí ele não pegou nada, o rapaz desconhecido foi embora aí eu engravidei de um menino de Joselito, aí ele pediu para mim vender, foi aí que eu brinquei com ele, uma briga feia, eu não queria que ele vendesse, isto porque eu tinha muito medo de ir presa e eu não sabia direito o que era mais, teve um dia que ele me bateu bastante para mim vender para ele aí eu vendi, mas depois ele mandou eu parar, no começo ele dizia que eu não ia presa porque eu tav grávida, aí quando eu parei ele começou a trabalhar, ele ficou dando as coisas direito, mas como daí pra frente ele começou a se drogar escondido de mim aí os amigos dele mim falou que ele estava se drogando, eu fui atrás dele aí era verdade, aí eu e ele brigou bastante, ele começou a me bater bastante com facão, depois ele veio me pedir desculpa, aí eu perdoei ele, aí foi passando o tempo, eu disse a ele que não dava mais para nós viver juntos, mas ele começou insistir bastante, aí me ameaçou, aí eu fiquei com medo dele e continuei com ele, aí ele começou de novo a se drogar de novo, aí eu briguei de novo com ele, aí ele bateu em mim de novo com uma macaca de burro e depois deu de novo em mim com facão, com ripa e depois ele gastou o dinheiro com drogas, não tinha comida para mim dar aos meus filhos, depois teve um dia que a minha filha mais velha me pediu um pão para comer, eu não tinha aí ele pediu a minha vizinha, a vizinha negou um pão, ela subiu para outra casa e pediu biscoito eu já não tava mais aguentando tanto sofrimento comigo e meus filhos, eu e meu marido foi catar reciclagem, aí eu fui pedir esmolas com ele, só que as pessoas davam negado pra mim, aí foi aí que eu comecei a entrar nesta vida errada.⁴⁷¹

⁴⁷¹ Carta entregue no dia 06 dez 2012.

O último companheiro, um drogado, traficante que a ensinou a vender drogas. Jane Cruz, só cita a mãe uma vez quando esta saiu de casa brigada com o pai, mas o caos da referência masculina atravessa todo seu discurso, homens fracassados, violentos, drogados, caóticos, por isso o caos de suas vidas pelo fracasso com as relações masculinas, ela pune o masculino quando os acusa, mas ao mesmo tempo afirma que seu fracasso se explica pelo fracasso com as referências das masculinidades. O pai é na fala dessa presa a grande narrativa do caos, da desordem e da violência:

[...] comecei a vender drogas para mim dar de comer a meus filhos, tinha hora que eu já não suportava, mas esta vida de louco eu pedi perdão a deus, eu não dormia direito, me acordava assustada com medo de ir presa [...]aí eu comecei a vender de novo drogas [...]a minha vida acabou depois que eu entrei nesta vida de louco, aí teve um dia que eu fui para o centro, fui receber o meu dinheiro da bolsa família e deixei drogas no meu guarda roupa, mas quando eu cheguei em casa, que se passou 5 minutos, a polícia chegou no dia 21 de janeiro de 2011, foi um desespero pra mim e a minha família que não sabia de nada, eu hoje estou presa longe dos meus filhos e da minha mãe, o meu marido não tinha nada a ver com isto, ele que se assumiu por mim, mas ele é apenas um viciado, eu sofro, mas ele deve sofrer mais do que eu, ta pagando por uma coisa que não fez, no começo eu vendi e aprendi e aprendi com ele sim, mas depois eu comecei a vender isto só, escondida dele, hoje sofro bastante neste lugar, a dor sem a família, é duro, eu não escutei ninguém da minha família, hoje fico pensando quando eu sair desse lugar como vai ser lá fora [...]⁴⁷²

Para Jane Cruz, o pai especificamente que a violenta inicialmente, a mãe que mesmo salvando-a leva juntamente com a irmã para o mundo, para as ruas são signos de explicação do seu fracasso. Para Albertina Dias, 27anos, os pais também explicam seu envolvimento com o crime:

[...] fui uma adolescente que não tive sorte com os meus pais, já sofri muito, tive que sair de casa aos 14 anos, nunca tive carinho, nem apoio, nem uma força que fizesse eu mudar a minha ideia de ser o que eu não gostaria de ser o que eu sou. Por falta de apoio sofri muito lá fora até chegar e estar na prisão. Resolvia arranjar uma pessoa para me ajudar, mas foi pior por que ele está na prisão e eu também, sei que foi por causa do destino, eu não sei mais, estou pagando o que devo[...] Essa história é baseada em fatos reais, escrita por Jéssica Estevão da Silva⁴⁷³.

Albertina não escreve sobre uma violência física, mas simbólica, afetiva quando afirma que nunca teve carinho, nem apoio, nem força, saindo de casa por esse motivo. A presa tira um enunciado da configuração final de um filme, afirma sua autoria, coloca-se no lugar da autora, ao mesmo tempo em que inscreve o texto como possibilidade de ficção, o que é bastante significativo para compreender essa escrita do interior da prisão, compreender a fala de uma jovem que claramente culpabiliza os pais, criados socialmente como símbolos de

⁴⁷² Carta entregue no dia 06 dez 2012.

⁴⁷³ Carta entregue no dia 06 dez 2012.

apoio, de força, de carinho, mas que em sua textualidade, assumem o lugar do avesso da paternidade e maternidade criadas socialmente, são o avesso, motivo de sua escolha pelas ruas, pelos crimes.

Shirley Soares (31 anos) escreve sobre esse vazio que o pai instaurou em sua vida. Ela viu o pai duas vezes em vinte e nove anos:

Há muito tempo queria poder escrever para ti, mas nunca tive oportunidade ou tive e não tinha coragem, Talvez por não te conhecer como deveria. Queria muito ser tua amiga ou ser reconhecida como sua filhinha tão desejada e amada [...] sei que meu nascimento foi um desgosto para ti, que você era muito novo e tinha outros planos para seu longo futuro. Mas entenda não foi minha culpa. Eu não pedi pra nascer ⁴⁷⁴

Shirley repete duas vezes sobre a ruptura que seu nascimento criou entre sua mãe e seu pai em poucas linhas, assume o lugar da destruição na família, para a mãe, para o pai. Ela se culpa pelo abandono que o pai lhe causou, acontecimento que também influenciou a sua ida para o crime, o que significa um dado aprendido socialmente que a ordem, a vida se explica pela figura do pai e da mãe, sem os pais as presas inscrevem-se incompletas, há em todas elas essa necessidade de uma referência masculina, talvez por isso muitas tenham desejado assumir nas ruas, no crime esse lugar do masculino ou de alguma forma buscam nas ruas a referência masculina que não tiveram em casa.

Cátia Souza (33 anos) foi criada pelo padrasto, atribui o significado do pai ora à mãe ora ao padrasto. A presa reproduz alguns aprendizados, o pai enquanto figura pública, nas escolas, na vida social da criança, a relação do pai com a doação de presente, porque se à mãe é atribuído o lugar do lar, do cuidado interior da família, ao pai, a vida pública, a proteção e dedicação na vida pública:

Pai, essa é uma palavra que não faz muito sentido pra mim, nunca tive a presença dele, sempre tive uma mãe super-pai. É muito difícil pra mim falar sobre isso, a fase mais difícil pra mim foi na infância, nas reuniões de escola, os trabalhos do dia dos pais sem ter um pai pra entregar, as piadinhas dos coleguinhas da escola que falavam sem pensar mas, que até hoje me lembro, hoje em dia esse assunto já não me incomoda tanto, tive um padrasto que também não deixou a desejar [...] ajudou minha mãe a criar eu e meu irmão, desde que eu tinha 7 anos, sempre me deu de tudo, pagou minhas escolas, estava ao lado de minha mãe em minhas formaturas, que mesmo com seus defeitos e quem não os tem preencheu um pouco do vazio que existia [...] ⁴⁷⁵

Burlaram o papel de gênero, de feminino, mas cobram do pai valores que elas também questionaram, exigem da maternidade doação, proteção, entrega material e sentimental, o

⁴⁷⁴ Carta entregue no dia 14 jul 2011.

⁴⁷⁵ Carta entregue no dia 12 ago 2011.

padrasto, signo masculino cumpre então essa função, ressaltando que foi exatamente o padrasto de Cátia que as conduziram ao dinheiro e riqueza oriundos do tráfico. Albuquerque Júnior (2007) em *Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades- o diálogo entre três homens (Graciliano, Foucault e Deleuze)*⁴⁷⁶ discute a ideia central de que as narrativas literárias e autobiográficas no ocidente significa o pai como o centro, a origem da trajetória de quem se autobiografa, nome a partir do qual se constrói a identidade de quem escreve, como se a vida se centrasse em volta do nome do pai, da fala e falo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 220). O pai, sugere o autor, se torna este ponto inaugural, este zero da história. Em lugar do nome da história, o nome do pai: aquele que é a lei, a primeira experiência de justiça, aquele que ao dizer não corta qualquer fluxo, barra qualquer fuga, dá estabilidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 221). O recorte temporal, espacial se diferencia da temporalidade desta pesquisa, o autor em seu texto discute a construção do conceito nas narrativas autobiográficas de escritores do Nordeste, especificamente Graciliano Ramos, nas quais ele problematiza essa inscrita em uma sociedade que se singulariza não apenas pelos conflitos entre pais e filhos, mas pelo desprestígio da figura do pai, como discute o autor. Embora falando de uma sociedade tão distante da nossa, situando-se no final do século XIX e início dos anos 30 do século XX, o texto serve de inspiração para pensar nos escritos das presas suas relações de conflitos com o pai, os enunciados sobre “os nomes do pai” e as ausências destes em suas vidas.

Muitas dessas filhas sem pai não tiveram essa experiência primeira com a lei paterna, com a ordem paterna, mas as ausências do pai ainda assim ensinaram que eles eram o signo da ordem e autoridade, por isso, as narrativas de muitas partem dessa ausência de ordem para se explicarem no crime porque nessa sociedade, ainda centrada na figura do pai, do falo, o caos funda-se onde a figura paterna no lar se ausenta e as presas são as filhas, em sua maioria de lares, sem lei, sem pai, sem falo. As presas conseguiram multiplicar suas subjetividades de diferentes maneiras, metamorfosear-se, mesmo que retornando, repetindo-se, mas não conseguiram desvencilhar-se desse aprendizado em nome do pai!

Lizandra Souto (30 anos), ex-prostituta e presa por assalto, juntamente com a mãe criaram-se, foram donas de si, das ruas, ela especificamente, dos homens das ruas, mas não supera a ausência do pai estabelecida no lar:

⁴⁷⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades – o diálogo entre três homens (Graciliano, Foucault e Deleuze In_ História a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007. (Coleção História)*

A saudade de ter um pai é muito grande, pois fui abandonada ainda muito criança por meu pai, não posso falar muito o que é ter amor de um pai, mas tenho um amor incomparável e insubstituível que é o amor de mãe, que ela se tornou mãe e pai para mim ⁴⁷⁷.

É preciso, tornar a mãe um sujeito andrógino, adorná-la de um falo, enfeitá-la de masculinidade senão o valor da mãe se esvazia, é preciso dizer que a mãe é também um pai para superar a ausência, o descentramento, é preciso reproduzir o aprendizado que fortalece a masculinidade, mesmo que essas mulheres tenham ido até o limite do corpo, da vida para se afirmarem questionando valores masculinos que as prendiam e as instituía passivas, mas contraditoriamente reproduzem o discurso da masculinidade, reforçam quando assumem lugares masculinos como a força, a violência, a independência e a liberdade para fugirem da vida privada e materna, muitas assumem, inclusive subjetivamente, o lugar masculino, quando se constroem lesbianas. Esse é um aprendizado social, o qual legitima o privilégio do masculino nas famílias e que, simultaneamente, ensina que onde não há pai, há desordem, por isso, tantas mães se vestem de paternidades para criar seus filhos; por isso tantos filhos se debandam no mundo porque sem pai, acreditam não haver lei, justiça. Essas mulheres foram até o limite da vida para se afirmarem e retornam cobrando os valores de masculinidade, de família e de casamento que questionaram. E quando a fatalidade da morte carrega os signos da paternidade, há uma morte de si nessas mulheres:

Saiba que eu nunca te esqueci cada dia que si passa eu te amo mais pai antes toda noite eu perdia a Deus para mim sonha com o senho mais nunca sonei com semho estou muito nevoza não com sigo enn pega na caneta esta um pouco dificio pra mim [...] ⁴⁷⁸.

Acima a fala de Tatiana Figueiredo (22 anos), segundo a qual praticou o crime para revoltar-se contra a morte do pai, o qual foi vítima fatal de um assalto. Para essa presa, a morte do pai significou a morte de parte sua, a presença da mãe e irmãs pareceu-lhe insuficiente. O vazio da paternidade explica, em grande medida, essa vida que, da mesma forma, ao sentir o esvaziamento da sua família pela ausência do pai, ela se ausentou dos filhos, do lar, da vida, e produziu outro esvaziamento, fato este que reforçou o papel da masculinidade ao usar uma arma e a força para a prática criminosa. A ausência simboliza, em algumas dessas vidas ruínas, esse enunciado em seus textos, o que reflete um aprendizado social onde as mudanças nas famílias ainda não superaram o papel do pai, do masculino.

⁴⁷⁷ Carta entregue no dia 10 jun 2011.

⁴⁷⁸ Carta entregue no dia 12 dez 2011.

As cartas para os irmãos fecham o círculo de centralização das presas no âmbito familiar, de retorno ao lar. Muitas dividem os papéis, a autoridade do lugar dos pais com os irmãos. Alguns deles estão na Penitenciária masculina, como é o caso do irmão de Cátia Souza (33 anos), preso por tráfico de drogas. Ela escreve:

[...] eu queria receber uma carta sua me contando como você tá, falaram que você tava pra sair, Deus ajude que de tudo certo pra você, me preocupo muito com você e só quero seu bem [...] sonhe alto queira o melhor do melhor [...] ⁴⁷⁹.

Aos irmãos, muitas vezes são dedicados apenas agradecimentos, como o faz Karol Julia (26 anos): “queridos irmãos quero agradecer por tudo que vocês estão fazendo por mim, sempre que precisei vocês mim ajudaram, sei que ficou muito difícil depois que nossos pais faleceram mas superamos a dor, a perda [...]” ⁴⁸⁰. Os irmãos substituíram, para Karol, os lugares dos pais, já falecidos, as presidiárias sempre buscam a substituição do pai ou mãe por irmãos, outro aprendizado social que centraliza e hierarquiza papéis sociais na família, na sociedade.

Os irmãos são os signos da cumplicidade, nas visitas, foram encontrados mais irmãos do que pais e mães no presídio. As excessivas cartas dedicadas aos irmãos e irmãs falam desse vínculo afetivo, dessa presença fraterna, lembrada pelas apenadas. A mãe não mais visitava Leonarda (39 anos); os irmãos, então, aparecem como o alívio dessa ausência-presença: “[...] você é uma joia muito preciosa para mim, que mim dar toda atenção e carinho que um, irmão pode dar você mim enche de mimos e de muita confiança [...]” ⁴⁸¹. Dona escreve agradecendo: “[...] meu irmão que amo tanto e com imensa satisfação e respeito amor carinho que lhe agradeço por você ser este irmão esplêndido na minha vida [...]” ⁴⁸².

Renalie Duarte (33 anos) prefere pedir desculpas à irmã, por causa do sofrimento causado à mãe: “[...] me desculpa por tudo e por fazer nossa mãe sofrer com minhas burice, e com meus erros mais promete que nunca mais vou errar como errei [...] fica com Deus minha caçulinha [...]” ⁴⁸³.

Todas as cartas registraram afeto e também pedido de perdão para os irmãos, somente duas cartas falaram de ausência, das duas senhoras estelionatárias. Marilda China (45 anos) fora abandonada pela família inclusive pela irmã:

⁴⁷⁹ Carta entregue no dia 12 nov 2011.

⁴⁸⁰ Carta entregue no dia 22 dez 2011.

⁴⁸¹ Carta entregue no dia 04 ago 2011.

⁴⁸² Carta entregue no dia 04 ago 2011.

⁴⁸³ Carta entregue no dia 04 jul 2011.

[...] minha querida irmã estou te escrevendo dizendo que você me abandonou não veio mais aqui fazer uma visita a me [...]; cartas que só existiram para lembrar a solidão de não ter irmãos: [...] gostaria muito de ter uma irmã, para compartilhar meus sentimentos e amor [...] mim sinto um pouco muito só [...] ⁴⁸⁴ .

As escritas dedicadas aos irmãos, nas quais se compartilham amor, gratidão são reflexos em grande medida dessa ausência pai/mãe como se a presença dos irmãos pudesse compensar o vazio dos irmãos.. Luciana Fausto (57 anos) abandonada pelos irmãos, encontra nos sobrinhos o lugar do afeto, da reconciliação familiar:

[...] eu amo vocês do fundo do meu coração e peço meu perdão por estar aqui no lugar tão difícil e triste, tudo Mem aconteceu através de amizades com gente errada, e onde tudo de mal acontece em nossas vidas olha meus amores de minha vida, nunca se acompanhe com mal companhias amigos de verdade são aqueles que nos ajuda a estudar e procura nos aconselhar para trabalhar nos profissionalizar se formar para ter uma vida digna feliz e abençoada por deus, olhá lembre-se que tudo que plantamos iremos colher (...0 se plantemos o bem colhemos o bem se plantamos o mal colhemos o mal. E por isso falo para vocês procure o melhor [...] ⁴⁸⁵

Luciana Fausto, órfã de pai e mãe, ajudou a criar as irmãs, morou na casa de uma delas, já foi presa três vezes por estelionato, uma única irmã que a visitava, enfermeira de uma clínica tradicional em Campina grande, há alguns anos não a visitava mais, alegou constrangimento na visita, abandonada por irmãs e sobrinhas, Luciana encontra nas cartas para as sobrinhas, o elo de família perdido após a prisão, tenta recuperar o afeto de uma família que ajudou a edificar. Para as sobrinhas, contraditoriamente, ensina os mesmos valores que ensinou para as irmãs, que recebeu dos pais, mas que rompeu quando por endividamento se juntou a uma quadrilha para roubar dinheiro de idosos no interior da Paraíba. As sobrinhas ligam-na ao elo familiar, reterritorializam-na nesse terreno sombrio e perdido para muitas, antes da prisão, na prisão e durante a prisão.

Através das cartas, foi possível perceber os elos fragilizados de muitas presas com a família antes da prisão, mas ao mesmo tempo, o desejo de se performatizar a costura desses fios partidos, retornar para o familiar, significa mostrar, para o sistema, a reintegração social que ele apregoa, significa dizer, à sociedade, que a prisão funciona e que ela salva. A prisão existe exatamente para mostrar à sociedade que ela pode corrigir “a bandida”, a sujeita praticante do mal e da desordem. O nível de reincidência, porém, entre as mulheres presas, chega a quase 90% na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande, informação que

⁴⁸⁴ Carta entregue no dia 09 ago 2011.

⁴⁸⁵ Carta entregue no dia 07 ago 2011.

leva a concluir, mais uma vez, a performance das subjetividades nos textos, que dizem indiretamente: o sistema me recuperou, mãe, pai, irmãos, amigos e amigas me aceitem de volta!

As presas que escrevem retornam para o berço familiar, mas também para os elos das amizades tradicionais. Em nenhum momento incitam sobre as amizades mistas, os afetos que misturam paixão e desejo. Muitas escolhem as amigas em cartas para compartilhar suas angústias, solidão, alegrias, tristezas, alargam o conceito de amizade ao escreverem sobre as amizades com os irmãos. A amizade aqui, pensando com Ortega⁴⁸⁶ e Foucault é uma maneira de pensar a transformação de si a partir do outro. Trata-se de uma forma de vida, uma estilo que alarga os relacionamentos tradicionais da nossa sociedade.

Os escritos das presas falam, inclusive, do alargamento dos espaços na Penitenciária, as celas que foram criadas para prender, são também lugares onde se constroem relações de cumplicidade, de festividades, e de saudades. Alguns desses laços se quebram quando chega a notícia da liberdade de alguma delas, Alcione Ferraz (35 anos) escreve:

[...] olha amiga desde que você foi embora em fim tudo que fazíamos juntas, a amizade não se compra se conquista e você a conquistou [...] queria que você me perdoasse por alguma coisa que tenha lhe magoado [...]⁴⁸⁷.

A prisão isola, mas os escritos sobre amizade vêm mostrar formas de vidas coletivas que se encontram, se metamorfoseiam onde o poder exige silêncio e isolamento. Sem a visita da mãe, Leonarda (39 anos) exalta as amizades criadas na prisão, escreve com a pintura de flores verdes e vermelhas uma carta para a amiga:

[...] falar de amigos é muito gratificante, tenho amigos, tenho muitos amigos que nas horas que eu mais precisava estavam ali pra mim ajudar, não só pra ajudar mais pras horas de distração. Tenho vários momentos que nunca vou esquecer esses momentos pra mim, hoje é tudo de bom que eu, mais mim lembro dos meus amigos [...]⁴⁸⁸

Leonarda (39 anos) e Alcione (35 anos) são amigas e trabalham na cozinha, o que torna possível a construção de amizades nessa ambiente, mas também de inimizades, pois muitas presidiárias falavam delas e dos privilégios delas principalmente relacionados à

⁴⁸⁶ ORTEGA, F. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro Graal, 1999.

⁴⁸⁷ Carta entregue no dia 03 abr 2011.

⁴⁸⁸ Carta entregue no dia 03 abr 2011.

alimentação porque, nas celas, as outras presas achavam que elas podiam comer na hora que desejassem. As presas que trabalhavam construíam maneiras mais fáceis de se sociabilizar, inclusive com as pessoas livres do lado de fora da prisão, motivo também de muitas arestas entre elas que trabalhavam e as que viviam enclausuradas o dia todo.

Na prisão, algumas amizades recriam formas de vida, como também, rompem os limites geográficos das celas e se comunicam com a amizade de fora da prisão. Marcia Rosa (26 anos) narra a amizade compartilhando acontecimentos vividos no passado com a amiga:

Meu amor que também estou morrendo de saudades, não vejo a hora de voltar pra casa de sair desse lugar...aff como eu sinto sua falta das nossas conversas de estar aí pertinho de você saiba que eu te amo muito, você é a irmã que eu não tive, ta bom se não eu vou chorar..mudando de assunto eu não acredito que o corno do Thiago ainda te torra a paciência kkk Aguardasse Ivisom de novo?? Kkkk sim teve farrinha né??? Eu imagino deve ser daquele modelo kkk. Sim eu estou bem, a convivência está boa tem algumas conhecidas aqui se é que você me entende [...] sim tenho uma pra te contar não sei se você já sabe quando os guambé da PF me pegaram em monteiro eu virei global sai no JPB no horário nobre tu acha???? Kkkk [...] ⁴⁸⁹.

A narrativa acima revela conversações que ocorrem com frequência, a narradora está informada sobre o mundo externo. Com uma linguagem usualmente registrada pela internet (kkk) ela se comunica com a amiga, destacando aspectos de sociabilidades dos quais participava, elencando nomes dessa sociabilidade, registra aspectos de seu lugar de telespectadora da mídia atual (Globo, JPB) e ainda deixa, nas entrelinhas, o seu envolvimento com o tráfico. Presa por tráfico, nega seu envolvimento no processo e nas entrevistas, mas nessa carta, quando afirma que já conhecia as meninas, questionando a amiga se ela a entendia, incita a leitura de que se tratam das companheiras do tráfico. Essa foi a escrita mais ousada, sobretudo porque, nesta carta, a presa me entregou pessoalmente, acreditando que não seria mostrada, mas nenhum escrito sairia daquele lugar sem a leitura da direção. O apelido dado aos Federais (guambé), a ironia sobre sua própria prisão se inscreve porque certamente a presa não esperava a leitura das diretoras, visto que as cartas geralmente escrevem do ponto de vista da norma, da disciplina. Os palavrões, xingamentos e denúncias tão repetidos nas entrevistas calam-se nas narrativas escritas. Estrategicamente, Marcia Rosa é a exceção.

As correspondências com as amigas de fora também falam de conflitos, de culpas, de arrependimento, como escreve Tatiana Figueiredo (22 anos):

⁴⁸⁹ Carta entregue no dia 03 – 008 – 2011.

[...] quero que você mim discupe por ter magoado si fis coizas que não fazi foi poque eu tava prezizando muito como você sabe que eu tenho dois filhos que preziza de min [...] aqui e o verdadeiro inferno eu nunca soffro tanto como estou agora eu tava pensando quando você min falava que era para min vê um emprego [...] ⁴⁹⁰.

Nesses escritos, as relações de amizades reproduzem os elos que a prisão não destrói completamente, a confiança e cumplicidade que a prisão não desfaz, transforma, mas não quebra, porque afinal, estamos tratando de mulheres apontadas como um “mal” social, sujeitas que enfrentarão muitas dificuldades para a reintegração social pelas verdades que instituem a prisão sobre seus corpos, seus pensamentos. Mariana Mota, 26 anos, paulista, cunhada de Cátia Souza, presa na mesma operação da Polícia Federal em Campina Grande em 2009, escreve para a amiga em São Paulo:

[...] aqui do outro lado é a sua amiga [...] pois é estou aqui aindano aguarde da minha tão sonhada liberdade [...] nunca esqueço da nossa amizade [...] aqui esta um pouco diferente agóra a passo algumas horas da semana tendo aula [...]e você já sei de algumas novidades esta solteira ainda? [...] quase não tenho novidades [...] a mae disse que você tem uma foto minha da casinha com o Rafa se puder me manda queria tanto (...) ⁴⁹¹

Durante as entrevistas e observando o cotidiano das presas, as amizades coloriam-se de sentimentos diversos, as necessidades mais íntimas eram compartilhadas em segredo porque fugiam das formas de existir tradicionais, elaboravam maneiras de amar e cuidar do outro de modo mais criativo, mas nas cartas elas falam a linguagem que deseja a prisão, a amizade se constrói lúdica, os discursos se infantilizam, até a ausência é romantizada e não denunciada, porque na prisão há também cortes, se há amizades que continuam, há elos que são cortados e quebrados.

Luciana Fausto (57 anos) abandonada pelas irmãs, também fala do abandono das amizades:

[...] eu quero falar sobre amiga, bem antes de ser presa eu tinha bastante amizade pessoas que diziam ser minhas amigas de verdade a minha casa era cheia eu dava atenção, comida e ajudava no que podia [...] estou presa a quase 2 anos e durante esse tempo aqui ainda não recebi uma visita de nenhuma delas que diziam ser minhas amigas, aqui e onde vamos saber quem e quem de amiga e com o passar do tempo eu refleti bastante e não quero mais essas amizade [...] ⁴⁹²

Os discursos sobre as amizades são também significantes para pensar as contrariedades que compõem o texto-prisão, onde a diretora que pune e vigia, xingada no

⁴⁹⁰ Carta entregue no dia 03 jun 2011.

⁴⁹¹ Carta entregue no dia 15 jun 2011.

⁴⁹² Carta entregue no dia 15 jun 2011.

cotidiano, é amiga para a presa Shirley Soares. Elas dobram-se para produzir a diferença no interior do poder:

[...] quem nunca teve ou deseja ter um (a) amiga, para desabafar ou compartilha momentos bons e ruins assim posso te ver. Afinal de algum jeito ou maneira, vc já pode me ajudar, ouvi ou se por no meu lugar [...] afinal estive com pequenos problemas e você esteve para me ouvir. Estive com saudade e você com seu jeito me alegre [...] ⁴⁹³.

Afirmar que na prisão a diretora é um elo de amizade, é elogiar também o sistema, é dizer que ele funciona, que ele recupera, tal qual uma igreja, uma religião ou qualquer outra instituição moralista, disciplinadora e conservadora, por isso Deus é a palavra que mais se repete nessa fase das presas, e para Jesus também foi escrito um texto, Alda Coutinho, (35 anos) escreve para Jesus, só não pude saber quem entregaria essa carta ou como ela seria entregue, mas Jesus também foi elaborado como um amigo: “achei um bom amigo Jesus, o salvador o escolhido dos melhores para mim dar valor é o livro, é o forte mediador que me purifica e guarda para si consolado amado, meu protetor do mal solicitude [...]”⁴⁹⁴.

A prisão, da mesma maneira que outras instituições, opera com o discurso da moralização dos costumes. As presas confessam-se culpadas, arrependidas, da mesma forma que se confessariam para um padre e pastor e, nesses escritos, assinalam sua recuperação, seus aprendizados, suas mudanças, como se tivessem sido libertadas do mal, mas esses são jogos com o poder, performances de quem conhece verdadeiro desejo de quem vive na prisão. Nenhuma carta silenciou Deus, ele aparece em qualquer escritura, em todas as falas, Renalie Duarte (33 anos) escreve: “[...] você amiga que tava certa no caminho de nosso Deus no caminho mais bonito que Deus fez [...]”⁴⁹⁵, e para outras fora Deus que a pôs na prisão, escreve Shirley Soares (29 anos) para uma das diretoras do presídio: “[...] Deus me pôs aqui para eu te conhecer, de uma maneira meio dolorosa para mim, mas eu te conheci [...]”⁴⁹⁶. E parece que é sempre Deus quem as livrará da prisão: “[...] saiba que Deus tá olhando para nós e na hora certa às nossas vitórias chegará [...]”⁴⁹⁷, o Deus que guarda a mãe quando ela já está morta: “[...] minha melhor amiga é minha mãe, está lá no céu com Deus” (Karla Drummond, 28 anos) ⁴⁹⁸; um Deus que dá uma amiga como presente [...] pois você foi à melhor presente que Deus me deu, neste lugar”⁴⁹⁹, escreve Eduarda Queiroz (40 anos), estelionatária, foi presa

⁴⁹³ Carta entregue no dia 13 abr 2011.

⁴⁹⁴ Carta entregue no dia 13 abr 2011.

⁴⁹⁵ Carta entregue no dia 03 abr 2011.

⁴⁹⁶ Carta entregue no dia 03 abr 2011.

⁴⁹⁷ Carta entregue no dia 143 abr 2011.

⁴⁹⁸ Carta entregue no dia 14 abr 2011.

⁴⁹⁹ Carta entregue no dia 12 nov 2011.

com Luciana Fausto (57 anos) e Marilda China (54 anos), acusadas por formação de quadrilha, outra presa que, abandonada, supera o esvaziamento familiar com a amizade na prisão. Apiedam-se em nome de valores que em outros momentos fizeram questão de desconhecer, esta é uma significativa estratégia. Essa questão lembra os aforismos de Nietzsche, quando os sujeitos enfraquecidos recorrem aos valores morais e sociais

Ser fraco é fazer de uma ilusão (deus) uma autoridade absoluta, infalível, perante a qual o homem se humilha: esse ser ideal, invenção, humana, vira-se contra o homem real que o concebeu [...] as paixões são umas vezes exaltantes outras vezes estúpidas. Os sentidos enganam-se mas que faríamos nós sem as suas reações finas, imediatas e instintivas, se estivéssemos à espera das reações elaboradas e frequentemente esquemáticas da razão [...] ⁵⁰⁰.

As presas tentam racionalizar suas vidas na prisão, retirar delas o descontínuo, negar o passado, retirar da memória escrita os fios que conduzem às suas existências na criminalidade, fazem-se juízas de si, e suas cartas são para o sistema um tipo de ganho. Assim escreve Eduarda Queiroz (40 anos)

[...] amados irmãos [...] são noites e dias que molhamos o nosso travesseiros de lágrimas. Mais saiba meus amados irmãos que tem o tempo determinado por Deus e na hora certa ele enviará um anjo [...]

Leonarda Lacerda (39 anos), quando escreve para a sociedade, diz que a fé fará com que a sociedade a aceite:

[...] tenho fé que a sociedade vai mim abrir as portas e eu vou dar o meu melhor e ter a chance de mostrar que é sim possível mudar e mudar para melhor. Sem nada de errado, ter um vida digna onesta trabalhadora e de caráter esplêndio.

Esta seção se encerra com esedepoimento por se considerar que ele materializa, em poucas linhas, os discursos que mais se repetem na prisão: a fé; o trabalho e a recuperação. Conceitos a partir dos quais as reclusas se reinventam e se reconciliam com a temática da família porque, na prisão, elas lutam contra o discurso de mal, de vagabundas, de bandidas que as isolam do social. Elas convertem-se à linguagem da religião e da moral, ensaiam a regeneração que o sistema propiciou, inscrevem, de modo indireto que as prisões são

⁵⁰⁰NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução: Antônio Carlos Braga. 2ª Edição. São Paulo: Editora Escala, 2007. 154.

necessárias, que os sofrimentos na prisão curam. Expressam isso como se estivessem escrevendo para o panóptico! Escrevem como performances de si...do outro....

6.4 UM SIM À VIDA, AMOR...

Na vidraça de seu espírito a armadura murmurante do céu risca sempre os mesmo sinais apaixonados (Artaud)⁵⁰¹

Este é o último momento no qual se discutirá acerca dessas vidas infames que compuseram suas histórias e trajetórias às margens da sociedade; vidas criadoras de diferentes liberdades, compositoras de caos, de sombras, de dores diversas posto que, de diferentes formas, foram de encontro ao poder de maneiras trágicas. Refiro-me aqui a vidas que optaram por fincar paragens na crueldade, na violência e na perversão. Vidas apontadas como malditas e que, no interior da prisão, povoam-se de outros sentidos, organizam-se para se afirmarem, seduzirem o poder, a norma. Quando as prisioneiras analisadas nesta pesquisa escrevem, desabitam-se, resignam-se, libertam-se, são a não-definição e a não-sujeição, constituem a referência do imprevisível, performances de fluidas existências. Pensando com Ângela de Castro Gomes, interessa-me a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento⁵⁰². Este último discutirá a concepção de amor construída nas cartas das presas, pensar que artes amar idealizam, escrevem do interior da prisão quando este amor tem relação com a solidão, com o abandono, com a ausência, com a disciplina do sistema.

Desde a primeira seção, venho discorrendo acerca da dubiedade, das contradições e dos paradoxos havidos nas vidas dessas mulheres, de sorte que os escritos não fogem dessas práticas contraditórias, as quais inauguram a sujeição à norma de um lado, e, do outro, a libertação de si quando elegem o escrever para se afirmarem e se dizerem diferentes do

⁵⁰¹ Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre: L&PM, 1983.

⁵⁰² GOMES, Ângela de Castro (org.) Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.14.

discurso jurídico, nas escritas retornam para si, afirmam-se, convertem-se a si e essa conversão a si é também um reencontro com o prazer e com o cuidado de si.

Foucault e Sennett⁵⁰³, ao analisarem a relação entre sexualidade e solidão, discutem a existência de três tipos de solidão nas sociedades modernas: a solidão imposta pelo poder; a solidão do homem sonhador(revolté); a solidão da diferença, de sujeitos que demarcam suas singularidades. As escritas das presas são resultado dessa solidão imposta, seus textos nascem do ventre de uma instituição que isola para correção, para controle dos corpos, paradoxalmente, através dessas escritas, elas vencem essa solidão quando usam a palavra; às vezes o fazem para se comunicar e se inscrever; às vezes só aprofundam o caos sombrio de uma solidão avassaladora, porque esse é o ritmo de quem escreve da solidão-prisão, cair dentro de um abismo e lutar para levantar-se desse abismo interior. Na década de 30, Graciliano Ramos, preso por representar uma ameaça política ao governo getulista, por defender os ideais comunistas, experimenta a relação da escrita com a prisão, escreve:

[...] sucedia-me ficar diante da folha muitas horas, sem conseguir desvanecer a treva mental, buscando em vão agarrar algumas idéias, limpá-las, vesti-las; agora tudo piorava, findara até esse desejo de torturar-me para arrancar do interior nebuloso meia dúzia de linhas; sentia-me indiferente e murcho, incapaz de vencer uma preguiça enorme subitamente aparecida, e considerar baldos todos os esforços⁵⁰⁴.

Graciliano vai mostrando, ao longo da obra, o corte brusco que faz a prisão com a vida dos sujeitos presos, cortes com as famílias, afazeres do dia-a-dia, mesmo admitindo, em várias passagens, que a prisão é a metonímia do mundo e que, mesmo do lado de fora, outras prisões são construídas.

A relação escrita-prisão fora vivenciada de diferentes maneiras, na prisão, muitos produziram aquilo que Foucault⁵⁰⁵ chama de o indizível, o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o desavergonhado (FOUCAULT, 2006, p. 22). Jean Genet, francês, órfão de pai e mãe, criado por pais camponeses, comete o primeiro crime (um roubo) na adolescência. Esse dramaturgo francês na primeira metade do século XX perverte a norma com a linguagem, ridiculariza o poder, perverte as palavras, as ideias, erotizando o cotidiano com narrativas

⁵⁰³ FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard. Sexuality and solitude. In: **London Review of Books**, 21 May – 3 June, 1981, pp. 04-07. Tradução: Lígia Melo da Costa, Maria Beatriz Chagas Lucca e Sérgio Augusto Chagas de La.

⁵⁰⁴ RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. São Paulo: Martins, 1969. V.2, p. 65.

⁵⁰⁵ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

homoeróticas nas quais o cotidiano da prisão é criado do ponto de vista do sexo, da morte. Genet afirma, em *Diário de um ladrão*⁵⁰⁶:

Acho que precisava cavar, perfurar uma massa de linguagem em que o meu pensamento estivesse `a vontade. É possível que eu quisesse me acusar em minha língua . Ladrão em meu país me utilizando a língua dos roubados [...] era essa a gratidão de ladrão dar a oportunidade de ser único. (GENET, 1986, p. 108).

Na prisão, Genet constrói uma ética e estética da existência marginal. Ele, em seu diário, rompe com qualquer possibilidade de se pensar a sua escrita e seu crime sem levar em conta a liberdade refletida que o inventa enquanto prisioneiro, ladrão e escritor. Genet combate o poder, a moral, a verdade, comete o crime da palavra contra toda e qualquer norma, institui-se como um projeto de rupturas e desordem da linguagem. O crime para ele, afirma, “é um tesão, tornar-me-ei, pois cada vez mais ignóbil, cada vez mais uma objeto de nojo [...]” (GENET, 1986, p. 112). A revolta de Genet ultrapassa o limite da linguagem, não retorna, não se converte a si, mas ao desejo de criar-se ainda mais como fuga, como maldito, Não se submete à solidão imposta que normatiza, prefere a solidão do homem revolté para tecer suas linhas de fuga e de desencontro com a disciplina: sempre permaneci habitado pela ideia de um crime, que irremediavelmente me separaria do mundo de vocês [...] (GENET, 1986, p. 99). Na solidão, Genet constrói as muralhas de liberdade onde o erotismo e a homossexualidade significam sua existência na prisão, o corpo abre-se a um mundo de práticas que ele faz questão de torná-las singulares, assassinas de qualquer sujeição.

No século XVIII, Sade foi um desses homens revolté, efeito da solidão criadora na prisão, construiu personagens, geralmente mulheres, através das quais pudesse questionar os valores morais e religiosos de sua sociedade. Sade constrói mulheres pudícias e vulneráveis para desavergonhar a linguagem que se escreve mesmo quando lhes roubaram a tinta, o papel, escreve com sangue, esperma, mas escreve, porque da prisão escrever é o seu maior combate. Justine e Juliete⁵⁰⁷ são seus mais famosos personagens, duas irmãs, duas mulheres de comportamentos singulares, a primeira fiel aos valores da religião, a segunda, mulher que praticou diferentes crimes, assassinatos, infanticídios. Justine é a virtuosa que vai sendo a cada episódio punida e sacrificada como forma de provação de sua fé, mas apesar dos tormentos, não abandona a moral religiosa na qual acredita, morre, mas não se entrega à revolta; Justine acaba se encerrando ao mundo da piedade e da fé cristã. Para Borges, nessa

⁵⁰⁶ GENET, 1986.

⁵⁰⁷ THOMAS, Donald. *Vida e Obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino*. Trad. Múcio Bezerra. Civilização Brasileira, Rio, 1992 e MORAES, Eliane Robert. *Sade, A felicidade libertina*. Rio: Imago, 1994.

obra, vários tipos de discurso (moral, político, religioso) subordinam-se à linguagem erótica, que, por sua vez, se serve da linguagem revolucionária para combater os costumes e a religião. (BORGES, 1999, p. 206)⁵⁰⁸.

A história versa sobre diferentes possibilidades de narrativas criadas no interior da prisão, homens que usam a solidão de diferentes maneiras, o sofrimento, a liberdade refletida para se afirmarem e se dizerem sujeitos. Vidas criminosas, criminosas das palavras. Albuquerque Júnior⁵⁰⁹ em suas análises sobre o texto de Foucault que tematiza o parricida Pierre Rivière, traz-nos importantes discussões sobre essa relação entre crime e narrativa. Para ele, o memorial Rivière é uma arma discursiva, é na verdade, um segundo crime, pois o camponês toma a palavra, fala, usa a razão para explicar racionalmente uma atitude tomada como irracional, como sinal de loucura (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 103). Vidas infames, solitárias que não apenas praticam um crime, como constroem um lugar para seu crime na narrativa do crime:

[...] em Foucault, no entanto, Rivière nunca é mais do que este indivíduo singular, é sua singularidade que faz dele um poeta do silêncio e um criminoso da palavra, é isto que o torna o homem-denúncia da prisão, das normas, das regras, das leis e da razão. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 111).

As mulheres desta pesquisa não são escritoras, mas, na prisão, usam a escrita para se afirmarem, elas simulam outras possibilidades de existências em seus textos, produzem outras linguagens, fora do discurso da criminosa. Nos escritos das presas, lidos pelas diretoras e agentes do sistema, há o apagamento da linguagem erotizada, pervertida ou combativa, escolhem o tema familiar, temas amorosos, linguagens que deixam ver o cuidado com as amigadas, com o amor, fragmentos que deixam ver o reencontro com Eros.

As escritas têm sentidos múltiplos, são também signos de um reencontro consigo a partir do cuidado com o outro. Muitas mulheres que escrevem foram abandonadas, não recebem visitas, dificilmente essas cartas são respondidas, mas escrevem, escrevem para amar, para reclamar o amor, para agradecer o amor, para não fazerem do amor esquecimento e assim não se esquecerem dentro de um sistema que sufoca também a existência. Entre tantos fragmentos, dois escolheram narrar o abandono, porque todos os fracassos de amor se parecem, como afirma Barthes. Marilda China (54 anos) e Luciana Fausto (57 anos), presas na

⁵⁰⁸ BORGES, 1999.

⁵⁰⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Menochio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. Bauru, SP: Edusc, 2007. (Coleção História).

mesma operação da polícia militar, acusadas de formarem uma quadrilha de estelionatários, foram abandonadas pelos próprios familiares na prisão, mulheres que têm mais de quarenta anos e que reproduzem o discurso tradicional da solidão na terceira idade. Luciana Fausto (43 anos) em seu discurso escreve do ponto de vista de negação do feminino, da mulher que na sua idade, separada, encerra-se na solidão, desencantada do amor, do sexo, da vida:

Eu já me amei e fui amada. Mas me separei e de lá pra cá eu não quis mais ninguém pois botei uma gadiado no meu coração e não esqueci meu marido o qual nos separamos [...] no momento eu estou muito decepcionada com tudo em meu redor estou amarga e amor só de meu Deus [...] não confio em amor de homem nenhum estou amarga e de coração fechado de gadiado e chave [...] ⁵¹⁰.

Marilda China, obesa, a presa mais doente na prisão, abandonada pelos familiares, abandona-se, abandona-se ainda mais quando cobra do amado presença, quando lembra dele enquanto ausência, despreza-se ainda mais quando roga amor.

[...] amor venho por meio destas poucas linhas lhe dizer que você é a pessoa mais covarde do mundo eu estou neste lugar nunca recebi uma visita sua você é uma pessoa muito ingrata mas não vou deixar de ter amor porque o destino para me foi cruel mamar uma pessoa que não me ama, e não sou correspondida por você assim vou finalizando dizendo que te amo te amo demais. ⁵¹¹.

O sujeito amoroso é frágil diz Barthes ⁵¹², e na prisão essas mulheres se tornam ainda mais frágeis, pelas acusações, cobranças, exclusões e tantos outros processos de marginalização que sofrem os sujeitos do crime na e fora da prisão. As cartas das presas são textos de quem preocupa-se com o retorno para o social, retornar para o amor, para a vida, declarar amor nesse sentido é uma maneira de quebrar o mal e monstruosidade que lhes são atribuídos nos processos-crimes Essa linguagem que se comunica da solidão da prisão, é uma maneira de inventar-se amor, de inscrever a recuperação, a capacidade de socialização, uma certa maneira de criar-se feliz, porque suas escritas envolvem muitos jogos de poder, muitas performances de sujeição e não-sujeição.

Lendo as cartas enviadas e nunca respondidas pelos amados, parafraseio Barthes ⁵¹³: nesses sujeitos encontraram a imagem conveniente aos seus desejos?

⁵¹⁰ Carta entregue no dia 12 dez 2011.

⁵¹¹ Carta entregue no dia 12 dez 2011.

⁵¹² BARTHES, Roland. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Tradução Márcia Valéria. Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007 a. (coleção Roland Barthes).

⁵¹³ Carta entregue no dia 12 dez 2011.

Certamente. Entre essas mulheres que escrevem, com exceção dos companheiros das presas citadas anteriormente, os demais amados são envolvidos com algum tipo de crime, algumas presas conheceram os amados em grupos de amigos nas ruas, no mundo, outras foram conduzidas por ele para a criminalidade, mas essas informações não dão conta de um conceito bastante polêmico quando dados pesquisadores tratam do amor entre sujeitos que estão envolvidos em crimes como exemplos, “amor bandido”.

As relações amorosas são construídas historicamente, o amor é uma prática social. Pensar o amor bandido significa negar a historicidade desse sentimento, enquadrar os sujeitos do crime em conceitos que os definem naturalmente bandidos e tentar definir todas suas relações como sendo bandidas, inclusive suas relações de amor. Nesta tese, venho discutindo, desde o primeiro capítulo, a história de mulheres que se envolvem em crimes diversos, o contexto social que torna possível a feminização do crime, ao mesmo tempo, as histórias de famílias desestruturadas, as carências familiares, financeiras, as redes de amizades e de amor que influenciam essas mulheres, para mostrar que a subjetivação é histórica, ninguém nasce pronto, fundado, funda-se ao longo de sua existência. Muitas presas podem, se desejarem, tornarem-se outras, outras de si.

O amor na prisão se constrói de modo específico, singular, muitas mulheres foram para a prisão e deixaram seus amados nas ruas, em casa, outras foram presas juntamente com os amados, mas há também aquelas que deixaram o amor em casa, longe da prisão, em outro Estado e encontraram outro amor na prisão. Há presas que através de visitas que acompanhavam as famílias da companheira de cela, encontraram o amor, outros amores aconteceram em períodos nos quais os presos da Penitenciária masculina foram realizar trabalhos e através de um cafezinho, uma conversa disseram encontrar o amor. Basta um olhar, um sorriso, basta uma carta enviada por agentes para que as presas digam: estou amando. Esses amores têm contextos específicos, são mais vulneráveis, impulsivos, fragilizados, porque estão aprisionados. Naquele ambiente qualquer palavra de carinho e afeto instiga amor, necessidade de amar.

Renalie Duarte (33anos) é uma dessas mulheres que deixou o amor em casa, em outro Estado, e através de visitas de familiares das colegas da cela, conheceu outro novo amor. Já conhecemos Renalie, paulista, veio para Paraíba dizendo ao marido que iria fazer uma viagem por motivos de trabalho, estava descontente com a vida financeira que dividia com o marido, ousou. Em poucos meses na prisão conheceu o amigo do companheiro de sua colega de cela, apaixonou-se perdidamente. A família paulista, o marido paulista desconhecem o novo amor de Renalie, mas ela passa horas escrevendo para o novo amor:

[...] amor nem que eu quisesse expressar todas as palavras seria o suficiente para te dizer o quanto você é especial e importante em minha vida, eu te amo tanto é um amor que vem do fundo do meu coração. Agradeço ao divino criador por ter me dado um corpo para abrigar meu espírito [...] é no silêncio da madrugada que a saudade toma conta de mim a tristeza me invade entre meio a solidão da madrugada, mas com um pensamento positivo de um dia pode sair de traz das grades e poder se tornar os nossos sonhos em realidade e poder voltar novamente a ser feliz porque neste lugar só encontramos solidão...saudade, desprezo e muita tristeza [...] procurei por alguém que me desse a certeza de que todo o amor semeado seria colhido, todo cuidado seria devolvido toda dedicação seria recompensada. Alguém que mesmo não sendo completo me completasse termino por aqui e o meu amor é sincero como a pureza de uma criança⁵¹⁴

Renalie simboliza as contradições que fazem parte desse feminino que se reinventa em um contexto de mudanças na identidade feminina: deseja a roupa de marca e melhorar a vida financeira, para isso vai traficar a droga para ter um ganho material, se de um lado burla o feminino pelo abandono do lar em prol do tráfico, o faz para se enquadrar no sistema de consumo propagado pelo capitalismo; no mesmo sentido, abandona o casamento, mas na prisão inventa um amor romântico. É evidente que ela modifica o lugar da mulher, do amor, ao mesmo tempo em que (re)cria esses lugares, reproduz os valores que abandonou. Renata reinventa o amor quando mantém dois amores na prisão, quando toma para si atitudes atribuídas apenas ao masculino, como exemplo, a relação amorosa com mais de um sujeito.

Renalie, porém, não é a única presa a vivenciar dois amores do interior da prisão. Shirley Soares (31 anos) também já apresentada neste texto, presa por tráfico de drogas, outra paulista. Ela explica seu envolvimento com drogas acusando a mãe, como já foi falado. Para ela, os maus exemplos da mãe a conduziram ao crime, o envolvimento da mãe com as drogas, o adultério da mãe contra seu pai e abandono deste quando sua estava grávida dela. Foi presa juntamente com seu amado na cidade vizinha de Campina Grande, Patos. Em Campina Grande fora presa juntamente com seu outro amado, para quem escrevia diversas cartas de amor, mas Shirley em 2011 pediu transferência para Patos, para ficar perto do seu outro amado. As cartas de Shirley celebram o amor e silenciam a fluidez da sua arte de amar:

Direto do pavilhão das saudades. Atravessando grades e muralhas para me fazer presente nas tuas mãos [...] eu poderia me apaixonar por você. Eu poderia dar dez voltas no mundo contar todas as estrelas do céu, chorar todas as gotas do oceano, saltar de abismos infinitos, ir aos planetas distantes, recitar todos os poemas de todos

⁵¹⁴ Carta entregue no dia 10 ago 2011.

os poetas da história, viver mil vidas, realizar muitos sonhos, para ver o seu sorriso [...]⁵¹⁵

Poetiza o amor, usa poesias anônimas que circulam na internet para dedicar ao amor . quando o que quer calar é a dor. Poetiza-se. O sorriso de Shirley, portanto,foi alegrar o amado preso em outra cidade, certamente ela aprendeu com a mãe a relativizar o amor, a viver o amor de forma imprevisível, acusou a mãe, mas foi com ela que aprendeu sobre o amor-duplo, esse amor que se divide, se performatiza e não se fixa.Ela construiu relações amorosas fluidas, relações breves, marcadas pela instantaneidade, pelo efêmero:

Em outra carta ela diz a esse amado:

[...] em um dia inteiro eu não conseguiria dizer suficientes “eu te adoro”dar todos os beijos que mereces receber, ou acariciar o seu corpo de todas as formasque eu gostaria de fazer [...]. A minha paixão, que percorre muitas veias e sentimentos mais purosprecisa de muito mais que um dia inteiro para saciar a nossa sede [...]⁵¹⁶.

Ela tem razão: sua paixão percorre muitas veias, são muitos caminhos e ela escolheu a paixão de Patos. Seu amor tem o perfume de Eros, deseja o corpo, a pele do amado, os escritos abaixo abrem possibilidades para pensar sobre a fuga da sujeita amorosa:

[...] Oi amorão ...sabe foi tão bom ter lhe visto que eu fiquei muito feliz mais feliz eu fiquei em saber que eu não fiz a escolha errada, afinal dei um tiro no escuro como a linguagem fala né? [...] agora vê se você desse outro lado da uma forcinha para nois dois fica se correspondendo [...] você é meu menino-lindo!como já te falei uma vez e torno a repetir cansei de me iludi, cansei de sofrer, cansei de ser tola (....) então se liga meu amor você é especial pra mim⁵¹⁷

Em outra carta, Shirley reafirma seu amor, mas cobrando o que possivelmente não aconteceu e a conduziu para os braços do amor da outra prisão:

[...] quero que entenda de uma vez por todas que uma hora, um dia, um ano ou um século inteiro não podem conter o meu amor por você [...] falei com sua família no dia da visita para agilizar tudo que preciso para nos se ver, pois já demora tanto para eu enxergar que você é minha outra metade para saber que tudo que me falava era verdade [...]⁵¹⁸

Na prisão ama-se, ama-se uma, duas vezes, é possível que as ausências das correspondências e das visitas tenha instigado a fuga de Sheyla, que já tinha abandonado um

⁵¹⁵ Carta entregue no dia 10 ago 2011.

⁵¹⁶ Carta entregue no dia 10 ago 2011.

⁵¹⁷ Carta entregue no dia 09 set 2011.

⁵¹⁸ Carta entregue no dia 09 set 2011.

amor paulista, que abandonara o amor de Patos e que por isso não seria muito difícil abandonar mais uma vez quem não lhe correspondeu, porque as mulheres que se envolvem com o crime aprendem com os próprios companheiros sobre a duplicidade do amor, aprendem a se afirmarem e a negarem papéis de submissão, embora muitas continuem reproduzindo em seu discurso “a mulher cativa” no amor.

Ninguém poderá existir sem amor, dizia Santo Agostinho⁵¹⁹. Na prisão a existência sem amor, sem amar seria ainda mais trágica, amar o outro, amar a si, amar até mesmo o autor do abandono e solidão, amar de modo fragmentado, fluido, romântico, descontinuando, porque os discursos amorosos diz Barthes⁵²⁰ são borboleteantes. Renalíe Sheyla talvez vivam aquilo que Foucault chama de paixão, quando faz uma diferença entre amor e paixão, sendo o primeiro um sentimento que pode se realizar isoladamente, e acontecer solitariamente, diferente da paixão que necessita da comunicação entre um ou mais sujeitos, que inclusive depende da relação de sofrimento e prazer:

A paixão é um estado, algo que toma de assalto, que se apodera de você, que te agarra pelos ombros, que não conhece pausa, não tem origem, não se sabe de onde vem. É um estado móvel, há momentos fortes, há momentos fracos [...] ela flutua. Ela balanceia. É uma espécie de instante instável que se persegue por razões obscuras, talvez por inércia. Procura, ao limite, manter-se e desaparecer. A paixão se dá todas as condições para continuar e, ao mesmo tempo, para se destruir a si própria⁵²¹.

Renalíe e Shirley não conseguiram amar sozinhas, sem serem amadas, escolheram o sentimento misto, como o é a paixão. Através dos escritos das presas percebo diferentes possibilidades de estados de paixão, de amor, de amar, amor-arte que escapa às definições normativas e essencialistas. Até agora foram apresentados amores fugidios, inconstantes, mutáveis, fluidos, estados de paixão segundo Foucault, mas há também aquelas presas que escreveram sobre o amor erotizado, cartas que embora não explicitassem claramente o erotismo falavam muito mais de desejo, de pele, de prazer do que do amor romantizado, puro. Essas escritas sutilmente erotizadas aparecem como os signos de uma linguagem-pele, como diz Barthes:

Esfrego minha linguagem contra o outro [...] dedos nas pontas das palavras, minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contato: de um lado toda uma

⁵¹⁹ ARENDT, H. O conceito de amor em Santo Agostinho. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

⁵²⁰ BARTHES, 2007a.

⁵²¹ FOUCAULT, Michel. Entre o amor e os estados de paixão espaço Michel Foucault. Disponível em: <www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 12 dez 2013 às 22h:08min.

atividade do discurso vem, discretamente e indiretamente, colocar em evidência um significado único que é eu te desejeo liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir [...] por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, acaricio-o, toco-lhe, mantenho este contato, esgoto-me ao fazer o comentário ao qual submeto a relação [...] (BARTHES, 2007, p. 87)⁵²².

A linguagem-pele, desejo de esfregar-se no outro, aparece em alguns escritos. Anita Firmino (32 anos), presa pela primeira vez por tráfico, e na segunda vez por homicídio do esposo da mãe, sua mãe é dona Finha, acusada de matar quatro companheiros, nunca deixou de escrever para o amado, mesmo sem resposta e sem visitas, ele estava na prisão masculina, vizinha à prisão onde ela se encontrava. Há mais de três anos sem entrar em contato com o amado, os desejos encarnam-se no papel, na caneta:

[...] quero qui Deus te abençoe te gosto demais de coração quero muito qui você saia logo-lógo para você vim mim vizitar para nois 2 se amar gostozo ok só vai da nois dois aqui o prezidio dia de quarta feira se deus quizer ele quer [...] ⁵²³.

Primeiro, roga-se a deus para ele ajudar, para ele ajudar no sexo “gostozo” também, depois, a esperança da visita e da espetacularização do sexo, do desejo porque esta era uma prática comum nos dias de visitas, muito barulho nas celas, ao mesmo tempo, objeto de reclamação das não visitadas por Eros, sem terem o que fazer, iam na direção reclamar, encrencar, brigar para esquecerem que tinham corpo, pele.

Simone Bezerra (43 anos), também já apresentada, presa por roubo, assalto, conhecida como uma presa bastante agressiva, também usa a linguagem-pele, porque este é o único momento em que se dociliza, quando lembra e escreve para seu amado (cujo pseudônimo é “rato”), preso na Penitenciária masculina:

[...] rato estou morrendo de saudades de você, não vejo a hora desse dia chegar para matarmos a saudade e fazer aquele amor que só nós dois sabemos fazer [...] te amo muito meu ratinho seu queijo está guardado esperando sua volta [...] o senhor é o teu pastor e nada te faltará ⁵²⁴.

Simone também invoca Deus para cuidar do seu “rato”, um nome bastante significativo para quem vive no crime juntamente com o esposo, roubando e assaltando. Por causa de “rato” Simone já agrediu mulheres fora da prisão e na prisão, usa uma linguagem erotizada para falar da sua intimidade, ao mesmo tempo forjada, maquiada. Por outro lado,

⁵²² BARTHES, 2007a.

⁵²³ Carta entregue no dia 13 maio 2011.

⁵²⁴ Carta entregue no dia 13 maio 2011.

usar o termo rato significa zombar de suas próprias situações de ladrões. O rato vive das comidas que retira escondidas, roubadas, esconde-se em escombros, corre, dribla, é hábil em suas fugas, talvez o rato de Simone tenha essa habilidade nas ruas durante roubos e assalto, talvez tenha também essa habilidade para comer o queijo que ela guarda para ele. Simone inscreve um termo muito comum entre as pessoas de sua comunidade quando usa o termo queijo para falar de orgasmo e rato para falar dos sujeitos envolvidos com roubos ou assaltos. Diferente de Simone, Anita Felinto invoca Deus para ajudá-la a reencontrar Zé para fazer um amor gostoso e com muito barulho. A mistura de fé e desejo é significativa, as presas sabem que seus textos são lidos, deserotizam-se, mas voltam a se erotizarem, escrevem Deus como forma de mostrar que está sujeitada às normas, em seguida libertam-se, e depois voltam a assumir o lugar da convertida também, porque estes são alguns dos conflitos na prisão.

Eros habita e move a solidão das presas, preenche seus vazios de desejos. Alda Almeida, 31 anos, presa por tráfico de drogas, escreve para chupeta: “[...] estou louca para te ver para te abraçar para te beijar e para te amar! Estou ficando louca de saudade do seu carinho, que sou você sabe vaser e você mim conhese bem [...]”⁵²⁵. Em nenhum momento ela esclarece sobre o nome do amado, restando à imaginação da pesquisadora e dos que leem a possível relação dos seus escritos com seus desejos: chupeta! Nome que fala da dubiedade de sentidos, nome que possivelmente representa o estado-chupeta em uma relação sexual, fala dúvida sobre a relação erótica que constrói no seu texto, na linguagem-pele. Em outro momento na mesma carta chama-o de nego, nego-chupeta? Que chupa, chupador, chupado? Ou apenas foi um rapaz que tardiamente deixou a chupeta. Alda vai falando no decorrer da carta sobre sua questão financeira, da troca de uma casa, mas logo volta a falar de amor:

Deus saper que eu e você se amor todo que nein as grades nein a distancia pode nos separa pois o nosso amor e verdadeiro que eu nein ser te disser o tamanho dese amor que eu e você sentino por nos Hoje meu coração deseja mais que uma simples emoção quero a certeza do teu amor deixei pra trás uma vida de pecados com a força do teu coração ser uma criatura pela fé em tua palavra ter estrutura permanecer na tua luz ser nesse meu coração que veio te adorar quero estar em comunhão contigo meu amor da minha vida em tuas mãos [...] eu já tinha quase tudo na minha vida mas alguma coisa ainda me faltava para completar as moscas vida e a lipedade foi quando eu menos esperava o meu olhar encontrou o teu eu senti que era diferente o amor (..) esse amor se fortalece a cada dia uma joia rara que eu encontrei a outra metade [...]

⁵²⁶

⁵²⁵ Carta entregue no dia 11 nov 2 – 11.

⁵²⁶ Carta entregue no dia 10 jun 2011.

Essa fala revela um dado aprendizado sobre o amor bastante comum entre as mulheres: um amor que traz felicidade e completa, em que a mulher, principalmente se faz plena quando ama e encontra o ser amado. O amor na prisão, realmente aparece como essa força libertadora, que mobiliza muitos sentimentos, mas esse amor enclausurado acontece reproduzindo aprendizados sociais, em que a mulher em sua fragilidade encontra no amado, a razão para viver, esse é um papel social que algumas questionam, mas a maioria dela reproduz.

Alcione Ferraz (35 anos) é uma dessas mulheres presas que algumas pesquisas a definiria como objeto do amor bandido, envolveu-se com o tráfico de drogas através do companheiro, ele escondia as drogas em casa. Nunca a visitou, mas ela nunca deixou de escrever o amor a ele dedicado:

[...] ai meu amor e com muito carinho que lhe escrevo essas poucas linhas sinceras e carinhosas. Olha que daria para ter tuas carícias e amarte com prazer a cada momento que fores meu. Que daria para não ver o camenho que separa de te [...] queria muito neste momento a esmola do seu olhar de poder sentir seu corpo molhado do cheiro do seu corpo [...]⁵²⁷

Amam os homens que as puseram na prisão, amam como escravas, assujeitam-se, Alcione mesmo sem visita, ama incondicionalmente o companheiro, solicita do amado “a esmola do seu olhar”, frase que fala de uma relação onde ela se constrói submissa, o fato de ser conduzido ao tráfico pelo marido, sem ter tido antes experiência com o crime, é esclarecedor sobre sua maneira de amar, sobre uma maneira de amar que reproduz socialmente as mulheres enquanto sujeitas submissas no amor, no sexo, na vida social.

Esses discursos falam do processo de subjetivação na prisão, por isso, as contradições e paradoxos. As mulheres desta pesquisa são marcas dessa ruptura com valores tradicionais, mas também, marcas de reprodução desses valores. O amor é construído de diversas formas, amor que se alimenta da solidão, do passado, da saudade, do desejo, amor múltiplo, amor negociado, trocado, instável, amor que submete, resultado dos aprendizados na família, nas ruas, na vida. O amor fora vivenciado de diferentes maneiras, ainda somos herdeiros do platonismo⁵²⁸, do amor que se alimenta mais da falta do que da presença do amado, amor inspirado muito mais na cumplicidade da amizade, como pensava Aristóteles⁵²⁹, amor puro,

⁵²⁷ Carta entregue no dia 10 jun 2011.

⁵²⁸ PLATÃO. O banquete ou do amor. Trad. introd. e notas de J. Cavalcante de Souza. 3ª ed. Rio de Janeiro Difel, 2005.

⁵²⁹ ARISTÓTELES. Ética E Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2001.

próximo dos gestos dos anjos, assim pensava Santo Agostinho⁵³⁰; amor que fez da mulher o signo do amor romântico, da entrega total, signo da fidelidade, passividade, como definiram no século XVIII os românticos. Nossa atualidade é marcada por uma multiplicidade de práticas amorosas e afetivas. Desde a quebra dos modelos tradicionais do casamento na segunda metade do século XX e da afirmação de outros corpos e desejos, o amor também sofreu mutações. As relações estão marcadas por efemeridades, mas também por linhas de continuidades do romantismo, nos discursos das presas percebem-se essas variedades, essas dubiedades na forma de amar. Estamos lendo cartas de algumas mulheres que mataram seus “grandes amores” e hoje vivem outros amores, de mulheres que desde cedo foram ensinadas a serem mulheres do lar e que por amor foram para a prisão, mulheres que foram para as ruas enquanto os companheiros ficaram em casa cuidando dos filhos. Há, nesse sentido, uma diversidade de celebrações do amor, discursos que afirmam exatamente essa contrariedade que nossa sociedade registra, onde o amor da mesma forma que o corpo, o sexo, o desejo é vário, plural, indizível.

As cartas das mulheres presas mostram o ente amado, uma prática/sentimento constantemente (re)inventado, trocado, negociado, porque na prisão o amor é também aprendido. Na sociedade, nas famílias, nas ruas, muitas mulheres que aqui escrevem abandonaram os amores românticos, na prisão cultuam o romantismo do amor que um dia perderam, um amor que, sendo mais ausência do que presença, é cultuado, porque o outro seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece... e este vazio tem relação direta com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro, afirma Giddens⁵³¹.

Os escritos dessas mulheres são também signos de momentos de sujeição aos homens, ao lar, à família, à maternidade, reconstituem nas escritas valores por elas, nas ruas, abandonados. O retorno ao amor romântico foi a escrita mais comum. Partidas, isoladas, fragmentadas, o desejo de se sentir completa certamente é resultado das sensibilidades, das carências e abandonos por que muitas passam, mas principalmente do aprendizado sobre o amor, reproduzem em grande medida o aprendizado de que a felicidade depende do outro, do homem, do amor correspondido. Amar, celebrar o amor, é uma maneira de juntar os pedaços de uma subjetividade torturada dia a dia na disciplina da prisão.

⁵³⁰ AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: 1984.

⁵³¹ GIDDENS, , 1993.

Amar solitariamente não é fácil, amar sem as notícias do amado é apavorante, é uma caminhada sombria, que deseja saber do outro, do desejo do outro. Uma dessas escritas fala de amor, mas também de ciúme e medo, Rose Batista (32 anos) escreve:

[...] gosto muito desse seu jeito espontâneo, seu jeito me facinou, sei que você é uma pessoa muito boa, mais não gosto de saber que está muito próximo de outras pessoas [...] tenho medo de fazer planos para o futuro e me decepcionar. Você sabe, uma pessoa na minha situação vive de planos que só poderão se realizar no futuro [...] por isso te peço não brinque com meus sentimentos, que eles são sinceros [...]⁵³²

Rose Batista fala do medo de ser enganada, está na prisão porque o marido escondia drogas na sua casa, quando descobriu, tentou evitar que o marido continuasse traficando, não conseguiu e se envolveu também, quando ele fora preso, levou drogas para a prisão e se tornou sua cúmplice. Seu discurso é o relato de quem fora enganada, de quem não sente a segurança que exige o sujeito amoroso, porque o amor se descontinua também, mais do que o amor, afirma Deleuze⁵³³, o ciúme consegue ter mais profundidade, vai mais longe na interpretação dos signos. Distante e na escuridão sem saber do amado que saíra da prisão e não a visitava, interpreta os passos obscuros e silencioso de quem ama a partir do que com ele aprendeu e viveu. O sujeito amoroso, diz Barthes⁵³⁴, é um semiólogo natural, em estado próprio, passa o tempo lendo signos. Não faz outra coisa: signos de felicidade, signos de infelicidade. No rosto do outro, em suas condutas. Ele está verdadeiramente atormentado pelos signos. (BARTHES, 2004. p. 424).

Elaine Costa⁵³⁵ ao analisar as mulheres envolvidas com o tráfico, pensou as vidas das pesquisadas com o conceito de amor bandido. O que falar, então, das mulheres que deixaram o trabalho e foram traficar, que deixaram os companheiros em casa para roubar, como ocorreu com Mariinha (35 anos) e Renalie (33 anos). Zélia Borba (34 anos) deixou a barraca de verduras, foi traficar drogas, na carta, o pedido de perdão. O relato é significativo, sobretudo, pela inversão dos papéis de gênero, a implosão do papel de passividade da mulher no crime:

[...] meu amor venho por meio desta lhe dizer o quanto te amo e o quanto sou realizada ao teu lado e quanto quero estar em teus braços, sentindo o calor dos teus beijos em fim estando ao teu lado, sendo tua mulher e você meu homem [...]. almas

⁵³² Carta entregue no dia 15 nov 2011.

⁵³³ Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2006.

⁵³⁴ BARTHES, 2007a.

⁵³⁵ COSTA, Elaine Cristina Pimentel. Amor bandido – as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. Maceió: EDUFAL, 2008.

gêmeas olhe amor da minha vida peço que me perdão por ter feito você ficar triste com coisas que fiz e que lhe desgostaram [...] ⁵³⁶.

Essas mulheres na prisão estão escrevendo sobre o amor, mas também sobre o cuidado de si, o cuidar do outro, esse gesto que celebra o amor ao invés do ressentimento e do ódio, afirmam-se quando dizem “te amo” porque amar na prisão e manter esse amor sem saber notícias e na solidão é não se entregar ao abismo e vazio que ela instaura nos sujeitos. Elas compõem a vida onde a vida inexistente.

Cuidar do amor significa também cuidar-se, zelar-se, preservar-se, não entregar-se à sujeição da norma. Essa é uma discussão importante para pensar a relação da prisão com o amor, com a escrita. Amor enquanto prática que possibilita a (re)invenção de si, o amor enquanto força, gesto que renova a existência e que cava a oportunidade de as presas intensificarem-se consigo, quando o sistema insiste em lhes fazer miseráveis. Através dessas linguagens as presas não estão construindo outros lugares para si na própria prisão que as alija. Com Foucault ⁵³⁷ aprendi,

[...] que não há sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares [...] o sujeito se constitui através das práticas de sujeição, de liberdade, a partir de um certo número de regras, de estilo, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2004, p. 291).

Discutem-se, aqui, as textualidades de mulheres construídas na prisão como abandonadas, mulheres que têm sua estima rasurada pelas ordens, pelos discursos que circulam no sistema para lembrar que são bandidas, assassinas, ladras, mas algumas dessas mulheres da obscuridade desse cotidiano, levantam-se e insistem em lembrar ao invés do crime, o amor, mesmo abandonadas, sem notícias, isoladas, sabiamente, algumas preferem lembrar o amor à dor. E somente dessa maneira podem se recriar da profundidade de suas angústias, somente escolhendo o amor, como um cuidar de si, orientam-se, direcionam-se, exercitam em si a mudança para criarem outras existências, porque como sugere Foucault cuidar-se é uma maneira de questionar a dominação e ameaça do poder. Amar-se, amar no interior da prisão é um combate sutil e eficaz contra o discurso que deseja fazer de suas vidas, signos do mal, do anormal, do cruel e monstruoso.

Quando escreve para o outro, quando escrevem o amor, essas mulheres se refletem na história, valorizam-se, ocupam-se:

⁵³⁶ Carta entregue no dia 13 set 2011.

⁵³⁷ Foucault, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Alda Almeida, 30 anos, presa por tráfico de drogas, escreve da descoberta de si quando se apaixona por Chupeta:

Quando olhei ao meu redor percebi que estaria só percebi o quão distante de você eu fiquei ao ouvir a sua voz mesmo longe de você percebi que era o momento de voltar você me mudou me fez renascer e me trouxe um novo amanhecer. Quantas vezes eu tentei por mim mesma me salvar minhas forças esgotei sem resultado algum cheguei quase a imaginar que não tenha solução mas você me recebeu com tanto amor a sua companhia é o que mais quero por toda vida por toda vida chupeta tome o meu viver pois para você eu quero só viver⁵³⁸

O relato é da descoberta de si que o outro traz, o fardo para chupeta não é fácil, tomar a vida de alguém é pior do que tomar a própria vida, mastrata-se de um elo, de uma aliança de alguém que se descobre outra, fortalecida, modificada. Diferentemente do estilo das autobiografias, quando falam de amor, apontam o futuro, silenciam o crime, o passado, evitam descrições de acontecimentos que falem de seus fracassos. Preferem destacar a mudança, quando o tema é amor. Lizandra Souto (30 anos) disse que deixou a prostituição por que encontrou um grande amor. Escreve para ele: “[...] conquistasse meu coração mim deixando apaixonada, agora o que irei fazer se estou distante de você, vivo mim alimentando das boas lembranças que tenho de nós dois”⁵³⁹.

Leonarda Lacerda (39 anos), cometeu assassinou o marido, história já apresentada neste texto, adoeceu na prisão, entregou-se à doença, saiu da prisão, cometeu uma falha para a justiça: foi assinar o documento do albergue alcoolizada, porque depois do homicídio se entregou às drogas e álcool. Mas foi nessa liberdade provisória que conheceu outro amor, um vizinho seu, que sabia da sua história, do assassinato. Era para ele que Leonarda escrevia:

Ainda a poucos instantes eu sentia o rumo do seu coração junto ao meu, sem que nada os separasse senão um pouco de argila mortal em você, tão belo em mim tão rude com você já estou tentando reconfigurar ansiosamente por meio desta carta inerte esse inefável sentimento que sinto por ti que hoje e tudo pra mim, me deixa mais confiante, você é tudo pra mim você minha única e supremo pra mim [...] de resto que importa o mundo só para nós que fomos feito um para o outro por isso estou ti escrevendo tudo que estou sentindo⁵⁴⁰.

Se a relação anterior que culminou em assassinato significava mais morte de si do que vida, pelas agressões verbais e físicas, pelos conflitos que envolviam drogas, álcool, essa nova relação construída para Leonarda tornou possível o encontro consigo, a posse de si. Para

⁵³⁸ Carta entregue no dia 15 jun 2011.

⁵³⁹ Carta entregue no dia 10 out 2011.

⁵⁴⁰ Carta entregue no dia 10 out 2011.

Foucault⁵⁴¹ essa posse de si é a única parte de nossa vida que é inviolável, que escapa a todos os acasos humanos, que está livre do império da fortuna, que a pobreza não desordena, nem o temor, nem a incursão das doenças, ela não pode ser perturbada, nem arrebatada, perpétua e serena é sua posse. (FOUCAULT, 1985, p. 70).

A relação dessas mulheres com o amor é um reencontro consigo, quando escrevem sobre o amor, estão escrevendo de si, soma-se, como escreve Camila Diniz, 37 anos, presa por tráfico de drogas com o companheiro: “[...] desde que te conheci você tem me feito muito feliz [...] você é meu porto seguro, esperança, força [...]”⁵⁴²; quando escrevem sobre o amor fazem da pele do outro a morada não só do desejo, mas também do sonho, como escreve Mariana Sampaio, (26 anos): “[...] quero amar sem pensar nas consequências, e beijar os seus lábios sem parar até o planeta dar outra volta em torno do sol. Quero tê-lo só pra mim sem precisar dividir com ninguém”⁵⁴³; amor enquanto lugar de mudança de si, da necessidade do outro, escreve Jeane Medeiros(30 anos), presa por furto e roubo: “saiba que eu te amo muito, toda vez que você chega perto de mim um desejo mi invade é amor sem fim, [...]como eu queria que você soubesse o quanto eu preciso de você,como o sol precisa da manhã e a lua da noite [...]”⁵⁴⁴; amor que inscreve os traços da musicalidade que faz parte de sua cultura, citando os versos da Banda Calypso, Gislaíne Siqueira (32 anos), presa por furto, declara: “Quatro da madrugada eu não consigo pensar em nada a não ser na falta que você me faz novamente a saudade imensa novamente essa tua ausência insiste em me fazer sofrer”⁵⁴⁵. E quando escrevem sobre o amor, rompem com as normas do gênero, questionam modelos de amor, de sexo tradicionais, Claudiana Barros, 36 anos, presa por furto, escreve para a amada, Clotilde Olinto, 34 anos, presa por tráfico de drogas:

Estive pensando e percebi sem querer eu te amo sem fim, sem razão ou motivo, e mesmo que eu não quisesse fazer não seria possível [...] eu só vejo teus olhos por toda minha vida, em todos os instantes de pura ilusão. Só vejo teu rosto desenhado pelas estrelas do céu ou na areia da praia. Você está em todas as palavras que digo, em todos os sonhos sonhados, em todos meus pensamentos [...]”⁵⁴⁶

Essa carta é uma singularidade: Claudiana Barros e Clotilde Olinto se conheceram na prisão, Clotilde conseguiu a liberdade, mas continuou visitando a amada. Alguns outros casais

⁵⁴¹ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 3.

⁵⁴² Carta entregue no dia 12 dez 2011.

⁵⁴³ Carta entregue no dia 12 nov 2011.

⁵⁴⁴ Carta entregue no dia 10 dez 2011.

⁵⁴⁵ Carta entregue no dia 15 dez 2011.

⁵⁴⁶ Carta entregue no dia 12 dez 2011.

formaram-se, mas com a liberdade de outra companheira, o amor encerra-se. Durante as entrevistas, conhecedores casais no presídio, casais silenciados, mascarados pela relação de amizade e que só soube por que uma das companheiras me falou quando não estávamos conversando sobre a pesquisa. Algumas dessas mulheres participavam das atividades, mas não escreveram e não dançaram, visto que suas amadas estavam perto, não sentiam necessidade de escrever para elas. Mas esse silenciamento desse modelo de amor é a precaução de quem vive em um sistema punitivo disciplinar onde as próprias presas em vários momentos reproduzem o discurso masculinizante e reprodutor das relações tradicionais de gênero, as quais só concebem o amor entre sexos opostos, discurso que alega a dificuldade da convivência com a diferença das opções sexuais. Muitas mulheres puniam verbalmente as relações amorosas entre as mulheres. Da infâmia puniam outras vidas infames, que na dor e solidão acompanham-se, amam-se, gozam-se.

Amar, dizia Baudelaire⁵⁴⁷, é sair de si, é reinventar o próprio amor, dizia Rimbaud⁵⁴⁸, porque, diz este último, é o amor que irradia, e é de flores e de febo, a alegria, enche-o de cores. E, tal chuva, desfia imensa dores. O amor vivido na prisão por essas mulheres tiram-nas das vidas isoladas, das torturas da disciplina, elas saem de si, e talvez estejam aí suas flores, mas ao mesmo tempo, amores signos de dores, porque solitários, gritos desesperados e sem companhias, um amor assim contraditório e paradoxo, acontece entre as presas nas suas prisões. Quando narram-se, quando voltam ao passado e selecionam a infância, a família, quando olham para o amor e sonham com o futuro, afirmam-se porque é necessário dizer-se sim quando o social lhe diz não.

A criação de uma vida que foge dos padrões instituídos, que joga para as margens da sociedade, traz a reflexão, a liberdade de refletir, de sair de si, de reencontrar-se, mesmo na condição de autocondenação. Rimbaud, poeta dito maldito, alcoólatra, libertino, homossexual e excluído da sociedade oitocentista na França, reflete-se sob o fardo da acusação, da exclusão:

Não é verdade que eu vivi uma juventude amável, heroica, fabulosa, digna de gravarse em páginas de outro? Incomparável ventura! Por que crime, porque erro, vim a ser castigado com a fraqueza de hoje? Vós que pretendes que os animais solucem de dor, que os doentes desesperem, que os próprios mortos sofram de pesadelos, procurai aclarar os motivos da minha queda e do meu sonho? (2002, p. 108)⁵⁴⁹

⁵⁴⁷ BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1985.

⁵⁴⁸ RIMBAUD, 2002.

⁵⁴⁹ RIMBAUD, 2002.

Oscar Wilde⁵⁵⁰ outra vida que na prisão vive a infâmia. O amor com rapazes da nobreza irlandesa, a escrita sarcástica diante dos valores da sua sociedade foram alguns dos motivos do seu encarceramento e morte, da prisão ele questiona: “[...] devo dizer a mim mesmo que eu me arruinei, e que ninguém, grande ou pequena pode ser arruinado exceto por sua própria mão [...]”. A escrita na prisão é a possibilidade de uma liberdade refletida, uma fuga, como diz Deleuze⁵⁵¹: escreve-se sempre para dar a vida, liberar a vida, ali onde ela está aprisionada. Na prisão, em diferentes contextos e de diferentes maneiras, os sujeitos constroem suas linhas de fuga. Percebi que o retorno para a família, o exercício do amor nos textos, constituem artes a sobrevivência na prisão, criam a necessidade de afirmar a vida.

Nietzsche ao construir o conceito de eterno retorno, complementa-o com o conceito de amor-fati (amor ao destino), para discutir a afirmação da vida. Rimbaud, o poeta maldito, tal qual Genet, Artaud, amaldiçoaram deus, mas não abandonaram a arte de amar.⁵⁵² combateu com a tragicidade sua vida, mas também com o amor celebrou a vida:

[...] juntei paciência que esqueci para sempre. Temores e sofrimentos aos altos céus evolaram-se [...] que venha, que venha o tempo de amar. Rimbaud expulsou deus do paraíso, mas ama: [...] amei o deserto, os pomares, adustos, as tascas miseráveis, as bebidas fracas. Arrastava-me por becos infectos, e olhos fechados, oferecia-me ao sol, deus do fogo [...] o tédio já não é mais meu amor [...] (RIMBAUD, 2002, p. 57).

O amor era a sobrevivência da maldição do poeta. Para Bataille⁵⁵³ o humano é descontínuo e somente através do amor e desejo pretende continuar-se, mas destruindo-se, superando-se, transcendendo. O amor para Bataille é sempre transgressão do limite.

Se o amor em Bataille conduz à diferença de si, o amor em Nietzsche é afirmação da existência, e essa afirmação é também transgressão, diferença, quando se retorna já não se retorna igual. A vida é um eterno retorno, diz Nietzsche⁵⁵⁴, porque ela é tudo o que existe, o que existe é o agora. Dizer sim à vida, encontrar beleza na existência, seja essa existência feliz ou angustiante. O amor-fati não é resignação, passividade, comodismo, é amor à vida e a tudo o que a compõe: felicidade, conflitos, dor, sofrimento:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário na coisas. Amor-fati (amor ao destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio, não quero acusar, não quero acusar nem mesmo os acusadores,

⁵⁵⁰ WILDE, Oscar. *De profundis*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

⁵⁵¹ DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1992

⁵⁵² Idem.

⁵⁵³ BATAILLE, George. **O Erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.

⁵⁵⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 e *Ecce homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

que minha única negação seja desviar o olhar! E tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim!(2001, p. 276).

Algumas presas, da morada de suas celas, re(criam) a vida, combatendo dia a dia a lembrança do crime, vencendo a depressão, a tristeza, o desejo de suicídio, duas dentre elas ultrapassaram seus limites, transgrediram a prisão e a vida, mataram-se, mas as que escrevem, o fazem reencontrando-se, retornando, refletindo, dizendo sim à vida para não dizerem sim à morte,! Este é o último lugar que foi construído para as mulheres desta pesquisa, mulheres que não são heroínas, nem vilãs, mas humanas, infames, mulheres que, em algum momento, fizeram da infâmia uma glória, da crueldade um encanto, como afirma Rimbaud⁵⁵⁵. Um sim à vida!Diz Nietsche!

⁵⁵⁵ RIMBAUD, 2002.

7 CONCLUSÕES

(...) Os deuses enviam os infortúnios aos mortais para que eles os narrem; mas os mortais os narram para que esses infortúnios jamais cheguem ao seu fim, e que seu término fique longínquo das palavras, lá onde elas enfim cessarão, elas que não querem se calar. (FOUCAULT, 2009, p.48)⁵⁵⁶.

O fim, lugar onde as palavras não querem se calar, porque o tempo da escrita, afirma Blanchot⁵⁵⁷ é o tempo sem fim, sem começo, sem futuro. Esse tempo da escrita está em busca de incessante preenchimento, mas este texto – que está sob regras precisas – necessita lançar as últimas palavras, palavras lançadas como a flecha de Homero para conter o tempo e que nascem desse risco de solidão que sofro, escrevendo. Emitir a última palavra para não morrer, porque alguém está aí onde eu não estou (BLANCHOT, 1987, p. 21)⁵⁵⁸. Este trabalho, filho de uma solidão que se afirma, não se acaba aqui porque os textos são infintos, intermináveis e farão parte de outra solidão criadora, a solidão essencial do(a) leitor(a).

Em lugar de fechar parênteses, deseja-se derivar – como propõe Barthes⁵⁵⁹ ao preparar o romance depois que o fantasma faz do querer-escrever o poder-escrever, o desejo-escrever – escreve-se este texto por desejo, mas também atraída pela ignorância que se tinha do objeto estudado, de modo que vem a sensação de ter tocado a ilusão, de ter atingido o centro, o objeto desta pesquisa: as mulheres presas⁵⁶⁰.

Este texto não pretendeu dizer a verdade sobre a relação das presas com o crime, mas pensar como essas mulheres se constituíram enquanto sujeitos nas trajetórias sociais onde o crime definiu suas artes de existir em uma sociedade impactada pelas mudanças feministas. Desejou-se perceber os diferentes jogos de verdade que legitimam discursos e práticas que instituem o lugar das presas, tidas como bandidas e mulheres do “mal”, apenas, por outro lado, mostrei, sobretudo, como essas mulheres presas agem e pensam o conhecimento produzido sobre si. O saber jurídico e disciplinar, por mais que as encerrem em

⁵⁵⁶FOUCAULT, Michel. Linguagem ao infinito. Ditos e Escritos III. Estética e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, os 47-59.

⁵⁵⁷BLANCHOT, Maurice. Solidão Essencial. In: Espaço Literário. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

⁵⁵⁸BLANCHOT, Maurice. Solidão Essencial. In: Espaço Literário. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

⁵⁵⁹BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

⁵⁶⁰BLANCHOT, Maurice O Espaço Literário. Rio de Janeiro, Rocco. 1987, p.58..

confinamentos diversos, levam-nas a se analisarem, dizerem-se diferentes, multiplicando suas subjetividades em uma instituição que existe para aprisionar as diferenças.

Esta é uma discussão que tematiza o envolvimento das mulheres com diferentes crimes (roubos, assaltos, tráfico de drogas, homicídios) na atualidade, mas, para compreender essas práticas do presente, foram discutidas as mudanças históricas na sociedade desde os anos sessenta do século XX para pensar o processo dessas transformações que contextualizam o acelerado envolvimento das mulheres com crimes diversos.

As mulheres desta pesquisa nasceram em uma sociedade marcada por diferentes signos de mudança. Através dos movimentos feministas, construíram-se mudanças que afetaram principalmente os modelos tradicionais de família no Brasil com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a política da anticoncepção que negava o lugar da mulher como sendo vinculado à maternidade, apenas. Mudanças nas quais se constroem as diferentes mortes do anjo do lar, mortes que exigiram a reorganização desses lares onde começa a haver o esvaziamento do lugar da mãe. Essas mudanças também afetaram os lares das mulheres infames. Muitas presas são filhas de mulheres que, sem estudo e trabalho, envolveram-se com crimes, outras abandonaram o lar para ir trabalhar. Outro fato que se constituiu como o mais significativo neste processo de mudanças, é o fato de a maioria das presas serem filhas de mães solteiras, o que denota as quebras de modelos familiares tradicionais e de relacionamentos amorosos, afetivos. As mulheres presas que nasceram entre os anos 70 e 90 do século XX são partes também de uma família onde o pai é a grande ausência, acontecimento que conduz muitas presas a se explicarem a partir dessa ausência, dessa família que desmoronou, que se afastou dos valores tradicionais, patriarcais e masculinizantes.

Muitas das mulheres presas entrevistadas abandonaram os estudos e não conseguiram adentrar ao mercado de trabalho. Muitas cometeram crimes pela necessidade básica (roubos de feijão, leite), outras para se adequarem à indústria da beleza, ao consumo de bens materiais, outras, ainda, envolveram-se com crimes influenciadas pelos companheiros. Com idades entre 20 e 30 anos, com exceção de três mulheres que estão entre 40 e 60 anos, as mulheres envolvidas com crimes constroem modelos de famílias em que o pai é também uma grande ausência, muitas se envolvem com crimes para sustentarem os filhos. Além disso, são mulheres que modificam o conceito de amor em seus relacionamentos fluidos; assim, há aquelas que reproduzem o amor romântico, mas predominam as mulheres que, em suas trajetórias, tiveram diferentes companheiros, outras, tiveram, para cada filho, um pai.

Essas mulheres que modificam valores sociais são resultado também de outras mudanças sociais, elas também modificam a lógica do cotidiano da cidade quando, nas ruas,

reinventam espacialidades para roubarem, assaltarem, traficarem, quando praticam crimes considerados, durante muito tempo, como masculinos, como por exemplo: latrocínios e assaltos, os quais exigem força.

Na prisão, as subjetividades se produzem de modo diverso. De um lado, as que se submetem à ordem e se deixam confinar, do outro, as que escapam e fogem do rigor do sistema, perfurando seu corpo com piercings, adornando-se e perfumando-se quando o sistema diz não à beleza, aos hidratantes e shampoos. Elas burlam ainda com a arte do prazer, com um estilo de amizade que ao mesmo tempo em que é cumplicidade, é amor, prazer. Embora investidas de vigilância cotidianamente, elas escorregam das mãos do poder, embora até o sol lhes sejam retirado, vestem-se quando conseguem fugir, de amor, de desejo, de prazer em rápidos momentos de rara alegria.

Quando livres, as mulheres desta pesquisa contestaram a ordem social e, na prisão, contestaram a própria prisão, mas, em seus escritos, reproduzem o discurso socialmente desejado, o discurso que a disciplina da prisão deseja ouvir. Da prisão, escrevem reproduzindo o lugar da mãe enquanto mulher do lar, mas foram elas que mataram o anjo do lar para irem para as ruas roubar, traficar drogas; reproduzem a filha docilizada, mesmo sendo aquelas que fugiram da mãe para as ruas, para o crime; reclamam a ausência paterna, quando sequer conseguiram, para os filhos, um pai; retomam a ideia de amor romântico quando, na prisão, muitas não conseguiram ser de um único amor, quando outras mataram os próprios amores; questionam o lugar do masculino quando adentram o crime, usando da força, mas, contraditoriamente, reforçam a violência atribuída ao masculino para se afirmarem.

Essas mulheres infames são os signos das contradições em uma sociedade onde a luta pela liberdade da mulher também é contraditória dentro de um sistema que se fortalece excluindo, marginalizando, enclausurando e alijando diferentes subjetividades e que, de forma diferente, promove a liberdade da mulher através da posse material, de produtos de beleza, de grifes. As presas, contraditoriamente, jogam com esses discursos e práticas de liberdade, estão no centro da ordem, mobilizando o que aprenderam sobre independência, amor, liberdade. O aumento das mulheres envolvidas com crimes são signos dessa emancipação (prisão). Outros relatos dos impactos feministas na atualidade.

Despeço-me, presa em algumas dolorosas imagens-memória, agarrada a essa desafiadora experiência com a prisão, porque fiz do crime e de tudo o que ele traz (dor, solidão, abandono, tristeza, culpa) um tema, por outro lado, encontro-me liberta de outras memórias-fantasma, feliz, em parte, porque através desta pesquisa, a Universidade Estadual da Paraíba, instituição onde atuei como docente na época da pesquisa, construiu um campus

que hoje oferece diferentes cursos de Licenciatura para os/as presos/as e agentes do Complexo Penitenciário do Serroirão, em convênio com o Governo do Estado da Paraíba e 6ª. Vara Criminal do Forum Afonso Campos de Campina Grande, além da construção de áreas de lazer, de esportes e de cinema no interior da Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

Despeço-me sem calar as palavras, despeço-me pensativa porque, destas palavras, neste texto, as presas são, mais uma vez, prisão; logo eu que acreditei em um texto-libertação e que fiz da liberdade, um tema, uma vida. Mas alguém está ai quando estou só. O silêncio é agente demais⁵⁶¹.

[...] nós estamos unidos neste fato de que somos abertos, sem defesa – por tentação – a forças de destruição, mas não como audaciosos e sim como crianças que uma covarde ingenuidade jamais abandona. (BLANCHOT, 1983, p. 42)⁵⁶²

⁵⁶¹ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

⁵⁶²BLANCHOT, Maurice. *La Communauté Inavouable*. Paris: Minuit, 1983 apud CASAL, Amanda Mendes e Filho, Eclair Antonio Almeida. *Cartas de Maurice Blanchot a Vadim Kozovoi: espaço da escritura e da leitura do desastre* acesso 13-10-2013. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/552/343>>

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junh, 2002.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: 1984.

AGUIRRE, Carlos ET. All. **Cárcere e sociedade BA América Latina (1800-1940)** in **História das Prisões no Brasil**, v.I. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. (Coleção História).

_____. **Os “Maus Costumes” de Foucault**. *Assis, Pós-História*, v.6, 1998.

_____. **Violar memórias e gestar a história; abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil**. Bauru, SP: Edusc, 2007, 256 (coleção história).

_____. **Da Terceira Margem em So(u)rrio: sobre história e invenção**.
http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/terceira_margem.pdf
 Acesso em 22 jun 2011.

ALEGRE, Manuel. **Chegar Aqui**. Acesso em 30 julho 2012 <http://www.citador.pt/rimas/versos/este-som-ja-passou-este-gesto-tambem-2008092100084>.

ALVES, Z.M.M.B. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf. Acesso em: 13-08-2012 às 15h00minh.

ANDRADE, Carlos Drummond. **No meio do caminho** In *Alguma Poesia* Ed. Pindorama, 1930.

ANDRADE, Daniel Pereira. **Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin**, pp. 233-252. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 2, novembro 2007.

DAVIS, Ângela e DENT, Gina. **A prisão como fronteira; uma conversa sobre gênero, globalização e punição** - em: *Revista Estudos Feministas*. Vol. 11 No 2 Florianópolis July/dec. 2003. Acesso em 23/05/2012 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000200011&script=sci_arttext às acesso em 22-13-2-12 às 14h08minh.

ARIÉS, Philip. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

_____. **Surrealismo e revolução**. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes & Malditos - v. 5. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 93.

_____. **Linguagem e Vida**. Tradução e organização: J. Guinsburg; Sílvia Fernandes Telesi; Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **Escritos de Antonin Artaud**, Porto Alegre: L&PM, 1983.

ARISTÓTELES. **Ética E Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ARENDT, H. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ASSIS, S.G E CONSTANTINO, P. **Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977 e BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo.

_____. **A morte do autor** in: o rumor da língua, Portugal: Edições 70, 1984.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. **A morte do autor** In: O rumor da língua. Lisboa, Portugal: Edições .

_____. **Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura**. São Paulo. Cultrix, 1971.

_____. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Tradução Márcia ValériaMartinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007 a. (coleção Roland Barthes).

_____. **Entre o amor e os estados de paixão espaço** Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault, acesso em 12 dezembro 2013 .

BARROS, Manoel. Documentário produzido por Pedro Cezar com o título **Só Dez por Cento é Mentira- A desbiografia oficial de Manoel de Barros**. Produção: Biscoito Fino. Acesso <http://www.sodez.com.br/> em 22 dezembro 2012.

BASTIÉRE, Jean Marc. **A Face Oculta da Revolução Francesa**. Acesso 20/02/2012 às 15:08h http://www.sacralidade.com/mundo2009/0218.livro_negro.html.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores das flores do mal**. Tradução e notas de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

BAUDRILLARD, J. **A economia política e a morte**. In: A troca simbólica e a morte. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Simulacros e Simulação**. Trad. M.J.C Pereira. Lisboa : Antropos 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. “**Pyhrrus et Cinéas**”. In : Pour une morale de l’ambigüité, p. 42- apud . VIANA, Márcia Regina. Revista Estudos Filosóficos nº 5 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967 <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ - São João del-Rei MG.

BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BENTHAM. **O panóptico Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOJUNGA, Lygia. **Conto: A troca e a tarefa**. Ed. AGIR, 2001.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

BORGES, A.C. **A Revolução da Palavra Libertina**. Posfácio para Filosofia na Alcova. São Paulo: Iluminuras, 1999.

BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente**, Rio de Janeiro: Martind fontes, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

_____. **A Ilusão Biográfica**. Paris, 1986 In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da História oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

BOSI, Ecléia. **Outras testemunhas** In: DIAS, M. O. L. (org.) Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Braziliense, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

_____. In: **Estudos Feministas**, v.7, n. 12. Florianópolis, UFSC, 1999.

_____. **Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault** In: BENHABIB, S. e CORNELL, Rio de janeiro; editora rosa dos Tempos, 1999.

BRAIDOTTI, Rose - “**Diferença, diversidade e subjetividade nômade**”, Revista feministadigital Labrys, estudos feministas,n.1-2, julho-dez. 2002; Nomadic Subjects.

New York: Columbia University Press, 1994
http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf, acesso em 12 dezembro 2012.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rocco, 2011.

_____. **A conversa infinita I - A palavra plural**. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A conversa infinita 2 - A experiência limite**. Tradução João Moura Jr. São Paulo: Escuta. 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Celui qui ne m'accompagnait pas**. Paris: Gallimard, 1953 apud CASAL, Amanda Mendes e Filho, Eclair Antonio Almeida. Cartas de Maurice Blanchot a Vadim Kozovoi: espaço da escritura e da leitura do desastre acesso 13 outubro 2013, <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/552/343>.

_____. **Solidão Essencial**. In: Espaço Literário. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **La Communauté Inavouable**. Paris: Minuit, 1983 apud CASAL, Amanda Mendes e Filho, Eclair Antonio Almeida. Cartas de Maurice Blanchot a Vadim Kozovoi: espaço da escritura e da leitura do desastre acesso <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/552/343>, 13-10-2013,

CAMPOS, Álvaro de. "**Fernando Pessoa - Obra Poética**", Cia. José Aguilar Editora - Rio de Janeiro, 1972.

CAMPOS, A; TRINDADE L.; COELHO, L. **Mulheres criminosas na abordagem interdisciplinar**. Pesquisa em Debate, edição, 9, V. 5, no2, Jul/Dez. 2008.

CASTELLO BRANCO, L. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas-SP, Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobransky. Campinas, SP: Papirus. Coleção Travessia do Século, 1996.

_____. **Prefácio** In_ A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

_____. **A Operação histórica.** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CERTEAU, Michel apud SCOTT, Joan. In: BURKE, Peter. **A escrita da história – novas Perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade paulista, 1992, p. 36

CHAUVEAU, Agnès e TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente.** São Paulo: Bauru EDUSC, 1999.

CHIAPARA, Juan Pablo. **Michel Foucault: ficção, real e representação A produção de sentidos sociais: desdobramentos teóricos contemporâneos** <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/19.pdf>. Acesso 23 junho 2013.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna:** introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CORREA, MARISA. **Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, L. M. da; REMÉDIOS, M. L. R. **A Tragédia: estrutura e história.** São Paulo: Ática, 1988.

COSTA, Luciano Bedin. **Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, BARTHES e Henri Miller.** Porto alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

COSTA, Elaine Cristina Pimentel. **Amor bandido – as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas.** Maceió: EDUFAL, 2008.

DA MATTA, R. **A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira.** In: ALMEIDA, A. M. et al. (Orgs.) **Pensando a família no Brasil.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987.

DELEUZE, Giles. **A dobra: Leibniz e o Barroco.** 4. ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **A imanência: uma vida** in: DELEUZE, Gilles, **imagens de um filósofo da imanência.** Trad e org. Jorge Vasconcellos. Londrina: editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.

_____. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Kafka: por uma literatura menor;** Tradução de Júlio Castañon Guimarães Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

_____. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle.** In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.

_____. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Platão e simulacro** In: Lógica do sentido. Trad. Luiz Rovberto Salinas. São Paulo: perspectiva, 1974.

_____. **Gilles. Nietzsche. Madri: Arena, 2000.**

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia.** São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Um Novo Cartógrafo (Vigiar e Punir) In: FOUCUALT.** São Paulo: Brasiliense, 2005..

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1.

_____. **"Como criar para si um corpo sem órgãos".** In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et ali. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres: as vozes do silêncio** In: FREITAS, M. C. (org.) Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001. E DEL PRIORE, Mary. **A História da mulher no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto.** Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2008.

DE SÁ, Cristiane Ferreira. **Mulher Na Ordem Do Dia: Estudo De Temas Em Malu Mulher(1979\80) E Mulher (1998\1999)** SALVADOR,2011 acesso <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6376/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20pronta.pdf> em 23 junho 2013.

DIAS, M. O. L. (org.). **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor Mikhailovich. **Recordações da casa dos mortos;** tradução de José Geraldo Vieira – São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Obras completas** em 4 volumes. (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975.

DUARTE, André. **Vidas em Risco- Crítica do Presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

DURKHEIM, Emílio. **Curso de Ciência Social**: In: A ciência social e a ação. São Paulo, Difel, 1975.

ELUF, Luiza Nagib. **A Paixão no Banco dos Réus: Casos Célebres. De Pontes Visgueiro a Pimenta Neves**. 3ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2007.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FARIA, Thaís Dumê. **a mulher e a criminologia: relações e paralelos entre a história da criminologia e a história da mulher no Brasil** nos Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3310.pdf>. Acesso dia 15-10-2011 .

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano- a criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FERRAZ, Franco. **Cadernos Nietzsche** 7, p. 27-40, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. TOPOI, Rio de Janeiro, dezembro, 2002.

FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In: *Contos reunidos*. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. Linguagem ao infinito. Ditos e Escritos III. Estética e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, os 47-59.

_____. **Prefácio à transgressão**, in Ditos e escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **A arqueologia do saber**. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Arqueologia das Ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2000.

_____. **Os Intelectuais e o poder in: Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A vida dos homens infames**. in_ O que é o autor? São Paulo: Passagens, 1992.

_____. **Le monde.** 1994, p. 791 apud SAMPAIO, Simone Sobral, **A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault, Rekatálysis vol.14 no.2 Florianópolis July/Dec. 2011.**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802011000200009&script=sci_arttext, acesso em 21-01-2013 às 14:h:08min.

_____. **Dits et Écrits.** Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento FOUCAULT, M. – “A ética do cuidado de si como prática da liberdade; Uma estética da existência” (1984). *Em Ditos e escritos V.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Herculine Barbin. O diário de um hermafrodita.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. ANDRADE, Daniel Pereira. *Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin*, pp. 233-252. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 2, novembro 2007.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: vozes, 1986.

_____. **Herculine Barbin. O diário de um hermafrodita.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão,...** Um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault. Trad. Denize Lezan de Almeida. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **A Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, (2008), (Coleção tópicos).

_____. **Segurança, Território, População: Curso dado no collége de France (1977-1978).** São Paulo: Martins fontes, 2008.

_____. **Uma trajetória filosófica.. Rio de Janeiro:obre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho in:** Rabinow Paul, Dreyfus, Hubert. Michel Foucault. **Para além do esturaturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

_____. **História da loucura.** Ed. Perspectiva - SP, 1978.

_____. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** 2 ed. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Vera L.A. Ribeiro. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2002. (Ditos e Escritos I).

_____. **A verdade e as formas Jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

_____. **Nascimento da biopolítica: curso dado no collége de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, (2008), (Coleção tópicos).

_____. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O Corpo utópico**. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>. Acessado em 22 novembro 2013.

_____. **O Pensamento do Exterior**. São Paulo: Princípio, 1990 e Um nadador entre duas palavras. In: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O que é um autor?**. In: _ Ditos & Escritos III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

_____. **Nietzsche, a genealogia, a história** In: ____ Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2000b. Campinas: Brasiliense; Editora da Unicamp, 1988.

_____. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: 1982.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 3.

_____. **Linguagem ao infinito**. Ditos e Escritos III. Estética e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard "**Sexuality and solitude**", in London Review of Books, 21 May - 3 June, 1981, pp. 04-07 Tradução: Lígia Melo da Costa, Maria Beatriz Chagas Lucca e Sérgio Augusto Chagas de La, acesso em 22 maio 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva** – volume I: Heidegger em retrospectiva. Petrópolis: Vozes. Trad. Marco Antônio Casanova. 2007.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GASTAL, F.L. ET. AL. **Doença mental, mulheres e transformação social: um perfil evolutivo institucional de 1931 a 2000**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082006000300004&script=sci_arttext. Acesso em 12 maio 2011.

GENET. Jean. **Nossa Senhora das flores**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1983.

_____. **Diário de um ladrão**. Tradução: Jacqueline Laurence; Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

GENET Jean. **Diário de um ladrão**. Tradução: Jacqueline Laurence; Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo em nós**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Ângela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONSÁLES, Leila. **Mulher negra, essa quilombola.**” Folha de São Paulo, Folhetim. Domingo 22 de novembro de 1981.

GUIMARÃES, Carlos Heverton de Carvalho. **O triunfo da exclusão: história do sistema prisional em Campina Grande (1812-2004)**. Universidade Estadual da Paraíba- Campina Grande, 2008.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. (2011), “**Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas**”. In: LAVERDI, R. et. al. *História, diversidade, desigualdade*. Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE’.

_____. **História, memória e práticas de espaço** , Anpuh – xxiii simpósio nacional de história – londrina, 2005, acesso em 24 dezembro 2011.

_____. **História, política e testemunho: violência e trabalho na Amazônia brasileira. A narrativa oral da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Confresa (MT), Aparecida Barbosa da Silva**, acesso <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=15em> 22 outubro 2012.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. João Pessoa: A União editora, Prefeitura Municipal de Campina Grande/Secretaria da Educação, 2000.

HARDT, M. **A sociedade mundial de controle**. In: ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HEIDEGGER, Martins. **Ser e o Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: editora Universitária São Francisco, 2008.

HILST, Hilda. **Poemas malditos, gozosos e devotos**. (org. Alcir Pécora). São Paulo: Globo, 2005.

_____. **Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio**. In: *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Org. Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2001.

HOBBSAWN, Eric J. **O presente como história** In: _ Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Artes plásticas, feminismos contemporâneos – introdução** <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/tag/artesplasticas/page/2/>, acesso em 24-0 agosto 2013.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007 (Série Ouro).

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: 2002, EDUFBA.

KLEIN, Shelley. **As Mulheres mais perversas da história**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

KAFKA, Franz. (1920). **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **KAFKA, FRANZ. Os melhores contos de Kafka**. Antologia. Org. e Trad. A. Serra Lopes. São Paulo, Arcádia 1966.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. 2. ed. Belo Horizonte, 1999.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**: Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **“Tecnologias do eu e educação”**. In O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos [Tomaz T. Silva, org.]. Petrópolis(RJ): Vozes, pp. 35-86, 1994.

LAURETIS, E In: SWAIN, Tânia. **Quem tem medo de Foucault?** In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, riode Janeiro: NAU editora, 2000.

LECERCLE, Jean-jacques. **Frankenstein, Mito e Filosofia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, G.. **A Ilusão Biográfica**. Paris, 1986 In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da História oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora, Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira.

LIMA, Elça Mendonça de. **Origens da prisão feminina no Rio de Janeiro - o período das freiras (1942 -1955)**. Rio de Janeiro: Pesquisa, 1983.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. **A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino**, Maria Lucia Machado (trad.), São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempo democráticos**. Barueri: Manole, 2005.

_____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla.

LISPECTOR, Clarice. (1998). **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. **Mas há a Vida**”, in: A Descoberta do Mundo, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 539.

LOURO, G. L. (1999). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

MAINGUENEAU, D. 1995. **O contexto da obra literária**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes.

MARTINS, Anderson Bastos. **Deserto e o espelho. Refletindo sobre a heterotopia com Michel Foucault e Nadine Gordimer**.
<http://www.google.com.br/search?output=search&client=psy-ab&q=deserto+e+o+espelho.+refletindo+sobre+a+heterotopia+com+michel+foucault+e+nadine+gordimer&btnk=>. Acesso em 12 março 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanismo e Terror: ensaio sobre o problema comunista**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968, p. 37.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Execução Penal**: 8 ed. São Paulo: Atlas, 1997,465 p.

MIRANDA, Carlos Alberto cunha. **A fatalidade biológica: a medição dos corpos, de Lombroso aos biotipologistas** in____. MAIA, Clarissa Nunes et. All. **História das Prisões no Brasil**, v.II. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio, uma história das mulheres através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. **Gaia ciência**. tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras,. 2012.

_____. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?**, in: Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, pp85-118.

_____. **Genealogia da moral**. Tradução: Antônio Carlos Braga. 2ª Edição. São Paulo: Editora Escala, 2007. 154.

_____. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 e *Ecce homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTEGA, Francisco. **Por Uma Ética E Uma Política Da Amizade**. www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/95.rtf. Acesso em 22 maio 2013.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PASSETTI, Edson. **Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida**. São Paulo, Editora Imaginário/Capes, 2003.

_____. **Ética dos amigos: invenções libertárias da vida**. São Paulo: Imaginário, 2003.

_____. **Foucault libertário. Margem**. São Paulo, n.5, p. 135-147, dez. 1996.

PASSETTI apud CARDOSO JÚNIOR et all. **A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder**. Fractal. Revista de psicologia. V.21. n.1jan/abr. 2009 <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/194>. Acesso em 01-junho 2010.

PELBART, P. **O Tempo Não-Reconcliliado. Imagens do Tempo em Deleuze**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

PERROT, Michele. **O Inspetor Bentham in_ O panóptico Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Visões do Cárcere**. 2009. Porto Alegre, RS: Zouk, 2009.

RICOUER, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

ROSA FILHO, Cláudio Gastão da. **Crime passional e tribunal do júri**. Florianópolis: Habitus, 2006.

ROSSET, Clément. **A lógica do Pior: elementos para uma filosofia trágica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

SANTOS, Herry Charriery da Costa. Ângela Diniz - **A Menina da Missa das Dez ou a Pantera de Minas? Memórias do Julgamento de Doca Street**. <http://abarriguda.org.br/ojs/index.php/revistaabarrigudaarepb/article/download/26/27>. Acesso em 22 maio 2013.

SCHMIDT, Simo
ne Pereira. **O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 a 90**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis:CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000.

SILVA, Vanderlan Francisco da. **Compondo Vidas, tecendo destinos. Conflitos, territorialidades e trajetórias individuais na penitenciária do Serrotão em Campina Grande- PB**. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SILVA, Vanuza Souza. . **Durval Muniz e Arte do Historiador**. Caminhos da História, Rio de Janeiro, , v. 5, 25 ago. 2009.

STECANELA, Nilda e FERREIRA, Pedro Moura. **Mulheres e narrativas identitárias – mapas de trânsito da violência conjugal**, Caxias do Sul, RS: Educus, 2011.

SOIHET, Raquel. **Mulheres moldando esteticamente suas existências: feminismo como alavanca para uma sociedade mais justa**. Ver <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15006/11200>.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (Estéticas).

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiras**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

_____. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PELBART, P. P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. São Paulo: Triom. 2004.

PLATÃO. **O banquete ou do amor**. Trad. introd. e notas de J. Cavalcante de Souza. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2005.

PRADO, Adélia. **A Bagagem**. São Paulo: Siciliano. 1993.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Trad. Mário Quintana. Porto Alegre e Rio de Janeiro: Globo, 1948, pp.45-47.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções de subjetividade**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMALHO, Lourdes. **Fiel Espelho Meu**. Texto mimeografado, 1978.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. São Paulo: Martins, 1969.2v.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

RIMBAUD, Arthur. **Uma estadia no inferno**. São Paulo: Martin claret, 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Confissões** (Clássicos Edipro). Trad. Raquel de Queiroz e José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008.

QUENTAL, Antero. **Sonetos**. Acesso em 22/04/2012 às 13:09h <http://www.citador.pt/poemas/os-captivos-antero-de-quental>.

RAGO, Margareth. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos** http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf, acesso em 12-12—2012 às 21h:18min.

_____. **LABRYS, estudos feministas**, n.3/4, 2003. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em 30 de junho de 2011 às 15:30h.

RAMALHO, J. R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

REIS, Ricardo. **Fernando Pessoa**. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946.

RICOEUR, Paul. **Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur acesso em 12-08-2013 às 13:h:08min.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIOUX, Jean Pierr. **Pode-se fazer uma história do presente?** In. CHAUVEAU. A; TÉTARD, Ph (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p. 39-50.

ROLNIK, Suely: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

ROUSSO, Henry. **Tempo e argumento**, Revista do programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v.1, p.201, jan/jun, 2009.

SABINO, Fernando. **O Tabuleiro de Damas**. Rio de Janeiro: 4ª Edição, Record. 1989.

SARAMAGO, José. **Os poemas possíveis**. Portugal: Portugália, 1966. Brasiliense, 1984.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise**. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila acesso http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Acesso em 22 junho 2013.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terrama, 1999.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SETTI, Ricardo. **Um Espanto: Em Cinco Anos, Aumentou Mais De 400% O Número De Crimes Cometidos Por Mulheres**. VEJA, 15/04/2012 às 18:00 \ **Política & Cia**. Acesso em 25/06/2012 às 18:12h <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/um-espanto-em-cinco-anos-aumentou-mais-de-400-o-numero-de-crimes-praticados-por-mulheres/>.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos de. **Cristino Pimentel: cidade e civilização em crônicas em A Paraíba no Império e na República: estudos da história social e cultural – João pessoa: ideia**, 2003.

SOUZA, Antônio Clarindo de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos – Sociedade, cultura e Lazer em campina Grande (1945-1965)**. Recife, 2002.

SOUZA, Antônio Clarindo de. A luta **dos populares de Campina Grande por uma vida menos infame (1970-1980)** in: ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Acesso: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300891798_ARQUIVO_TextoparaaANPUH2011ST98COORD2.pdf em 22 abril 2012

SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas** in: ABRAHÃO, Maria Helena et. all. Tempos, narrativas e ficções: invenções de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

SILVA, Keila Queiroz e. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. Tese (Doutorado em Sociologia da cultura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008b.

SILVA, Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: RAGO, Margareth. Feminizar é preciso, por uma cultura filógina. <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a09v15n3> em 12-12-2010.

SHOWALTER, E. a **Crítica feminista no Território Selvagem** pp.23-57 In: ____

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Tendências e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOIHET, Raquel. **Mulheres moldando esteticamente suas existências: Feminismo como alavanca Para uma sociedade Mais justa, Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 29-60, Dez. 2012, acesso <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15006/11200> 25 dezembro 2013 ..

SWAIN, Tânia Navarro. “**Asteorias da carne: corpos sexuados e identidades nômade**”, Revista feminista digital **Labrys, estudos feministas**, ns.1-2, jul.-dez.2002.<http://www.unb.br/ih/his/gefem/apud> RAGO, Margareth. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós Modernos**http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf, acesso em 12 dezembro 2012.

_____. **Quem tem medo de Foucault?** In: BRANCO, G. C. **Retratos de Foucault**, riode Janeiro: NAU, editora, 2000.

TEDESCO, João Carlos. **Tempo, espaço e experiência da memória** pp. 91-105 in_ **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TELLES, N. **Escritoras, escritas e escrituras** In: Del PRIORE, M. D. (ORG.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.

THOMAS, Donald. **Vida e Obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino**. Trad. Múcio Bezerra. **Civilização Brasileira**, Rio, 1992 e MORAES, Eliane Robert. **Sade, A felicidade libertina**. Rio: Imago, 1994.

TREVISAN, Dalton. **A Faca no coração**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. **Pão e sangue**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. rev. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed.UNB, 1998.

_____. **Tudo é histórico, logo a história não existe in_;** Como se escreve a história Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VERAS, Cassandra do Carmo. **O Espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935-1945)**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina- grande, 1988.

VIAFORE, Danielle. **A Gravidez no cárcere brasileiro: uma análise da penitenciária Feminina Madre Pelletier**. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/ojs/index.php/fadir/article/viewFile/571/401>. Acesso em 14 setembro 2011 às 14h34minh.

VICENZO, S. **Teatro Feminista**. São Paulo: Vozes, 2000.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WAISELFIS, Júlio Jacob. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

_____. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

WALTON, Gabriela Ralón de. **Investigaciones Fenomenológicas**, vol. 3: Fenomenologia y política (2011)

WIEVIORKA, Michel. **O Novo paradigma da Violência**. Tempo social; Ver. Sociol. USP. São Paulo, 9(1): 5-41, maio 1997.

WITTGENSTEIN, Ludwig In BRUNI, José Carlos. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Filosóficas**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2008.

WHITE, Edmund. **Genet: uma biografia**. Ed. Record, São Paulo, 2003.

WILDE, Oscar. **De profundis**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

WILLER, Cláudio (orgs). **Escritos de Antonin Artaud**. (Col. Rebeldes e malditos) Porto Alegre: editora L&PM, 1993.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero e maternidade nos movimentos deresistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul**. Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH, Natal- RN, 22 a 26 de julho 2013. http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364648266_ARQUIVO_Generoematernidadeanpuh2013.pdf, acesso 21 janeiro 2014.

WOOF, Virginia. **Profissões para Mulheres**. Rio de Janeiro, Paz eTerra, 1996.

ZALUAR, A. **Mulher de bandido: crônica de uma cidade menos musical**?. Estudos Feministas, v.1, fasc. 1, p. 135-142, 1993b <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf>, acesso em 13 outubro 2011 às 12h:09min.

Fontes orais

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14h08min no dia 18 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14h08min no dia 18 junho 2011.

Governo do Estado da Paraíba- Secretaria da cidadania e justiça o coordenadoria do sistema penitenciário – COSIPE. Prontuário 200/03.

Entrevista realizada no dia 30 agosto 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 30 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14h30min no dia 30 maio 2011.

Entrevista realizada no dia 30 agosto 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista concedida no dia 20 março 2012 às 14: 09min na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB em Campina Grande.

Entrevista concedida pelo tenente coronel Souza Neto no dia 23 de março de 2012 no Segundo batalhão de Polícia Militar em Campina Grande às 12h09minh.

Entrevista concedida por Mariinha Souza no dia 07 março 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

Entrevista concedida no dia 07 julho 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

Entrevista realizada no dia 20 agosto 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 30 agosto 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 30 agosto 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 20 setembro 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 20 setembro 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Esses dados foram concedidos pelo setor administrativo da Polícia central de Campina Grande às 15h08minh do dia entre os dias 04 e 10 de maio de 2012.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 15 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 11h00min no dia 15 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 10h15min no dia 18 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 15h00min no dia 07 julho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 15h00min no dia 07 julho 2011.

Entrevista realizada no dia 10 outubro 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 10 outubro 2011 às 11h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 12 outubro 2011 às 15h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 15 outubro 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 15 outubro 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 15 outubro 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 15 outubro 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada no dia 23 abril 2012 às 13:09h, uma das presas que assistiu ao incêndio.

Entrevista realizada no dia 23 maio 2011 às 10h09min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada com no dia 23 maio 2011 às 11h24minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de campina Grande- PB às 16:00h no dia 28 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14:00h no dia 23 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 15:00h no dia 23 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de campina Grande- PB às 15:00h no dia 02 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 09:00h, dia 22 setembro 2010.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 09:00h, dia 22 setembro 2010.

Entrevista realizada no dia 05 abril 2010 às 11h00minmin na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada em 23 abril 2012 às 13:09h, uma das presas que assistiu ao incêndio.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 11h24minh no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada no dia 24 março 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 24 março 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 25 março 2011 às 13h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 24 março 2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 04 novembro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 04 novembro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 14 novembro 2011 às 14h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 18 novembro 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 14:00h no dia 23 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB às 15:00h no dia 23 abril 2011.

Entrevista concedida pela apenada Judith Freitas na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB e entregue às 08:00h, dia 22 setembro 2010.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB e entregue às 08:00h, dia 25 setembro 2010.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de campina Grande- PB às 15:00h no dia 02 abril 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 09:00h, dia 22 setembro 2010.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 09:00h, dia 22 setembro 2010.

Conversa durante o filme Amanhecer no dia 10 agosto 2012 às 14:09min. na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 10 agosto 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00min.

Entrevista no dia 05 abril 2010 às 11h00minmin na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande- PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 14h20min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 junho 2011.

Entrevista realizada com uma das diretoras do Presídio Ana Barreto (nome fictício) na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min no dia 27 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 26-05-2011.

Entrevista realizada no dia 05 abril 2010 na penitenciária regional feminino a do Serrotão às 10:00min.

Entrevista realizada no dia 08 agosto 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 06 agosto 2011 às 10h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 06 setembro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 07 maio 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada com a apenada Maria Paula na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 11h24minh no dia 23 maio 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 junho 2011.

Entrevista realizada no dia 10 novembro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 10 novembro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 08 agosto 2011 às 09h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 06 outubro 2011 às 08h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 06 outubro 2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 junho 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 29 outubro 2011.

Entrevista realizada na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB às 10h09min. no dia 09 março 2011.

Entrevista concedida pelo Juiz da 6ª. Vara Criminal do Forum Afonso Campos de Campina Grande no dia 06 agosto 2011 às 10h:09min. Na Penitenciária regional Feminina de Campina Grande.

Entrevista concedida em 13 agosto 2011 às 11h:45min. Na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande.

Documentos pesquisados na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 268/05.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08. Auto de prisão em flagrante.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08.

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 500/08. Carta anexada no processo pesquisado.

Estado da Paraíba- poder judiciário comarca de Soledade. Ministério público. Processo 019200700011812. Sentença.

Estado da Paraíba- poder judiciário comarca de Soledade. Ministério público. Processo 019200700011812. Sentença.

Estado da Paraíba- poder judiciário comarca de Soledade. Ministério público. Processo 019200700011812. Sentença.

Governo da Paraíba- Secretaria do Estado e cidadania. Administração Penitenciária. Gerência Executiva do Sistema Penitenciário. Penitenciária Feminina de Campina Grande. Ofício 538/2008.

Carta escrita pela apenada Janete Marinho na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB, entregue às 10:00h, dia 22/09/2010.

Estado da Paraíba- Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba- Comarca de Campina Grande, 2006.

Estado da Paraíba- Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba- Comarca de Campina Grande.

Estado da Paraíba- Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba- Comarca de Campina Grande.

Estado da Paraíba- poder judiciário- justiça comum da 1 instância- comarca de Campina Grande. Juízo da 2ª. vara criminal do 2º Tribunal de Justiça.

Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Ministério Público da Paraíba- Comarca de Campina grande- 1ª. Promotoria criminal.

Ministério Público da Paraíba- Comarca de Campina grande- 1ª. Promotoria criminal.

Governo da Paraíba- Secretaria de cidadania e Justiça- Coordenadoria do sistema penitenciário (COSIPE)- Instituto de psiquiatria forense da Paraíba, 11, setembro, 1999.

Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Ministério Público da Paraíba- Comarca de Campina grande- 1ª. Promotoria criminal.

Ministério Público da Paraíba- Comarca de Campina grande- 1ª. Promotoria criminal.

Estado da Paraíba. Poder Judiciário. Comarca de Campina Grande-PB. 2 Vara do Tribunal do Juri.

Estado da Paraíba- poder judiciário. 1ª. Vara da comarca de Monteiro. Processo 0242006000530-3. Sentença.

Cartas pesquisadas

Carta entregue no dia 22 setembro 2010.

Carta entregue no dia 22 setembro2010.

Carta entregue no dia 22- setembro2010.

Carta entregue no dia 22 setembro2010.

Carta entregue no dia 25 setembro2010.

Carta entregue no dia 29 junho 2011.

Carta entregue no dia 14 maio 2011.

Carta entregue no dia 14. maio2011.
Carta entregue no dia 10 maio2011 .
Carta entregue no dia 09 maio2011 .
Carta entregue no dia 05 maio2011.
Carta entregue no dia 05 maio2011 .
Carta entregue no dia 01 maio2011.
Carta entregue no dia 05 maio2011.
Carta entregue no dia 05 maio2011.
Carta entregue no dia 07 junho 2011.
Carta entregue no dia 15 julho 2011.
Carta entregue no dia 16 julho 2011
Carta entregue no dia 12 julho 2011.
Carta entregue no dia 10 outubro 2011.
Carta entregue no dia 10 outubro 2011.
Carta entregue no dia 12 setembro2011.
Carta entregue no dia 15 julho 2011.
Carta entregue no dia 15 julho 2011.
Carta entregue no dia 15 julho 2011.
Carta entregue no dia 06 junho 2011.
Carta entregue no dia 11 junho 2011.
Carta entregue no dia 10 julho2011.
Carta entregue no dia 10 julho 2011.
Carta entregue no dia 11 dezembro 2011.
Carta entregue no dia 11 dezembro 2011.
Carta entregue no dia 11 abril 2011
Carta entregue no dia 11 abril 2011.
Carta entregue no dia 12 maio 2011.
Carta entregue no dia 12 maio 2011.
Carta entregue no dia 06 dezembro 2012
Carta entregue no dia 06 dezembro 2012
Carta entregue no dia 06 dezembro 2012.
Carta entregue no dia 06 dezembro 2012
Carta entregue no dia 14 julho 2011.
Carta entregue no dia 10 junho 2011.
Carta entregue no dia 12 agosto 2011.
Carta entregue no dia 12 dezembro 2011.
Carta entregue no dia 12 novembro2011.
Carta entregue no dia 22 dezembro 2011.
Carta entregue no dia 04 agosto 2011.
Carta entregue no dia 04 agosto 2011.
Carta entregue no dia 04 julho 2011.
Carta entregue no dia 09 agosto 2011.
Carta entregue no dia 07 agosto 2011.
Carta entregue no dia 03 abril 2011.

Carta entregue no dia 15 junho 2011.
 Carta entregue no dia 13 abril 2011.
 Carta entregue no dia 13 abril 2011.
 Carta entregue no dia 03 abril 2011.
 Carta entregue no dia 03 abril 2011.
 Carta entregue no dia 14 abril 2011.
 Carta entregue no dia 14 abril 2011.
 Carta entregue no dia 12 novembro 2011.
 Carta entregue no dia 12 novembro 2011.
 Carta entregue no dia 12 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 12 dezembro 2011
 Carta entregue no dia 12 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 10 agosto 2011.
 Carta entregue no dia 10 agosto 2011.
 Carta entregue no dia 10 agosto 2011.
 Carta entregue no dia 09 setembro 2011.
 Carta entregue no dia 09 setembro 2011.
 Carta entregue no dia 13 maio 2011.
 Carta entregue no dia 13 maio 2011.
 Carta entregue no dia 11 novembro 2011.
 Carta entregue no dia 10 junho 2011.
 Carta entregue no dia 10 junho 2011.
 Carta entregue no dia 15 novembro 2011.
 Carta entregue no dia 13 setembro 2011.
 Carta entregue no dia 15 junho 2011.
 Carta entregue no dia 10 outubro 2011.
 Carta entregue no dia 10 outubro 2011.
 Carta entregue no dia 12 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 12 novembro 2011.
 Carta entregue no dia 10 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 15 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 12 dezembro 2011.
 Carta entregue no dia 22 setembro 2010.

Sites pesquisados

Acesso em 17 agosto 2012
<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/policia/2012/03/20/policia-investiga-quadrilha-formada-por-mulheres-que-realizavam-sequestros-relampagos-em.htm>

Acesso em 14 agosto 2012: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/01/quadrilha-formada-por-sete-mulheres-e-procurada-em-jaboatao-pe.html>

Acesso em 19 agosto 2012: <http://atarde.uol.com.br/noticias/5800267>.

Acesso: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/08/conheca-a-trajetoria-da-assaltante-gaucha-morta-a-tiros-no-rio-3858005.html> em 19 agosto 2012.

Ver reportagem Médico pago pelo SUS cobra para fazer cirurgias em Campina em: http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/57068_medico-pago-pelo-sus-cobra-para-fazer-cirurgias-em-campina, acesso em 15 agosto 2012.

Ver reportagem disponível em: http://paraibaonline.com.br/index.php/editorias_inc/6/834272. Acesso em 20 junho 2011.